

OBRAS DE JOÃO PENHA

EDIÇÃO CRÍTICA E ESTUDO

ELSA PEREIRA

VOL. II
TOMO I – TEXTO CRÍTICO



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FICHA TÉCNICA

Título: Obras de João Penha. Edição crítica e estudo
Vol. II – Tomo I – Texto crítico

Autora: Elsa Pereira

Prefácio: Francisco Topa

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Design gráfico: Helena Lobo www.hldesign.pt

ISBN: 978-989-8351-43-2

Depósito Legal: 403122/15

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. www.sersilito.pt

Porto

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT– Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013 e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

Contou ainda com o apoio de uma Bolsa de Investigação da FCT (referência SFRH/BD/41413/2007), financiada pelo POPH – QREN – Tipologia 4.1. – Formação Avançada, comparticipada pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e Ciência.

A autora é bolseira de Pós-doutoramento da FCT (SFRH/BPD/92155/2013), investigadora do CLUL e colaboradora do CITCEM, que acolheu e apoiou este projeto.

SUMÁRIO

TEXTO CRÍTICO	27
I – Versos	29
1. Éditos	31
1.1. Composições reunidas em livro	33
Rimas	35
Vinho e fel	37
1. I – Um rosto encantador, quasi moreno,	39
2. II – Oh deus fatal, que lá dos céus profundos,	40
3. III – Quando ha pouco, entre sarças escondido,	41
4. IV – Mal póde phantasiar-te a mente accêsa	42
5. V – És minha, és minha, oh venturoso fado!	43
6. VI – Oh ventura perdida, mal sonhada!	44
7. VII – Hontem, de noite, já depois que a lua	45
8. VIII – Perdi toda a esperança de no mundo	46
9. IX – Uns dinheiros em cobre! Tristes sommas	47
10. X – N’esta vida fatal, ai de quem pensa	48
11. XI – Que seria de mim, n’esta anciedade,	49
12. XII – Não chores mais, honesta Messalina,	50
13. XIII – Nunca do amor a resplendente chamma	51
14. XIV – Não me provoques mais. Esta brandura	52
15. XV – Eis-me livre, qual ave nos espaços!	53
16. XVI – Foi-se o pallido inverno. O torvelinho	54
17. XVII – Hontem, no baile, por fatal desgraça,	55
18. XVIII – Não te parece esta existencia clara,	56
19. XIX – Feliz canario! os beijos que a vizinha	57

20. XX – De um monge na cogúla disfarçado,	58
21. XXI – Aquella Rosa branca, a flôr mais viva	59
22. XXII – Sob o influxo da negra phantasia,	60
23. XXIII – A doce paz tranquilla e a segurança,	61
24. XXIV – Ahi tens o peito nú, ahi tens a adaga:	62
25. XXV – O phantasma da minha desventura	63
26. XXVI – Não chores. Essa mórbida tristeza,	64
27. XXVII – Ia o sol desmaiando no occidente,	65
28. XXVIII – Não me illudem, mulher, o fingimento,	66
29. XXIX – Que formosura esplendida! O propheta	67
30. XXX – Mulher, vejo-te nua, embora escondas,	68
31. XXXI – Mais um anno que finda! E nem ao menos	69
32. XXXII – És da raça dos Borgias. O amavio,	70
33. XXXIII – Partiu! E nem sequer uma lembrança	71
34. XXXIV – Da primavera a luz vivificante	72
Violão nocturno	73
35. I – Recordações	75
36. II – Rivaes	78
37. III – Conchita	80
38. IV – A Camena	81
39. V – Rimance	82
40. VI – Ballada	84
41. VII – Vinga-te	86
42. VIII – Scena campestre	88
43. IX – Amor funesto	89
44. X – Brinde secreto	93
45. XI – Nupcias	94
46. XII – Á beira-mar	96
47. XIII – Tudo escurece	98
48. XIV – Honesta!	99
49. XV – Lagrimas de crocodilo	101
50. XVI – Tempestades	103
51. XVII – Ultimo adeus	105

Onofre	107
52. I – Deitado sob um plátano frondoso,	109
II – Que tenebroso dia! a chuva em furia	113
III – D'este copo de vinho generoso	117
IV – Eis-me chegado ao transe lamentoso,	121
Lyra de Pangloss	125
53. I – A um renegado	127
54. II – A uma rabequista	128
55. III – Pobre monarca!	129
56. IV – A uma loira de dez annos	130
57. V – A aguia e o corvo	131
58. VI – Vão-se os deuses	132
59. VII – Antiqualha de L. de Vega	133
60. VIII – Canção de bohemios	137
61. IX – Scena de taberna	138
62. X – Consolação	139
63. XI – O phantasma	140
64. XII – A alma e o corpo	141
Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos	143
A musa que ri	145
65. O ultimo bohemio	147
66. Sermão na montanha	152
67. O poeta e a noiva	153
68. Epicurismo	154
69. Desesperança	156
70. Arrabil moderno	157
71. A valsa	159
72. A aventura	160
73. Força do amor	166
74. Versos á Carmen	167
75. O desenlace	171
76. Por um... de Vigo	172

77. Guerra!	174
78. O Nababo	175
79. Sonho e realidade	176
80. Eu e elle	177
Tancredo	181
81. I – O sócco d'um eterno monumento	183
II – Quizera um estro grande e sublimado	186
III – Viu Coimbra entrar nos muros derrocados	188
IV – Oh Pégaso, oh cavallo illustre e ardido,	190
V – Numa prisão horrenda e tenebrosa,	193
VI – Mal chegára aos Quevedos, assombrados,	195
As evocações	197
82. Illusões perdidas	199
83. Carpe diem	201
84. Perdida!	203
85. Blulette	205
86. Madrigal mythologico	206
87. Num leque	207
88. Estrophes dum assassino	208
89. Cosmogonia	209
90. A diva	210
91. Na vareta dum leque	212
92. Noutro leque	213
93. Epitaphio	214
94. Num cemiterio	215
95. A esmola	216
96. Outros tempos	219
97. Inspiração antiga	220
Arias modernas	221
98. Fim de seculo	223
99. Dentibus albis	224
100. A fiadeira	225

101. Marinha	226
102. Devota	227
103. Sir Jonh Bull	228
104. Fi!	229
105. Partamos!	230
106. Honni soit qui mal y pense	231
107. No leque do poeta X	232
108. Hespanhola	233
109. Franceza	234
110. Mendigos	235
111. As cartas	236
112. O ultimo eremita	237
113. Desenho á Holbein	238
114. Evolução pertétua	239
115. Uma andaluza	240
116. As grandes manobras	241
117. Idyllio campestre	242
118. O golpe	243
119. Entre a espessura	244
120. As ondinas	245
121. O beijo	246
122. O crime	247
123. A eterna idéa	248
124. Moribunda	249
125. A combórça real	250
126. Lacrymae rerum	251
127. A onda	252
Novas Rimas	253
Caprichos funambulescos	255
128. A derrocada	257
129. A ré	258
130. O trovador e Margarida d'Escossia	259

131. No Pindo	262
132. Tristis est anima mea	263
133. Pedalista	264
134. A tua mão	265
135. A partilha	266
136. Delinquescente	267
137. O sonho	268
138. A blasphemia	270
139. O primeiro passo	271
140. As duas musas	272
141. N'um leque	273
142. No leque	274
143. No leque	275
144. No leque	276
145. No leque	277
146. No leque de uma senhora	278
147. Z.	279
148. Brancas e morenas	280
149. N'um bilhete postal ilustrado	282
150. Ecloga	283
I – Com seu vestido de chita,	283
II – Respondi-lhe: «É singular	284
151. A doente	285
152. Madrigal	286
153. O bem e o mal	287
154. Gil Vicente	288
155. O verso e a prosa	289
156. A carne	290
157. A boas-festas	291
158. A nossa bondade	293
159. Philoxera	294
160. O usurario	295
161. Garrett	296

162. A resposta	297
163. Pietà!	298
164. Ao pôr do sol	299
165. A annuniação	300
166. Tenorio	301
167. Finis Vitae	302
Intermezzo	303
168. Laura	305
169. Os seus olhos	306
I – Não tem a formosura de Clorinda	306
II – Ha n'ella uma attracção mysteriosa	307
III – «Escuta-me a phantastica Odyssea,	308
IV – Que rôsto peregrino e delicado!	309
170. O septentrião	310
171. Lauras	311
172. No Olympo	312
173. Amuo	313
174. A minha Lygia	314
175. Ciume	315
176. Crescant illi!	316
177. Oh! Quam dilecta tabernacula tua!	317
178. Ausente!	318
179. Sia questo l'ultimo addio!	320
Coroa de perpetuas: elegia	321
180. I – Condemnada!	323
II – Morta!	324
A caminho das estrellas	325
181. O seu perfil	327
182. Zulmirita	328
183. A fada	329
184. O leão amoroso	330
185. Nova Musa	331

186. O retrato	332
187. Amorosa abstracção	333
188. Menor	334
189. Adeus	335
190. A fada branca	336
I – Eu tenho uma doce amante,	336
II – Flammarion que o ceu radioso	337
III – Um dia, em que d'uma lancha	338
IV – Ella é sonhadora, e quando	339
191. Almira e Josino	340
I – Mudos da selva os cantores.	340
II – Josino, o pastor galante,	341
192. O tómo	343
193. Arrufo	344
194. A musa	345
195. Loucos!	346
196. Ideal	348
197. Rondó	349
198. Ladainha	351
199. A leoa vencida pelo homem	353
200. A recompensa	354
201. A primavera	355
202. Trovas	356
203. Nossa Senhora dos Milagres	358
I – A procissão	358
II – O sermão	359
204. A estriga	360
I – Ella indignou-se, fremente,	360
II – De linho? Não: de cuidados,	361
205. Nunc et semper	362
206. O juramento	363
207. Uma pagina d'amor	367
208. Alma por alma	369

209. As suas azas	370
I – São da côr das açucenas	370
II – Brancas são, brancas de arminho,	371
Sonatas e ritornellos	373
210. A humanidade	375
211. O devorismo	376
212. Faiseuse de Trottoir	377
213. Larvada	378
214. Georges Dandin	379
215. A alma das mulheres	380
216. As filhas d’Eva	381
217. Theresita	382
218. O remedio	383
219. O vampiro	384
220. In amaritudine	385
221. Rondó	386
222. A suprema embriaguez	388
223. A borboleta	389
224. A volta	390
225. O philantropo	391
226. A uma joven despeitada	392
227. Epitaphio de Bulhão Pato	393
228. Novo Hamlet	394
229. O esphinge	395
230. Nudus amor	396
231. A uma poetiza abandonada	397
I – Tal como Gilliatt, mesto, silente,	397
II – Resurge, pobre creança! Os teus queixumes	398
232. Desesperança	399
233. Othello	400
234. O gallo	401
235. Abnegação	402
236. La donna é mobile	403

237. Zêlos	404
238. Coquette	405
239. A comunhão	406
240. Lawn-tennis	407
241. Cego!	408
242. A luta	409
243. A carta	410
244. Filinto Elysio	411
245. O Brito	414
246. O desquite	415
247. Post juventutem, nihil	416
248. A vida	417
249. Última vontade	418
250. Nossa Senhora	419
251. A grande arte	420
252. Ao espelho	421
Echos do Passado	423
253. A expiação	425
254. O espelho traidor	426
255. Amor secreto	427
256. Record	428
257. Recordações	429
I – Que fazeis, senhora minha,	429
II – O coaxar das rãs n'um charco,	430
III – Quiz, porém, o meu destino	433
258. Entre mundanas	434
259. O seu poder	435
260. Enfim	436
261. Ungidos	437
262. O problema	438
263. Outros tempos	439
264. Felix culpa	440
265. Madrigal	441

266. Nova conquista	442
267. O chapéu	443
268. Viagem de nupcias	444
269. Flirt	445
270. Auta	446
271. Decepção	448
272. Amorosa oferta	449
273. Quale piuma al vento	450
274. Turpe sinilis amor	451
275. Ao poeta X	452
276. Incuravel	453
277. Florívoro	454
278. As duas irmãs	455
279. Eterna mocidade	456
280. Coitadas!	457
281. A educação e o temperamento	458
282. Mytologico	459
283. O conjuço vobis	460
284. O ouvido	461
285. Jôgo encoberto	462
286. A sensação	463
287. A vida	464
288. O ramo perdido	465
289. Dualismo	466
290. A imagem	467
291. Ultima esperança	468
292. O burro	469
293. Lamurias	470
294. Zombeteira	471
295. Mau humor	472
296. Os dous asnos	473
297. Dias Freitas	474
298. Hespanhola	475

299. N'um album	477
300. Madrigal	478
301. Confronto	479
302. Mater amorosa	480
303. O defunto	481
304. Aquelle amor	482
305. Faminta	483
306. Anthero de Figueiredo	484
307. Consolação	485
308. A triste cousa	486
309. Dúvidas	487
310. Incorruptivel	488
311. Antonio Nobre	489
312. Desagravo	490
313. Anthropóphago	491
314. Segundo S. Matheus	492
315. Narcisa Holtreman	493
316. Idealismo e positivismo	494
317. Reconhecimento	495
318. A viuva triste	496
319. A Deusa Razão	497
320. In favilla	498
321. Antes e depois	499
322. A paga	500
323. Sem peccado	501
324. Impenitente	502
325. Jean qui pleure et Jean qui rit	503
326. O fim	504
Últimas Rimas	505
Musa que não ri	507
327. Seculo dezanove!	509
328. Ladainha	510

329. O rei da Belgica	512
330. O sonho e a realidade	513
331. Cega!	514
332. A transfiguração	517
333. Bucolica	518
334. O sultão feroz	519
335. Anthero de Quental	520
336. Elvira	521
337. Ligustra cadunt	522
338. Enfim!	523
339. Cançoneta	524
340. Nas sombras	525
341. As virgens loucas	526
342. Os beijos	527
343. Germania delata	531
344. No verão	532
345. A aldeia	533
346. A voz do além	536
347. Fados	537
348. Canção escolar	538
349. Elle!	540
350. Elle!	541
351. O destino	542
352. Toda la vida es sueño	543
Para os crentes	545
353. Stabat mater	547
354. Christo	548
Vinhetas e aquarellas	549
355. A avaliação	551
356. Madrigal antigo	553
357. Rondó	554
358. Ingenuidade romantica	555

359. Olim et hodie	556
360. A cegonha	557
361. Deus e o Diabo	558
362. Um anno depois	559
363. Nigra sum	560
364. Ingénuo	561
365. O enxoval	562
366. Num dia de annos	563
367. O juiz	564
368. Philosopho	564
369. A regra	566
370. A perseguição e a natureza	567
371. O seu ideal	568
372. Dio del'oro	569
373. Eheú!	570
374. Perdida!	571
375. A ultima prece	572
376. As de agora	573
377. O punho de Ajax	574
378. Cleópatra	575
379. Crysálida	576
380. Uma vida como tantas	577
381. Chorando	578
382. Desabafo	579
383. Condemnado	580
384. Diálogo das inuptas	581
385. A uma donzella	583
386. Em Coimbra	584
387. Como Eva	585
388. O prazer e a dôr	586
389. Lamartinianos	587
Rosario espiritual	589
390. O espirro	591

391. Illacrymavel	592
392. In illo tempore	593
393. O que as move	594
394. O remedio	595
395. As carnes	596
396. A preferencia	597
397. Filiação	598
398. Para um album	599
399. Para outro album	600
400. Para outro album	601
401. As diferenças	602
402. Ella e elle	603
403. O diabo depois de velho	604
404. Por compra	605
405. Pergunta e resposta	606
406. O casamento	607
407. As vergonhas	608
408. A melhor receita	609
409. Má lingua	610
410. Madrigal	611
411. Para a janella	612
412. Devota	613
413. Madame de Sévigné	614
414. Judas	615
415. Harpagon, pai	616
416. Me judice	617
417. Madrigal antigo	618
418. Talvez não	619
419. Burguez enamorado	620
420. Epitaphio	621
421. O tédio	622
422. Madrigal	623
423. Judices loves	624

424. Unico mestre	625
Ao fogão	627
425. O ataque e a defesa	629
426. Pessimismo	630
427. Replica	631
428. Vaidade	632
429. Irreverencia	633
430. Alteri tempi	634
431. Em minha defeza	635
432. A applicação	636
433. Bom conselho	637
434. A resposta do velho	638
435. Triste consolação	639
436. Consequencias da guerra	640
437. Bilhete	641
438. No S. João	642
439. Mau humor	643
440. Desánimo	644
441. Cá e lá	645
442. Hoc erat in fatiis	646
443. Rindo	647
444. Molière	648
445. O boi e o homem	649
446. Á Schopenhauer	650
447. Bons conselhos	651
448. Surge, bestia	652
449. A lição	653
450. A um abstemio	654
451. Mocte animo	655
452. Horresco referens	656
453. Aos arcades	658
454. A um censor	659
455. Repisando	660

456. Controversia	661
457. A voz de Salomão	662
458. A moça e a velha	663
459. Môcho	665
460. Na alheta de Camões	666
461. A desanda	667
462. O symbolismo	668
463. Impertinencia	669
464. Censura	670
465. Esgotamentos	671
466. Autobiographia	672
O Canto do Cysne	675
Guerra!	677
467. A conquista de Paris	679
468. Os obuzes	680
A eterna loucura	681
469. O retrato	683
470. A musa	684
471. A aparição	685
472. Amar...	686
473. Canção	687
474. A fada	688
475. O teu ninho	690
476. O dictado	691
477. A castellã e o mendigo	692
478. Queixas	694
479. Carta	695
480. Supplica	696
481. A má sorte	697
482. O perdão	698
483. A unica ventura	699
484. Ciume	700

485. Madrigal	701
486. Sonhando	702
487. Desengano. Aurora de seculo	704
488. Aquelle amor	705
489. As restituições	706
Ultimas canções	709
490. O que o mata	711
491. Freira!	712
492. Paternaes conselhos	714
493. Madrigal	715
494. Por capricho	716
495. No leque de Elvira	717
496. Madrigal	718
497. Traducção	719
498. A resposta	720
499. Devota	721
500. Jura	722
501. O dragão	723
502. Mulher do seculo	725
503. No album d'uma senhora	728
504. Ego in Arcadia	729
505. O discurso	730
506. Sur le front	731
507. O echo	732
508. Teôr de vida	733
Dolce farniente	735
509. O cabrito	737
510. A canção dos nossos anjos	740
511. Ellas	742
512. A ultima carta	743
513. Despeito	744
514. Sic transit...	745
515. Fado	746

516. Os nomes	747
517. No album d'um Tenório	748
518. O eterno feminino	749
519. Amores	750
520. Ad agros	751
521. Árceo!	752
522. Desalento	753
523. Inter divos	754
524. Cão	755
525. Os chorões	756
526. A um poeta d'agua doce	757
527. Capacete de neve	758
528. Se eu fôsse mulher...	759
529. Fidelidade conjugal	760
530. Apostilla a Buffon	761
Índice alfabético de primeiros versos	763

EDIÇÃO

TEXTO CRÍTICO

I
VERSOS



1. Éditos



1.1. Composições reunidas em livro





RIMAS

Vinho e fel

1.

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 7-8.]

I

- Um rosto encantador, quasi moreno,
 2 De uns grandes olhos verdes animado;
 Negro o cabelo, em tranças ennastrado;
 Correcto o supercilio, iris sereno;
- Vermelho o labio, sorridente e ameno;
 6 Breve a cintura; o collo, assetinado;
 7 Um donaire das outras invejado;
 Magras as mãos; o pé, leve e pequeno:
- 9 Eis a dama por quem chorando anhélo!
 10 Rival das graças do cinzel íónio,
 11 Mas fria como a neve; o meu flagello!
- 12 Eis a minha Natercia, o cruel demonio
 Por quem vivo perdido, mas tão bello
 14 Que nem lhe resistira Santo Antonio!

9. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

12. Alude à musa inspiradora da lírica camoniana (anagrama de “Caterina”).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD, com alternância de timbre em C.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5 e 10.

2

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 9-10.]

II

- «Oh deus fatal, que lá dos céus profundos,
2 Escravo das razões da theologia,
Eternamente escutas a harmonia
4 Dos orbes, no infinito vagabundos;
- «Se nos vês nêste globo adorabundos,
Escuta a voz do amor e da poesia:
7 Dá-me um sol de esmeralda, e em troca, um dia,
8 Eu juro dar-te, em vez de um só, dois mundos;
- 9 «Que seja o mais formoso e resplendente
10 Da vastidão cerúlea; exige-o aquella
11 Que, mais que a ti, adoro, irreverente!»
- 12 – «*Fiat!* – (em bom latim, mirando a bella,
13 Me disse absôrto o Padre Omnipotente) –
14 Se me dás em penhor... os olhos d'ella.»

12. Trata-se de uma referência à Criação divina, descrita no livro do Génesis: Gen 1, 3 (trad. “Faça-se!”).

14. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas os vv. 1 e 8 empregam o pentâmetro iâmbico.

3

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 11-12.]

III

- 1 Quando ha pouco, entre sarças escondido,
Te vi sahir das aguas murmurantes,
Póostas as mãos nas pôomas palpitantes,
Sólto ao vento o cabello humedecido;
- 5 E jocunda, teu corpo enlanguecido
Reclinaste nas relvas ondeantes,
Dando-me assim aos olhos coruscantes
Uma estatua de marmore polido;
- Não tive, como a santa Biblia conta,
As idéas dos lúbricos juizes
Vendo a nua Suzanna, que se affronta.
- Desejei-me nos barbaros paizes
Dos cannibaes, e tive a idéa tonta
- 14 Do selvagem voraz; não te horrorizes!

9-11. Alude-se ao episódio bíblico descrito em Dn. 13: 7-21. Ao surpreenderem no horto a casta Susana, que emergia do banho, os juizes anciãos tentaram possuir a esposa de Joaquim, chantageando-a com acusações de adultério.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Todos os versos são decassílabos heroicos.

4

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 9-10.]

IV

- 1 Mal póde phantasiar-te a mente accêsa
Tão gentil como quando, venturoso,
Te vi a vez primeira, ébrio de gôzo,
Extatico de pasmo e de surpresa.
- Que prodigio de esplendida belleza!
6 Que labios, que sorrir, que olhar piedoso!
Que opulento cabelo... um mar undoso
Onde esconderas a gentil nudeza!
- Assentada n'um banco de verdura,
Junto á margem do múrmuro Mondêgo,
11 De um Correggio vencêras a pintura.
- 12 Ai! perdi, desde então, paz e socêgo:
13 Se estavas tão graciosa em tal postura,
E comias um paio de Lamêgo!

3. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

11. Correggio – nome por que é usualmente conhecido o pintor Antonio Allegri (*ca.1489 †1534), assim chamado por ser natural dessa cidade italiana.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 8

5

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 15-16.]

V

És minha, és minha, oh venturoso fado!
 Cedeste á chamma que em meu peito alento!
 Chegou por fim o divinal momento,
 4 O dia de meus sonhos anhelado!

5 O ceu, ha pouco tórvo, eil-o azulado;
 6 Sussurra esmorecido ao longe o vento;
 Esplende o sol no ethéreo firmamento;
 8 Recende arômas o florente prado.

Quando ha pouco a teus pés (oh quadro lindo!)
 Te disse o meu amor, em doce esmaio
 11 Senti volupias de um prazer infindo.

Oh camênas agricolas, cantae-o!
 13 Ella, a minha formosa, ella, fugindo
 14 Deixou-me o coração, deixou-me o paio!

1. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

12. Na Grécia Antiga, as Camenas eram as ninfas das fontes, depois assimiladas às próprias Musas.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 2, 3, 8 e 11.

6

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 17-18.]

VI

- 1 Oh ventura perdida, mal sonhada!
2 Quem dissera que tudo acabaria,
Como este meu charuto, em cinza fria,
4 Em fumo que se esvae no obscuro nada!
- 5 Deixaste-me, julgando-te adorada
6 Pelo moço de estranha galhardia,
Que no aspecto e nos gestos reflectia
8 O Manfrêdo sombrio da ballada.

Abalroando ao penetrar na barra,
Senti do ciume a lacerante púa:
Quiz ir-te em cima, erguida a cimitarra.

- Mas foi-se-me depressa a idéa crua,
13 Graças a um vinho de hespanhola parra,
14 E á mudança benéfica da lua.

5. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

8. Manfredo, o protagonista do drama homónimo de Lord Byron (publicado em 1817), representa o herói soturno e introspectivo, que vive isolado num castelo dos Alpes, alienado do contacto humano e desprezando todos os indivíduos, à exceção de Lady Astarte.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 9, 10 e 13.

 7

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 19-20.]

VII

- 1 Hontem, de noite, já depois que a lua
 2 No occidente occultára a face mésta,
 3 No teu jardim, por ignorada fresta,
 4 Nos braços te vi de outro, semi-nua!
- 5 Eras, pois, d'essas míseras da rua,
 Eras mais vil, mulher, mais deshonestas!
 E não morri d'aquella dôr funesta...
 8 Tu mal dizias: «...meu amor, sou tua!»
- Ir ter ao lôdo, andando nas estrellas!
 Oh minhas pobres illusões venustas,
 11 Que me resta de vós? que é feito d'ellas?
- 12 Mas, – para que chorar? Gentes, robustas,
 13 São d'uma estatua as fórmas que revelas...
 14 Dize: és tu mesma que o negocio ajustas?

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 8, 10 e 14.

8

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 21-22.]

VIII

- Perdi toda a esperança de no mundo
2 Possuir-te um dia em venturoso laço,
Que só vejo ante mim, a cada passo,
Um abysmo maior e mais profundo.
- 5 Um destino fatal, e sem segundo,
6 A fronte me ha curvado a um jugo de aço,
7 E o Deus, que habita no luzente espaço,
8 Não me escuta nas sombras gemebundo!
- 9 Que dôr inexoravel, que amargura!
10 Perder-te, quando a mão já me estendias,
11 De luz enchendo a minha noite escura!
- 12 Que me resta? uma vida de agonias:
Até á desejada sepultura
A crápula aviltante das orgias.

2. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 7.

9

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 23-24.]

IX

1 Uns dinheiros em cobre! Tristes sommas
Para afogar em vinho idéas méstas,
3 Mortíferas idéas, tão funestas,
Que brancas trago as ondeantes cômas!

E o mundo a trasbordar de infindos brômas,
Cuja dita nas panças manifestas
Claramente se vê, como nas festas

8 Se vê na camponeza o vulto ás pômas.

Qual novo Jeremias, n'um rochêdo

10 Tristezas vou cantar e desventuras,
A mim mesmo causando horror e mêdo!

12 Beber, com esta dôr, só lymphas puras!
Cavae-me a cova, amigos: morro cêdo:
Não resisto da morte ás garras duras.

9. Trata-se de uma referência ao Livro das Lamentações (Lm), atribuído a Jeremias. Segundo a tradição, o profeta terá composto esse conjunto de cinco elegias no interior de uma gruta, para onde se retirou, após a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor (587/586 a.C).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 4.

10

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 25-26.]

X

- 1 N'esta vida fatal, ai de quem pensa
- 2 Encontrar na mulher pudor e brio,
- 3 Que bem depressa o desengano frio
- 4 Lhe desfará as illusões e a crença!

- 5 Mulher, vae teu caminho: na licença
- 6 Céva do corpo ardente o desvario;
- 7 Nem repares no meu viver sombrio,
Nem te chores da minha dôr intensa.

- 9 Que um dia, quando a sórdida impureza,
Que o viço cresta, e o rir no labio pouca,
- 11 Te consumir a esplendida belleza,

- 12 E pedires, com voz sumida e rouca,
A triste esmola da fatal pobreza,
- 14 Então me chorarás, cabeça louca!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3 e 4, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 10.

11

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 27-28.]

XI

1 Que seria de mim, n'êta anciedade,
 2 Sem a taça que os animos alenta,
 3 Que nos transporta em dias de tormenta
 4 Para longe da triste realidade!

5 Essa mulher gentil, que, sem piedade,
 6 Por mim fingira uma paixão violenta,
 7 Ri-se agora do amor que me atormenta,
 8 Ri-se ha muito da minha ingenuidade.

Podia, modelando-me no Othello,
 10 Ou no Sire feroz que a trova canta,
 11 Tirar-lhe a vida a golpes de cutelo;

12 Mas, em lugar de sangue e furia tanta,
 13 Derramemos n'êta alma o licôr bello,
 Que do pámpano bróta e a vida encanta.

5. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

9. Othello, *the Moor of Venice*, é o protagonista da tragédia homónima de William Shakespeare (ca. 1603). Convencido do adultério da mulher, Othello mata Desdemona, asfixiando-a durante o sono.

10. *Sire* é o tratamento dado a reis e senhores da nobreza. No caso, parece referir-se a Sir Gaheris, personagem do Ciclo Arturiano que decapitou a rainha Morgause, ao surpreendê-la no leito com Lamorak.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 6.

12

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 29-30.]

XII

1 Não chores mais, honesta Messalina,
2 Esquece um tempo, de illusões repleto:
Aquelle sonho de immortal affecto
Era imagem na lympha crystalina.

Espera-te uma vida peregrina:

6 Se o dia é triste, mudará de aspecto.
O meu amor, o amor do teu dilecto,
8 Vale acaso essa lagrima divina?

Nem mais olhes o triste. Nas orgias,

10 Como nos antros de profundo mar,
Irei gastando os merencórios dias.

12 E eis o destino de quem sabe amar!
Mas a ti que choravas... e mentias,
Esperam-te os lençoes do lupanar.

1. A terceira mulher do Imperador Cláudio, Valeria Messalina (*ca. 17 † 48), suportou, ao longo da História, a caluniosa reputação de devassa e *meretrix augusta*, baseada em grande parte nos relatos de Tácito e Suetónio.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 3, 6, 10, 11 e 12.

13

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 31-32.]

XIII

- 1 Nunca do amor a resplendente chamma
Te fulgurou na lúcida pupilla:
No meu romance, plácida e tranquilla,
4 Nunca foste mulher, porque eras dama.
- Da vingança pensei no tórvo drama,
E nas ancias vivi de quem vacilla.
- 7 Vi-te feita de barro: eras d'argilla,
Fragil estatua em pedestal de lama.
- 9 E caminhei nas sombras da saudade,
10 Immerso n'èsta dôr, que me devora
11 As rosas da perdida mocidade:
- 12 E a caminhar no escuro e sem aurora
13 Aos páramos cheguei da soledade...
Triste d'aquelle que nas trevas chora!

4. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 8 e 14.

14

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 33-34.]

XIV

Não me provoques mais. Esta brandura
2 Encobre de um jaguar a furia horrenda:
3 Vai ler do Mouro a pavorosa lenda,
O mésto quadro da vingança escura.

Tu és como essas mîseras impura
Que o vicio expõe no lupanar á venda!
Nem mais te quero vêr na triste senda,
Que te leva aos abysmos da loucura.

9 Perdi-te. Mas a flôr que no occidente
10 Viu moribundo o sol, ergue a corolla
11 Aos orvalhos da aurora resurgente:

12 Sigo os preceitos da moderna escola:
13 – Não ha dôr que resista a um vinho ardente,
14 Nem ao facil amor de uma hespanhola.

5. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.
3-4. Parece aludir-se à lenda do castelo de Almourol e à vindita do Mouro que jurou vingar as mortes de sua mãe e irmã.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 4, 6 e 12.

15

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 35-36.]

XV

- Eis-me livre, qual ave nos espaços!
- 2 Quebrei os élos da fatal cadeia!
- 3 Da velha taça, de amarguras cheia,
- 4 Restam sómente os humidos pedaços.
- 5 Trazia a face triste, os olhos baços,
- 6 Do contínuo pensar na mesma idéa,
E a morte, que na orgia entre nós ceia,
Já me estendia os carcomidos braços.
- 9 Andava como a trémula andorinha
- 10 Em tórno de maléfica serpente,
E nem vergonha das injurias tinha!
- 12 Mas do resgate a aurora resplendente
- 13 Raiou emfim! Adeus, senhora minha:
- 14 Surge da lama o trovador plangente.

13. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 3, 8, 11 e 14, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 13.

16

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 37-38.]

XVI

- 1 Foi-se o pallido inverno. O torvelinho
Para longe arrastou a nevoa fria.
Canta no bosque a alegre cotovia,
Exhala o arôma o verde rosmaninho.
- 5 A veia d'agua, em doce murmurinho,
Das longas hervas a aridez sacia;
E das brizas a ténue melodia
Ao longe corre no sarçal maninho.
- 9 Eil-o, da primavera o sol radiante!
Só para mim sem luz! Tufão violento
Lançou por terra o plátano gigante.
- Oh! quanto invejo o estítico jumento
13 Que além chora no prado verdejante:
Aos céus erguera o fúnebre lamento!

3. Desde a célebre Cena 5, no Ato III de *Romeo and Juliet* (1597), que a cotovia está intimamente ligada ao amor.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 6 e 8.

17

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 39-40.]

XVII

- 1 Hontem, no baile, por fatal desgraça,
 2 Não foi de vinho que fiquei repleto;
 Mas d'esse immenso, arrebatado affecto,
 Que as almas vence, e os corações enlaça.
- 5 Feriu-me, como o raio quando passa
 Fere no monte o solitario abéto:
 7 Agora vivo d'esse amor secreto:
 8 Eil-a quebrada a generosa taça!
- Foi-se o tempo das sórdidas orgias:
 Unido á bella, em marital socêgo
 Vão dentro em pouco deslizar meus dias.
- Seja a torrente um plácido Mondêgo;
- 13 A minha taça – um copo d'aguas frias;
 O meu bello – o presunto de Lamêgo!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Predomina o decassílabo sáfico, mas são heroicos os vv. 5, 9, 12 e 14, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 13.

18

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 41-42.]

XVIII

Não te parece esta existencia clara,
 E deploras que o vate da tristeza
 3 Abandone, com tanta ligeireza,
 Quanta mulher gentil ancioso amára.

Mais frio que Blondin sobre o Niagára,
 Julgas minh'alma em vis paixões accêsa;
 7 E comtudo nas ôstras da belleza
 Eu só procuro o amor, pérola rara.

9 Seja a mulher, como um reptil, hedionda,
 O typo ideal da estupidez suprema,
 11 Um monstro informe, que da luz se esconda;

Ou seja a Venus do marmóreo poema,
 Um modelo de artistas, a Gioconda;
 14 Ser, ou não ser amado, eis o problema.

5. Jean François Gravelet (1824-1897), mais conhecido como *the Great Blondin*, foi o primeiro homem a atravessar a garganta do Niagara, a 30 de junho de 1859. Equilibrado sobre uma corda que unia as margens americana e canadense do rio, o acrobata haveria de repetir o feito várias vezes, perante o assombro dos espectadores.

12. Refere-se à deusa romana do Amor e da Beleza.

13. Trata-se do célebre retrato de Leonardo da Vinci, também conhecido como *Mona Lisa*. Sobre a grafia do nome, vd. texto n.º 833 (vol. IV, t. I).

14. Evoca-se uma das mais célebres citações de William Shakespeare: o verso 1, da Cena 1, no Ato III de *Hamlet*: “To be, or not to be: that is the question”.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 6, 9, 10, 11 e 12.

9. Por imperativos rítmicos, impõe-se a diástole em *reptil*.

19

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 43-44.]

XIX

- 1 Feliz canario! os beijos que a vizinha
 2 Te consente nos puros labios d'ella,
 São traça feminil de que usa a bella
 4 Para augmentar esta desgraça minha.
- 5 Mas em vão. Morta a fé que me sostinha,
 6 Vou recolher-me á paz de obscura cella:
 7 Que saudades terei d'essa janella,
 8 D'onde ella outrora namorar-me vinha!

Tecei-me, oh bardos tristes, o epicédio!
 Cantae na lyra o vate merencório,
 Que ao mundo foge, por fugir ao tedio!

- 12 Cantae-me a vida, e o sonho transitorio!
 Cantae, em quanto á dôr busco remedio
 14 Nos vastos caldeirões do refeitório.

1-4. Esta alusão velada ao pássaro de Lésbia (cantado no carme II do Livro de Catulo) esconde uma referência à vizinha de João Penha em Coimbra. Sobre a identidade desta jovem, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 8 e 11.

20

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 45-46.]

XX

- 1 De um monge na cogúla disfarçado,
Ousei ouvir a confissão de Rosa.
- 3 Tu, Senhor, que a fizeste tão formosa,
Desculpa-me o sacrilego peccado.
- O segredo lhe ouvi de que era amado,
- 6 De que em mim punha o seu porvir, ditosa.
7 E tremia-lhe a falla, suspirosa,
8 E arquejava-lhe o seio immaculado.
- 9 – «Filha, eu lhe disse, o teu amor é santo:
10 «Tu já lhò declaraste alguma vez?»
11 – «Á hora em que, ao sol pôsto, ao piano canto.»
- 12 – «E como o adoras? como a Deus talvez?»
13 – «Oh! seria peccar; mas quasi tanto
Como adoro o meu lânguido maltez.»

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 9, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 12.

21

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 47-48.]

XXI

- 1 Aquella Rosa branca, a flôr mais viva
 Dos jardins olorosos de Granada,
 Já não parece a flôr enamorada,
 Triste por viver só, viver captiva.
- 5 Outrora, em seu mirante, pensativa,
 Muitas vezes a luz da madrugada
 A via entre boninas, enlevada
 Nos sons d'uma guitarra fugitiva.
- Agora, a Beatriz do Poeta abstruso,
 A Eleonora das canções do Tasso,
 A Nathercia gentil do cantor luso,
- Sol perdido em nevoeiro escuro e baço,
 A cítharas prefere a roca e o fuso,
- 14 Aos meus cantos – presuntos de Melgaço!

9. Beatriz é a musa inspiradora de Dante Alighieri (*1265 †1321).

10. Eleonora é a musa inspiradora de Torquato Tasso (*1544 †1595).

11. Natércia é a musa inspiradora da lírica de Camões (*ca. 1524 †1580).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 10.

22

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 49-50.]

XXII

- 1 Sob o influxo da negra phantasia,
- 2 E do ciume fatal que me atormenta,
- 3 Furioso insulto, com paixão violenta,
- 4 A musa, que nas sombras me alumia.

- 5 E és tu, n'esta idade sem poesia,
- 6 O lírio, que em minh'alma se alimenta!
- 7 Eu porém, sou qual fera truculenta,
- 8 Que esmaga aos pés a flôr que lhe sorria!

- 9 Não quero o teu perdão, que o não mereço;
Ai! seja o teu desprêzo o meu castigo,
E morra d'este mal de que padeço.

- 12 Mas que ao menos, no funebre jazigo,
- 13 Em recompensa do meu fado avêssô,
- 14 Eu fique em marmore a dormir contigo!

4. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

9. Leia-se, no Arquivo documental, o comentário do poeta às alterações introduzidas neste soneto.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 13 e 14.

23

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 51-52.]

XXIII

1 A doce paz tranquilla e a segurança,
 2 Em que eu levava a alegre mocidade,
 Foram nuvens n'um ceu de tempestade,
 4 Que d'ellas ninguem sabe ou tem lembrança.

 Pobre de quem na vida se abalança
 A amar com fé, e alma, e lealdade!
 7 Em denso véu de triste escuridade
 8 Verá perdida a límpida bonança!

9 Oh! que nem tenha um coração amigo,
 Que me alente no páramo terrestre,
 E me acompanhe ao funebre jazigo!

 Dá-me esse onágro de vigor silvestre,
 13 E os ôdres pandos, oh Sileno antigo:
 Ensina-me na dôr: só tu és mestre!

13. Na mitologia grega, Sileno era identificado com o tutor de Dioniso (o deus do vinho). Nas representações clássicas, surge quase sempre ébrio, estando por isso amparado por sátiros.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 9, 12 e 13.

24

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 53-54.]

XXIV

Ahi tens o peito nú, ahi tens a adaga:
Vibra o ferro, mulher, e sem piedade!
Que n'esta procellosa escuridade
Mais vale a morte que esta vida aziaga!

5 Talvez além, na duvidosa plaga,
Me deslembre da tua falsidade,
7 E absôrto na divina claridade,
8 Mal da terra conserve a imagem vaga.

9 Serei feliz talvez, serei ditoso!
10 Nem quero que me chores dolorida,
Que ao nada vou, se é falso o eterno gôzo.

Eis-me a teus pés: ao mísero trucida;
E qual sabes ferir um pôrco ancioso,
14 Arranca-me d'um golpe a luz e a vida!

2. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 5, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 4.

25

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 55-56.]

XXV

O phantasma da minha desventura
Eil-o em fumo subtil e fluctuante:

- 3 Fui contemplar-te um derradeiro instante,
4 E foram-se-me as sombras da loucura.

- Semelhavas a estatua da amargura,
6 E no marmore liso do semblante,
7 Em quadro tumultuoso e cambiante,
A cólera passava e a dôr escura.

De magua e de soberba estranho enlace!
Nem ha phidias que o talhe no granito,
Nem ha pintor que n'um desenho o trace.

- Mulher divina! eis-me a teus pés contrito:
- 13 A injuria atroz, que te cuspi na face,
14 Era o lamento de um José do Egipto!

10. Fídias (*ca.490 a.C. †ca.430 a.C.) foi um célebre escultor da Grécia Antiga, autor de algumas das mais importantes obras do Século de Péricles.

13. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

14. Alude-se ao episódio bíblico de José do Egipto, injustamente acusado de seduzir a mulher de Putifar (Gn. 39: 7-20).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 11, 12, 13 e 14.

26

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 57-58.]

XXVI

- 1 Não chores. Essa mórbida tristeza,
- 2 Que te enlanguece as fórmas voluptuosas,
- 3 Vae do teu rosto emmurhecendo as rosas,
Maravilha d'amor e de beleza.

Não te imagines porventura prêsa
Do vampiro das lendas sanguinosas:
Vi-me no mar das ondas amorosas,
Transformei-me no doge de Veneza.

Chore-se antes o tempo em vão perdido,
Como nuvem fugaz em ceu nublado,
Na voragem fatal do eterno olvido!

- 12 Adão, por Deus expulso e condemnado,
- 13 Colheu de novo o fruto proibido,
E pôz-se a rir do ceu... e do peccado!

12-13. Trata-se de uma referência à transgressão de Adão e Eva (Gn. 3).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3 e 5.

27

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 59-60.]

XXVII

- 1 Ia o sol desmaiando no occidente,
 2 E disseste-me então: «Ah! doce amante,
 Ditosa eu fôra se inspirasse um Dante:
 4 Em seus cantos vivêra eternamente!»
- 5 Fez-se em minh'alma a luz. Um poema ingente,
 6 Inspirado encetei desde esse instante.
 7 «Aqui o tens, oh musa; em tom vibrante
 8 N'elle célebro o nosso amor ardente.»
- 9 E mais lhe disse o trovador: «No Pindo,
 10 E na fonte ao deus loiro consagrada,
 11 Estes versos compuz de amor infindo...»
- 12 E ella com voz fagueira e namorada:
 13 «Oh! como és bom, e que poema lindo:
 14 Excede a *Joven Lilia* abandonada!»

3. Dante Alighieri (*1265 †1321), o sumo poeta italiano, tinha Beatriz por musa inspiradora.

9-10. O Pindo é uma cadeia montanhosa grega que separa o Epiro da Tessália, e onde algumas fontes clássicas situavam a morada de Apolo e suas Musas. Segundo outras versões, no entanto, o deus da poesia habitaria o monte Parnaso (situado na Fócida, perto de Delfos), onde brotava Castália, a fonte da inspiração poética.

14. Alude-se ao poema romântico de António Feliciano de Castilho (*1800 †1875), intitulado “Minha Lília morreu” ou “Jovem Lília” (in *Cartas de Echo e Narciso*). A propósito da polémica geracional implícita, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 8, 9 e 13.

28

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 61-62.]

XXVIII

- 1 Não me illudem, mulher, o fingimento,
2 E os enganos da lúbrica impostura:
Correu-se um veu na cérula planura,
4 E nem vejo o esplendor do firmamento.
- Que triste o meu destino! Amarulento,
6 Como o Rei Lear nas sombras da loucura,
Irei chorando a minha sorte escura,
Sôlto o cabelo aos ímpetos do vento!
- Mas primeiro ha de ouvir-se no infinito,
10 Como a lúgubre nota de um solfejo,
Um ai supremo, um derradeiro grito:
- 12 Vibre a tiorba o doloroso arpejo!
13 E eterno fique o nosso poema escripto...
Nas carnes d'um presunto do Alemtejo.

1. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

6. Rei Lear é o protagonista da tragédia homónima de William Shakespeare (*1564 †1616). Alude-se aqui ao pungente lamento do rei destronado, vagando ao desabrigo da tempestade e imprecando contra a ingratidão das filhas.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 11 e 12, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico nos vv. 7 e 13.

29

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 63-64.]

XXIX

1 Que formosura esplendida! O propheta
 Dera-te ingresso na superna estancia,
 Que nem o loiro Bull, pai da elegancia,
 4 Tem filha mais ideal, e mais completa.

Se te visse um Tenorio, á vida abjecta
 6 Pozera um termo, e á sordida inconstancia,
 7 Que de ti nasce o amor, como a fragrancia
 Nasce da flôr que a briza affaga inquieta.

E comtudo és da raça das Megéras:
 10 Inda ha pouco fingias os desmaios,
 11 As doces fallas das paixões sinceras;

12 Mas, – eram de uma Circe os crús ensaios:
 13 Transformar-me n'um cérdo, eis o que esperas,
 14 Que o teu capricho é devorar-me... em paios!

2. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

3. John Bull é uma personagem de John Arbuthnot (*1667 †1735), adotada como personificação nacional da Grã-Bretanha, em geral, e da Inglaterra, em particular. Em *cartoons*, é geralmente representado como um homem loiro e corpulento, envergando um colete com a Bandeira da União.

5. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino que vive à margem da lei.

9. Na mitologia grega, Megera (ou Megara) é uma das três Erinias, as violentas deusas punidoras que torturavam todos os excessos perturbadores à ordem social.

12. Circe é a feiticeira da ilha de Ea, que transformou em animais os marinheiros de Ulisses.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 8, 11 e 14.

30

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 65-66.]

XXX

- 1 Mulher, vejo-te nua, embora escondas,
- 2 Sob as tintas de candida tristeza,
- 3 As máculas da sórdida impureza,
- 4 A lepra vil das saturnaes hediondas.

- 5 E comtudo, enganando-me, inda sondas
O mar largo da minha singeleza:
- 7 Suppões-me, como o doge de Veneza,
Esposo facil de corruptas ondas!

- Não chores a meus pés esmorecida:
- 10 Lá mais tarde, nos palcos da cidade,
Farás de Magdalena arrependida.

- No vicio póde haver honestidade:
Deixa-me em paz nas sombras d'esta vida,
Não me affrontes na minha soledade.

4. Saturnais eram as festividades romanas em honra de Saturno, que se caracterizavam por buliçosas licenciosidades.

7-8. Trata-se de uma referência a Marino Faliero (*1285 †1355), o velho doge de Veneza que foi traído pela esposa infiel, servindo de inspiração a várias obras literárias, nomeadamente o drama homónimo de Lord Byron (1820) e a ópera de Gaetano Donizetti (1835).

11. Maria Madalena é a personagem bíblica tradicionalmente identificada com a figura da pecadora arrependida (Lc. 7, 36-50).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4 e 8.

31

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 67-68.]

XXXI

1 Mais um anno que finda! E nem ao menos
 2 Vi acclarar-se a negridão sombria,
 3 Que de ha tanto me encobre a luz do dia,
 O claro azul dos páramos serenos!

N'uma caverna os magoados thrênos
 Irei soltar á bronca penedia,
 7 E, solitario, em permanente orgia,
 Sedento beberei lethaes venenos.

Vou ser o novo Hilario, o cenobita
 10 Que na Thebaida os membros nús flagella,
 11 Se á tentação da carne o Mal o excita;

12 Que só quero, bem longe da procella,
 13 Por cilicios, os braços de Pepita;
 14 Por livro d'orações – os labios d'ella!

9. Santo Hilarião (*ca.291 †ca.372), um dos Padres do Deserto, foi discípulo de Santo Antão, nos ermos da Tebaida.

14. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 5, 7 e 10.

32

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 69-70.]

XXXII

- 1 És da raça dos Borgias. O amavio,
2 Que me déste a beber com mão tranquilla,
3 Era o pus que das almas aniquila,
Como um vento de morte, a flór do estio.

Julgára ver os céus no azul sombrio,
No iris desleal d'uma pupilla:

- 7 A virgem era um átomo de argilla,
E a epopeia do amor um poema impío!
- 9 Mas, a victima, oh vil mulher aziaga,
Ha de fugir-te, qual na Lybia adusta
Foge a visão fallaz na extensa plaga.

Lança os filtros do mal, pobre Locusta!

- 13 Vês aquella hespanhola? eis a triaga,
14 O meu remedio, que a tomar não custa.

1. Os Bórgias foram uma poderosa família do Renascimento italiano, cujos membros ficaram célebres pelos crimes perpetrados, nomeadamente adultério, simonia, roubo, corrupção, incesto e homicídio.

9. Sobre a amada que inspirou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1.

12. Locusta de Gaul exerceu as artes herbalistas na Roma do séc. I, ficando célebre por envenenar o Imperador Cláudio (a mando de Agripina) e seu filho Britannicus (por encomenda de Nero).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 10 e 14.

33

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 71-72.]

XXXIII

- 1 Partiu! E nem sequer uma lembrança
 2 Me quiz deixar no camarim ditoso,
 3 Onde, no enlevo d'um amor furioso,
 Nós nos jurámos uma eterna aliança!
- 5 Pobre de quem na vida se abalança
 A crêr nas illusões d'um falso gôzo!
 Dos abysmos d'um mar tempestuoso
 Aos céus de balde implorará bonança!
- 9 Partiu! E d'esta sala, onde oiço o canto
 10 Do plangente violino de Cremôna,
 Tudo essa indigna me levou sem pranto!
- Sómente no damasco da poltrôna
 O romance esqueceu, que amava tanto:
- 14 *A Vida da formosa Magalona!*

1. Alude à partida da amada que inspirou este poema (vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 1).

14. *A Historia Verdadeira da Princesa Magalona, Filha del Rey de Napoles, e do Nobre e Valeroso Cavaleiro Pierres, Pedro de Provença* é uma das narrativas de cavalaria com maior fortuna. Segundo Brunet, teria sido originalmente composta nos finais do século XII, pelo cónego Bernard de Triviez, e depois traduzida para diversas línguas, a partir do séc. XV. A tradução portuguesa data de 1737, contando com numerosas edições, ao longo dos sécs. XVIII e XIX.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 3, 4, 8 e 11.

34

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 73-74.]

XXXIV

Da primavera a luz vivificante
Por toda a parte resplandece e brilha:
Abre a anémoma o calix, e á baunilha
Ajunta o aroma o látyro fragrante.

Canta o melro no bosque murmurante;
6 Procura o toiro a plácida novilha;
7 E na grosseira flauta, em que dedilha,
Tange o campino o festival descante.

Mas o triste que luta nas tormentas,
Se abril o prado esmalta, mais deplora
11 As illusões da vida amarulentas.

12 Serei ditoso ainda? Esplenda a aurora:
Não cri no amor das salas opulentas,
Vou nas cozinhas procural-o agora.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 8 e 14.

Violão nocturno

35

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 77-79.]

I
RECORDAÇÕES

A Gonçalves Crespo

- 1 Quem póde as scenas esquecer, os dramas
 2 Em que vencemos orgulhosas damas,
 Sem lança, escudo e arnez!
 4 Quem não sabe de cór as longas fallas,
 5 Que nas alcovas, nos jardins, nas salas,
 Dissemos tanta vez!
- 7 Decoradas com arte, e linha a linha,
 No velho *Carlos Magno*, o que lá tinha
 Sem classico sabor,
 10 A fama lhes devemos de *Almavivas*,
 E as primeiras victorias fugitivas:
 12 As primicias do amor.

Dedicatória. O poeta António Cândido Gonçalves Crespo (*1846 †1883) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos principais colaboradores d' *A Folha*.

8. Alude-se à *Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, uma das narrativas do Ciclo Carolíngio, traduzida para Português no século XVIII.

10. Trata-se de uma referência à comédia de Pierre Beaumarchais, *Le Barbier de Séville* (1775), transformada em ópera-bufa por Rossini. O conde de Almaviva é um nobre rico que resgata Rosina às mãos do tutor (Dr. Bartholo), graças à ajuda do barbeiro sevilhano.

13 Quantas vezes, da pallida Clarisse,
14 – Para que o tempo mais veloz fugisse
15 No frondoso pomar, –
Não amámos a perfida lacaia,
17 Trocando a margarita de Cambaia
Por um fruto vulgar!

Quantas vezes, já finda a noite escura,
20 Não recebemos, por final doçura,
21 Entre mimos gentis,
22 Obra nocturna de subtil destreza,
23 Umás chinelas de feição chinesa,
Bordadas a matiz!

Quantas vezes, em plena serenata,
Vibrando á porta d'uma Helena ingrata
O choroso violão,
Não recebemos na abrasada fronte,
Como affago d'um pé de masthodonte,
Um vaso do Japão!

13. Clarissa Hallowe, a heroína do romance epistolar de Samuel Richardson (1748), representa o protótipo da donzela virtuosa.

17. Parece aludir-se à “flor da riquíssima Cambaia”, cantada na Ode XXVI de António Diniz da Cruz e Silva. Originalmente, esta metáfora aplicava-se à cidade de Dio, por ser a mais rica e próspera de Cambaia e conseqüentemente a mais desejada pelos Portugueses do séc. XVI.

26. N.º *A Ilíada* de Homero, a disputa de Helena, mulher do rei de Esparta, esteve na origem da Guerra de Troia.

- 31 Quantas vezes, subindo a corda ondeante,
 32 Que nos levava de um jardim fragrante
 A um templo feminil,
 34 Em vez do brando rosto da Julietta,
 Não beijámos a longa barba prêta
 D'um phantasma viril!
- 37 Doces noites de amor! quando a velhice
 Prostrou no campo da amorosa lice
 Um campeador audaz,
 40 Se na mente surgis do Lovelace,
 Inda lhe assóma no pallôr da face
 42 Uma aurora fugaz!

34. Alude-se à tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (1597). No célebre Ato II, Romeu invade o jardim dos Capuletos e encontra Julieta no cimo de um terraço, onde os dois amantes trocam juras de amor eterno.

40. Lovelace é o vilão de *Clarissa or the History of a Young Lady*, de Samuel Richardson (1748). Embora perseguindo uma única mulher, o raptor de Clarissa é o protótipo do donjuanismo libertino.

O poema é composto por sete sextilhas de pé quebrado, combinando versos decassilábicos com o quebrado de seis sílabas. A rima obedece ao esquema AABCCB.

36

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 80-82.]

II
RIVAES

A Candido de Figueiredo

- Eu tenho duas amantes,
2 Duas bellas margaritas:
3 Duas estrophes brilhantes,
4 Por um deus na terra escriptas.
- 5 Uma é loira, delicada,
6 E tão nebulosa e mésta
7 Como as Noivas da ballada,
8 Resurgentes na floresta.
- 9 Tem no labio um riso brando,
10 Nos olhos um céu tranquillo,
11 E vê-se-lhe o corpo, olhando
12 A deusa eterna de Milo.
- 13 Por um só ramo de flôres,
14 Deu-me em tróca o amor das valsas;
15 Mas, do lago dos amores
16 Já me vou nas ondas falsas.

Dedicatória. João Penha foi companheiro de António Cândido de Figueiredo (*1846 †1925) em Coimbra, tendo confiado a este filólogo a revisão tipográfica do livro das *Rimas* (1882). Para mais pormenores, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

12. Trata-se de uma referência à célebre escultura de Vénus, descoberta na ilha de Milo em 1820.

- A outra, alegre e ruidosa,
 Não como Elvira, a flor branca,
 Dobrara a paixão vaidosa
 20 De Jorge de Salamanca.
- Ninguém, se a vir, que não peque!
 22 Ninguém, se a vir, que não sinta,
 23 Por beijar-lhe a mão e o leque,
 Uma volupia faminta!
- 25 Por um só ramo de flores,
 Deu-me as honras de seu pagem;
 27 Mas, no lago dos amores
 Já vou perto da voragem!
- Eu tenho duas amantes,
 30 Duas bellas margaritas:
 31 Duas estrophes brilhantes,
 32 Por um deus na terra escriptas.

18-20. Alude-se ao poema “El estudiante de Salamanca”, incluído nas *Poesías de D. José de Espronceda* (1840), cujo protagonista, Don Félix de Montemar, representa o protótipo do sedutor donjuanesco, que abandona Elvira, provocando-lhe a loucura e a morte.

Este poema é composto por oito quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

37

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 83-84.]

III
CONCHITA

- 1 A minha primavera,
Que esbelta rapariga!
Sonhou-a a musa antiga
Na deusa de Cythéra.
- 5 Tão linda, e tão sincera!
Ninguém, se a vir, que diga
Amor uma fadiga,
- 8 A vida uma chiméra!
- Tem sangue de hespanhola
N'um corpo de Julietta,
- 11 E deu-se por esmola
- Ao poeta anachoreta,
Ao som da castanhola,
Ao som da pandeireta!

4. Refere-se a Afrodite, a deusa grega do Amor, também conhecida como Citereia.

10. Julieta é a heroína amorosa da tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (1597).

A rima deste sonetinho, composto em hexassílabos, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

38

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 85-86.]

IV
A CAMENA

A Guerra Junqueiro

Oh poetas d'agua fria!
2 Dizei-me: a vossa musa
Será como a andaluza
Que as noites me abrevia?

Olhae-a: que poesia!
Na dórna da Arethusa
Lá enche agora a infusa
De classica ambrosía,

9 E aos labios de cereja
10 Eleva, airosa e rindo,
11 O copo da cerveja!

Oh quadro novo e lindo!
Musas, chora e inveja,
Musas, descei do Pindo!

Dedicatória. O poeta Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*1850 †1923) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos principais colaboradores d' *A Folha*.

6. Segundo o mito grego, Aretusa é uma das Náiades ou ninfas do elemento líquido.

14. O Pindo é uma cadeia montanhosa grega que separa o Epiro da Tessália, e onde algumas fontes clássicas situavam a morada de Apolo (deus da poesia) e suas Musas.

A rima deste sonetinho, composto em hexassílabos, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

39

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 87-89.]

V
RIMANCE

A E. A. Vidal

- Vêde-lhe a côma opulenta
No desalinho gentil!
- 3 A briza fresca d'abril
Destrançou-a turbulenta.
- É negra, da côr do abysmo;
6 Em ondas parece o mar:
A nada a posso egualar
8 Por mais que procuro e scismo.
- Quando a viu, o rei Fulano
Disse ao pagem que o seguia:
«Pelas tranças de Maria
Dava estas botas de cano!»
- Olhae agora a madeixa
Como se enrosca na espádua!
O proprio Antonio de Padua
Lhe teceria uma endeixa.

Dedicatória. O poeta Eduardo Augusto Vidal (*1841 †1907) foi um dos colaboradores d' *A Folha* que participaram na chamada Questão Coimbrã.

15. Trata-se de uma referência a Santo António de Pádua (*1195 †1231), o frade português que se tornou modelo de virtude e santidade.

- 17 Tal em Clubin, que perneia,
 18 O polvo de Hugo se enlaça,
 19 Tal na bella, ideal de graça,
 A trança gentil se enleia.
- 21 Um gentil-homem de França,
 22 Aqui famoso dentista,
 23 Amou, com amor de artista,
 24 A dona da longa trança.
- 25 Que paixão, que sorte aziaga!
 26 Que terrível desenlace!
 27 Como a dama o não amasse,
 28 Cravou no ventre uma adaga.
- 29 Inda agora o viandante
 30 Vê á porta do infeliz
 31 Um queixal já sem raiz,
 32 Insignia do louco amante.
- 33 Vêde-lhe a côma opulenta
 34 No desalinho gentil!
 35 A briza fresca d'abril
 36 Destrançou-a turbulenta.

17-18. Alude-se ao romance de Victor Hugo, *Les Travailleurs de la Mer* (1866). Clubin é o capitão de um navio que se atira à água (na sequência de um naufrágio encenado), mas fica preso no fundo do mar, quando um polvo agarra o seu pé.

Este poema é composto por nove quadras em redondilha maior, combinando rima emparelhada e interpolada.

40

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 90-93.]

VI
BALLADA

A Ramalho Ortigão

I

Essa mulher, que em sonhos me tortura,
Nas feiras de Stambul fôra sem preço!
Que face bella na subtil moldura!
Que labios sensuaes, que rir travêssol

5 ¿Que mão se aponta que em Sevilha rufe,
6 Mais doce e linda, o sonoro adufe?

II

A chamma ardente de seus olhos brandos,
Fontes de mel ou de peçonha amára,
9 Á clausura de monges venerandos,
10 Mais que o demonio, tentações levára.

11 Contra os filtros subtís de uns olhos pretos
Nem resiste o pavez dos amuletos.

III

13 Mas no pé, arma branca de combate,
Causa perenne do femíneo arrufo,
É que a gentil morena o luxo abate
16 Ás glorias mais sublimes do pantufo.

Dedicatória. José Duarte Ramalho Ortigão (*1836 †1915) foi um dos escritores que, à semelhança de João Penha, tomaram parte na Questão Coimbrã. Apesar da dedicatória e alguma deferência demonstrada pelo nosso poeta, Ramalho acabaria por desconsiderá-lo com um constrangedor silêncio. A este propósito, vd. carta transcrita no Arquivo documental do poema n.º 22.

- 17 ;Esse que o nega, sem medir a affronta,
Que vinho encerra na cabeça tonta?

IV

- Um sapateiro illustre e cavalheiro,
20 Ao tomar-lhe a medida da botinha,
É voz que disse d'alma e verdadeiro:
22 «Se eu for um dia rei, salvé, rainha!»

E que vendo perdida a ingenua phrase
A propria fronte decepou da base!

V

- 25 Pé flexível, sem túmido capricho,
Excedera o da célere Atalanta!
Na China um mandarim dera o rabicho
Por uma dama de tão breve planta.

;Que selvagem de rábido colmilho
Se detivera no chapim casquilho?

VI

- Contrario ao da Mulher que á serpe esmaga
No globo azul a fronte de esmeralda,
Ergue-se o amor em furiosa vaga
Mal o divisa nos setins da fralda.
- 35 Mas, interrompa-se a epopeia lesta,
36 Que já vacilla o fogaréu de Vesta!

26. Segundo a lenda grega, Atalanta era uma heroína extremamente ágil e veloz, que demovia os pretendentes, admitindo apenas desposar o homem que a vencesse na corrida.

31-32. Na iconografia católica, a Virgem da Imaculada Conceição é comumente representada sobre o globo terrestre, esmagando com os pés a serpente demoníaca.

36. Vesta era a deusa romana que presidia ao fogo. Na Roma Antiga, a chama sagrada dos templos era confiada às vestais, virgens sacerdotizas que deviam permanecer castas durante trinta anos.

Este poema obedece a um modelo livre da balada francesa. É composto por seis quadras e respetivas meias-estrofes, obedecendo ao esquema rimático ABABCC. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 5, 6, 7, 8, 10, 14, 17, 18, 24, 28, 30, 33, 34, 35 e 36.

41

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 94-96.]

VII
VINGA-TE

A J. Frederico Laranjo

Não chores, linda creança:
Brilhe em teus labios a aurora!
A corça, que o chumbo alcança,
Vae moribunda e não chora.

5 Desprendeu-se-te dos braços
6 O teu preferido amante;
E lá se vae nos espaços
O passarinho inconstante!

Vae nas garras d'um milhafre,
E nem ao menos se affronta!
Dessem-te a vira d'um cafre,
E a setta hervada na ponta!

Além, da viçosa enfiesta,
Alegre desponta o dia,
E nos ôlmos da floresta
Já gorgeia a cotovia.

Dedicatória. José Frederico Laranjo (*1846 †1910) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores d' *A Folha*.

16. Desde a célebre Cena 5, no Ato III de *Romeo and Juliet* (1597), que a cotovia está intimamente ligada ao amor.

Comtempla o vasto horizonte,
 E o azul da larga esfera!
 Vem dar a pallida fronte
 Aos beijos da primavera!

E vamos por esses prados,
 Por esses campos extensos,
 23 Como dous enamorados
 No mesmo enleio suspensos!

Não gostas de ver as danças
 Das alegres raparigas?
 Vão soltas ao ar as tranças,
 28 Vão soltas ao ar as ligas.

29 D'essa múrmura deveza,
 Vejamos o quadro lindo:
 Nem eu mais veja a tristeza
 Nesse teu olhar infindo!

Não chores, linda creança,
 Brilhe em teus labios a aurora!
 E se pensas na vingança...
 Que bonito é o campo agora!

Este poema é composto por nove quadras em redondilha maior, combinando rima emparelhada e interpolada.

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 97-98.]

VIII
SCENA CAMPESTRE

A Joaquim de Araujo

- Que bella phantasia
2 A d'um festim na aldeia!
Bucólica epopeia
4 De amor e de poesia!
- Que breve passa o dia!
6 Tu ris-te, Galathêa?
Quem pompas vãs odeia
8 Não quer outra alegria.
- 9 Repouse agora a taça,
E n'êsta balsa escura,
11 Que o ciume não devassa,
- 12 Gozemos a ventura
13 Que é sonho bom que passa,
14 Que é sonho emquanto dura!

Dedicatória. Joaquim de Araújo (*1858 †1917) foi um dos mais fiéis admiradores de João Penha e o grande divulgador da sua obra, não só em Portugal (enquanto diretor de numerosas publicações), como também no estrangeiro (especialmente depois de ocupar o consulado de Génova, em 1894).

6. Galateia é uma das Nereides, também conhecida como a amada do Ciclope Polifemo.

A rima deste sonetinho, composto em hexassílabos, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

43

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 99-103.]

IX
AMOR FUNESTO

A Simões Dias

Que triste vida não passa
 Aquella andaluza ardente!
 Ou morra em sombras o dia,
 Ou surja a aurora ridente,
 Anda a formosa menina,
 6 Aberto o peito aos desejos,
 Como a somnambula tonta
 8 Que vae por montes e brejos,
 9 Ora em chammás encendida,
 10 Da viva côr das romãs;
 11 Ora fria e esmorecida,
 12 Como as esposas sem vida
 13 Das balladas allemãs.

Fitára os olhos ardentes
 15 De um vate de negras cômas,
 E prelibára as delicias,
 E presentira os aromas
 D'aquella flôr peregrina,
 19 Que nos êrmos da floresta
 Não abre o calix aos beijos
 Da borboleta immodesta.

Dedicatória. O poeta José Simões Dias (*1844 †1899) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores d' *A Folha*.

22 Mas o poeta, que seguia
23 O caminho das esferas,
Envolvido e arrebatado
N'um torvelim de chimeras,
26 Beijou-lhe a face divina,
Libou-lhe um hausto na taça,
E fugindo sorridente,
Foi como a nuvem que passa!

E a mãe dos longos vestidos,
Em funda melancolia,
Procura rasgar a névoa
33 D'aquella magoa sombria:

34 – «Amor é bom nas intrigas
Dos romances de poesia,
Mas aí d'essas raparigas
37 Que se levam, como nescias,
Das amorosas cantigas
D'um autor de taes facecias!

«Os homens, filha adorada,
São verdadeiras serpentes:
Têm a pelle encantadora,
Mas venenosos os dentes.
As fallas enamoradas,
As juras de eterno amor,
46 São n'elles sempre mentira,
Como é mentido o pallôr,
Que nós julgâmos nascido

- D'aquelle profundo aneio
 Da paixão, que lhes causâmos,
 Da febre que têm no seio.
 Aquelle aspecto abatido,
 Aquellas grandes olheiras
 54 São filhas de orgias hórridas,
 São filhas das borracheiras.
 Mal apenas, minha filha,
 O sacristão apressado
 Apaga, de cana erguida,
 Os tocheiros do noivado,
 Ai logo n'elles o tédio
 Principia o curto assedio
 Em que expira o amor gelado!
- 63 «Não chores, linda creança:
 Uma capella de flôres
 Depressa emmurchece e morre,
 Perdido o perfume e as côres;
 67 Mas se forem de oiro puro
 68 As boninas da grinalda,
 Conserva a eterna belleza
 Do topazio e da esmeralda.
- «Ai só, louquinha, a riqueza
 Traz deleites verdadeiros:
 Passar a vida cercada
 De mancebos lisonjeiros;
 75 Ser invejada, nas salas
 Arrastar bellos estofos;
 Passar a noite abafada

Em leitos brandos e fôfos;
Correr a galope as ruas
80 Em cavallos africanos;
81 Viver, emfim, esquecida
82 De futuros desenganos;
83 Eis a ventura na vida.»

Mas embalde. Porque absôrta
N'aquelle amor que a devora,
Ou morra em sombras o dia,
Ou surja a ridente aurora,
Anda a formosa menina,
89 Aberto o peito aos desejos,
Como a somnambula tonta
Que vae por montes e brejos;
92 Ora, em chammás encendida,
93 Da viva côr das romãs;
94 Ora fria e esmorecida,
95 Como as esposas sem vida
96 Das balladas allemãs.

Este poema é composto por nove madrigais em redondilha maior, privilegiando um esquema de rima cruzada.

44

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, p. 104.]

X
BRINDE SECRETO
(N^ouma bôda)

- Sou feliz! Teu espirito formoso
 2 Mostrou-me o abysmo de um amor profundo:
 Só quizeste acceitar a mão de esposo
 Do mais odiento dos rivaes do mundo!
- 5 A elle o jugo, que sonhou tão lindo,
 A elle a taça do prazer insulso!
- 7 A mim o labio que mentiu sorrindo,
 Quando no templo lhe sorriu convulso!

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo sáfico, mas são heroicos os vv. 1 e 3.

45

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 105-107.]

XI
NUPCIAS

A Augusto Sarmento

- 1 Senhora da loura trança
E do olhar indefinido!
- 3 Bem fundo vibraste a lança:
Eis-me prostrado e vencido!
- 5 Eu era o fátuo Narciso,
De si mesmo apaixonado:
Nunca vira o teu sorriso,
Nem teu gesto enamorado.
- Só tinha uma gloria: a taça
Dos longos, ruidosos vivas;
Só tinha um prazer: a caça
- 12 De galathêas esquivas.
- 13 Um dia que me sorriste
Do miranête das flores,
Quiz saber o poema triste
- 16 Da loucura dos amores.

Dedicatória. Augusto César Rodrigues Sarmento (*1835) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores d'A *Folha*.

5-6. A insensibilidade amorosa de Narciso foi castigada por Nemésis, que levou o jovem a debruçar-se sobre uma fonte, e assim apaixonar-se pelo reflexo da própria imagem.

12. De acordo com o mito grego, a Nereide Galateia foi objeto de perseguição amorosa pelo gigante Polifemo.

Que funesta leviandade!
 18 Nem lhe sei medir o preço,
 Que vou dar a liberdade
 Por um bem que não conheço!

Tinhas feito o juramento
 De me ver as mãos escravas:
 Não me deixaste um momento,
 Nem de seguir-me cançavas.

25 Assim, no esconso fastigio,
 O maltez dissimulado
 Segue o plácido remigio
 Do passarinho pintado.

29 Assim, no bosque distante,
 O cannibal famulento
 Segue o passo vacillante
 Do caçador vinolento.

33 Fiquei vencido na luta;
 34 Corra-se o véu do passado:
 Quebre-se a taça impolluta
 36 Do velho antiste algemado!

37 Senhora da loura trança
 E do olhar indefinido!
 39 Levas na ponta da lança
 O coração d'um marido!

Este poema é composto por dez quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

46

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 108-109.]

XII
Á BEIRA-MAR

A Manuel Duarte de Almeida

1 Ai que tristeza, quando o sol desmaia
2 Ao longe, ao longe, nas cerúleas vagas,
E a noite desce á merencória praia,
E o lumbo chora nas longinquas fragas!

5 Como na arésta da campina ondeante
6 A longa fila das gaivotas passa,
7 Assim na frente d'um sombrio amante
8 As scenas passam da ventura escassa.

Os risos conta da mulher perjura,
10 Os longos beijos de sensual poesia;
E sente os ascos da bebida impura,
O sabor acre da nocturna orgia.

13 E vendo exhausta, nos vaivens da luta,
14 Das illusões a cornocopia vasta,
15 Inveja a sorte da lagôsta bruta,
16 Que alem nas rochas a existencia arrasta.

Dedicatória. O poeta Manuel Duarte de Almeida (*1844 †1914) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores d'*A Folha*.

Medita e chora; e se a profundos tragos
 Bebeu na taça phantasias méstas,
 Vê sobre as ondas lubishomens vagos,
 Os thrênos ouve de canções funestas.

E vence-o a febre, o pesadêlo enorme,
 A lava accêsa d'um projecto louco,
 E nas areias solitario dorme
 Ao som distante do marulho rouco.

25 Ai que tristeza, quando o sol desmaia
 26 Ao longe, ao longe, nas cerúleas vagas,
 E a noite desce á merencória praia,
 E o lumbo chora nas longinquas fragas!

Este poema é composto por sete quadras, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos sáficos.

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 110-111.]

XIII
TUDO ESCURECE

A Bernardino Machado

- 1 Ninguém te póde amar. A natureza
Quiz ser ideal comtigo e mãe profusa,
E fez-te a deusa fria, a etherea musa
Dos infindos poetastros da belleza.
- Porém negou-te a sensual viveza,
O salero gentil d'uma andaluza:
- 7 Ora a taça do velho syracusa
Não vale um copo de cerveja ingleza.
- 9 Filha da Escossia, e como a Escossia algente,
Não tens das bellas das regiões do sul
- 11 A graça feminina, o amor ardente;
- 12 E comtudo, se acaso o loiro Bull
Te leva, sinto alguém que de repente
Subtil me põe uma luneta azul!

Dedicatória. Bernardino Luís Machado Guimarães (*1851 †1944) foi companheiro de João Penha em Coimbra e, mais tarde, Presidente da República Portuguesa (1915-1917, 1925-1926).

7. Refere-se ao célebre Moscato di Siracusa, produzido pelos vinhedos sicilianos.

12. Enquanto personificação nacional da Grã-Bretanha, John Bull é comumente representado como um homem loiro e corpulento, envergando um colete com a Bandeira da União.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 8, 9, 10 e 14.

48

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 112-113.]

XIV
HONESTA!

A Alberto Telles

Foi rude, senhora, o choque,
Foi segura a punhalada!
Nem melhor vibrára o estoque
Um assassino de estrada!

5 Aborrecera-lhe a farça
6 Do casto amor das amantes,
7 E partiu, de côma esparsa,
Na choréa das bacchantes!

Eu já presentira a sorte
10 De uma vida sem bonança,
E lia, cheio de morte,
12 O *lasciate ogni speranza!*

Dedicatória. Alberto Teles de Utra Machado (*1840 †1924) foi um nome importante da geração literária responsável pela chamada Questão Coimbrã, em que João Penha tomou ainda parte.

8. No mito clássico, as Bacantes integravam o cortejo orgiástico de mulheres que prestavam culto a Baco, o deus do Vinho.

12. Alude-se à legenda disposta sobre a porta do Inferno, na *Commedia*, de Dante Alighieri (“Inferno”, Canto III, v. 9).

Vira nas dobras da stringe
Da vestal da ethérea chamma
15 A nodoa, que o vicio tinge
16 Da côr impura da lama!

E nesse penar immenso
18 Inda vivia nutante,
19 Como o naufrago suspenso
D'uma palha fluctuante!

21 Agora, nem vejo os traços
22 Do temporal desabrido:
Sómente me fere a espaços
O flébil som d'um gemido.

25 Foi como a visão das plagas,
Que o mar desenha na espuma:
27 A luta de imagens vágas
Que se dissolvem na bruma!

13. *Stringe* (ou *strigio*) era uma espécie de túnica, usada pelos Romanos.

14. Na Roma Antiga, as vestais eram virgens sacerdotizas que assistiam o Grande Pontífice no culto a Vesta, sendo responsáveis por manter aceso o fogo sagrado nos templos.

Este poema é composto por sete quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

49

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 114-116.]

XV
LAGRIMAS DE CROCODILO

A Luiz de Andrade

- 1 Não chores, Maria: o pranto,
2 Que turba teus olhos lindos,
Vae roubar á terra o encanto
Da visão dos céus infindos.

Poupa-me o resto da farça
Dos teus fingidos amores:
Nem tanto vale um comparsa
Do côro dos trovadores.

- Nessa fronte pensativa,
Nessa pagina tão bella,
11 Tens impressa a nódoa viva,
Que teus instinctos revela.

- És da raça dos abutres,
E vendo a rôla que parte,
Em teu animo só nutres
16 O desejo de vingar-te.

Dedicatória. O escritor luso-brasileiro Luís de Andrade (*1849 †1912) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores d' *A Folha*.

17 Nem tens outro pensamento;
E nesse empenho enlevada,
Finges o chôro violento
D'uma esposa abandonada.

Mas são debalde os esforços
Que em teu desespero abraças;
Que não creio nos remorsos
Das messalinas devassas.

25 Nem chores mais: esse pranto,
26 Que turba teus olhos lindos,
Vae roubar á terra o encanto
28 Da visão dos céus infindos;

29 Sólta essas tranças ao vento:
30 Nem por tão pouco entristeças;
31 Vê: lá passa um regimento,
32 O pachá de mil cabeças!

24. A terceira mulher do Imperador Cláudio, Valeria Messalina (*ca. 17 † 48), suportou, ao longo da História, a caluniosa reputação de devassa e *meretrix augusta*, baseada em grande parte nos relatos de Tácito e Suetônio.

32. Trata-se de uma referência ao conflito turco-russo de 1877-1878. Neste caso específico, alude metaforicamente aos exércitos liderados por Muhtar e Osman Pasha, cujas conquistas valeram a seus generais o título de *Ghazi* (i.e., *Vitoriosos*).

Este poema é composto por oito quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

50

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 117-119.]

XVI
TEMPESTADES

A Anthero de Quental

Pelas húmidas campinas
Corre o outomno amarelento:
O cerúleo espaço immenso
Tolda-o o nimbo pardacento;
E na frondífera parra,
E no recôndito asylo,
Já não descanta a cigarra,
Já não trina o alegre grilo.

Os troncos negros dos quercos,
10 Nús de folha e verdes copas,
11 São como espectros sinistros,
12 Envoltos em negras ópas;
E nas frestas das portadas,
E nos áridos maninhos
Uivam ríspidas lufadas.

Dias de túrbido aspecto!
Como vós, nas sombras luta
Quem viu n'um bárathro infecto
A flôr que amára impolluta.

Dedicatória. Embora mais adiantado nos estudos, Antero de Quental (*1842 †1891) cruzou-se ainda com João Penha em Coimbra, sendo mesmo um dos colaboradores d' *A Folha*.

Ha pouco o dia, a bonança,
 O azul da lúcida esfera;
 Agora a escura lembrança
 D'uma enganosa chimera;
 E nos páramos da aurora,
 Na longinqua soledade,
 A treva que sempre chora,
 A perpetua escuridade!

Triste de quem nos alvares
 Da primavera dos annos
 Sentiu no peito os agrôres
 31 De funestos desenganos!

32 Assim o bebedo passa
 Da beatitude á tristeza,
 34 Se poz aos labios a taça,
 Onde sonhára um falerno,
 36 E por diabolica graça
 37 Hauriu peçonhas do inferno!

38 Triste de quem nos alvares
 39 Da primavera dos annos
 Sentiu no peito os agrôres
 41 De funestos desenganos!

42 Então nesses paroxismos,
 A louca procella em furia,
 Ruindo pelos abysmos,
 Soluce a rouca lamuria
 Dos supremos cataclismos!

Que a tristeza se minora
 48 Nos embates da tormenta;
 Une a desgraça o que chora
 Ao que na dôr se lamenta!

35. Falerno é um vinho italiano de origens antigas, que aparece referido na literatura latina.

Este poema em redondilhas é composto por nove estrofes de versos heptassilábicos, privilegiando um esquema de rima cruzada.

51

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 120-122.]

XVII
ULTIMO ADEUS

A Eça de Queíroz

- Não venho, senhora minha,
2 Ao som d'um thrêno choroso,
Lembrar-lhe a historia mesquinha
D'um romance desditoso.
- 5 Foi-se o tempo das balladas,
E os Romeus de nossos dias
Não sabem das alvoradas,
Nem da voz das cotovias.
- O Mouro da tez adusta,
Quebrado o punhal sangrento,
Nem Desdémonas assusta,
12 Nem sólta canções ao vento;

Título. Sobre o contexto de composição que rodeou deste poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do poema n.º 1.

Dedicatória. Embora mais adiantado nos estudos, José Maria de Eça de Queirós (*1845 †1900) cruzou-se ainda com João Penha em Coimbra, onde foi seu íntimo companheiro de tertúlias e boémias. Vd. Arquivo documental I, no Aparato Crítico do fragmento II do texto n.º 729 (vol. IV, t. II).

6-8. Alude à tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (ca. 1597). Na célebre Cena 5 do Ato III, a cotovia, mensageira da manhã, separa os dois amantes, antes da partida de Romeu para Mântua. 9-12. Trata-se de uma referência à tragédia de William Shakespeare *Othello, the Moor of Venice* (ca. 1603). No Ato V, Otelo, convencendo-se do adultério de Desdémona, mata a esposa, mas acaba por se suicidar com um punhal, ao perceber mais tarde a injustiça cometida.

- 13 Que o deus das faces mimosas,
A loira creança imberbe,
- 15 Vive agora como as rosas
Da poesia de Malherbe.
- Eu quiz um sonho mais largo,
- 18 E no banquete da vida,
Deu-me a sorte um fel amargo
N'uma taça corrompida.
- 21 E quando, triste e sereno,
22 Me quiz erguer contra a sorte,
23 Já tinha na alma o veneno,
24 No sangue o germen da morte.
- 25 Mas, perdão! senhora minha:
Eu não venho em tom choroso
Lembrar-lhe a história mesquinha
D'um romance desditoso.
- Venho, enxutas as pupillas,
E confórme as etiquetas,
Depôr-lhe nas mãos tranquillias
Este ramo de violetas.
- 33 Por um beijo, a uma andaluza
34 O deu em paga um toireiro,
35 E d'esta origem confusa
36 Provém-lhe um fio agoireiro.
- Que bello na trança linda!
- 38 Que bem n'essa trança d'oiro!
39 Mas, hade enfeitar ainda...
40 As pontas curvas d'um toiro!

13-14. Alude-se, neste passo, a Cupido, o deus romano do Amor, habitualmente representado como uma criança alada.

16. Viver como ou ter a duração da rosa de Malherbe equivale a afirmar a brevidade ou efemeridade de algo. A locução remonta a uma poesia de François Malherbe (*1555 †1628), intitulada "Consolation à M. du Perier sur la mort de sa fille", na qual se lê a seguinte estrofe: "Mais elle était du monde où les plus belles choses/ Ont le pire destin;/ Et rose elle a vécu ce que vivent les roses,/ L' espace d'un matin".

Este poema é composto por dez quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

Onofre

52

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 125-129.]

I

- Deitado sob um plátano frondoso,
 2 Da Arcadia n'um recôncavo ignorado,
 Todo coberto d'um tapiz relvoso,
 4 E de múrmuras copas ensombrado,
 5 Eu vou cantar de um vate portentoso
 6 A vida estranha, o memoravel fado,
 7 Esperando que n'esta erguida empreza
 8 Me suppra o estro a natural rudeza.
- 9 E tu, a mais formosa das camênas,
 Thalía, oh casta musa hoje esquecida,
 Que o vôo ergueste ás regiões serenas,
 E que lá te demoras foragida!
- 13 Desce e inspira estas minhas cantilenas,
 Pois que a adorar-te vou passando a vida:
 15 Não te esquives ao teu enamorado,
 Dá-lhe um riso do labio nacarado.
- 17 Que sempre foste pura, corre fama,
 E por ella eu quebrára vinte lanças;
 Mas não perde a pureza, creio, a dama,
 Que deixa ver o pé nas leves danças;
- 21 No leito cerre o cortinado á cama,
 22 Mas não esconda em véus as loiras tranças:
 23 Eu até julgo que pouco soffre o pejo,
 Se os labios não furtar a um casto beijo.

10. Talia era uma das nove musas gregas, filhas de Zeus e Mnemósine. Presidia especialmente à comédia e à poesia ligeira.

25 Portanto, não me negues o sorriso
 Que ha pouco te pedi, musa divina;
 Vê como corre múrmuro o Pamyso
 Por entre as verdes junças da campina;
 Zune a abelha nas folhas do cytiso,
 Exhala aromas a vernal bonina;
 Tudo convida a cantos graciosos
 Nos páramos aónios deleitosos.

Mas vou por estes sitios transviado,
 34 Perdi-me n'uma senda verdejante:
 35 Não é por ti, oh musa, que inspirado
 Deve ser o meu canto estrepitante;
 É d'essa, tua irmã, que no tablado
 Põe a tragica scena horripilante,
 39 Que eu hoje imploro a inspiração ardente,
 Que ao pranto mova a illacrymavel gente.

Onofre, o meu heroe, viera ao mundo
 Marcado para insólitos destinos;
 No âmago do cerebro profundo
 Ferviam-lhe éstos de Amphiões, de Linos.
 Os que o viam passar meditabundo,
 46 Fitos no vago os olhos sybillinos,
 47 Na postura ficavam de quem pasma
 48 Em face de noctívago phantasma.

27. Na Antiguidade Clássica, o Pamisos era conhecido como o rio mais caudaloso do Peloponeso.

37. Alude-se aqui a Melpómene, a musa da tragédia, que, como Talia, era uma das nove filhas de Zeus e Mnemósine.

44. Lino e Anfão correspondem a dois dos poetas míticos da Antiguidade Clássica, anteriores a Homero. O primeiro introduziu na Grécia os cantos melancólicos da Ásia, enquanto o segundo está geralmente associado à poesia dórica.

Às horas em que o môcho esvoaça em tórno
 De velhos torreões e cemiterios,
 Se o relampago, ao sopro do bochôrno,
 Illuminava os côncavos aérios,
 Envolto n'um lençol, funéreo adôrno,
 E caminhando a passo de mysterios,
 55 Eil-o surdia, a furto, de uma esquina,
 E lá se ia nas trevas da neblina.

Outras vezes, na tasca, vinolento,
 Os versos que fizera recitava,
 Ficando desde logo somnolento
 Aquelle que a escutal-os se arriscava.
 61 Erguia nelles o suicidio lento
 A que o genio, bebendo, se entregava,
 E, citando Espronceda com Musset,
 Longas taças bebia d'agua-pé.

Onofre, como tantos, era filho
 66 Do cantor do *Corsario* e do *Manfrêdo*,
 67 E querendo-o seguir no mesmo trilho,
 Poemas dava á luz de triste enrêdo,
 69 Em que fazia ouvir, como estribillo,
 70 Os córos pavorosos do bruxêdo,
 71 Arripios causando e susto ás gentes,
 Que os escutavam a ranger os dentes.

62. Refere-se a dois expoentes do romantismo europeu: o poeta espanhol José de Espronceda (*1808 †1842) e o francês Alfred de Musset (*1810 †1857).

66. Trata-se de uma referência a dois dos mais célebres dramas românticos, assinados por Lord Byron (*1788 †1824).

73 A lua, diz um sabio meu vizinho,
 74 Traz influxos á terra nímio infestos:
 75 Faz correr na planicie o torvelinho,
 76 Arroja o mar á praia, accêso em éstos.
 77 Nas polpas cerebraes, bem como o vinho,
 78 Desarranjos produz e tão molestos,
 79 Que a subsistencia dos modernos vates
 80 Não maravilha mais que a dos orates.

Não metto á discussão tão largo thema,
 82 Que o meu sabio é sagaz na dialectica;
 Além d'isso, no entrecho d'um poema,
 Que tem por fim a commoção pathetica,
 Quem não seguir o classico systema,
 Fincando-se nas regras d'uma esthetica,
 Um trabalho produz na essencia lêrdo,
 88 E a fama alcança de versista esquerdo.

E é tão certo, que a musa auri-comada,
 90 Que descêra a inspirar-me estes cantares,
 Vendo o rumo que levo, eil-a amuada
 Que parte, e que se esvae no azul dos ares!
 93 Deixando-me na róta começada
 94 Entre recifes de ignorados mares,
 Aqui o ferro lanço, mal seguro,
 96 Que é facil naufragar sem palinuro.

96. Nos mitos clássicos, Palinuro era o timoneiro do navio de Eneias, conforme narrado por Vergílio, n' *A Eneida*.

À semelhança da epopeia clássica, este poema é composto em oitavas reais, obedecendo ao esquema rimático ABABABCC. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 6, 8, 11, 14, 21, 30, 39, 40, 44, 61, 72, 79, 84, 88 e 94.

23. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinalefa em *Eu até*.

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 130-134.]

II

Que tenebroso dia! a chuva em furia
 2 Estala nas vidraças gotejantes;
 3 O vento, em rouca e fúnebre lamuria,
 Passa, e lá vae aos pinheiraes distantes;
 5 A veia do remanso, hontem murmúrea,
 6 Muge e estende-se em vagas espumantes;
 Não deixa o rouxinol o plumeo ninho,
 Pedem velhos calor ao lume e ao vinho.

 9 Adeus, portanto, oh bosques rumorosos,
 Das nove irmãs canoras frequentados!
 Confrangido entre muros salitrosos,
 12 E envôlto em longos mantos estofados,
 Meus cantos soltarei, não sonorosos,
 14 Que não podem por vós ser inspirados:
 15 Não me acurva a tal ponto o meu lyrismo,
 16 Que por elle me exponha ao rheumatismo.

 E sem mais digressões, sem mais recamos,
 18 Deixando sendas por mais ampla estrada,
 Deliciosa leitora, prosigamos
 20 No contexto da scena começada.
 21 Porém soffra, primeiro, que estes ramos,
 22 Que nos prados colhi de madrugada,
 Lh'os ponha no açafate dos bordados,
 Que assim o manda a lei dos namorados.

10. Alude-se aqui às nove musas gregas, filhas de Zeus e Mnemósine, que, segundo o mito clássico, habitavam os bosques sagrados do monte Hélicon, na Beócia.

Tinha Onofre uma prima, a doce Amalia,
 Alma ethérea n'um corpo escultural,
 27 Elegante e formosa como a dahlia
 28 Que ergue a corolla ao rócio matinal.
 Da brancura do marmore de Italia,
 30 Sem a luz de seus olhos de mortal,
 31 Pela estatua de um mestre passaria,
 32 Pela Venus da grega idolatria.

33 De reflexos doirados, a ampla côma
 Em cachos o semblante lhe adornava;
 35 Os seus olhos do azul do céu de Roma
 36 Occultavam no fundo ardente lava;
 Da bôca purpurina o suave aroma
 As fallas que dizia perfumava;
 39 E até no brando leito adormecida
 40 Sorria, em castos sonhos embebida.

Ora um pallido moço, que defronte
 42 Morava, e não sahia da janella,
 Inspirára (não sei como isto conte,
 44 Que é grande o quadro para exigua tela)
 Um puro e ardente amor á pomba insonte,
 46 Que o viu captivo dos encantos d'ella;
 E, sedentos, na mesma taça o gôzo
 48 Já prelibavam de um porvir ditoso.

49 Altas horas, Arthur, o doce amante,
 No jardim dos vizinhos penetrava
 Por escada, que ás grades do mirante
 Amalia com mão trémula amarrava.
 Que arrolhar de pombinhos anhelante!
 Que beijos prolongados não trocava,
 Tempo esquecido, o par enamorado,
 56 Só da lua serena contemplado!

57 Leitora, na ridente primavera,
 Quando á vida abre o calix a bonina,
 Quantas vezes nos bosques de Cythéra
 Não fez o mesmo que a gentil menina!
 61 Não olhe pois, com face tão severa,
 62 Os arroubos da candida heroína,
 Que no furor da natureza em luta,
 Ficava Arthur vencido, ella impolluta.

Ora Onofre (é já tempo que da intriga
 66 Eu junte os laços e componha a trama)
 Vendo os heroes da narração antiga
 68 Fazer proezas por formosa dama,
 69 Para que exemplos de tal nome siga,
 70 E alcance de um Romeu a eterna fama,
 71 Decidiu no profundo do intellecto
 Votar á prima o arrebatado affecto.

59. Citera é uma ilha grega consagrada a Afrodite, a deusa do amor, que por esse motivo é também conhecida como Citereia.

70. Romeu é o herói amoroso da tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (1597).

- 73 Portanto, n'uma tarde, ás horas quando
 O sol afogueiado aos montes desce,
 E nas frondes se acolhe o alado bando,
 Deixado o greiro da espigada messe;
- 77 Aos pés de Amalia que, sorrindo brando,
 Um ramo de boninas colhe e tece,
 Cahindo de repente, em desalinho,
 «Amo-te!» brada, tresandando a vinho.

- Tal como o passarinho colorido
 Ao ninho o vôo arranca apressurado,
 Ouvindo perto o grito conhecido
 Dos abutres de bico ensanguentado;
 Tal a pallida moça, apercebido
 O vate sobre a relva prosternado,
 A correr parte, desprendida a trança,
- 88 E só, longe d'ali, pára e descansa.

- Ergue-se o bardo, e, na postura antiga
 Do Laocoonte que a serpente enlaça,
 Arcado o peito na medonha briga,
 O labio roxo, a luz dos olhos baça,
 Tal berro sólta, que ao silencio obriga
- 94 As rãs coaxantes da marmórea taça;
 95 E, qual rompe no campo um torvelim,
 Rápido foge do fatal jardim.

90. Alude-se, neste passo, ao mito de Laocoonte, plasticamente representado na escultura de Agesandro, Polidoro e Atenodoro (à guarda dos museus do Vaticano). Nela se representa o sacrifício do sacerdote troiano e seus dois filhos, no momento em que são atacados por duas serpentes monstruosas, enviadas por Atena.

À semelhança da epopeia clássica, este poema é composto em oitavas reais, obedecendo ao esquema rimático ABABABCC. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 18, 44, 46, 48, 60, 63, 66, 67, 68, 69, 72, 76, 77, 80, 87, 89, 90, 91, 93, 94 e 96, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 92.

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 135-139.]

III

D'este copo de vinho generoso
 2 Dae-me que eu tire o alento que desejo,
 Para que o novo canto, sonoro,
 4 Desfira na guitarra em doce arpejo;
 E já que estou devéras amoroso,
 Aproveito apressado um tal ensejo
 Para erguer á leitora, que me escuta,
 8 Um brinde que me deixe a taça enxuta.

Tres dias cogitou, accêso em ira,
 10 Na traça de vingar-se o triste bardo,
 Ora convulso, qual judeu na pyra,
 Ora o quarto medindo a passo tardo.
 Assim, na taba esqualida o caipyra,
 Percusso o peito de inimigo dardo,
 Ora em cólera os membros desconjunta,
 Ora placido o golpe lava e unta.

Cançado, á quarta noite, de pensar,
 Movido por contrarios pensamentos,
 Como navio em procelloso mar
 20 Entre escarceus e enfurecidos ventos,
 Ás horas em que as sombras o luar
 Alonga nos desertos pavimentos,
 23 Pelas ruas se lança escandecido,
 24 Soltando a espaços guttural rugido.

- Quiz o fado levar-lhe o passo errante
 Para os sitios da sua desventura,
 27 Ás horas em que Amalia, palpitante,
 28 Dava aos labios de Arthur a face pura.
 N'um marco, do jardim pouco distante,
 Onde um muro lançava a sombra escura,
 31 Foi postar-se por fim, quêdo e sombrio
 32 Como velho reptil no inverno frio.
- 33 De repente um murmúrio receoso
 De beijos e de vozes abafadas
 35 Fez surgir do lethargo doloroso
 O cantor das horrificas balladas,
 Que estendendo, espantado, o corpo ossoso
 Na direcção das fallas arroubadas,
 Na postura ficou do antigo esphynges,
 40 Como na tela o desenhista o finge.
- 41 Até que vendo um homem que descia
 Por escada pendente na muralha,
 43 Assim como á carocha luzidia,
 44 De bico aberto, se arremessa a gralha;
 45 Ou tal como ao viajor na esconsa via
 46 O bandido, que puxa da navalha,
 47 Tal se arremessa ao brando Arthur, de chofre
 O desenhado e furibundo Onofre.

32. Note-se a realização oxitona em *reptil*.

E com voz que retumba nos recantos:
 «Tu foste polluir (diz insofrido)
 51 Uma familia honrada, manes santos,
 52 Aquella a quem votei amor ardido.
 53 Abusaste dos intimos quebrantos
 54 De um peito casto, de paixões despido:
 55 Has de morder o pó, D. João Tenorio,
 56 Nem mais rirás do trovador simplorio!

57 «Ouve, pois: amanhã, á luz da lua,
 58 Quando nas torres meia-noite dér,
 59 Aqui nos bateremos n'èsta rua
 60 Cada qual com as armas que tiver.
 61 A minha vida acabe, ou pague a tua
 62 A honra d'essa lúbrica mulher,
 63 Ficando assim n'um bárathro sepulto
 64 O segredo do approbrio e mais o insulto!»

E dizendo esta longa lenga-lenga,
 Que lêra n'um romance de Féval,
 Lá parte o vingador da solarenga,
 68 Erguida a frente, e o passo theatral.
 69 Ouvindo aquella falla bordalenga,
 Declamada em tom cavo e sepulcral,
 Ficou-se Arthur inerte e estupefacto,
 Deixando ir em socego o mentecapto.

51. Na Roma Antiga, os Manes (ou almas dos antepassados mortos) eram objeto de culto nas *parentalia*.
 55. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.
 66. O escritor francês Paul Féval (*1816 †1887) foi um dos mais populares folhetinistas da altura.

- 73 Mas temendo que o lance inesperado
 Não soterrasse Amalia no mirante,
 75 Precípitate se lança, arrebatado,
 Pela escada, que pende vacillante.
 77 Tal como branca pomba, a quem varado
 O peito foi por caçador errante,
 Assim no mármore frio esmorecida
 80 Cahira a virgem, de terror vencida.
- 81 Mas em breve, com beijos fervorosos,
 82 Á vida a chama Arthur. – «Não temas, filha,
 83 (Diz animando-a) os impetos fogosos,
 84 As ameaças do poeta mancenilha.
 85 Não me peças com olhos lacrimosos
 86 Que falte ao prélio: esse pedido humilha.
 87 Quero que vejas, de um logar occulto,
 88 N’um lastimoso transe o bardo estulto.»

Ouvindo este dizer do lindo amante,
 Sorriu-se entristecida a desgraçada,
 Que deixava no livido semblante
 92 Ver a luta em seu animo travada.
 93 Mas como já das partes do levante
 94 Alvorecesse a luz da madrugada,
 Como os amantes da tragédia inglesa,
 96 O adeus disseram de lethal tristeza.

93-96. Alude-se aqui à tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (1597). Na Cena 5 do Ato III, os dois amantes são separados pela chegada da cotovia, mensageira da manhã.

Este poema, composto em oitavas reais, obedece ao esquema rimático ABABABCC. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 11, 14, 19, 20, 24, 40, 44, 48, 54, 56, 58, 78, 80, 86, 87, 95 e 96.

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 140-144.]

IV

Eis-me chegado ao transe lamentoso,
 2 Ao quadro mais sombrio deste conto.
 3 A leitora, num pranto doloroso,
 Mal chegará ao derradeiro ponto!
 Entanto ao Helicónio harmonioso
 Sobre o alígero Pégaso remonto,
 7 Seguindo a prisca usança, que a moderna
 8 A Pindos antepõe qualquer taberna.

Batêra n'um distante campanario
 10 Ha muito meia-noite, hora fatal
 11 Em que o vampiro, envolto no sudario,
 Deixa funesto o leito sepulcral,
 13 Quando á esquina do bêco solitario,
 14 Assomou, como em drama theatral,
 Um vulto assustador, que do negrume
 Despedia clarões, qual vagalume.

5. Refere-se ao monte Hélicon (na Beócia), onde, de acordo com algumas fontes clássicas, habitavam as Musas apolíneas.

6. Pégaso é o cavalo alado cujo coice, segundo o mito grego, fez brotar no monte Hélicon a fonte inspiradora de Hipocrene.

8. O Pindo é uma cadeia montanhosa grega que separa o Epiro da Tessália, e onde algumas fontes clássicas situavam a morada de Apolo e suas Musas. Segundo outras versões, no entanto, o deus da poesia habitaria o monte Parnaso (situado na Fócida, perto de Delfos) e as musas ocupariam o monte Hélicon.

- 17 Era Onofre, eil-o ahi! Como na tela
Pintar o bardo na armadura antiga
- 19 Com que espantados, o rival e a bella,
Surgir o viram, preparado á briga!
- 21 Um êlmo sem viseira; uma rodella;
22 Um velho corsolete; uma loriga;
Escarcellas nas coxas; joelheiras;
- 24 Umás grêvas de ferro ou caneleiras;
- 25 Na dextra, que a manopla enferrujada
26 Recobre, afivelando-se ao braçal,
27 Uma vetusta e carcomida espada,
28 Nas dimensões á de Rolando equal:
29 Acha d'armas, ás costas pendurada,
30 E no sovaco um luzidor punhal,
31 O exterior lhe davam, triste e ardêgo,
32 De D. Quixote, o campeador manchêgo.
- 33 Offegante do riso, que a figura
De Onofre lhe causára, o prélio enceta
Arthur, que desde logo só procura
- 36 Rir-se á custa do mísero pateta.
Esperava, na treva densa e escura,
38 Quando o vate rompesse em linha recta,
39 Falsear-lhe o impulso, e arremessando-o a terra,
40 Dar fim, com pontapés, á scena e á guerra.

28. Rolando, Conde de Bretanha, é um herói do ciclo carolíngio, que povoa o imaginário medieval desde a célebre *Chanson de Roland*. Aparelhado com sua espada inquebrantável (Durindana), liderou a guarda real de Carlos Magno, constituída pelos Doze Pares de França.

32. Alude-se aqui ao protagonista de *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* (1605-1615), de Miguel de Cervantes Saavedra (*1547 †1616).

41 Mas a sorte fatal tinha ordenado
 42 Que da luta fosse outro o seguimento;
 43 Na ocasião, em que Arthur, fugindo ao lado,
 Dava principio ao resolvido intento,
 45 Onofre que, de braço retezado
 Tinha a espada estendida, pouco attento,
 47 Tropeça, e ao cahir o peito vara
 Ao mísero, que perde a vida cara.

49 Aos gritos lancinantes da mesquinha,
 50 Da miseranda amante espavorida,
 51 Corre em tropel a guarnição vizinha,
 52 Hoste, na paz, feroz e destemida.
 53 O chefe, arranca o alfange da bainha,
 54 E sus! bradando aos seus, prende o homicida,
 55 Que o acompanha, em lethargica modôrra,
 Aos antros d'uma lóbrega masmorra.

Na tua dôr, Amalia, ai! poucos dias
 Sobreviveste áquelle que adoravas!
 59 Os labios, com que alegre lhe sorrias;
 60 Os olhos, com que os olhos, lhe inflammavas,
 Os cabellos de seda, em que prendias
 As rosas, que depois no adeus lhe davas,
 Em breve os recobriu a terra dura,
 Lyrio esfolhado em turva noite escura!

O vôo ergueste á região superna,
 Niobe em prantos nas desertas praias!
 Nos braços do consorte a paz eterna
 68 Gozas ditosa n'um jardim sem raias!
 69 Feliz! – Embora á geração moderna,
 70 Que adora o vicio e a sordidez nas saias,
 71 Vás provocar a gargalhada franca
 72 Que um amor puro do seu ventre arranca!

65. Segundo o mito grego, Niobe era uma heroína tebana cujos filhos pereceram à ira de Leto. Perante a dor insuperável da perda, os deuses decidiram metamorfoseá-la em rocha e suas lágrimas numa nascente de águas.

- Na acusação do crime truculento
 74 Pôde fugir Onofre ao cadafalso,
 75 Graças á ideia e claro entendimento
 76 De um orador, faminto do percalço:
 Por mentecapto ao jury somnolento,
 E era verdade o que julgava falso,
 O fez passar n'uma oração profunda,
 Que o vate lhe escrevêra em lingua bunda.
- 81 N'um hospital de doudos clausurado,
 Os dias foi passando da existencia,
 83 Tendo sido por fim alevantado
 84 Rei supremo das turbas em demencia,
 Já velho, cheio de honras, laureado,
 Vencido por maléfica excrescencia,
 87 Pio, exhalou o derradeiro alento
 88 Nos abysmos do eterno firmamento.
- 89 Tal foi de Onofre o memoravel drama
 Que em frouxos versos estampeí na tela;
 A heroe tão grande, nome eterno e fama
 92 Dera um cantor de voz vibrante e bella.
 93 Se eu porém conseguir de certa dama,
 94 Em paga d'este conto, um riso d'ella,
 95 Contente ficarei, que por tal paga
 96 Petrarcha dera a lyra; o amor Gonzaga.

96. Referem-se aqui dois poetas emblemáticos na lírica ocidental: Francesco Petrarca (*1304 †1374) e Tomás António Gonzaga (*1744 †1810).

Este poema, composto em oitavas reais, obedece ao esquema rimático ABABABCC. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 18, 19, 20, 27, 28, 30, 32, 39, 44, 51, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 78, 79, 87, 89, 90e 92, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 91.

Lyra de Pangloss

53

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 147-148.]

I

A UM RENEGADO

(Guilherme de Azevedo)

Vate, que odeias as brizas!
 Não ceifes na seára alheia:
 Já que sofraldas a Idéa,
 Não requestes Cidalisas.

Prosa e verso têm balizas:
 Tu na prosa és de mão cheia;
 Explora portanto a veia
 8 D'essas coisas que nos guisas.

Deixa-me o velho Collares,
 10 As brancas musas sem tosse,
 11 E o paio dos meus cantares:

12 Respeita-me a lyra e a posse
 D'estes assumptos vulgares:
 Respeito ao doutor Pangloss!

Dedicatória. Jornalista e autor ligado à Geração de 70, Guilherme Avelino Chave de Azevedo (*1839 †1882) foi um dos representantes em Portugal da poesia realista e social, a que o título inicialmente aludia. É ainda autor do soneto que esteve na origem desta réplica. Vd. Aparato Crítico.

4. Cidalisa é, neste contexto, um nome arcádico.

11. Alude-se aqui ao vinho produzido na região de Colares, à serra de Sintra.

14. Doutor Pangloss, professor de Otimismo Leibniziano (ou “Métaphysico-théologo-cosmolonigologie”), é uma personagem da sátira *Candide ou l'Optimisme* (1759), de Voltaire.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 149-150.]

II
A UMA RABEQUISTA

- 1 Que bellas sensações, que brando anceio
2 Produzes na platea enthusiamada,
3 Quando te mostras, do tablado em meio,
4 Mulher, graciosa; e artista, sublimada!
- 5 Eu dera um litro do meu sangue azul,
6 (Oh meus avós, não fulmineis o hereje!)
7 Só por beijar-te, no chapim taful,
8 O pequenino pé, que orchestras rege!
- Mas se vibras a corda gemedôra
10 Do violim, que um Apollo te afinára,
Não amâmos a dama encantadora,
Amâmos o talento, a artista rara.
- 13 Dá-nos um riso, mostra-nos a aurora;
14 Não somos os Romeus e tu a Julia:
15 Somos o sapo vil, que absorto adora
O sol que espande na amplidão cerúlea.

Título. Refere-se à bela violinista italiana Catharina Lebouys. A este propósito, vd. os comentários de Alberto Pimentel (no *Aparato Crítico*) e de Eça de Queirós (no *Arquivo documental I* do n.º 724).

10. Nos mitos greco-romanos, Apolo era o deus da música e da poesia, sendo geralmente representado com uma cítara ou lira entre as mãos.

14. Alude-se aqui aos heróis amorosos da tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (1597).

Este poema é composto por quatro quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 5, 6, 7 e 16.

55

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 151-152.]

II POBRE MONARCHA

A Theophilo Braga

Nos bons tempos da fé, das crenças pias,
 Tu que fôras ungido pelo Eterno,
 Em loucas bacchanaes, Cesar moderno,
 4 Feliz passavas da existencia os dias.

Hoje choras o tempo das orgias,
 E repelles a taça do falerno!
 7 É que ouves perto as legiões do inferno,
 Os sangrentos chacaes das monarchias.

E tremes ante a plebe outróra escrava,
 Ante essa arraia vil das classes nuas,
 Que ao mundo velho a sepultura caval!

Oh rei! n'um tórvo pélagos fluctuas...
 Que destino cruel! Bem te bastava
 O triste mal das hemorrhoidas tuas!

Dedicatória. Embora mais adiantado nos estudos, Joaquim Teófilo Fernandes Braga (*1843 †1924) cruzou-se com João Penha em Coimbra, sendo mesmo um dos colaboradores d' *A Folha*.

3. César (ou *Caesar*) era o título imperial adotado na Roma Antiga, em referência ao cognome do consul Caius Julius Caesar (*100 †44 a.C.).

5. Falerno é um vinho italiano de origens antigas, que aparece referido na literatura latina.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 7, 11 e 14.

56

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 153-154.]

IV
A UMA LOIRA DE DEZ ANNOS

Que face peregrina!
Que mimo e que frescura!
Tu és a miniatura
Da candida Rosina.

A deusa clandestina,
A mãe da formosura,
7 Não era assim tão pura,
Quando era pequenina.

Serás absintho ardente
Nos labios da poesia,
E lava incandescente!

12 Hoje, porém, Maria,
Nos meus tu és somente...
Um copo d'água fria.

5-6. Alude-se aqui a Afrodite, e deusa grega da Beleza e do Amor, que manteve uma relação adúltera com Ares, sendo por isso exposta perante os deuses do Olimpo.

A rima deste sonetinho, composto em hexassílabos, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 155-156.]

V
A AGUIA E O CORVO

- 1 O corvo é palrador, mórmente quando
Ebrio de sangue impuro e de immundicias,
Digére com delicias
O repasto nefando.

Um dia, que subira, a muito custo,
A ramagem d'um plátano robusto,
Que se baloiça ao vento,
Uma aguia viu, que ao rez das mansas aguas
Procurava no concavo das fraguas
Dos filhos o sustento.

Sorriu-se ao ver-se em tal postura o crasso,
E medindo o talento a braça e a metro,
Eis que julga brandir na pata o sceptro
Da rainha do espaço.

E assim lhe falla em sua voz proterva:
«Tu, que julgaste dominar-me um dia,
Has de viver agora, humilde e serva,
Sob o imperio da minha tyrannia.»

- 19 Sorriu-se a aguia ouvindo-o, e n'um momento
Remontando ás alturas, sobre o estulto
Deixa cahir um jacto de excremento;
E d'est'arte vingando o parvo insulto,
Foi demandando o azul do firmamento.

Este poema obedece ao ritmo da silva, combinando decassílabos e versos hexassilábicos, de acordo com um esquema rimático variável.

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 157-158.]

VI
VÃO-SE OS DEUSES

A Camillo Castello Branco

- O velho Satanaz da lenda obscura,
O deus onnipotente do peccado,
Foi-se ha muito da terra, aniquilado
4 Pelas affrontas d'uma sorte escura.
- 5 Já moribundo e triste, o sem ventura
6 Inda na bóssa d'um camêlo aguado
De cidade em cidade era mostrado
8 Á arraia ignobil que histriões procura.
- 9 E nem sequer um fúnebre «aqui jaz»
10 Hoje assignala, em monumento erguido,
As reliquias do pobre Satanaz!
- 12 Até contam que um sabio, muito lido,
13 Encontrando-lhe a ossada, em these audaz
14 Demonstrou que era o fossil... d'um marido!

Dedicatória. Camilo Castello Branco (*1825 †1890) foi colaborador de João Penha, n' *A Folha*.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 6, 8 e 10.

59

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 159-163.]

VII
ANTIQUALHA DE L. DE VEGA
A pulga

1 Espirito lascivo;
2 Mais, que amor, temerario e aventureiro;
3 Subtil átomo vivo:
4 No picar e na côr mostrada em greiro:
 Detem-te em qualquer parte,
6 Que, se saltas, não posso retratar-te!

 Como a noite defende
Teus dias contra dedos sem piedade,
9 Não fujas, leve duende,
Que em teus golpes, subtis por falsidade,
 Como os ciumes feres,
Que picas e te vaes por onde queres.

 Lá nessa zona adusta
O selvagem respeita a formosura,
15 (Que a formosura assusta);
Mas tu, cruel, inexoravel, dura,
17 Mais que turcas espadas
18 Campos de aljôfar cólmas de granadas.

Título. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota de rodapé com que João Penha fez acompanhar a versão publicada n' *A Folha*.

Oh ponto indivisível
 Da gran circumferencia de teu dôno!
 Arador invisível,
 Homicida frenética do somno,
 23 Que, se te vês culpada,
 Vaes ganhando a fronteira desejada,

Que magestade acatas?
 Que bella não assustas? que clausura
 27 Que te não visse as patas?
 Que solio, que modestia, que bravura
 Não assaltas, não manchas?
 Julgam-te prêsa, e eis-te nas ensanchas!

Corrido, um elephante
 32 Á pulga disse: – «Oh grande natureza!
 Ha quem de mim se espante!
 De que me serve, dize, esta grandeza,
 Se durmo nas montanhas,
 E tu nas mais esplendidas bretanhas!

«Eu de herva me sustento,
 E tu de sangue humano, alegre vinho:
 Em terra, em mar, em vento
 Vive todo o animal, só tu no arminho,
 D'onde espreitas e notas
 42 Do orbe terrestre as coisas mais ignotas!»

Teve o animal criterio,
 Pois nunca viu Colombo (comparando)
 Num e n'outro hemispherio;
 Inda mesmo que andasse navegando
 Na magna hydrographia,
 Que percorres com larga phantasia.

44. Cristóvão Colombo (*ca.1451 †1506) foi o navegador de origem genovesa que descobriu o continente americano, ao serviço dos Reis Católicos.

49 Se a penna, em breves traços,
 50 Te descreve a opulencia, – em nossos dias
 Que monarcha em seus paços
 Divaga em mais extensas galerias?
 Mas por justiça corres
 Extremos lúgubres: torcida morres.

 Proeza foi de Alcides
 As harpias frechar com mão valente;
 Tu, pulga, que resides
 58 No objecto do meu desejo ardente,
 Não vás onde atrevida
 Te roubem frechas de jasmins a vida!

 Porém, pimenta viva,
 Que surgiste das partes do Levante;
 Pertinaz fugitiva,
 64 Que tens a luz por beleguim constante;
 65 Vêspa, que sem temores,
 Ociosa vagas entre o mel das flores;

 Que jocunda vingança
 O encontrar-te no roubo, e com transporte
 69 Torcer-te a leve pança,
 Para que expires da aprazível morte
 D'aquelles namorados
 Que expiram retorcidos e esgotados!

 Não andes sobre lizes
 74 Pondo em neve purissima lunares;
 Vê que pulga te dizes
 Porque sóhes acabar entre pulgares,
 Muito embora algum dia
 Subjugasses de heroes a valentia!

55-56. Alude-se ao sexto trabalho de Hércules (também conhecido pelo patronímico Alcides), imposto por Erísteu. À semelhança de Camões (no Canto IV d'Os *Lusíadas*), designam-se aqui as aves do lago Estínfalo por Harpias.

79 Que nescio portentoso,
80 Das fabulas não foi no tempo d'ouro,
81 O deus libidinoso,
82 Transformando-se em chuva, em cysne, em toiro,
 Pois se em ti se mudasse,
 Que lynces não burlara face a face!

85 Cecilia está zangada,
 Porque te fazes caçador sem medo
 Onde a caça é vedada:
88 Livra-te, pulga, do punhal d'um dedo!
 Mas oxalá que eu fosse
 Quem se morrera em condição tão doce!

 Pulga, a nós ambos falta
92 A ti meu ser humano, a mim teu fado:
93 Pica, repica, salta;
94 E se temes um fim desventurado,
 Troquemos neste ensejo:
96 Eu serei pulga; tu serás desejo.

81-82. Evocam-se algumas das paixões de Zeus. Segundo o mito grego, o pai dos deuses metamorfoseou-se em chuva de ouro (para possuir Dánae), em cisne (para seduzir Leda) e em touro (para raptar Europa).

Este poema obedece ao ritmo da silva, combinando decassílabos e versos hexassilábicos. Cada estrofe apresenta um esquema rimático ABABCC.

60

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 164-165.]

VIII CANÇÃO DE BOHEMIOS

- 1 Oh vós, que do canto sois velhos freguezes,
Ouvi d'estas lyras o mélico emprego!
Nós somos as gêmas, os bifes inglezes,
Os paios das filhas do claro Mondêgo.

Sorri-nos a vida nos cálices cheios
Dos roixos falernos das parras da Beira;
Sorri-nos a Céres dos tímidos seios;
Sorri-nos dos bosques a Venus ligeira.

- 9 Nos méstos papyros da sciencia moderna
A droga se encontra que ao somno convida;
11 Queimêmo-los todos, que só na taberna
Os livros se encontram da sciencia da vida.

- Ao vento os cabellos! por montes e valles
Corramos no passo das gregas chorêas!
15 Bacchantes das praças, vibrae os cymbales!
Abri-nos as portas, gentis Galathêas!

Título. Sobre o contexto de composição que rodeou este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

6. Alude aos célebres vinhos produzidos na região italiana de Falerno (na Campânia).

7. Na Roma Antiga, Ceres era a deusa da Terra e da Fertilidade.

8. Vénus era a deusa romana do Amor.

13. No mito clássico, as Bacantes integravam o cortejo orgiástico de mulheres que prestavam culto a Baco, o deus do Vinho.

14. Galateia é uma das Nereides, também conhecida como a amada do Ciclope Polifemo.

A rima deste poema obedece ao esquema clássico do soneto: ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Todos os versos são bipentassílabos com cesura átona.

61

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 166-167.]

IX
SCENA DE TABERNA

A Guimarães Fonseca

- Vêde-os, além, no esconso, á luz mortiça
Do velho lampadario que vacilla!
- 3 No labio têm o insulto, e na pupilla
O raio ardente que as paixões atiça.
- Vêde-os, que são rivaes! Fatal cubiça
Violenta os arrancou á paz tranquilla,
E no rude brigar, que os aniquila,
Já tingem de vermelho o chão e a liça!
- 9 – «Acima o cangirão!» – com voz accêsa
Diz o mais fero na tremenda luta,
- 11 «Acima!» – e pousa-o enxuto sobre a mesa.
- Mas, vendo sossobrar a massa bruta
Do insolente rival, dos vinhos prêsa:
- 14 – «Venci! diz vomitando; é minha a truta!»

Dedicatória. Formado também em Direito, Francisco Fernandes Guimarães Fonseca (*1838) cruzou-se com João Penha em Coimbra, antes de uma curta estadia no Brasil. Foi colaborador assíduo dos jornais da época, tendo mesmo publicado alguns opúsculos e livros de poesia.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4 e 10.

62

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 168-169.]

X
CONSOLAÇÃO

A um poeta lyrico

Não succumbas assim. Á noite escura
Succede a luz da aurora e o sol radioso:
Suspende as magoas do violão choroso,
O lamento dos tristes sem ventura.

5 Limpa as fezes do calix da amargura,
6 E, com vinhos d'um pâmpano gostoso,
7 Ergue um brinde ao amante venturoso
Da mulher que adoravas com loucura.

9 Nem outra vez me digas que no mundo,
10 Ou na voragem das perdidas gentes,
Não ha soffrer maior, nem mais profundo.

A terra é o grande val dos descontentes!
13 Oh! se tu visses n'um festim jocundo
14 A magua d'um gastrónomo... sem dentes!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 10 e 13.

63

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 170-171.]

XI
O PHANTASMA

A um doutor Pedro

- E vimos uma fôrma horrenda e bruta
2 Surgir do lôdo vil com gesto iroso,
3 Como outróra, no cabo Tormentoso,
O velho Adamastor da barba hirsuta.
- 5 – «Quem és tu? eu lhe disse. – Bardo, escuta,
(Bramiu com voz ingente e desdenhoso)
7 Eu sou no espaço infindo e luminoso
8 O verbo ideal da estupidez corrupta.
- «Na terra sou Penêdo; e o mar violento,
10 O mar das sciencias vãs da humanidade,
11 Já quiz vencer-me, e foi baldado o intento!»
- Disse. E ouvimos n'aquella obscuridade
O cantico d'um tremulo jumento:
– Era o preito da terra á Immensidade!

Dedicatória. Trata-se do Doutor Pedro Augusto Monteiro Castelo-Branco (*1822 †1903), lente de História e Princípios Gerais de Direito Português, na Universidade de Coimbra, onde era conhecido pelo apodo Pedro Penedo da Rocha Calhau (vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico).

3-4. Alude-se ao mítico gigante, celebrado por Luís de Camões no Canto V d' *Os Lusíadas*, como o colosso que assolava o Cabo das Tormentas.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8 e 11.

64

[*Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 172-173.]

XII
A ALMA E O CORPO

A Gonçalves Crespo

Aquelle meu espirito opulento,
Que vivia na luz dos sonhos bellos,
3 Jaz ha muito nas ruinas dos castellos,
Que no ar edifica o pensamento.

Inda me lembro do fatal momento
D'esse morrer dos ultimos anhelos:
O côro soluçante dos Othellos
Na sombra erguia o merencorio accênto.

Hoje, resta-me o corpo. O triste lance
Nem pôde destruir-lhe a mocidade,
11 Nem curval-o a preceitos de romance;

E caminha em tão doce obesidade,
Que dentro em pouco me verei no transe
De tomar ordens e fazer-me abbade.

Dedicatória. O poeta António Cândido Gonçalves Crespo (*1846 †1883) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos principais colaboradores d' *A Folha*.

7. Trata-se de uma referência à tragédia de William Shakespeare *Othello, the Moor of Venice* (ca. 1603). Convencendo-se do adultério de Desdémona, Otelo mata a esposa, mas acaba por se suicidar, ao perceber mais tarde a injustiça cometida.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 8, 13 e 14.

A decorative, ornate frame with intricate scrollwork and flourishes, resembling a classic Art Nouveau or Victorian style. The frame is centered on the page and contains the title text.

VIAGEM POR TERRA
AO PAIZ DOS SONHOS

A musa que ri

65

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 35-43.]

O ULTIMO BOHEMIO

Bella dama do mirante,
De traz d'essas galantinas,
Ouve a musica vibrante
Das minhas canções divinas!

Escuta. De taça erguida,
6 Sempre em odio de tristuras,
7 Os dias passei da vida
8 Em ruidosas aventuras.

Era a vida incerta e varia
D'um alegre vagabundo,
Alma livre e refractaria
Às cousas sérias do mundo.

13 Assentado numa dorna
Que de throno me servia,
Com voz de malho em bigorna,
Estas palavras dizia:

«Contra tristezas guitarra,
18 Que os sonhos maus nos desterra;
19 Contra amor sumo de parra,
Que amor as almas aferra.

Título. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que o autor fez publicar na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

«Amae faceis galatêas
 Que vos deixem vêr as ligas,
 Sempre alegres nas choreas,
 Amorasas, sem fadigas.

25 «Amae, pois, mas com prudencia,
 26 E, quanto á botelha, á larga:
 Digo-o eu, e dil-o a sciencia
 Que adoça esta vida amarga!»

Com voz de malho em bigorna
 30 Era assim que eu me exprimia,
 31 Assentado numa dorna,
 Que de throno me servia.

Mas, oh castigo dos fados!
 Eu que sempre e sempre rira
 Das chammas dos namorados,
 Vi-me a arder na mesma pyra!

E por quem? Meu Deus, por uma
 Figurinha de boneca,
 39 Mas d'aquellas taes que em suma
 40 Só de as vêr um santo pecca.

Era uma estampa correcta
 Do typo andaluz, de raça;
 Uma esculptura completa,
 Mas cheia de vida e graça.

Usava sempre mantilha,
 Com rendas, de terciopêllo;
 Fita em volta á panturrilha,
 Rosa branca no cabello.

21. Galateia é uma das Nereides, também conhecida como a amada do Ciclope Polifemo.

Disse-me um dia Sagasta:
 «Por esta linda muchacha,
 Dava tudo, dava a pasta,
 Dava a penna que despacha!»

Mas, Campoamor disse mais:
 «Quando a vejo fico mudo,
 E por um só dos seus ais
 Dava a honra, a lyra e tudo!»

Conta-se até, mas a mêdo,
 (Veja-se bem que não berro)
 Que foi amada em segredo
 Pelo Tudesco de Ferro.

«Por um beijo nessa trança,
 Disse elle um dia á pequena,
 63 Se o pedisses dava á França
 Além da Alsacia a Lorena!»

65 E só a mim me queria!
 Oh! quantas vezes lhe ouvi,
 67 Palpitante de alegria:
 68 «Mi muero d'amor por ti!»

Comtudo vêde ao que desce
 Um rendido Lovelace:
 Se ella um dia me dissesse
 Que as botinhas lhe engraxasse,

49. Práxedes Mateo Sagasta Escolar (*1825 †1903) cumpriu vários mandatos como presidente do governo espanhol.

53. O poeta Ramón de Campoamor y Campoosorio (*1817 †1901) foi um dos nomes mais representativos da estética realista em Espanha.

60. Refere-se aqui ao primeiro chanceler do Império Alemão, Otto Leopold Eduard von Bismarck-Schönhausen (*1815 †1898), também conhecido como o *Chanceler de Ferro* (der *Eiserner Kanzler*).

63-64. Alude-se à Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871, que ditou a anexação dos territórios da Alsácia-Lorena pela Prússia, então governada pelo chanceler Otto von Bismarck.

70. Lovelace é o vilão de *Clarissa or the History of a Young Lady*, de Samuel Richardson (1748), e representa o protótipo do donjuanismo.

Com que ardente entusiasmo
 74 Lh'as engraxara, com geito,
 Queimando o livro d'Erasmus
 76 Nas crateras do meu peito!

Engraxar-lh'as, que ventura!
 Mas, com quê? Com tintas novas,
 Com a graxa ideal e pura
 Com que escrevo as minhas trovas!

81 Mas, oh dor! um dia a bella
 82 Quiz dobrar o grande cabo,
 83 Quiz vêr mundo e deu á vela
 Nas esteiras d'um nababo.

Tentei seguil-a na pista
 (Porque eu bato nas mulheres)
 87 Mas sumiu-se-me da vista,
 A desfolhar malmequeres.

89 Que pena aquella! Inda agora,
 90 Se me lembro da perjura,
 91 Sinto n'alma, como outr'ora
 Uma dor que me tortura.

Quiz morrer, naquella idade!
 Quiz, repleto de mysterio,
 Tomar ordens, ser abbade,
 Ir morrer num presbyterio!

Mas, depois, veio a revolta:
 Abri-me inteiro á vingança,
 Á que mata, e que não volta
 100 Contra si a propria lança.

75. Refere-se ao livro de Erasmo de Roterdão (*1467 †1536) *De Civilitate Morum Puerilium Libellus* (1530), modelo de uma pedagogia comportamental e de boas maneiras.

84. Em sentido figurado, *nababo* refere-se a uma pessoa rica e ostentadora.

- Quiz vingar-me em todas quantas
 No meu caminho encontrava,
 103 Demonios vivos ou santas,
 104 Do golpe que em mim sangrava.
- 105 O que então fiz, se o contasse
 Em phrase triste ou risonha,
 Bella dama, a vossa face
 Córaria de vergonha!
- Só direi que a minha lista,
 E digo-o porque é notorio,
 Deixava a perder de vista
 A do perfido Tenorio!
- Foi isto em tempos ditosos;
 Agora, sol entre a bruma,
 Às Elviras mais formosas
 Prefiro a taça que espuma.
- 117 Porque, por fim, veio o tédio,
 O mal atroz e damninho,
 Que depois de curto assedio
 Me prostrou no meu caminho.
- 121 E de certo morreria,
 Se não lêsse na Escriptura
 Que Baccho, o deus da alegria,
 Era um pae que salva e cura.
- 125 Bella dama do mirante
 De traz d'essas galantinas,
 Ouviste a nota vibrante
 Das minhas canções divinas!

112. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

115. Alude-se, neste passo, a Doña Elvira de Pastrana, a amorosa vítima do sedutor Don Félix de Montemar, no poema “El estudiante de Salamanca” (1840), de D. José de Espronceda.

123. Baco era o deus romano do vinho e do delírio orgiástico.

66

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 45-46.]

SERMÃO NA MONTANHA

Frei Bernardo, de pé sobre uma dorna,
Empina o cangirão, que o desafia,
E sobre o povo, que o admira, entorna
O mar enorme da oratoria pia.

- 5 Prega, sinistro: textos mil aponta;
6 E aos abysmos descendo do profundo,
Agarra Belzebuth, por uma ponta,
E com elle verbera o dorso ao mundo.
- 9 Chega á peroração, que o povo chora:
Vem ao throno buscal-o a confraria;
Lança a benção final, e, sem demora
12 Empina o cangirão que o desafia.

Este poema é composto por três quadras, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 4 e 5.

67

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 47-48.]

O POETA E A NOIVA

Antes

- E disse o poeta á noiva: – «É pois bem certo
Que vaes ser hoje de um rival jocundo!
- 3 Seja, para elle, a vida um ceu aberto,
E sombra, para mim, a luz do mundo!
- 5 «Se eu hoje não morrer de ciume e zelos,
E resistir aos vendavaes contrarios,
Tu verás ámanhã estes cabellos
Branços, da côr dos funebres sudarios!»

Depois

- E disse ao bardo triste a esposa rindo:
- 10 « – Que vejo! escuros inda? E em meus anceios
Por elles eu chorei um pranto infindo!»
- 12 Volve-lhe o trovador: – «Mulher, pinteí-os.»

Este poema é composto por três quadras, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 6.

68

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 49-50.]

EPICURISMO

(*Num album*)

Ao demonio da ambição
2 Não dês entrada no peito;
3 Não sejas juiz eleito
4 Inda que o peça a nação;
Se da guerra a convulsão
A tua espada requer,
Suba ao poder quem quizer,
8 Faz pé atrás renitente,
Que o prazer está sómente
10 «No bom vinho e na mulher.»

Não queiras sceptros de reis,
12 Nem os pantufos de papa:
13 Deixa os imperios no mappa;
14 Não te mettas a dar leis.
No mundo os grandes papeis
16 Só trazem morte ou desgraça:
17 Emprega o tempo na caça
Das Venus de facil prêsa,
19 E nas delicias da mesa
20 Onde espuma a rubra taça.

Título. Sobre este poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

8. A referência à deusa romana do Amor serve, neste contexto, para aludir às donzelas requestadas.

- 21 Goze um em ser deputado,
22 Ou ministro, ou regedor,
23 Aquelle em ser trovador
24 Ou general celebrado:
Mostra-te mais avisado,
Do vinho, do amor só cura:
«A vida só brilha e dura
28 Como a luz do pyrilampo:
Do prazer o estreito campo
Não transponhas com loucura.»

Este poema é composto em décimas espinelas, submetendo portanto versos heptassilábicos ao esquema rimático ABBAACCDDC.

69

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 51-52.]

DESESPERANÇA

O férreo pulso de um Alcides grego
2 Não conseguira amarrotar-te as saias,
3 Que as teceste de chumbo, e taes alfaias
Quebram forças ao joven mais ardêgo.

Vive os dias em paz, dorme em socego;
Não tens ingresso nas cythéreas praias:
Tolhem-te o acesso intransitaveis raias,
Recifes de presunto de Lamego.

Agora, como sombra, vivo e sou!
Nem este labio sorrirá jamais,
Que tudo vejo escuro e á campa vou.

Só te peço que em paga de meus ais,
Em memoria d'aquelle que te amou,
Comas, quando eu morrer, um paio a mais.

1. Alude-se à colossal força de Hércules, o mítico herói da Antiguidade Clássica, cujo patronímico grego, Alcides, evocava precisamente a ideia de força física (ἀλχίη).

6. Citera é uma ilha grega consagrada a Afrodite, a deusa do amor, que por esse motivo é também conhecida como Citereia.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/D CD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 2, 6, 7 e 10.

70

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 53-55.]

ARRABIL MODERNO

- 1 Aquelle tristonho vate
- 2 Adora a bella Rosina.
Ri-se a bella do rapaz,
Ri-se o rapaz da menina.

- 5 Mas, ri-se, como quem chora,
O bardo das scenas varias,
Qual ri o mocho sombrio
Sobre as loisas funerarias.

- 10 Á noite na adega esconsa,
De uns candis á luz escassa,
Quantas vezes não procura
O esquecimento na taça!

- 13 Vejo-o ás vezes solitario,
As cômas soltas ao vento,
Entranhado nas tristezas
D'um secreto pensamento.

E naquella soledade
Solta fallas doloridas,
Como as das almas penadas
Entre ossadas carcomidas.

Mas nas salas, na cidade,
22 Quando o sol tudo illumina,
Ri-se a bella do rapaz,
Ri-se o rapaz da menina.

Quem se não chora da pena
Do triste que a dor acurva!
27 Foi como um lyrio esfolhado
28 Em noite de sombras, turva!

Que funesto desenlace
30 Se não prevê no futuro!
31 Talvez um crime sangrento,
32 Um drama tremendo, escuro!

33 Que já li sobre uma lage,
Occulta numas cavernas,
Este sinistro epitaphio
Do phantasma das tabernas:

«Aqui jaz o bardo triste
38 Junto da bella Rosina:
Riu-se a bella do rapaz,
Riu-se o rapaz da menina.»

Este poema é composto por dez quadras em redondilha maior, apresentando rima final apenas nos versos pares.

71

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 57-58.]

A VALSA

- Se me lembro da valsa extravagante
 2 Que nos uniu, Cecília, a vez primeira!
 Como olvidar a causa passageira
 D'uma quadra feliz, já bem distante!
- Mas do piano rompera o som vibrante,
 Apressado corri junto á cadeira
 Onde, em meio das outras, prasenteira,
 8 Me provocava o teu sorrir galante.
- 9 E do quadro seguindo a antiga escala,
 Retezado voei contigo á roda,
 Causando assombros na esplendente sala.
- Por fim, caí exausto e pouco á moda,
 Mudada a côr, enfraquecida a falla.
 14 – «Quer chá? – Quer Porto? – Diz um leão: quer soda!»

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 11, 13 e 14.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 59-68.]

A AVENTURA

(*A José Simões Dias*)

Era um rapaz estouvado,
Sempre alegre e folgasão,
Soberbo a cantar o fado
Ao som triste d'um violão.

Trazia, em contrario ao uso,
A côma, em ondas, esparsa,
No desalinho confuso
D'um velho estroina de farça.

9 Magro o rosto, mas correcto
E de curvas delicadas,
Fora um principe completo
No tempo antigo, das fadas.

13 Nenhuma dama que o visse,
Vivo o olhar, alegre a face,
Que de amor lhe não sorrisse,
Se elle a amor a provocasse.

Dedicatória. O poeta José Simões Dias (*1844 †1899) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos primeiros colaboradores d' *A Folha*.

Numa orgia é que era vél-o
Em sua expansão ruidosa,
Revólto o negro cabelo,
Em cada face uma rosa.

E se uma canção dizia,
Acompanhado á guitarra,
Em toda a sala explodia
Uma jocunda algazarra.

Diziam: «No mar, errante,
26 Navega com vento á ré:
Não ha homem que o supplante,
28 Mulher que lhe finque o pé!»

Certa noite, em fins de orgia,
30 Em que bebeu com bravura,
Contou-nos, com voz sombria,
Esta insólita aventura:

33 «Uma tarde, em Saragoça,
Vi debruçada á janella,
35 Uma senhora inda moça,
Tão galante, como bella.

Desde logo apaixonado
A requestei persistente;
39 Mas, era um pômo vedado,
Que resistia á serpente.

Desenganou-me, escrevendo:
«Senhor, não persiga mais
43 «Quem neste carcere horrendo
44 «Não póde ouvir os seus ais.

- «Não quero nada do mundo,
 46 «Que nos ceus meus olhos puz;
 47 «Quero ser, ideal jocundo!
 48 «Casta esposa de Jesus.
- 49 «Odeio paixões insanas,
 50 «E é bem sincera que fallo:
 51 «Procure jovens mundanas,
 52 «Que eu por mim não posso amal-o.»

Fiz quanto no mundo havia
 Por demovêl-a do intento,
 55 Em que sempre persistia,
 De ser monja num convento.

- 57 Por uma escada de corda,
 Subi-lhe á varanda, mudo;
 59 Mas, repelliu-me da borda,
 Dando-me um beijo, comtudo.

Com voz doce, embora falsa,
 Por vencer-lhe a pertinacia,
 Cantei-lhe uma noite a valsa
 64 Do *Caballero de Grácia*.

- Sobretudo, o som mavioso,
 Que agreguei, d'um piferario,
 67 Dava ao meu canto choroso
 Um realce extraordinario.

Bem senti que a commovera,
 70 Porque, embora grave e fria,
 Me lançou, branca de cera,
 A rosa, que em si trazia.

64. A *Vals del Caballero de Gracia* é uma peça musical pertencente à zarzuela *La Gran Vía* (1886), estreada em Madrid com música de Federico Chueca e Joaquín Valverde e com libreto de Felipe Pérez y González.

- Escrevi-lhe: «Anjo adorado,
 Oh cara linda, meu bem!
 Tem pena do meu cuidado,
 76 Tem pena de ti tambem.
- 77 «Pois essa casta elegancia,
 78 Essa flor de formosura,
 Ha-de murchar, sem fragrancia,
 Nas sombras d'uma clausura!
- 81 «Não, oh! não; que fôra um crime
 Contra as leis da natureza:
 Vem, amor, e me redime
 84 D'esta profunda tristeza.
- «Vem a mim, ao meu soccorro,
 Nesta horrivel anciedade,
 87 Que se tomas véo ou morro,
 Ou me faça tambem frade!»
- Foi tudo baldado: escrava
 Das suas ideas falsas,
 Passado um mez professava
 Nas Carmelitas descalças.
- Nas descalças, porque tinha
 Um pé delicado e breve,
 Um pé, de vêr sem botinha,
 Nú, mais branco do que a neve.
- 97 Lembrei-me propôr um jogo
 A Satanaz, como se usa:
 99 Dar-lhe a minh'alma de fogo
 Contra a posse da reclusa.

- Evoquei-o do profundo,
 102 Ao pé d'um cano d'èsgôto
 E vi-o surgir, immundo,
 104 Mas vestido, magro, e rôto.
- Fiz-lhe a proposta, bem clara:
 106 – «Acceitas, ou não?» – «Por Christo,
 107 (Me respondeu) que acceitára,
 «Mas, sou franco: eu não existo!»
- Succumbindo a tantos males,
 Comparei-me a Claudio Fróllo,
 E fui por montes e valles,
 De guitarra ao tiracollo,
- 113 Gôrra negra sobre a orelha,
 114 Procurar na vida airada,
 115 E na divina botelha,
 Paz a esta alma torturada.
- 117 De repente, volto á Hespanha
 D'onde ha muito me partira,
 Que uma idea, nova e estranha
 120 Pouco a pouco em mim surgira.
- Bato á porta do convento:
 – «Dizei á Madre abbadessa,
 123 Que um monge, velho e poento,
 A procura, e lhe appareça;

108. João Penha refere-se a esta passagem, em carta reproduzida no Arquivo documental II do fragmento II, no texto n.º 729.

110. Claude Frollo é uma personagem do romance *Notre Dame de Paris* (1831), de Victor Hugo. A paixão reprimida pela bela Esmeralda conduz o arcediogo da catedral à loucura, ruína e morte.

«Porque traz missão secreta
De lhe dizer, em segredo,
Os preceitos que decreta
O arcebispo de Toledo!»

Que minuto aquelle, immenso!
130 Por fim, conduzem-me á cella,
E... fico mudo e suspenso
132 Ao vêr-me, só, ao pé d'ella!

Mas, êrgo os olhos: Jesus!
134 Como ella estava galante
Com os seus pésinhos nus
Em sandalias do Levante!

A luta foi de momento,
138 E num silencio completo;
Mas, por honra do convento,
Não quero ser indiscreto.»

—

Este conto do bohemio,
Dito em França, com certeza,
Lhe valera um grande premio
144 Da Academia franceza.

Este poema é composto por trinta e seis quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 69-70.]

FORÇA DO AMOR

(De Lope de Vega)

Pede-me Ignez carvão, pois a creada
Fugira-lhe, amorosa do laçao
Meio francez, entre vermelho e baio,
Do cavalleiro da Flammante Espada.

Se me pedisse lume, da inflammada
Troia d'est'alma lhe emprestára um raio:
Mas carvão! Santo Deus, sinto um desmaio
De atravessar de giga essa calçada!

9 Mas se ella te pedisse, oh desgraçado,
Que assar com elle? Acabrunhante idea!
Perdoa-me, sotaina, o passo ousado!

12 Ai! tudo amor desculpa a aformosêa:
Por elle Alcides pôz a roca ao lado,
E Jupiter as saias de Phebêa.

Título. Estamos perante uma tradução do soneto de Lope de Vega “Que amando no hay dificultad”, incluído nas *Rimas Humanas y Divinas del Licenciado Tomé de Burguillos* (1624). A este propósito, leia-se a nota explicativa no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico).

13. Alude-se a um dos episódios da tradição herácllea. Segundo o mito grego, Hércules (também conhecido pelo patronímico Alcides) foi vendido como escravo à rainha Onfale, da Lídia, submetendo-se a todos os seus caprichos. Entre estes, conta-se que o herói, tomado de amores pela soberana, prostrava-se humildemente a seus pés, envergando trajes de mulher e pondo-se a fiar com a roca e o fuso. Enquanto isto, ela tomava os atributos do guerreiro; empunhava a clava e vestia a pele do leão de Nemés.

14. Segundo algumas versões do mito clássico, o pai dos deuses tomou a forma de Ártemis (também conhecida pelo epíteto Febe, “a brilhante”, em homenagem à avó materna) para se aproximar e possuir Calisto, a ninfa de Nonácris que pertencia ao cortejo das virgens.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 4, 6 e 10.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 71-77.]

VERSOS Á CARMEN

Percorri a Hespanha inteira,
A terra das castanholas:
3 Fui de fronteira a fronteira
Para vêr as hespanholas.

Vi Pampelona em Navarra,
Cadiz, Toledo e Sevilha:
Na mão levava a guitarra,
Nos labios a cigarrilha.

Numa praça de Granada,
Terra dos loucos amores,
Levei uma navalhada,
Por uns olhos tentadores.

Andei por sobre telhados,
14 Andei por canos d'êsgôto:
Vi-me em lances arriscados,
Sem dinheiro, magro e rôto.

17 Uma vez, o caso espanta,
No paço real, sem mêdo,
Dei um beijo numa Infanta,
Que jurou guardar segredo.

Título. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que o autor fez publicar na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

- 21 Pelo cravo, que uma bella,
 22 Trouxera um dia no seio
 23 E que um «majo» de viella
 24 Me roubára, assassinei-o!

Outra vez, louco e borracho
 Por um só dos seus olhares,
 27 Lancei-me da ponte abaixo
 Às aguas do Manzanares.

Mas nem morri afogado,
 Nem me acabaram as maguas,
 Que o Manzanares, coitado,
 Tem ponte, mas não tem aguas.

- 33 Um alcaide de Antequera,
 O velho D. Payo Ordonho,
 Tinha uma esposa, a qual era
 Mais formosa do que um sonho.

Mandou-me chamar, e disse:
 – «Que vês além?» – «Vejo a lua.»
 39 – «Por ella juro que Alice
 40 Se a libertas, será tua:

- «Prêsa, em terras de Aragão,
 Num castello abandonado,
 43 Guarda-a, feroz, um dragão,
 De colmilho ensanguentado.»

Parti, repleto de orgulho,
 E preparando o combate,
 Puz na funda um pedregulho
 De versos d'um certo vate.

23. *Majo* é um termo usado pelas classes populares madrilenas, para designar aqueles que se distinguem por um vestuário e comportamento refinados; o mesmo que *dandy*, em Inglês.

28. O rio Manzanares é um subafluente do Tejo. Nasce na serra de Guadarrama e atravessa o centro de Espanha.

49 Vibro-o atravez dos espaços,
E prostro, vencida, a fera;
Tomo Alice nos meus braços,
E assim entro em Antequera.

Levo-a a D. Payo, que disse:
– «Que vês além?» – «Vejo a lua.»

55 – «Por ella jurei: Alice
Era minha, agora é tua.»

57 Foi um tempo de folias;
Mas, vendo-o emfim contristado,
59 Levei-lh'a passados dias,
Levei-lh'a outra vez, coitado!

Um dia, o duque d'Ossuna,
Fidalgo de nascimento,
Mas já pobre e sem fortuna,
Deu-me a filha em casamento.

Mas, por questões de capricho,
66 Quasi nunca de alto bôrd,
67 Lancei-a ás fauces d'um bicho,
E o bicho ficou mais gôrdo!

69 Em noite de lua cheia,
70 Mettido num calaboiço,
Sinto uma voz de sereia,
Que me pergunta: – «Ouves?» – «Oiço.»

E logo ao som caprichoso
D'um plangente bandolim,
Escuto, cheio de gôzo,
Essa voz, que diz assim:

- «O beijo que tu me deste
 Em meu labio côr de rosa,
 Foi orvalho em planta agreste,
 80 Gota em urze sequiosa:
- «Fez brotar dentro em minh'álma
 Um profundo e louco affecto;
 83 Ai! perdi socego e calma:
 Vem, oh vem, anjo dilecto!»
- Era a Infanta, a virgem pura,
 86 Que impetrara o meu perdão.
 Depois, o fim da aventura...
 88 Não a contes, D. João!
- Tenorio d'alto cothurno,
 Quantas victimas não fiz!
 91 Diga o meu violão nocturno,
 O que o meu labio não diz!
- Mortandade que contrista!
 A seducção por capricho!
 Até se encontra na lista
 Uma dama de rabicho!
- Fiz loucuras, mil proezas,
 Nos sitios que percorria;
 Mas entre tantas bellezas
 Que por toda a parte via,
- Não vi outra mais bonita,
 102 Mais delicada e bem feita
 Do que a bella Carmensita,
 Que meus suspiros regeita.

89. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino que vive à margem da lei.

Este poema é composto por vinte e seis quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 79-80.]

O DESENLACE

Deitado sob um querco centenário,
Quando o sol resplandece na campina,
Quem me dera, formosa Colombina,
4 «Alzarte un giorno il cándido sipario.»

E vendo tudo em roda solitario,
Abandonar-me a commoção divina
7 Que os sentidos, em fogo, nos domina,
8 Mais perfeita que um sonho imaginario!

Mas, Tântalo moderno, em vão cobiço
O que o destino ao desgraçado nega,
E neste aneio o meu desejo atijo!

Oh! não resisto mais á paixão cega:
13 Vou, sob o influxo do cruel feitiço,
Enforcar-me nas traves de uma adegá!

4. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que o autor fez publicar na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

9. Na Grécia Antiga, Tântalo era o mítico rei que, segundo algumas fontes, foi castigado pelos deuses, depois de roubar o néctar e ambrosia divinos. O suplício consistia em jamais poder saciar a fome e a sede, embora estando rodeado de água e abundante vegetação. Neste contexto, alude-se ao tormento daquele que deseja algo próximo, mas inalcançável.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 6, 10, 11 e 13.

76

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 81-82.]

POR UM... DE VIGO

Oh Marte de saias,
Terrível hyena!
Tu vibras zagaias,
E feres sem pena!

No campo da lide,
Que prelios brilhantes!
Qual outro David
Vencêras gigantes!

Venceste inda ha pouco
Um tigre de Java:
Olhou-te, que louco!
És fera mais brava!

Cravaste-lhe o dardo
Com gesto lascivo,
Venceste o javardo,
16 Mataste o captivo!

1. A referência ao deus romano da Guerra salienta a ideia de combatividade feroz.
7-8. Alude-se aqui a um dos episódios incluídos no Primeiro Livro de Samuel (1 Sm 17, 12-50). Segundo o relato bíblico, David terá enfrentado o gigante filisteu Golias, conseguindo matá-lo apenas com uma funda e algumas pedras.

17 És digna, oh bella,
D'um tal inimigo:
Venceste Castella
20 Num dandy... de Vigo,

No homem do tom
22 Das plagas visinhas;
No célebre Dom
João... de las Vinhas!

20. Esta palavra da língua inglesa refere aquele que se distingue por um vestuário elegante; janota.

23-24. Atente-se na referência ao mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

Este poema é composto por cinco quadras em redondilha menor, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 83-84.]

GUERRA!

- 1 Chamam-te vate de pia
E não repelles o ultrage!
3 Não podes ser um Bocage
Que nem ao frade temia,

Mas, não te falta energia:
Levanta a frente, reage!

- 7 Sepulta-os sob uma lage
De versos, que eu não faria.

- A mim, essa turba fátua
10 (Que La Fontaine nos pinta)
Se um dia me toca, achato-a!

Repelle-a, em prosa distinta,
Que inda has-de ter uma estátua
Em Freixo d’Espada-á-Cinta!

3-4. Alude-se à célebre rivalidade entre o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage (*1765 †1805) e Frei José Agostinho de Macedo (*1761 †1831).

10. A referência ao fabulista francês aprofunda a ideia de irracionalidade, por aproximação ao reino animal.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

78

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 85-86.]

O NABABO

(A Alberto de Madureira)

- Eu nunca te vi, nababo!
Mas, não obstante, creio
Que não podes ser tão feio
4 Como a lenda pinta ao diabo!
- Como sou justo, não gabo
O constante tiroteio
Com que muitos, em torneio,
8 Te vibram péllas ao rabo.
- 9 Teve a Flandres um bom parto!
Vives com fausto e riqueza:
O ventre trazel-o farto;
- 13 És um homem, com certeza:
Vaes-te rindo á Henrique Quarto,
E tens-lhes a barba teza!

Dedicatória. O poeta bracarense Alberto de Madureira e Costa (*1870 †1918) foi editor da revista *Novos e Velhos*, em cuja direção recebeu o auxílio velado de João Penha.

1. *Nababo* era originalmente o título do governador provincial no Império Mogol. Em sentido figurado, refere-se a uma pessoa rica e ostentadora.

13. Alude-se ao drama histórico de William Shakespeare *Henry IV* (ca. 1597).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 87-88.]

SONHO E REALIDADE

- Sou bacharel e de raça
Jurisconsulto distinto,
E, como vate, o Filinto
4 Na Arcadia meu nome traça.
- Como um grego, empunho a taça,
Não dos vinhos de Corinto,
Mas d'aquelle velho tinto
Que tristezas despedaça.
- 9 Moça, ou dama de excellencia,
Não me resiste nenhuma
Mais que um dia, por decencia.
- 12 Mas... páro aqui, porque em summa
Tudo é sonho na existencia:
Comemos palha, que fuma!

3-4. Trata-se de uma referência ao poeta Filinto Elísio, nome arcádico de Francisco Manuel do Nascimento (*1734 †1819).

6. Alude-se à delicada casta de vinhos produzidos na cidade grega de Corinto.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

80

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 89-94.]

EU E ELLE

- Sinto-me cheio de orgulho
 Pelo amor que te inspirei;
 3 Mas impuz-me a santa lei,
 4 E já comprei estadulho,
 De quebrar, vencendo o engulho
 Que tal scena em mim produz,
 A carcassa do lapuz,
 Que tão rico, como estúpido,
 Ousou deitar ôlho cúpido,
 Sobre os teus encantos nus.
- 11 Mas, quem sabe se, talvez,
 Vencida pela riqueza,
 Toda em vivo ardor accêsa,
 Amas o porco-montez?
 Diz a verdade uma vez,
 Mostra o que sentes no peito,
 Que te perdes no conceito
 De um trovador de espavento,
 Se occultas o pensamento
 Com mentiras no tregeito.

Título. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a observação sobre este título que o autor fez publicar no prefácio à *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

Eu vou esboçar na tela
 O retrato de nós dois.
 Sopesa nas mãos depois
 Qual mais vale; mas, cautella!
 Que não vá a tua estrella
 Cobrir-se de negro veu!
 Não julgues tu que é no ceu
 Que se talha o casamento...
 29 Mas, perdão! chega o jumento,
 Tiro humilde o meu chapéu.

Eil-o que chega. No gesto
 A todos mostra, se passa,
 Como através de vidraça,
 Dos milhões o manifesto.
 35 Mas, inda assim, é modesto,
 E grave sobremaneira,
 Pois descendo da estribeira
 Do coche rico, de gala,
 Até no meio da sala,
 Faz o rol da cozinheira.

41 Nas praças o caminhante
 Pára attónito e pasmado
 Ao vêr do nédio cevado
 A grande côma ondulante,
 Que nos altos do semblante
 Parece um mar em borrasca.
 A pelle, ou antes a casca
 Que a tosca ossada lhe cobre,
 49 É da côr do velho cobre
 Do costado d'uma rasca.

O labio, erguido, parece
 52 Querer beijar-lhe o nariz
 53 Que dos grandes alcantis
 Este carinho agradece.
 Mas, basta! que a mão não desce
 A pintar-lhe o corpo rombo,
 Pois temo que, ao ir-lhe ao lombo,
 Perca o meu pincel na banha,
 E mostrando obra tacanha
 Leve a minha fama tombo.

61 Tu, anjo, sabes quem sou,
 62 Sabes a vida, que levo,
 63 De quem não vae a longévo,
 64 Triste ás vezes como um grou;
 65 Ou então contente vou,
 66 Empunhando enorme taça,
 67 Nunca de vinhos escassa,
 68 A rir-me alegre de tudo,
 69 Achando dias de entrudo,
 70 Dias que são de desgraça.

O monóculo, a doçura
 Ao ôlho um pouco destróe;
 Por isso, do rôsto sóe
 74 Mudar a doce candura,
 E d'este modo a figura
 Causa medo algumas vezes;
 Mas, qual panno de francezes,
 É tudo mera illusão,
 Pois que sou, em conclusão,
 O mais puro dos burguezes.

O cabelo ergue-se á tôa
 Sobre a fronte pensativa,
 E dá expressão mui viva
 84 Á face, magra, mas boa.
 Emfim, quando o labio entôa
 Cantigas de certa graça,
 87 Ouço na sala e na praça,
 A turba que diz constante:
 «Ai! que rapaz tão galante!
 «Ai! que joven tão louraça!»

Aqui tens, filha, o retrato
 Do teu par enamorado,
 Que bem mostra ser pintado
 Por bórra-tintas novato.
 95 Agora um voto sensato
 96 Resolva a grande questão:
 97 Elle, dá-te carroção,
 Cachemiras e presunto;
 Eu, resumindo o assumpto,
 Uma choça e o coração.

Este poema é composto em décimas espinelas, submetendo portanto versos heptassilábicos ao esquema rimático ABBAACCDDC.

Tancredo

81

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 97-100.]

I

O sócco d'um eterno monumento
 Vou erguer no Helicónio sonoro,
 Salvando de lethal esquecimento
 Um heroe singular e portentoso.
 É de grande pujança o meu intento,
 Pois se um pulso não tenho vigoroso,
 7 Talvez ao pôr na base a estatua erguida
 8 Sobre mim cáia e me soterre em vida.

9 Nasceu Tancredo Pires na cidade
 Que ostenta por brazão a tripa vil,
 11 Ao som da estrepitosa hilaridade
 12 Da gente que lhe vira o corpanzil.
 13 Mudou-se, porém, logo em anciedade
 14 O gesto e o riso á turba mulheril:
 15 Soltára o monstro um berro de tal guisa
 Que a todos causa horror e atemoriza.

Título. Alude ao herói da Primeira Cruzada e protagonista de várias obras-primas da literatura universal, da epopeia de Tasso, à tragédia de Voltaire. Sobre o contexto de composição, leia-se no Arquivo documental (ao Aparato Crítico) a nota explicativa que o autor fez publicar na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

2. Evoca-se o monte Hélicon (na Beócia), onde Pégaso, o cavalo alado dos mitos gregos, terá feito brotar com um coice a fonte inspiradora de Hipocrene.

9-10. Trata-se de uma referência à cidade do Porto, por alusão à alcunha associada a seus habitantes desde 1415; altura em que a população, cedendo todas as carnes para abastecer a expedição contra Ceuta, teve de alimentar-se unicamente com as vísceras, que estão na origem das célebres “Tripas à moda do Porto”.

17 Parou, ouvindo o som desconhecido,
 18 A gente que na rua caminhava.
 Um dizia, num grupo, ser grunhido
 20 De porco que ali perto se matava;
 21 Outro, além, que talvez fosse estampido
 22 De tormenta que ao longe se formava;
 23 E foi de modo conturbada a paz
 24 Que da ronda chegou o troço audaz.

Entrou na casa a força, denodada,
 Mas logo recuou espavorida,
 27 Julgando vêr a besta tão fallada
 Que tem de apparecer no fim da vida.
 A cousa que julgou mais acertada
 Foi ser a autoridade prevenida.
 31 O abôrto no entretanto dava urros,
 32 Que illudiam ao longe uns tristes burros.

33 Entrou azafamado o regedor,
 Que d'esta'arte fallou á turba attenta:
 35 «Eu julgo que é castigo do Senhor
 36 Aquillo que ali vêdes, agua benta!
 37 Porém, venha depressa um professor
 38 O phenomeno vêr que se apresenta.»
 39 E dizendo, expelliu tão grande arrôto
 Que pôz todo o auditorio em alvorôto.

- Estudára o doutor philosophia
 42 Nos livros da Allemanha com proveito,
 E portanto deu logo á luz do dia
 Um discurso de polpa e de conceito,
 45 Com que a todos provou com energia
 Que tinha para o vago muito geito.
 47 Julgaram, porém, vêr da conclusão
 48 Que a alimária teria alma e razão.
- 49 O pae, ha pouco ainda acabrunhado,
 Leva a nova feliz a toda a gente,
 E manda ser o dia celebrado
 52 Por toda a vizinhança alegremente.
 53 Sobee ao ar o foguete festejado,
 Retumba o bombo altivo em furia ardente,
 «E as mães que o som terribil escuitaram
 Aos peitos os filhinhos apertaram.»

55-56. In Camões, *Os Lusíadas*, IV, 28. Originalmente, estes versos referiam-se ao episódio da Batalha de Aljubarrota.

À semelhança da epopeia clássica, este poema é composto em oitavas reais, obedecendo ao esquema rimático ABABABCC. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8 e 23.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 101-104.]

II

Quizera um estro grande e sublimado
2 Para vencer a temeraria empresa
Que tentei, sem ter antes calculado
4 Do meu ingenho a natural pobreza;
5 Mas seria de todos reprovado
6 Mostrando neste empenho vil fraqueza:
7 Oh musa, afina agora o rude plectro,
8 Ensina-me a tecer um novo metro!

Foi crescendo Tancredo em fealdade
Como em annos crescia e malvadez;
11 Foi de balde o trabalho d'um bom frade
Em vencer-lhe a supina estupidez;
Dizia o padre-mestre, com verdade,
Que não vira cabeça mais soez.
Era cousa de medo e de receio
O vêr aquelle burro assim, sem freio.

Eis ajunta os parentes num congresso
O pae atoleimado do rapaz,
19 E pede em nome seu e do progresso
Que digam qual carreira, nobre e audaz,
21 Ao filho mais convem, filho sem preço,
Futura luz da patria, luz de gaz.
23 Escuta-o o ajuntamento estupefacto
24 E adormece, a roncar, sobre este factó.

- Estavam embebidos ha tres horas
 No meditar profundo, somnolentos,
 27 Querendo pôr, em vão, rijas escoras
 Das cabeças aos varios movimentos,
 Quando, como excitados por esporas,
 30 Um barulho infernal os pôz attentos:
 Era o cérdo que entrava, como bola,
 32 Trazendo a turba pifia, atraz, na colla.
- 33 Era grande o berreiro: toda a gente
 34 Vinha pedir, em brados, o castigo
 35 Do brôma, que na furia insana e ardente
 Não poupava janella, nem postigo;
 Que não houve rapaz mais insolente
 38 Nem no tempo moderno, nem no antigo.
 39 O pae pôz tudo fóra sem tardança,
 Com gestos senhoris, gestos de França.
- 41 Depois, com voz que sôa como estoiros,
 Assim fallou aos seus, embasbacados:
 43 «Esta cidade, escárneo de vindoiros,
 44 Não merece meu filho. Grandes fados
 45 De Coimbra o chamam aos virentes loiros;
 46 Que parta, pois, e nós somos vingados!»
 47 Durou inda hora e meia a lenga-lenga
 Em phrase sem sabor e bordalenga.
- 49 Ao saber-se esta nova jubilosa
 50 Percorre a urbe alegre o povo em massa,
 51 Na rua estoira a bomba estrepitosa;
 Põe bugias a moça na vidraça.
 53 Parece, ao vêr-se festa tão ruidosa,
 Que a cidade evitára uma desgraça.
 55 Entanto, o meu heroe, de esporas dando
 Vae as terras da Beira demandando.

À semelhança da epopeia clássica, este poema é composto em oitavas reais, obedecendo ao esquema rimático ABABABCC. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 4 e 45.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 105-108.]

III

- Viu Coimbra entrar nos muros derrocados
Tancredo, cavalgando um burro ardêgo,
Que mostrava nos passos agitados
4 A vergonha que tinha d'esse emprego.
5 Espantaram-se, ao vê-lo, os verdes prados,
Espantaram-se as aguas do Mondego;
Mas, como vagalume que mal brilha,
Sumiu-se num collegio o bigorriha.
- 9 Nas horas de avantesmas e pavores
10 Quando gemem as aves agoureiras,
11 Nas horas de vigílias e pallores,
12 De susto, de tripudio e feiticeiras,
Entrava nos esconsos corredores
14 Um espectro, descido das trapeiras,
E logo retumbava nos recantos
Um concerto de couces e de prantos.
- Andava o director espavorido
18 Com o caso medonho e de espavento;
O ventre já lhe tinha emmagrecido,
Trazia o rosto cavo e macilento.
21 Um padre, sobre o assumpto muito lido,
22 Solemne exorcismou todo o convento.
23 Comtudo foram vãs as roncas pias,
24 Perderam seu remedio as sacristias.

Certo dia, porém, o dispenseiro
 Viu na adega estendido um vulto ingente,
 27 E, despegando em pávido berreiro,
 Fez vir a grandes passos toda a gente.
 Enorme foi o assombro e verdadeiro
 30 Ao vêr-se o quadro feio e repellente:
 O phantasma sinistro e de mau ôlho
 32 Estava a cozer vinho ali, no sôlho.
 33 Descoberto o autor do ruim bruxedo
 (Quem nelle o meu heroe não presentiu?)
 O bom viver antigo, suave e quêdo,
 36 No collegio, outra vez, prestes surgiu.
 37 Até o director, perdido o medo,
 38 Os redenhos e o bojo crescer viu.
 O trasgo, posto fóra, a grandes sôccos,
 Recebeu-os a rir, porém deu trocos.

 Tres dias divagou pela cidade
 42 Sendo a mira das chufas dos garotos:
 Queria a previdente autoridade
 44 Prendel-o como causa de alvorôtos.
 45 Quer, porém, a Divina Potestade
 46 Soccôrro e amparo ser té de marotos:
 47 Achára o burro um primo numa praça,
 Que á familia o levou, mas por chalaça.

 A mãe, mulher de tino sobretudo,
 Que via as caras filhas por casar,
 51 E conhecia o peso do lanzudo,
 52 Recebeu-o com riso de encantar.
 Ficou o tolo em pasmo, quêdo e mudo,
 Julgando-se illudido ou a sonhar.
 Cupído, que esta scena contemplava,
 No carcaz setta enorme procurava.

56. Cupido, o deus romano do Amor, era frequentemente representado como um menino travesso, munido de arco e flechas, cujos ferimentos despertavam o amor entre as suas vítimas.

À semelhança da epopeia clássica, este poema é composto em oitavas reais, obedecendo ao esquema rimático ABABABCC. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 109-112.]

IV

- 1 Oh Pégaso, oh cavallo illustre e ardido,
2 Eleva-me á bicípite collina;
3 Na Castalia o meu canto enrouquecido
4 E a cithara que bronca desafina
Talvez alcance um tom brando e subido
6 Com que os feitos célebre de Erecina:
7 Mas, certas vezes prendes azas d'Icaro,
8 E receio, para mim, desfecho picaro.
- 9 A mãe, D. Violante de Quevedo,
Fallou assim á filha mais gentil:
11 «Cecilia, eu sou já velha e tenho medo
12 De deixar-te do mundo aos laços mil:
13 O lobo carniceiro, ou tarde ou cedo,
14 O cordeiro devora no redil:
15 Já te escolhi Tancredo por marido
16 Que um amor lhe inspiraste desabrido.»

1-2. Pégaso é o cavalo alado cujo coice, segundo o mito grego, fez brotar no monte Hélicon a fonte inspiradora de Hipocrene.

3. Castália era uma das fontes inspiradoras, situadas na base do monte Parnaso, que estavam consagradas a Apolo e suas Musas.

6. Ericina é um dos nomes por que é também conhecida Afrodite (a deusa grega do Amor), por alusão ao santuário construído na ilha de Érice.

7. O filho de Dédalo conseguiu escapar do labirinto de Creta, voando com as asas de penas e cera que o pai lhe colara nos ombros. Segundo o mito grego, no entanto, a imprudência de Ícaro foi castigada quando este ousou aproximar-se do sol, que lhe derreteu a cera, precipitando a queda no mar.

- 17 Cecilia, guapa moça donairoza,
 18 Que dado tinha a outro o coração,
 19 Ao ouvir esta arenga ponderosa,
 20 Julgou morrer de susto e de afflicção.
 21 Á noite, o caso triste, lacrimosa,
 22 Contou ao féro amante, que no chão
 Batendo com o pé, e erguendo a fronte,
 Defendel-a jurou do mastodonte.
- 25 Passou-se um mez. Tancredo furioso
 Pelos desdens altivos da donzella,
 Da vingança no gôlfo procelloso
 Vogava, dando ao vento a panda vela;
 29 Quando, ouvindo um «adoro-te» amoroso,
 Da menina, que estava na janella,
 31 A passos de abestruz desceu á rua,
 Meditando uma scena horrenda e crua.
- Enlevados nos extasis d'amor,
 34 Não viram os dous pombos o lapuz,
 35 Que abusando das trevas, com furor
 O joven atacou sem dizer buz.
 O pobre, atordoado, já sem côr,
 Da vida por perdida tinha a luz,
 Quando um grito da bella, como espóra,
 Ao pendido valor lhe pôz escora.

41 Tal como o tigre ataca o touro errante
 42 E nos lombos lhe crava as garras duras,
 43 Tal o moço gentil, á voz d'«avante!»,
 Ao rival se lançou com mãos seguras.
 Era um quadro medonho e horripilante
 46 Aquella briga impávida, ás escuras.
 47 No chão já se não via, em toda a parte,
 Senão dentes sem queixo, oblos a Marte.

49 Aos gritos de Cecilia, que morria,
 50 Ao vêr os dous amantes aos pinotes,
 51 Aos apupos da turba, que corria
 52 Formando aqui e ali varios magotes,
 53 Surgiu (oh caso raro e de alegria!)
 54 O bando da policia, com archotes.
 55 O chefe viu a scena, e, tremebundo,
 Mandou-os para um carcere profundo.

48. A analogia com as oblações a Marte (o deus romano da fúria e da guerra) confere expressividade à cena.

À semelhança da epopeia clássica, este poema é composto em oitavas reais, obedecendo ao esquema rimático ABABABCC. Todos os versos são decassílabos heroicos.

8. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinérese em *receio*.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 113-116.]

V

Numa prisão horrenda e tenebrosa,
Deitados sobre palha apodrecida,
Os heroes da tragedia bellicosa
Procuravam na mente escandecida
Um meio, que na trama industriosa,
Lhes dêsse a liberdade appetecida:

- 7 Mas a vida, num antro escuro e infecto,
8 Paralyza os trabalhos do intellecto.

Tal como no diluvio, quando apenas
A secco estavam picos de montanhas,
Andavam lado a lado onças e hyenas
Ás lutas e exterminio quasi estranhas;
Assim os dous rivaes, naquellas penas,
Viviam sem pensar em novas manhas.
Só ás vezes se ouvia um «arre, burro!»

- 16 Mas jámais interveio coice ou murro.

- 17 Entretanto, Cecilia atribulada,
18 Comprára o carcereiro a peso d'oiro,
19 E numa noite lóbrega e toldada,
20 Ás horas do terror e mau agoiro,
21 Entrou, em longo manto rebuçada,
22 No antro onde jazia o seu thesoiro.
23 Intrépida amazona de romance,
24 Libertal-o queria a todo o transe.

25 Guiada pela luz, baça e tremente,
 D'um lampeão vetusto e fumegante,
 27 Viu a pobre estendido, além, na frente,
 O vulto quasi nú do mésto amante,
 29 E, movida por força ignota e ardente,
 Lançou-se-lhe nos braços delirante;
 Que concerto de beijos fervorosos!
 Que arrulhar de pombinhos amorosos!

Depois de socegada, a virgem bella,
 Que não vira o javardo num recanto,
 35 «Meu anjo, disse, eu sou a tua estrella;
 Vem commigo; rebuça-te no manto;
 37 Escura vae a noite: a sentinella
 38 Saboreia ao abrigo um somno santo;
 39 O meu corcel já ouço, além, ás upas,
 40 Tu, vaes na sella; eu, vou-lhe nas garupas!»

Tancredo que num canto, quedo e mudo,
 42 Vira a scena febril do puro amor,
 E sentira no peito o cravo agudo
 44 Do ciume fatal, terrivel dôr!
 45 Dilatando os pulmões, medonho e rudo,
 Com voz que parecia a de Stentor:
 47 – «Ás armas (estrugiu) o carcereiro
 Quer deixar evadir um prisioneiro!»

Aos echos d'esta voz estridulosa,
 Acorda em sobresalto a força armada;
 Rufam bombos, e a trompa clangorosa
 52 Resôa, e brada «sus» apressurada.
 53 Cecilia, como pende murcha a rosa,
 Cahiu no pavimento inanimada,
 55 Ao som do rir feroz e prolongado,
 Que saía das fauces do cevado.

46. Na *Iliada*, de Homero, Estentor é um herói do Cerco de Troia, cuja voz potente igualava a de cinquenta homens gritando em unísono.

À semelhança da epopeia clássica, este poema é composto em oitavas reais, obedecendo ao esquema rimático ABABABCC. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 117-120.]

VI

- 1 Mal chegára aos Quevedos, assombrados,
A nova do successo deshonroso,
3 Temendo por Cecilia, apressurados,
Ao ouro recorreram milagroso,
5 E desde logo os rectos magistrados,
6 Archivando o processo volumoso,
7 Julgaram num despacho concludente,
8 Que a innocencia dos reus era patente.
- 9 Decidira a familia, neste apuro,
Que se dêsse a menina em casamento
11 Áquelle dos amantes que um futuro
12 Podesse assegurar-lhe de espavento.
13 Mas, Cecilia temendo o caso escuro
14 De escolherem Tancredo, um juramento
Fez logo, tão estranho e tão chibante,
Que a discussão findou no mesmo instante.
- 17 Assim como a cegonha á beira-mar
18 Fica posta num pé sombria e feia,
Depois de pouco a pouco triturar
20 A lagosta que ousou surgir na arêa;
Assim Pires ficou, medonho e alvar,
22 Quando ouviu, da familia na assemblêa,
23 A mãe, com voz pomposa e magistral
24 Firmar da filha a escolha em seu rival.

- Vencidos d'esta fórma os embaraços,
 26 Mandou dizer a bella ao doce amante
 Que viesse, e caindo-lhe nos braços:
 28 «Philippe (murmurou, branda e anhelante)
 29 Sou tua: a mãe consente. Eternos laços
 30 Vão unir-nos ditosos d'ora avante.
 Ai! nem sei como aqui não cáio morta,
 Que tanto esta alegria me transporta!»
- Casaram. Fôra eterno aquelle dia
 34 Sem uns castos preludios, meio occultos:
 Quando a furia da valsa mais crescia
 Era quando ao jardim dous lindos vultos
 Desciam, se ninguem lá os seguia,
 38 E beijos davam mil, livres de insultos.
 39 Até que, emfim, bateu a meia noite,
 40 Que Tancredo sentiu qual rijo açoite.
- 41 Pensou um quarto de hora. De repente,
 Despregando em precípite carreira,
 43 Levado por idea, louca e ardente,
 Á ramagem subiu d'uma figueira;
 Depois um laço atou com mão valente,
 E mettendo a cerviz á gargalheira,
 No ar se balançou, qual figo enorme,
 48 Soltando da larynge um berro informe.
- 49 Não sei se foi de rir, se de chorar
 A morte d'este heroe de má figura,
 51 Que partiu d'este mundo sublunar,
 52 Sem levar os latins do padre-cura:
 53 Eu, porém, já cançado de cantar
 Não achei esta morte prematura,
 E creio que o leitor, já somnolento,
 56 Tambem lhe disse um «bravo» ao passamento.

À semelhança da epopeia clássica, este poema é composto em oitavas reais, obedecendo ao esquema rimático ABABABCC. Todos os versos são decassílabos heroicos.

As evocações

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 123-125.]

ILLUSÕES PERDIDAS

- Mulher, que sóltas ao vento
 2 A alegre canção nocturna,
 Escuta o primeiro accento
 4 Da minha dôr taciturna!
- 5 De uma comedia aviltante
 6 Não venho lembrar-te as scenas:
 Como não rira a bacchante
 Dos beijos das açucenas!
- Como não rira a insolente,
 10 Em contorsões de perdida,
 11 Do casto amor do innocente
 12 Que só a amára... vestida!
- Como não rira a devassa
 Dos arroubos da poesia,
 Se cada noite que passa
 Leva comsigo uma orgia!
- Venho pedir-te o retrato
 Que te dei por amizade:
 19 Não quero servir de ornato
 Nos alcouces da cidade.

Quero laval-o nas ondas,
Que gemem na praia agreste,
D'aquellas manchas hediondas
Dos beijos que tu lhe deste.

25 Laval-o, não; fôra pouco:
26 Quero lançar essa imagem,
27 Pobre retrato d'um louco,
28 Á mais profunda voragem;

Que d'esse crime nefasto
30 Da ruina d'um peito enerve,
Nem sequer me fique o rasto
Das impurezas do verme!

E possa esquecer-me um dia,
34 Lá nos fins da minha idade,
35 Da tormentosa agonia
36 Dos sonhos da mocidade.

Mulher, que sóltas ao vento
38 A alegre canção nocturna,
Ouviste o ultimo accênto
40 Da minha dôr taciturna!

Este poema é composto por dez quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

83

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 127-128.]

CARPE DIEM

(De Lamartine)

Amendoeira florída,
Emblema da formosura,
Como tu, a flor da vida,
4 Bem pouco floresce e dura.

Que alguém a despreze ou colha,
6 Da frente onde amor ardia,
Cae a triste, folha a folha,
Como o prazer dia a dia.

Gozemos-lhe o breve encanto,
10 Os aromas d'um momento;
11 Depressa virá o pranto
Mais breve que o pensamento.

A beleza é fugitiva,
É como a rosa modesta
Que da frente do conviva
Cae antes que expire a festa.

Subtítulo. Estamos perante uma tradução do poema “La branche d’amandier”, de Alphonse de Lamartine (*1790 †1869). Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), o poema original.

Morre um dia, outro começa;
A primavera desmaia;
A flor, que o vento arremessa,
Diz-nos: «depressa, gozae-a!»

E se o destino é que as rosas
Percam mimos, viço e côr,
Ao menos murchem ditosas
24 Nos doces lábios do amor.

Este poema é composto por seis quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

84

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 129-131.]

PERDIDA!

- 1 Eil-a caída, a pomba d'alvas plumas,
Na gehena das virgens impollutas!
- 3 Quasi occulta nas sordidas espumas
Lá vae nas ondas das paixões corruptas.
- 5 Cedeu. Que ha-de fazer o passarinho
6 Se a giboya o fascina, e, morto o instincto,
7 Voltêa, como folha em torvelinho,
8 Em torno ás fauces do reptil faminto?
- 9 Que ha-de fazer a tenue mariposa
10 Se nas sombras da noite ou na penumbra,
11 Luz, de repente, a chamma esplendorosa,
12 Um sol que a attrahe, um astro que a deslumbra?
- 13 Mirara nos espelhos do seu quarto
14 O rosto angelical de linhas brandas,
15 A tez de neve, o dorso ondeante e farto,
16 As pômas brancas, de desejos pandas;
- 17 E Mephistó, com falla seductora,
Murmurou-lhe, beijando-lhe as espaldas:
19 «Que lindo collo! mas mais lindo fôra
20 Se um collar o cobrisse de esmeraldas!

2. *Geena* é uma palavra de origem aramaica, que encontramos nos textos bíblicos para designar o Vale de Ben-Hinom, a sul de Jerusalém. Originalmente lugar sacrificial onde os antigos apóstatas imolavam crianças ao deus Moloc (2 Cr. 28: 3; 33: 6; Jr. 7: 31; 19: 2-6), o vale tornou-se depois símbolo da perdição eterna. Assim se compreende que a palavra surja no Novo Testamento (Mt. 5: 22; 18: 8-9) para designar o Inferno que castigará os ímpios depois da morte.

- 21 «Desses teus olhos a expressão divina
 22 Domara o tigre negro, os leões de Java.
 23 É nessa luz que o filho de Erecina
 24 Empeçonha os farpões da sua aljava.
- 25 «Amara-te um Petrarcha, sem desdoiro,
 26 Que és a madona das romanas telas!
 27 Quem não quizera ser a abelha d'oiro
 28 Que suga a flor das tuas faces bellas!
- 29 «E deixas-te ficar nesse lethargo,
 30 Como insensível monja em cella escura!
 31 A vida é curta: arranca o vôo ao largo:
 32 Ama e goza, que a vida pouco dura!»
- 33 E eil-a caída, a pomba d'alvas plumas,
 Na gehena das virgens impollutas!
 35 Quasi occulta nas sordidas espumas
 36 Lá vae nas ondas das paixões corruptas.

17. Aliado de Lúcifer ou mesmo identificado com o próprio Diabo, Mefistófeles é uma figura satânica que povoa o imaginário medieval. Na literatura, é especialmente conhecido enquanto personagem de *Fausto*, a lenda alemã imortalizada por Goethe (*1749 †1832).

23-24. Refere-se a Eros, o filho de Afrodite (também conhecida como Ericina, por alusão ao santuário na ilha de Érice). O deus grego do Amor era frequentemente representado enquanto criança travessa, munida de arco e flechas, cujos ferimentos despertavam amor entre as vítimas.

25. Alude-se ao amor de Francesco Petrarca (*1304 †1374) por Laura, conforme celebrado nos *Rerum Vulgarium Fragmenta*, uma das obras emblemáticas da lírica ocidental.

Este poema é composto por nove quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 8, 16, 19, 21, 26, 27 e 36.

8. Note-se a realização oxitona de *reptil*.

85

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 133-134.]

BLUETTE

(*Numa exposição de rosas*)

- Chegamos aos tristes dias
 2 Em que reina a prosa hedionda.
 3 Eu já não faço poesias:
 Vou-me levado na onda.
- 5 Tróco ou vendo, por commercio:
 6 De graça, cousa nenhuma.
 Fez-se cambista Propercio,
 Ovidio livros arruma.
- Mas, não fiques tão nervosa
 Por uns desejos pueris:
 Tenho de expôr uma rosa...
 Faça-te uns versos gentis,
- 13 Versos d'um poeta que sonha,
 De um coração que se expande,
 Se consentes que te exponha...
 Ganharia o premio grande.

7-8. Evocam-se aqui dois dos mais importantes poetas elegíacos do século de Augusto: Sextus Aurelius Propertius (*ca.43 †ca.17 a. C.) e Publius Ovidius Naso (*43 †17 a.C.).

Este poema é composto por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
p. 135.]

MADRIGAL MYTHOLOGICO

- 1 Em frente ao quadro a multidão se ajunta:
- 2 Era a imagem da minha castellã.
Diz o filho da deusa de Amathunta:
«É o retrato perfeito da mamã!»

3. Trata-se de uma alusão ao episódio mítico, segundo o qual Afrodite (a deusa grega do Amor) inspirou tão insaciável desejo às jovens Propétides, oriundas da cidade de Amatunte, que estas se tornaram as primeiras meretrizes da Antiguidade.

Este poema é composto por uma quadra, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 1.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
p. 137.]

NUM LEQUE

Não quero neste leque perfumado
 2 Deixar um madrigal em phrase ensôssa:
 Procura um trovador mais inspirado:
 A uma Laura gentil, menina e moça,
 5 Faltou nunca um Petrarcha enamorado?

6 Mas, esse rosto gentil
 Uma aza d'anjos o abane!
 Visse-o um dia Paulo Avril:
 Um novo quadro ao buril
 10 Ornára o livro de Uzanne!

4-5. Alude-se ao amor de Francesco Petrarca (*1304 †1374) por Laura, conforme celebrado nos *Rerum Vulgarium Fragmenta*, uma das obras emblemáticas da lírica ocidental.

8-10. Trata-se de uma referência às ilustrações de Paul Avril, no livro *L'Éventail* (1882), de Octave Uzanne.

Este poema é composto por duas quintilhas. A primeira (em decassílabos heroicos) emprega rima cruzada, enquanto a segunda (em redondilha maior) apresenta um esquema rimático do tipo ABAAB.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
p. 139.]

ESTROPHES DUM ASSASSINO

- 1 Sim, viverás! Porque só morre o homem
Que os dias seus passou a fazer bem.
Pobres d'aquelles que por norma tomem
- 4 As leis clementes que do amor provêm.
- 5 Só vive quem de lagrimas se alenta:
Vive o que a fama de perverso alcança:
Mais que um dia de plácida bonança
Deixa rastros um dia de tormenta!

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Os vv. 2, 5, 7 e 8 são decassílabos heroicos, sendo sáficos os vv. 1, 3, 4 e 6.

89

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
p. 141.]

COSMOGONIA

- 1 Assim que um poeta morre, ascende ao ceu profundo
- 2 E logo resplandece em páramos ditosos:
- 3 D'um poeta que expirou resurge um novo mundo:
- 4 Os poetas são os germens dos astros radiosos!

1. Este poema foi originalmente publicado em número especial de homenagem ao poeta António Fogaça († 27 de novembro de 1888). Vd. notícia dos testemunhos, no *Aparato Crítico*.

Esta quadra é composta em dodecassílabos simples, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Sobre o modelo versificatório empregado, vd. o Arquivo documental, no *Aparato Crítico*.

90

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 143-145.]

A DIVA

- Eu não posso dizer-vos como é linda
A prima-dona do perfil gracioso:
Fica o labio dos poetas silencioso
4 Ante o esplendor d'essa belleza infinda!
- Não sóla a lyra um som. Febril, demente,
Vivo nas ancias d'um desejo infrene,
7 Qual o conviva num festim solemne,
Se a taça esgota d'um falerno ardente.
- 9 Junto d'ella, curvado, timorato,
10 Se lhe fallo, em tolices me desprendo,
11 E madrigaes, que eu mesmo não entendo,
12 Lhe recito, na lingua de Torcato!
- 13 Outras vezes, qual monge de granito,
14 Junto d'ella me fico arrebatado,
15 Na postura d'um vate enamorado,
16 A mão no peito, os olhos no infinito.

2. Na ópera, prima-dona é a principal cantora de uma companhia.

8. Falerno é um vinho italiano de origens antigas, que aparece referido na literatura latina.

12. Alude-se ao eminente poeta italiano Torquato Tasso (*1544 †1595).

- 17 Um dia solfejei-lhe, em voz pastosa,
 18 A ella, a essa garganta d'oiro e prata,
 19 A canção do tenor, da *Traviata*,
 20 Que ella ouviu, com surpresa jubilosa.
- 21 Depois, a sotto-voce, em tom cadente,
 22 Como em paga da minha gentileza,
 23 Murmurou-me a romanza da tristeza,
 24 A chorosa *Alla Stella confidente*.
- 25 E quer ser minha: segredou-m'ò ha pouco!
 26 Oh ventura celeste, ideal, suprema!
 27 Vae unir-nos em breve a mesma algêma
 28 Vão realizar-se as illusões d'um louco!
- 29 Disse-me: «Irás commigo, anjo adorado;
 30 Nas verdes margens do cerúleo Còmo,
 31 Colheremos famélicos o pômo
 32 Que outrora a Adão e a Eva foi vedado.»
- 33 E fallando-me assim, graciosa e bella,
 34 Perlas soltas d'uma amphora de prata,
 35 Aos espaços lançou uma volata
 36 Que um rouxinol suppoz de philomela!
- E não posso dizer-vos como é linda
 38 A prima-dona de perfil gracioso:
 39 Fica o labio dos poetas silencioso
 40 Ante o esplendor d'essa belleza infinda!

19. *La Traviata* é uma ópera de Giuseppe Verdi, estreada em Veneza no ano de 1852.

21. *A sotto voce* é uma expressão italiana originalmente usada na música e no canto, para designar a ênfase conseguida pelo abaixamento no volume da voz. Trad.: “em voz baixa”.

23-24. *Alla Stella Confidente* é uma aria (ou romanza) de Vincenzo Robaudi, datada de 1878.

31. Trata-se de uma referência à transgressão de Adão e Eva (Gn. 3).

Este poema é composto por dez quadras, combinando rima emparelhada e interpolada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 4, 6, 7, 8, 25, 28, 30, 38 e 40.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
p. 147.]

NA VARETA DUM LEQUE

- 1 O leque na mão nevada
D'uma loira primavera
É como a vara encantada
4 D'uma Circe: attrahe a fera!
- 5 E a fera, o leão das salas,
Mais que o da Núbia temido,
7 Treme ao vêr-te, e se lhe fallas,
Larga a juba, e cae vencido!

4. Na *Odisseia* de Homero, Circe era a feiticeira que habitava a ilha de Ea e transformou em animais os marinheiros de Ulisses.

5-6. Alude-se ao deus egípcio Maahes, o *Leão Furioso* originário de Leontópolis e venerado também na Núbia, sob a forma de leão ou homem com cabeça de leão.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

5. A contagem métrica impõe uma diálise em *E a*.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
p. 149.]

NOUTRO LEQUE

- 1 Mulheres... perdição da nossa vida!
- 2 Bem, contra ellas, Santo Ambrosio, fallas!
- 3 Mas... se não existissem? Insoffrida,
- 4 Teria a humanidade de invental-as.

2. Já no *Hexameron* (*in tractatu diei quartae*) Santo Ambrósio († 397) culpabilizava a mulher pela Queda de Adão, representando-a como uma ameaça para o homem. Muitas destas referências seriam assimiladas pelo Decreto de Graciano (que recolhe grande parte da tradição patrística anti-feminista).

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

93

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
p. 151.]

EPITAPHIO
(De Geraldo da Cunha)

Como o raio destroe, em noite fria,
A ave e o roble, se no roble cae,
Assim a Morte destruiu num dia
A vida ao filho, o coração ao pae.

Subtítulo. Trata-se do médico e intelectual bracarense António Geraldo da Cunha (*1867 †1896), que faleceu na Guiné, em junho de 1896, enquanto servia como Facultativo da Armada. Era filho do sapa-teiro da Casa Real, José da Cunha Alves de Souza.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo sáfico, mas é heroico o v. 1.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
p. 153.]

NUM CEMITERIO

Que procuras aqui, mulher velada,
Nas sombras d'esta campa de granito?
3 O seu corpo? Morreu, volveu ao nada.
A sua alma? Procura-a no infinito!

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 155-160.]

A ESMOLA

Era num sitio afastado
A casa em que ella vivia,
3 Junto a um plátano copado
Que de sombra a recobria.

Negára-lhe a natureza,
Em seus caprichos injusta,
Os encantos da belleza:
Era feia; – mas robusta.

9 Era até muito elegante
E d'uma extrema frescura;
Tinha o cabello abundante,
12 Em ondas na frente pura.

Sempre triste e concentrada,
14 Bem poucas vezes saía;
Andava sempre apressada,
E se via alguém, fugia.

Nenhum rapaz a quizera,
Nenhum, posta a mão no seio,
Recurvado, lhe dissera
O mais simples galanteio.

Que vida tão desgraçada!
Que existencia desditosa!
Era, assim abandonada,
Como a debil tuberosa,

25 Que pouco a pouco emmurchece,
26 E para a terra se inclina,
27 Se depois que o sol a aquece
28 A não refresca a neblina.

Sentada á sua janella,
Altas horas, ao luar,
Se cantava a philomela,
Tambem se punha a cantar.

E com voz que traduzia
Um secreto pensamento,
35 Estas palavras dizia,
Com estranho sentimento:

«Sou como triste viuva
Neste meu negro penar;
39 Haja sol, ou cáia a chuva,
40 O meu destino é penar.

«Sou tão nova, e, pensativa,
Tenho o sonhar da mulher:
Mas estou morta, e sou viva,
Porque a mim ninguem me quer!»

Quando eu ia da cidade
Passar ao campo algum dia,
Era sempre com piedade
Que á sua janella a via.

Certa noite, calma e lêda,
50 D'um luar resplandecente,
A meio d'uma vereda,
52 Encontrei-a frente a frente.

Parou, ao vêr-me, indecisa;
 54 Teve ideas de voltar,
 Mas era tão doce a brisa!
 Era tão doce o luar!

57 De chofre, sobre ella cáio
 58 Como o tigre sobre a prêsa,
 E vendo-a quasi em desmaio,
 60 Hirta de horror e surpresa;

Dou-lhe um beijo, com doçura,
 Na sua bôcca lasciva:
 63 Quer resistir porque é pura,
 Mas por defêsa instinctiva;

65 Porque em breve como cega
 Pelo ardor que a vence e alaga,
 Aos meus caprichos se entrega,
 Que amor com amor se paga.

—

Findou tarde, muito tarde,
 Aquelle idyllio secreto.
 Mas, silencio! Fui covarde,
 Não seja agora indiscreto!

73 – «Adeus (lhe disse) a alvorada
 74 Já dos montes se avisinha.»
 – «Já! disse ella contristada...
 Deus lhe pague esta esmolinha!»

Este poema é composto por dezanove quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
p. 161.]

OUTROS TEMPOS

- 1 Oh Moisés colossal da lenda eterna!
- 2 Desce de novo lá dos ceus ao mundo!
- 3 Vem conduzir á Promissão moderna
- 4 Este povo, nas sombras gemebundo!

- 5 Mas, se desejas que Israel te siga
- 6 E te não volte, sem respeito, a face,
- 7 Não lhe dês agua, que é uma cousa antiga,
- 8 Dá-lhe abundante em cada rocha um Bass!

1-8. Trata-se de uma referência ao Êxodo do povo de Israel, atravessando o deserto, sob liderança de Moisés, até à Terra Prometida. De modo particular, alude-se ao episódio das águas de Meribá, que Moisés fez brotar de uma rocha, para dar de beber ao povo sedento (Ex 17, 1-7; Nm 20, 2-13).

8. Bass é uma das mais antigas marcas de cerveja inglesa, fundada em 1777.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo sáfico, mas são heroicos os vv. 1, 2 e 4.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
p. 163.]

INSPIRAÇÃO ANTIGA

É cedo por emquanto. A musa esquiva
Foge aos amplexos do seu vate inquieto.
A guitarra andalusa d'Almaviva
Não tem echo nos páramos do Hymétto.

Só me inspiram, no campo dos amores,
Rimas singelas, naturaes, sem tropos,
Hespanholas gentis, que sejam flores,
8 Ou o loiro Xerez, que vi nos copos.

3. Alude-se à serenata do conde de Almaviva, defronte da janela de Rosina, na comédia de Pierre Beaumarchais, *Le Barbier de Séville* (1775), transformada em ópera-bufa por Rossini.

4. Himeto é um dos montes que cercam Atenas, juntamente com o Parnaso e o Pantélico. Nos relatos míticos, aparece frequentemente descrito como um lugar bucólico, de florestas perfumadas, onde libavam as mais melíferas abelhas.

8. Xerez é um vinho fortificado, produzido na região espanhola de Jerez de la Frontera.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.

Arias modernas

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 167-168.]

FIM DE SECULO

(*A Manuel Duarte d'Almeida*)

- Era galante, mas fria,
 2 Anjo talvez, mas em prosa;
 Via o mundo côr de rosa,
 E d'essa côr se vestia.
- 5 Um vate, que perseguia
 6 Como um doido a caprichosa,
 7 Numa tarde luminosa,
 Com voz doce lhe dizia:
- «Como é triste a minha estrellã!
- 10 «E não me tiras a adaga
 «Que este meu peito flagella!
- «Ouve o Dirceo de Gonzaga:
 «Amor...» Interrompe a bella:
 14 – «Amor com dobrões se paga.»

Dedicatória. O poeta Manuel Duarte de Almeida (*1844 †1914) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores d'*A Folha*.

12. Trata-se de uma referência ao poema lírico de Tomás António Gonzaga, *Marília de Dirceo* (1792).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 169-170.]

DENTIBUS ALBIS

(*A José Frederico Laranjo*)

- 1 Foi medonho o combate e porfiado,
Mas, por fim, a teus pés caí vencido;
3 Assim, por vezes, no deserto ardido
A giboya derruba o leão cançado.
- Mal me viste por terra, aniquillado,
Para logo, com ánimo insoffrido,
Cravaste os dentes de marfim polido
8 Neste meu pobre coração maguado.
- 9 E como o tigre que subjuga a prêsa,
Não te condoes da victima que chora,
Nem me escutas, em teu furor accêsa!
- 12 Oh deus, venha um dentista sem demora!
13 Vem tu, oh Bass: empunha a chave ingleza:
Arranca-me este amor que me devora!

Dedicatória. José Frederico Laranjo (*1846 †1910) foi companheiro de Penha em Coimbra e um dos mais reputados juristas e políticos da altura.

8. Bass é uma das mais antigas marcas de cerveja inglesa.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 7, 8 e 9.

100

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 171-172.]

A FIADEIRA

(A *Mariano Pina*)

Se um Hilario agora a visse
No passeio da cidade!
3 Elegante, sem vaidade,
4 Quando a namóro sorri-se.

Não sei que bardo me disse:
6 «Pelo amor d'esta beldade
7 Daria, amigo e confrade,
8 O verbo da bernardice!»

Como é linda! A Grecia impura
10 Daria por ella, em troca,
A deusa da formosura!

Pois sabei que traz na roca
13 Os meus dias de ventura,
E vae grande a maçaroca!

Dedicatória. O jornalista Mariano Pina (*1860 †1899) era figura de proa nas letras finisseculares, tendo dirigido a prestigiada revista *A Ilustração*, entre 1884 e 1892.

1. Refere-se a Santo Hilário de Poitiers (*ca.310 †368), um dos Santos Padres da Igreja do Ocidente.

8. Alude-se aos dotes oratórios de São Bernardo de Claraval (*1090 †1153), grande pregador da Ordem de Cister e o último dos Padres da Igreja.

9-11. Trata-se de Afrodite, e deusa da Beleza e do Amor na Grécia pagã.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

101

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 173-174.]

MARINHA

(*A Bulhão Pato*)

Nos rochedos sinistros que a procella
2 Uivando açoita, em pavoroso embate,
3 O triste barco, já sem leme, bate,
Fendido o mastro, esfarrapada a vela.

O náufrago, terrível scena aquella!
Tenta o esforço d'um ultimo combate;
7 Mas, em vão: sôa a hora do resgate,
8 A hora do pavor que as almas gela.

9 A mãe, na praia, ao vê-lo sem alento,
10 Já nas fauces do monstro, e sem asylo,
11 Incrépa os ceus com lamentoso accênto;

E na duna arenosa, em pé, tranquillo,
13 Um moço artista, de cabelo ao vento,
14 Vae desenhando, com mão firme, aquillo!

Dedicatória. João Penha dedica este soneto ao poeta Raimundo António de Bulhão Pato (*1828 †1912), antes mesmo de o conhecer. Vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 3, 4, 11, 13 e 14.

102

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 175-176.]

DEVOTA

- 1 Quando eras rapariga,
Belleza ideal a tua!
Fería, como púa,
Matava sem fadiga.
- Loira, como uma espiga,
Esbelta, a espadua nua,
Dizia-se na rua:
«Excede a Láis antiga!»
- 9 Chamavam-te a leoa,
E foste a musa e o astro
Dos poetas de Lisboa.
- 12 Agora, és de alabastro,
E um papagaio entôa
Que tens por liga... um nastro!

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/
CDC/DCD.

103

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 177-178.]

SIR JOHN BULL

Eis o thêma: quem és? Nenhum propheta
2 Se lê nos velhos códices que o diga:
E nos livros da Historia, a sempre amiga,
Esta materia é dúbia, por discreta.

«Excremento do mundo» o grande poeta
6 Te chamou num soneto em phrase antiga;
7 Mas a Sciencia, que origens investiga,
8 A solução propende mais completa.

Quando o teu proprio bardo te figura
10 Em Falstaff, o poltrão, odre com pernas,
Só quiz lisongear-te a compostura:

Chegam mais longe as conclusões modernas:
Tu és, segundo a Sciencia conjectura,
14 O macaco primévo das tabernas!

Título. John Bull é uma personagem de John Arbuthnot, celebrizada no séc. XIX como personificação nacional da Grã-Bretanha, em geral, e da Inglaterra, em particular. Em *cartoons*, era geralmente representado como um homem loiro e corpulento, envergando um colete com a Bandeira da União.

5-6. Parece referir-se à tradução que Filinto Elísio empreendeu da fábula lafontainiana “O leão e o mosquito”: “Vai-te, excremento do Orbe, vil insecto!”/ (Ao Mosquito dizia o Leão hum dia)/ Quando, clamando guerra/ Respondia o Mosquito:/ – Cuidas que tenho susto, ou faço caso/ – De que Rei te intitules? [...]” (*Fabulas Escolhidas entre as de J. La Fontaine*, 1814. T. I, p. 48).

9-10. Sir John Falstaff é uma personagem cómica do drama histórico de William Shakespeare, *Henry IV* (ca. 1597). O companheiro do príncipe Hal aparece caracterizado como um cavaleiro gordo, ébrio, mentiroso e cobarde.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 12.

104

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 179-180.]

FI!

(*A Gomes Leal*)

Já corre o sangue na injocunda face
Do prostrado guerreiro do Occidente.
Mas, d'esse bôjo de Moloch ingente,
Se a ponta d'um florete o perfurasse,

Só jorraria o liquido de Bass,
Sangue impuro, com fezes d'agua-ardente!
Venceste. Mas, quem és? Pôngo valente
Um Caran d'Ache o teu perfil nos trace.

A nossa historia num Camões se veja!
Lê-se a tua no sórdido cadastro
Dos crimes que na terra o Mal despeja!

Quem és? A treva; Portugal um astro.
Passa de largo, oh ôdre de cerveja:
Nem vales o soneto d'um poetastro!

Título. *Fi!* é uma interjeição de desagrado ou aversão, que transitou do Latim para o Francês.

Dedicatória. A afinidade entre João Penha e o poeta António Duarte Gomes Leal (*1848 †1921) é testemunhada em vários poemas e satânicas em prosa, reciprocamente dedicadas.

3. Trata-se de uma alusão aos ritos sacrificiais dos amonitas apóstatas, que imolavam crianças ao deus Moloc (2 Rs 16,3-4; 23,10; Jr. 32,35).

5. Bass é uma das mais antigas marcas de cerveja inglesa.

8. Caran d'Ache é o pseudónimo do caricaturista francês Emmanuel Poiré (*1858 †1909).

9-11. Acentua-se a oposição entre os feitos heróicos dos portugueses (cantados na epopeia de *Os Lusíadas*) e a marginalidade dos corsos ingleses, nomeadamente de Sir Francis Drake.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 3, 8, 9 e 12.

105

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 181-182.]

PARTAMOS!

(*A M. S. Romão*)

- 1 Venceste. Na luta accêsa
Entre nós ambos travada,
Ficou-me a razão prostrada
Ante essa estranha belleza.
- 5 Fôras madona em Veneza;
6 Em terra de moiros, fada,
7 E na França enamorada
A loira musa franceza.
- 9 Venceste! Venceu a bella;
O velho leão do asphalto
11 Fia-lhe a roca, aos pés d'ella!
- 12 Ao precipicio, de um salto!
13 Põe tu a flórea capella
Que eu vou pôr o chapeu alto!

Dedicatória. Manuel São Romão era primo materno de João Penha e um avaliado pintor bracarense, tendo mesmo ilustrado a edição das cartas de Soror Mariana (1894).

10-11. Alude-se ao episódio mítico, segundo o qual Héracles, tomado de amores pela rainha Onfale, obedecia a todos os caprichos desta, prostrando-se humildemente a seus pés, a fiar com a roca e o fuso, enquanto a soberana tomava os atributos do herói, envergando a pele do leão de Nemés.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

106

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 183-184.]

HONNI SOIT QUI MAL Y PENSE

- 1 Mais brando que o dolcísomo Petrarca
Eram favos de mel os teus escriptos,
E eras já, por teus versos tão bonitos,
O poeta mais distinto da comarca.
- 5 De repente, mudaste: obra da Parca
Ou influxo dos réprobos malditos!
Reclamas a cabeça, em altos gritos,
Não d’um porco-montez, mas do monarcha;
- 9 Matas o mísero D. João por troça;
Entras dos ceus na abóbada profunda,
- 11 E dás ao Padre Eterno horrenda cóça!

Em ti do morticínio a fome abunda,
Em ti abunda a sanguinaria bossa:
Tu és camêlo, dize, ou és corcunda?

Título. “Honni soit qui mal y pense” é uma expressão francesa que significa “envergonhe-se quem nisto vê malícia”.

3. Refere-se a Francesco Petrarca (*1304 †1374), um dos poetas emblemáticos da lírica ocidental.

5. Na Roma Antiga, as Parcas (representadas como três irmãs fiandeiras) eram as divindades do Destino que determinavam o curso da vida humana.

7-9. Trata-se de uma alusão a duas célebres obras do poeta Abílio Manuel Guerra Junqueiro – *A Morte de D. João* (1874) e *A Velhice do Padre Eterno* (1885) – bem como aos seus ideais republicanos.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 9 e 13, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 14.

107

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 185-186.]

NO LEQUE DO POETA X

1 Dize-me, oh vate, o que pedes
Sempre em gemidos, se cantas!
Não erguêra maguas tantas
A alavanca de Archimedes.

Inda mais que o Fausto Guedes,
7 Inda mais que o Julio Dantas,
8 Tu o mundo inteiro espantas,
9 Com as lamurias que expedes.

Não eras assim outrora:
11 Bem sei que vives na chamma
De um amor que te devora;

Mas, se padece quem ama,
Não pranteies como chora
Um baby que pede mâma!

Título. Sobre o *poeta X.*, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

4. Trata-se de uma alusão ao princípio da força de alavanca, descoberto pelo matemático grego Arquimedes (*ca.287 †ca.212 a.C.).

6-7. Refere-se aos poetas neorromânticos Júlio Dantas (*1876 †1962) e Fausto Guedes Teixeira (* 1871 †1940).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

108

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 187-188.]

HESPANHOLA

(*A Candido de Figueiredo*)

Lia-lhe os cantos de Truéba, um dia,
 Numa tarde calmosa e transparente.
 Duma guitarra a vibração plangente
 Nos recantos da sala esmorecia.

Como Petrarca a Laura, que o ouvia
 Sentada junto á múrmura corrente,
 7 Assim, áquella flôr, com voz tremente
 Os doces cantos de Truéba eu lia.

De súbito, num vivo ardor accêsa,
 Filha inquieta do patrio Manzanares,
 11 Traça a mantilha, á moda aragoneza.

12 Cáo-me das mãos o *Livro dos Cantares*:
 13 – «Onde vaes?» lhe pergunto com tristeza;
 – «Á colheita dos lânguidos olhares.»

Dedicatória. O prestigiado filólogo António Cândido de Figueiredo (*1846 †1925) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores mais próximos d' *A Folha*.

1. Trata-se do *Libro de Cantares* (1852), do poeta espanhol Antonio María de Trueba (*1819 †1889).

6. Alude-se ao amor que Francesco Petrarca (*1304 †1374) devotou a Laura, celebrando-a nos *Rerum Vulgarium Fragmenta*.

10. O rio Manzanares é um subafluente do Tejo, que atravessa o centro de Espanha.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 3 e 8.

109

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 189-190.]

FRANCEZA

- 1 Loira como uma messe em fins d'agosto
- 2 Não deve, á raça, esculptural belleza.
Risonha, com assômos de tristeza,
- 4 Nunca a prostrára a sombra d'um desgôsto.

- 5 Adora a valsa, e na expressão do rosto
- 6 Revela, ao rir, a natural viveza.
- 7 No *Bosque*, sobresáe pela esbelteza
Do seu porte correcto e de bom gôsto.

- 9 Casou-se ha já dous annos. O marido,
- 10 Homem grave, de ventre e deputado,
- 11 Em grande conta nos jornaes é tido.

- 12 Mas, quando o vejo no salão doirado,
- 13 Junto d'ella, a dormir, vem-me ao sentido...
De Miguel Angelo o Moysés sentado.

10. A obra-prima de Michelangelo Buonarroti (*1475 †1564) representa Moisés com um par de cornos no alto da cabeça. Segundo algumas teses, a protuberância deve-se a um erro na tradução da passagem bíblica (Ex. 34: 29-35), segundo a qual Moisés descera o monte Sinai com “raios de luz” (*karan ohr*, em Hebreu) saindo da cabeça, mas que São Jerónimo traduziu na Vulgata como “cornos” (*keren*).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 5, 6, 11, 12 e 14.

110

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 191-192.]

MENDIGOS

(*A Fernandes Costa*)

Eu tinha uma vaga idea
De a ter visto não sei quando.

3 Agora andava esmolando:
4 Triste fim d'uma epopêa!

5 Hontem, á noite, encontrei-a.
Aproximou-se, e chorando:
7 – «Tem pena ao vêr como eu ando!»
8 E na voz de quem pranteia,

Tinha a vaga melodia
De longinquas barcarollas.

11 – «Já fui ditosa algum dia:

«Já lhe dei muitas esmolas...»
– «Tu? A mim?» – «Quando as pedia
Nos braços das hespanholas.»

Dedicatória. A dedicatória a José Fernandes Costa (* 1848 †1920), neste sonetinho originalmente publicado na revista *Novos e Velhos*, surge depois de aquele poeta ter também dedicado a João Penha um outro carme (“Cancioneiro intimo”), no n.º 1 da mesma revista.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

111

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 193-194.]

AS CARTAS

De súbito, e ajoelhado á moda antiga,
Hesitante lhe disse que a adorava:
«Que de ha muito sentia a mente escrava
4 Dos seus dons de elegante rapariga.
5 «Por vós (lhe disse) esta minh'alma abriga
6 Um fogo interno, que se expande em lava!»
7 Como o esphinge, estas vozes escutava
Num silencio cruel, mas sem fadiga.
Disse mais: «Passo a vida, enamorado,
A fazer versos sepulchraes á lua,
E sempre sem dinheiro, e desleixado,
«O que tenho de meu trago-o na rua:
Sou tão sómente... bacharel formado.»
– «Ah! tens as cartas... caro amor, sou tua!»

7. Alude-se à esfinge grega do mito de Édipo, o terrível leão com cabeça de mulher que ameaçava estrangular todos aqueles que se revelassem incapazes de decifrar o enigma.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 6, 10, 13 e 14.

112

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 195-196.]

O ULTIMO EREMITA

(A Alberto Pimentel)

- 1 Rosina! Que formosura!
- 2 Não ha outra na cidade:
Quando falla, que bondade!
Quando sorri, que doçura!

- 5 Disse-me, ao vêl-a, o meu cura:
- 6 «Por um ai d'esta beldade
- 7 Daria, na mocidade,
- 8 A minha prima-tonsura!»

- 9 Mas, oh dôr não presentida!
- 10 «Vae casar, diz a gazeta,
- 11 Consentiu, ao ser pedida!»

- 12 Quebra-me o fado a ampulheta:
Vou-me ao sepulchro inda em vida:
- 14 Vou fazer-me anachoreta!

Dedicatória. A dedicatória a Alberto Augusto de Almeida Pimentel (*1849 †1925) surge na sequência de um opúsculo que o escritor portuense publicou sobre João Penha, em 1893. A este propósito, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

1. Acerca do pseudónimo Rosina, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

113

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 197-198.]

DESENHO Á HOLBEIN

No caixão, sobre fúnebre taburno,
Jaz estendido, envólto no sudario,
O professor do burgo solitario,
«Prostrado pela foice de Saturno.»

- Disse-o elle, ao morrer. Grave e soturno,
Resôa, em volta, o canto funerario,
E lá fóra, o sinistro campanario
- 8 Une a voz tragica ao pavor nocturno.
- 9 Batera a meia noite. De repente,
O terror, um insano desvario,
- 11 Lança por terra a multidão fremente:
- 12 O morto erguêra o braço magro e frio,
13 E matára... uma aranha, que imprudente,
14 Á fronte lhe descêra a pôr um fio!

Título. Refere-se ao pintor alemão Hans Holbein *der Jüngere* (* ca.1497 †1543), particularmente ao célebre quadro “Der Leichnam Christi im Grabe” (1521).

4. Na iconografia clássica, a foice de Saturno representa a serpe que corta a vida.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8 e 11.

114

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 199-200.]

EVOLUÇÃO PERTÉTUA

(A *Valentim de Magalhães*)

- 1 Não te cances no estudo, incerto e vario,
 2 Do problema final da vida eterna.
 3 «Depois da morte, nada» é voz moderna
 Que se perde nas rochas do Calvario.
- Sombrio, como um doente imaginario,
 Apavora-te o Espectro que governa
- 7 No palacio dos reis, e na taberna:
 A da fouce e do lúgubre sudario.
- 9 Mas, coragem! Não chores sem motivo!
 Nem mais andes assim, na morte absôrto,
 11 Que no mundo o prazer é fugitivo:
- Toma alentos num cálice de Porto:
- 13 Se para se morrer, basta estar vivo,
 14 Para se resurgir, basta estar morto.

Dedicatória. O escritor brasileiro António Valentim da Costa Magalhães (*1859 †1903) dirigiu o jornal literário *A Semana*, onde este carme foi originalmente publicado. Vd. Notícia dos testemunhos, no *Aparato Crítico*.

3. Trata-se da locução latina “post mortem nihil est”, empregada por Séneca, no Acto II (2, v. 397) de *Troades*. 6-8. Na iconografia medieval, a Morte era representada por uma figura esquelética, envolta num manto negro e empunhando a foice que cega a vida.

12. Alude ao conhecido Vinho do Porto, fortificado a partir de castas produzidas na Região Demarcada do Douro.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Todos os versos são decassílabos heroicos.

115

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 201-202.]

UMA ANDALUZA

Desde Sevilha a Granada,
Nesse jardim de Castella,
Nenhuma rosa, como ella,
Fôra dos poetas cantada.

6 Campoamor chamou-lhe fada,
6 Truéba e Zorrilla – uma estrella.
7 Mas, veio um dia a procella,
E prostrou-a inanimada.

9 Ao seu grito derradeiro,
Outro se uniu, de agonia,
Lamento de um povo inteiro;

Que em éstos de amor tremia,
Ao rufo do seu pandeiro,
A terra da Andaluzia!

Título. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que o autor fez publicar na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

5-6. Refere-se a três poetas representativos da lírica espanhola: Ramón de Campoamor y Campoosorio (*1817 †1901), Antonio María de Trueba (*1819 †1889) e José Zorrilla y Moral (*1817 †1893).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

116

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 203-204.]

AS GRANDES MANOBRAS

(*A Trindade Coelho*)

Quando eu fazia trovas, nessa idade
Em que esta vida é sonho de poesia,
Fiz-lhe versos de amor, em que a dizia
Um lírio branco, a flôr da castidade.

- 5 Era junto ao *Penedo da Saudade*
Que eu muitas vezes, perpassando, a via:
7 Lá era o ninho. Assim a cotovia
8 O faz longe, bem longe da cidade.

Quanto eu a amava então! Em ancia ardente
Eu só tinha um desejo: o da conquista
D'aquella virgem pura, anjo innocente!

- Certo dia, em que a vi, fui-lhe na pista,
E logo, aproximando-me trememente:
14 – «Onde vae?» – perguntei. – «Vou á revista.»

Dedicatória. José Francisco Trindade Coelho (*1861†1908) é um dos escritores da nova geração que mantiveram relações cordiais com João Penha.

5. Refere-se ao miradouro da cidade de Coimbra, indelevelmente ligado à cultura académica e à sua boémia literária.

7. Desde a célebre Cena 5 do Ato III de *Romeo and Juliet* (1597) que a cotovia está intimamente ligada ao amor.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 6.

117

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 205-206.]

IDYLLIO CAMPESTRE

(*A Anthero de Figueiredo*)

Era só minha, por fraqueza escrava
2 Dos caprichos da minha phantasia;
Ingénua e sempre muda, obedecia
4 A tudo o que eu, vaidoso, lhe ordenava.

5 Jamais a vi a desfazer-se em lava
Ou sensível a casos de poesia;
Mas, naquellas regiões, onde eu vivia,
Era um prato de rei, se a comparava.

Frêscas e guapas, mas sempre mal vestidas,
Amava-a por favor, sem que jamais
Lhe dêsse cousa alguma á despedida.

Certa noite, porém, entre os pinhaes,
Dei-lhe dinheiro, e então, reconhecida:
14 – «Ora seja por alma de seus paes!»

Dedicatória. Embora não pertencesse à mesma geração de Penha, Antero de Figueiredo (*1866 †1953) foi o seu amigo mais fiel no mundo das letras.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1 e 5.

118

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 207-208.]

O GOLPE

- 1 Era uma dama sisuda
E recatada, mas bella.
- 3 Eu tinha, ha muito, por ella,
- 4 Uma affeição grave e muda.

- 5 Vendo-a sempre carrancuda,
- 6 Perdia a voz, a loquela.
- 7 Mas, vendo-a um dia á janella
- 8 Com face menos trombuda,

- 9 Li-lhe os meus versos escriptos,
- 10 Como hoje se diz «com verve».
Disse-me então: «São bonitos,

- 12 «Mas consinta que lhe observe:
- 13 Nestes tempos esquisitos,
- 14 Essa cousa... de que serve?»

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 209-210.]

ENTRE A ESPESSURA

- 1 Sentado junto a um roble centenário,
Numa clareira da floresta umbrosa,
Um monge, triste a face e lutuosa,
4 Lia os textos de Marcos, solitário.

Lia a tragica scena do Calvario,
A passagem na via dolorosa;
Da pobre Mãe, afflicta e lacrimosa,
O adeus ao Filho, o eterno visionario.

- 9 De repente fugiu. O monge austero
Ouvira de entre as balsas: «Anjo, amei-te
11 «Desde quando te vi; que amor sincero!
- 12 «Dá-me um beijo; dá-me um que me deleite.»
– «Assim?» – «Oh! d'esses não, d'esses não quero.»
14 – «Então de quaes, amor?» – «De ama de leite.»

4-6. Refere-se à passagem bíblica Mc. 15: 20-41.

7-8. Embora os Sinópticos não distingam Maria entre as mulheres que aguardam no Calvário, a contemplação da mãe de Jesus aparece descrita em Jo. 19: 25-27.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.

120

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 211-212.]

AS ONDINAS

(*Ao Conde de Valenças*)

Eram duas as pallidas ondinas,
Ambas ellas gentis e provocantes.
No glauco dos seus olhos fulgurantes
Liam-se os éstos das paixões divinas.

Prenderam-me, nas aguas neptuninas,
6 Mais ardentes que as pérfidas bacchantes.
7 Mas, Tenorio feliz de outras amantes,
Disse adeus ás aquáticas meninas.

Á hora da partida, a minha ausencia
10 Em gritos lamentavam, desditosas,
11 Torcendo os corpos nús, como em demencia;

E do seio das vagas rumorosas
Diziam: «Não nos deixe, oh! não, vossencia,
Pelas da terra emmurhecidas rosas!»

Título. Assimilada às Nereides e outras ninfas aquáticas do folclore europeu, a ondina é uma criatura mítica que habita rios e lagos. A designação, introduzida pelos escritos de Paracelsus sobre espíritos elementais, foi adotada em 1811 pela narrativa homónima de Friedrich de la Motte (Barão Fouqué).

Dedicatória. O 1.º Conde de Valenças, Luís Leite Pereira Jardim (*1843 †1910), foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos seus amigos mais íntimos.

6. Nos mitos clássicos, as Bacantes integravam o cortejo orgiástico de mulheres que prestavam culto a Baco, o deus do Vinho.

7. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4 e 14.

121

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 213-214.]

O BEIJO

- Porque me vistes, senhora,
Dar um beijo em vossa aia,
Será justo que em mim cáia
4 Vossa ira esmagadora!
- 5 Uma dama encantadora
Como sois, da vossa laia,
Ter zêlos d'uma lacaia!
Vós, a minha vencedora!
- E demais, eu nunca minto:
Foi ella que o deu a mim:
Trazia o peito faminto,
- Ella, o casto seraphim!
13 Deu-mo, dei-lho, por instincto,
Nos seus labios de carmim.

Título. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), o comentário de João Penha a esta composição.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

122

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 215-216.]

O CRIME

(*Ao Conde de Arnoso*)

Quando, opáca, descêra a noite escura
 Por sobre o extenso parque do castello,
 3 De súbito a encontrei. No rosto bello
 4 Transluzia-lhe a alma, ingenua e pura.

Propicio era o momento. A chamma impura
 Que por ella sentia, o meu flagello,
 7 Indómita irrompeu, e, ardido Othello,
 8 Cru, lhe desfiz a virginal cintura.

9 – «Anjo (lhe diz a mãe) profundo abalo
 Esse teu peito em convulsões agita:
 Cantou funéreo á meia-noite o gallo!»

– «Tive um sonho, responde a bella afflicta:
 Devorou-me um leão, e de sonhal-o
 14 Meu coração de doce horror palpita!»

Dedicatória. Bernardo Pinheiro Correia de Melo (*1855 †1911) foi secretário particular do rei D. Carlos, que em 1895 lhe concedeu o título de 1.º Conde de Arnoso. Era membro de tradicionais famílias bracarense, filho do primeiro Visconde de Pindela, e por isso conhecido também como Bernardo Pindela. Tendo privado com os principais vultos da Geração de 70, integrou o grupo dos Vencidos da Vida e manteve-se, ao longo dos anos, um dos amigos fiéis de João Penha.

7. Alude-se à tragédia de William Shakespeare *Othello, the Moor of Venice* (ca. 1603), cujo protagonista mata a esposa, num acesso de fúria.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8, 10, 11 e 14.

123

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897],
pp. 217-218.]

A ETERNA IDÉA

Desde ha tempos que eu a achava

- 2 Mais fria, e menos jocunda,
Ella, em gracejos fecunda,
4 Sempre alegre, ardente e brava.

- 5 Agora, as noites passava
6 A rezar, meditabunda:
E eu via, com dôr profunda,
Que ella, por vezes, chorava.

- 9 Até que um dia lhe digo:
– «Desadouro essas tristezas:
De que soffres?» – «Doce amigo,

- «Se temos as almas prêsas,
Porque não casas commigo?»
14 – «São enormes as despesas!»

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/
CDC/DCD.

124

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 219-220.]

MORIBUNDA

(*A Guerra Junqueiro*)

- 1 No grande leito ebúrneo, macilenta a face,
Acurvada ao seu mal, e já sem movimento,
3 Esperava infeliz, de momento a momento
O golpe derradeiro, o triste desenlace.
- 5 Era como uma flor que a brisa ao chão lançasse,
E naquelle profundo e mésto abatimento,
7 Sempre de olhos fechados, muda e sem alento,
Não respondera a Deus, se Deus a interrogasse.
- 9 Cheguei-me compungido, e então lhe disse: «Quando
10 Déres entrada, além, no ethéreo azul infindo,
11 E entre os anjos ditosos resurgires, voando,
- 12 «Extaticos dirão: Oh ceus! que rosto lindo!
13 E viverás feliz, mais que na terra, amando!»
14 Então abriu os olhos, e expirou sorrindo.

Título. Sobre o contexto de composição que rodeou este poema, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

Dedicatória. O poeta Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*1850 †1923) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos principais nomes da sua geração literária.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Embora prevaleça a receita do alexandrino clássico, os vv. 1, 7, 11 e 14 apresentam uma estrutura dodecassilábica de 6 grave + 5. Sobre o modelo versificatório empregado, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico.

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 221-222.]

A COMBÓRÇA REAL

1 O rei mandou-lhe o lenço: que tortura!
De certo repeliu a injuria hedionda:
Mas, quem sabe? A mulher é como a onda,
Uma pagina escripta em lingua obscura.

Dizia-me, inda ha pouco, ethérea e pura:
6 «Por todos os thesouros de Golcônda,
7 Por todos os que em si a terra esconda,
8 Não trocava este amor, esta ventura!»

9 Mas, sinto est'alma a desfazer-se em ais:
10 Ir vêl-a? Sim; embora me persiga
11 A voz que exproba os actos desleaes.

Bato, e responde-me a lacaia antiga:
13 – «Diz a senhora que não volte mais:
14 Traz Sua Magestade na barriga...»

6. Alude-se aos célebres diamantes comercializados no antigo reino de Golconda (ca. 1364-1512), o importante sultanato muçulmano na região Centro-Sul da Índia, cujo nome permanece associado a vastas riquezas gemológicas.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 9, 12 e 13.

126

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 223-224.]

LACRYMAE RERUM

(*A Bernardino Machado*)

- 1 Desditosa mulher! Na cella escura
 2 Contrista o vêr-lhe o rosto dolorido.
 3 Pelos hombros, de marmore polido,
 Cae-lhe em ondas a trança, mal segura.
- 5 Semi-nua, em humilde compostura
 6 Chora ante um Christo sobre a cruz pendido:
 Chora o tempo do amor, sonho illudido,
 Doces peccados de uma vida impura.
- Assim eu chóro um bem que me sorria:
 10 Visão desfeita! E nesta escuridade,
 Sons vagos de distante symphonia,
- Dos tempos me recordo com saudade
 13 Em que nos campos do Mondego ouvia
 A ditosa canção da mocidade!

Título. Esta expressão latina remonta à frase emocionada de Eneias, ao contemplar representações pictóricas do saque de Troia (Vergilius, *Aeneis*, I, v. 462). Trad. “Lágrimas pelas desventuras”.

Dedicatória. Bernardino Luís Machado Guimarães (*1851 †1944) foi companheiro de João Penha em Coimbra e, mais tarde, Presidente da República Portuguesa (1915-1917, 1925-1926).

6. Alude aos tempos de estudante que João Penha viveu em Coimbra: 1864-1873.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 6, 8 e 13.

127

[*Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron, 1898 [1897], pp. 225-226.]

A ONDA

Vão maus os tempos d'agora
Para cousas de poesia;
Cresce a onda: a prosa fria
Tudo invade e nos devora.

Quando surge a luz da aurora
Ninguém ouve a cotovia,
E o trovador de algum dia
Canções d'amor já não chora.

- 9 A musa veste á burgueza,
Apollo frisa o topéte,
11 Fuma á porta da Havaneza;
- 12 A vindima não promete:
13 O Pindo causa tristeza...
14 Adeus, *ma tendre musette!*

5-6. Desde a célebre Cena 5, no Ato III de *Romeo and Juliet* (1597), que a cotovia está intimamente ligada ao amor.

11. Fundada em 1864 pelo Conde Burnay, a Casa Havaneza, ao Chiado, é conhecida não só por vender os melhores charutos de Lisboa, mas sobretudo por constituir ponto de encontro da elite burguesa, conforme destacou Eduardo de Noronha, no livro *À Porta da Havaneza* (1911).

13. O Pindo é uma cadeia montanhosa grega que separa o Epiro da Tessália, e onde algumas fontes clássicas situavam a morada de Apolo (deus da poesia) e suas Musas.

14. Trata-se de uma referência à popular canção “O ma tendre musette”, que Pierre-Alexandre Monsigny (*1729 †1817) compôs sobre texto de Jean-François de La Harpe (*1739 †1803).

Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que o autor fez publicar na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.



NOVAS RIMAS

Caprichos funambulescos

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 11-12.]

A DERROCADA

Ao Conde de Arnoso.

- Poeta! sobraça a lyra sonora,
 2 E vae-te mundo em fóra de longada,
 Procura outro paiz, terra ignorada,
 4 Onde cantes o amor, o lirio e a rosa.
- 5 Aqui, onde nasceste, é tudo prosa:
 6 Do que em vida sonhamos, não ha nada.
 7 Dão-nos uma ambrosía derrancada,
 8 Um nectar vil, em taça generosa.
- 9 Nada, do que é divino, é duradoiro.
 Brandos affectos, mysticos arômas,
 11 Tudo se abysma em átro sorvedoiro;
- 12 E o deus gentil, das olorosas cômas,
 Em vez de setas, e da aljava d'oiro,
 Traz lápis e carteira, onde faz sommas!

Dedicatória. Bernardo Pinheiro Correia de Melo (*1855 †1911) foi secretário particular do rei D. Carlos, que em 1895 lhe concedeu o título de 1.º Conde de Arnoso. Era membro de tradicionais famílias bracarenenses, integrou o grupo dos Vencidos da Vida e permaneceu, ao longo dos anos, amigo fiel de João Penha. A dedicatória surge como agradecimento pela colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 9). A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 215.

7. De acordo com os mitos gregos, a ambrosia era o manjar dos deuses no Olimpo.

12-13. Refere-se a Cupido, o deus romano do Amor, habitualmente representado como um menino travesso, munido de arco e flechas, cujos ferimentos despertavam o amor entre as vítimas.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 12 e 13.

129

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 13-14.]

A RÉ

Ao Dr. Wih Storck, Münster.

- Era uma pobre industrial de amores
2 A Ré: de muito amar era acusada.
3 O juiz era eu. Sala apinhada;
Verbosos e subtis os defensores.
- 5 – «Como te chamas?» perguntei. – «Dolores.»
6 – «Teus annos?» – «Dezaseis.» – «Pobre, sem nada,
7 De que vives?» – «De amar e ser amada.»
8 – «Quem te perdeu?» – «Seus olhos sonhadores.»
- 9 – «Depois?» – «Abandonou-me sem piedade,
10 E vi-me só, com frio, o corpo nú,
Vagabunda nas ruas da cidade.»
- 12 – «Responde-me: e quem foi o homem crú,
13 Que sem pena de tanta mocidade,
14 Lirio te desfolhou nas sombras?» – «Tu!»

Dedicatória. O filólogo alemão Wilhelm Storck (*1829 †1905), mais conhecido como tradutor de Camões, foi uma das reputadas individualidades estrangeiras que se debruçaram sobre a obra de João Penha, graças à mediação de Joaquim de Araújo (*1858 †1917). A dedicatória surge como agradecimento pela colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 12).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1 e 5.

130

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 15-19.]

O TROVADOR E
MARGARIDA D'ESCOSSIA

A Antonio Padula, Napoles.

Como n'um sonho embebida,
2 Em seu castello real,
A princeza Margarida
Ouve Alão, o provençal.

Sentado n'um escabêllo
Recoberto de setim,
7 Revólto o negro cabelo,
Com voz grave diz assim:

«Venho de longe e tristonho,
Andei por terras e mar;
11 Fui-me em procura d'um sonho,
E nunca o pude encontrar.

13 «Percorri toda a Provença,
A nobre e fria Bretanha;
15 Na Italia: Roma, e Florença
Que o Arno, fugindo, banha.

Título. Segundo Estienne Pasquier e Guillaume Bouchet, a Delfina Margarida de Escócia (*1424 †1445), vendo dormir o trovador Alain Chartier (*ca.1390 †ca.1430), ter-lhe-á beijado a preciosa boca de onde saíam tantas palavras meigas e virtuosas. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que João Penha fez publicar n' *A Chronica* e nas *Novas Rimas*.

Dedicatória. O lusófilo italiano Antonio Padula (*1838 †1921) foi uma das individualidades estrangeiras que abordaram e traduziram a obra de Penha, graças à mediação de Joaquim de Araújo (*1858 †1917). A dedicatória surge como agradecimento pela colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 13).

- 17 «Transpuz os montes ardidos,
Gigantes fendendo os ares,
Onde cahiram vencidos
- 20 Para sempre os doze Pares;
- 21 «E vi as terras ditosas
Que não têm no mundo eguaes,
Onde florescem as rosas,
- 24 E entre as rosas laranjaes.
- 25 «Fui de Valencia a Tolêdo,
26 De Pamplona a Granada,
27 Triste agora entre o arvorêdo
Como esposa abandonada.
- 29 «Voltei depois a Veneza
Que no seu golfo se mira:
- 31 Um cysne branco, em belleza,
N'um lago azul de saphira.
- «De Otranto aproei á Iónnia,
Vi a Achaia, o rio Alpheu,
Onde da lyra ampheónia
Ha muito o canto morreu.
- «De lá, perpetuo romeiro,
Passei ás plagas do Egypto,
Onde em triste captiveiro
Israel chorou proscripto.
- «Segui depois o caminho
- 42 Que tambem Moisés seguira,
43 Mas, alquebrado e mesquinho,
Mudas as cordas da lyra,

20. Alude a uma das narrativas do Ciclo Carolíngio, a *Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*.

35. Segundo o mito grego, Anfíon era filho de Zeus e Antíope, rainha de Tebas. Ao nascer, foi exposto com seu irmão gémeo, no Monte Cíteron, e mais tarde recolhido por um pastor. Enquanto Zeto se dedicava à caça e ao pastoreio, Anfíon entregava-se à música, exercitando a lira que recebera de Hermes.

38-42. Trata-se de uma referência ao livro do Êxodo, que narra a fuga do povo israelita, liderado por Moisés, desde o Egito até à Terra Prometida.

«Lancei, chorando, ao Jordão,
 Que murmurava jocundo,
 O meu nodoso bordão
 48 De trovador vagabundo;

«Que por todas essas terras,
 Por todo esse mundo em fóra,
 Por campos, burgos e serras,
 Caminhando desde a aurora,

«Anjos vi, ideaes na face,
 Das bellas a infinda grei,
 55 Mas, por mais que o procurasse,
 56 Um puro amor não no achei.

57 «Por isso venho tristonho,
 58 Cançado de tanto andar;
 59 Fui em procura d'um sonho
 60 E nunca o pude encontrar!»

Cahe-lhe aos pés o bandolim,
 E de cançado adormece.
 Ella então, ao vel-o assim,
 64 Do throno, em que estava, desce,

65 E, caso estranho! risonha,
 Na bôca do trovador,
 Que talvez com ella sonha,
 68 Depõe um beijo d'amor!

Este poema é composto por dezassete quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

131

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 21-22.]

NO PINDO

A Gomes Leal.

- 1 No dos poetas esplendido cadastro
Em que os inscreve o deus auri-comado,
3 O teu nome glorioso eu vi, ao lado
4 Do do eterno cantor de Ignez de Castro.

- Ha nos teus versos radiações d'um astro,
6 E quando o plectro te cahir, quebrado,
«N'este jardim á beira-mar plantado»
Has de deixar um luminoso rastro.

- 9 Ás cousas bellas consagraste a vida:
Se ris, a tua voz é larga e franca,
11 Se choras – commovente, dolorida.

- 12 Serêna, a tua musa é alta e branca,
Certas vezes, porém, de irreflectida,
Como a divina Lavallière, manca.

Título. O Pindo é uma cadeia montanhosa grega que separa o Epiro da Tessália, e onde algumas fontes clássicas situavam a morada de Apolo (deus da poesia) e suas Musas.

Dedicatória. O apreço de António Duarte Gomes Leal (*1848 †1921) por João Penha é evidenciado na homenagem d' *A Chronica* (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 5), que esta dedicatória retribui.

2. Apolo, o deus grego da poesia, representava-se usualmente com o cabelo encaracolado e dourado.

4. Refere-se a Luís de Camões (*ca. 1524 †1580) e ao célebre Canto III d' *Os Lusíadas*.

7. Alude ao v. 17 do poema “A Portugal”, incluído no livro *D. Jaime* (1862), de Tomás Ribeiro (*1831 †1901): “Jardim da Europa à beira-mar plantado”.

14. Embora fosse manca, Louise Françoise de La Baume Le Blanc (*1644 †1710), duquesa de La Vallière, tornou-se a primeira amante de Louis XIV.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 6, 7, 8, 9 e 14.

132

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 23-24.]

TRISTIS EST ANIMA MEA

A Alberto Pimentel.

- 1 Tive o repasto d'um jocundo abbade.
 2 Fiquei depois do kúmmel bem disposto,
 3 De sorte que me espanta este desgôsto
 Que pouco a pouco o coração me invade.
- Bem quizera cantar uma beldade,
 6 Uns certos olhos, um divino rôsto,
 7 Mas, sinto-me enervado: o sol é pôsto,
 8 Pia o mocho nas torres da cidade.
- 9 A tristeza me crava as negras púas;
 10 Tudo me enerva: o ceu caliginoso,
 As amoreiras sem folhagem, nuas,
- 12 E ao longe os cantos d'um festim ruidoso,
 Que se casam nos angulos das ruas,
 14 Às notas surdas d'um violão choroso.

Dedicatória. A dedicatória a Alberto Augusto de Almeida Pimentel (*1849 †1925) surge na sequência da sua colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 6).

2. Kúmmel é um licor de origem holandesa, aromatizado com cominho e normalmente servido à sobremesa.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 4, 11, 12 e 14.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 25-26.]

PEDALISTA

A D. Rafael Altamira, Oviedo.

- 1 Com tua gôrra singela
Da côr sanguinea d'um cacto,
3 Sáia curta, e no sapato
4 Um laço azul com fivéla;

- Equilibrada na sélla
6 D'esse velô d'apparato,
Tens não sei quê de gaiato
8 Que nos faz dizer: que bella!

- Avante! Não esmoreças
Se o girar não te incommoda
11 De maneira que adoeças;

- Porque assim, andando á moda,
13 Fazes andar as cabeças,
14 Como esse bicyclo: á roda!

Dedicatória. Esta dedicatória surge na sequência da publicação, n' *A Chronica* (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 9), de uma carta de D. Rafael Altamira y Crevea (*1866 †1951), lamentando a impossibilidade de colaborar no tributo ao nosso poeta. A mediação de Araújo, no contacto deste académico espanhol com a obra de Penha, encontra-se aliás documentada na própria correspondência do cônsul português (ADB, Ms. 546⁹, 122-123), que se assume como verdadeiro autor de uma recensão, publicada na *Revista Critica de Historia y Literatura Españolas, Portuguesas e Hispano-Americanas* (Madrid, t. II, 1897, p. 392) como sendo de Altamira.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

134

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 27-28.]

A TUA MÃO

A D. Zulmira de Mello.

- Não a escondas n'esse guante
 Que te chega ao cotovêlo:
 Deixa ver esse modêlo:
 4 Um jasje, fino, elegante.
- Que brancura deslumbrante!
 6 Clarão que nos céga ao vê-lo,
 7 Que desfaz, derrete o gêlo
 8 D'um coração vacillante!
- 9 Nego, e nego persistente,
 Que venha da bioplasma,
 Do barro de toda a gente!
- 12 Quem na vê, absôrto pasma!
 13 Eu, de a ver, ando doente,
 14 De joelhos a peço: das-ma?

Dedicatória. A poetisa Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964) pertencia a uma família tradicional da Póvoa de Lanhoso. Desde 1900, era discípula amada de Penha, que lhe devotou uma afeição perene ao longo dos anos, celebrando-a em várias composições das *Novas Rimas*. A dedicatória surge também como agradecimento pela colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 4, 14).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

14. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinérese em *joelhos*.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 29-30.]

A PARTILHA

A Xavier de Carvalho.

1 – «Papá assim o quer, dever funesto!
2 Mas causar-lhe um desgosto, eu, sua filha?
3 Serei pois d'esse noivo que detesto...
4 Toda não, que de mim terás partilha:

5 «Seja d'elle este corpo, a vil materia
6 Que na côr comparaste, um dia, á lua;
7 Mas a minh'alma, a minha essencia ethérea,
Essa, querido amor, será só tua.»

E o poeta, cabisbaixo, emquanto a ouvia
Desenhava hieroglyphicos no chão.
11 – «Não dizes nada?» – «Sim: que antes queria,
Em vez do que me dás, o outro quinhão.»

Dedicatória. O poeta e jornalista José Xavier de Carvalho Júnior (*1861 †1919) era figura de proa no ambiente literário parisiense, sendo redator de várias publicações, nomeadamente *A Ilustração* (1884-1892), com a qual também Penha colaborou. A dedicatória surge na sequência da sua participação na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 10).

Este poema é composto por três quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 7.

10. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinalefa em “Desenhava hieroglyphicos”.

136

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 31-32.]

DELINQUESCENTE

A Antonio de Faria Portugal.

- 1 – «Já te lá vão os trinta. A mocidade
 2 Tem azas d'uma estranha ligeireza.
 Não repillas as leis da natureza,
 4 Ou antes, as da velha sociedade.
- 5 «Curva a fronte. Por certo, na cidade,
 E por toda esta vasta redondeza,
 7 Nenhum toureiro ha de mais destreza,
 8 Nem calção de maior celebridade;
- «Envergas a primor esse casaco;
 Gastas, em ceias, infernaes quantias;
- 11 Chamam-te nos cafés o rei do taco,
- 12 «Mas... casa: deixa o tempo das orgias!»
 13 – «Vejo a lua de mel!» – «Oh homem fraco!
 Não é de moda já: dura tres dias!»

Dedicatória. António Cândido de Portugal de Faria (*1868 †1937), Marquês Pontifício, foi cônsul português em Livorno, onde (à semelhança de Joaquim de Araújo) promoveu diligentemente os nossos valores culturais em Itália, através de uma rede de contactos e de múltiplas iniciativas de animação cultural. A dedicatória surge na sequência da sua colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 10).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 10.

137

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 33-35.]

O SONHO
Canção á guitarra

(*Para D. Maria da Cunha Pimentel*).

Minha guitarra querida,
Confidente de meus ais,
3 Que triste me fôra a vida
Sem tuas vozes leaes!

Tenho maguas, e bem fundas,
Dentro em minh'alma tristonha,
7 Mas, nem as canções jocundas,
Nem as dum poeta que sonha,

Me alliviam na canceira
De minhas penas estranhas!
Só tu, doce companheira,
Me comprehendes, me acompanhas!

Só a ti eu digo, a mêdo,
O que nem dissera aos numes,
O meu intimo segredo,
Minha dôr e meus queixumes.

Dedicatória. D.^a Maria da Cunha Pimentel pertencia a uma importante família bracarense, com raízes em Provesende.

Eu quizera que elle visse
 Nos meus olhos, namorado,
 19 O que em sonhos já lhe disse...
 Que por mim elle era amado.

Mas, oh! dôr! esse que adoro
 Nem talvez no mundo existe!
 23 Por isso, cantando, choro,
 Por isso minh'alma é triste.

Só tu me vales, chorando!
 Oh! não me deixes jámais!
 Só tu me allivias quando
 Ouvindo-te, ouço os meus ais!

Este poema é composto por sete quadras em redondilha maior, empregando um esquema de rima cruzada.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 37.]

A BLASPHEMIA

- 1 – «Faz-me, me disse a angelica menina,
Uns versos amorosos, mas jocundos.»

NO SEU ALBUM

- «Tu, que na onnipotente mão divina
Trazes suspensos no infinito os mundos,
- 5 «Perdoa-me a blasphemia temerosa:
Prêso d'um louco amor nos brandos laços,
Antes beijar-lhe o pé, de lirio e rosa,
- 8 Do que beijar ... o do Senhor dos Passos!»

Este poema obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4 e 8.

139

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 39-40.]

O PRIMEIRO PASSO

1 Viste, além, na senda agreste,
 2 A serpente enganadora:
 3 Era eu. Melhor te fôra,
 Tão sisuda, ver a peste.

Por mim, tu mesma o disseste,
 6 Vaes deixar Nossa Senhora,
 7 E já hoje, encantadora,
 8 – Oh! que momento celeste!

9 Com pejo, que ao rosto assoma,
 10 Consentiste que, ajoelhado,
 11 Te beijasse a negra côma...

12 Oh! feliz, ditoso fado!
 Que assim já tenho o diploma
 14 De seductor encartado!

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 41-42.]

AS DUAS MUSAS

- Tu, o vate sempiterno
2 Das cousas grandes, enormes,
3 Que, na brecha, nunca dormes,
4 De vigia ao Padre-Eterno,

5 Que, frio Amphião, moderno,
Talvez o mundo reformes
Com teus versos desconformes,
De que treme o proprio inferno,

9 Não supponhas que me afundo
10 Porque aos astros não remonto,
11 E canto a vida, jocundo.

12 Se assim o pensas és tonto:
13 Canta, se te apraz, o mundo,
14 Que eu outro Pégaso monto.

5. Alude a um dos poetas míticos da Antiguidade Clássica, associados à poesia dórica. Segundo o mito grego, Anfion, apenas animado com o som da lira apolínea, conseguiu edificar a muralha de Tebas.

14. Pégaso é o cavalo alado cujo coice, segundo o mito grego, fez brotar no monte Hélicon a fonte inspiradora de Hipocrene.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

141

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 43-44.]

N'UM LEQUE

(de D. Anna de Valladares)

Madelaine-Lemaire, a grande artista,
Que em suas telas só desenha flores,
E que ovante caminha na conquista
D'um nome immorredoiro entre os pintores,

Se algum dia te visse, oh anjo lindo,
Ou se em visão aérea te sonhasse,
Longo o cabelo, o doce olhar sorrindo,
8 Pequeninos os pés, de neve a face,

9 Victoriousa exclamara! «É ella, é ella,
A flor das minhas noites luminosas,
11 O meu sonho d'artista!» E em aurea tela
12 Feliz te retratara, ideal das rosas!

Subtítulo. A jovem Ana Emília de Valadares Leite Pereira de Abreu e Sousa era neta do primeiro Barão de Ribeira de Pena. À semelhança das irmãs (Maria Henriqueta e Maria da Graça), privou nos círculos sociais bracarenses com João Penha e Zulmira de Melo. Vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico. 1. Refere-se à pintora francesa Madeleine Jeanne Lemaire (*1845 †1928), conhecida por representar flores (sobretudo rosas) nos seus quadros.

Este poema é composto por três quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 7, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 2.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 45.]

NO LEQUE

de D. Maria da Graça de Valladares

- Em meio do esplendor da tua aurora,
2 Ha no teu refflorir de primaveras
3 Uma poesia que não é d'agora,
4 O quer que seja de vetustas eras.
- 5 Que foste? Mais gentil que uma andorinha
6 Só inspiras idyllicos amores:
7 Já sei: fôste pastora, uma rainha,
Nos tempos em que os reis eram pastores.

Subtítulo. A jovem Maria da Graça de Valadares Leite Pereira de Abreu e Sousa era neta do primeiro Barão de Ribeira de Pena. À semelhança das irmãs (Maria Henriqueta e Ana Emília), privou nos círculos sociais bracarenses com João Penha e Zulmira de Melo. Vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3 e 4.

143

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 46.]

NO LEQUE

de D. Anna de Valladares

- 1 A uma vida sucede-se outra vida
 Por um mysterio que ninguem devassa;
- 3 Mas d'uma que findou á renascida,
 O quer que seja se transmite e passa.
- 5 És agora uma fada, e que bonita!
 6 Feliz, do mundo na doirada scena;
- 7 Mas bem mostras que foste uma avesita,
 E antes de passarinho uma açucena.

Subtítulo. Vd. *supra* n.º 141.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 4 e 6.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 47.]

NO LEQUE

de D. Maria Henriqueta de Valladares

- Não, a violeta por gentil não passa,
Mas nem o lírio, o pudibundo, a eguala,
Pela sua modestia, pela graça,
4 Pelo odôr casto, que de si exhala.
- 5 Tu és assim, como essa flor amada,
Que em vão se esconde ao nosso olhar subtil.
- 7 Tens, comtudo, a beleza perfumada
D'uma rosa de musgo em pleno abril.

Subtítulo. A jovem Maria Henriqueta de Valadares Leite Pereira de Abreu e Sousa (*1887 †1965) era neta do primeiro Barão de Ribeira de Pena. À semelhança das irmãs (Maria da Graça e Ana Emília), privou nos círculos sociais bracarenses com João Penha e Zulmira de Melo. Vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo sáfico, mas são heroicos os vv. 3, 7 e 8.

145

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 48.]

NO LEQUE

de D. Nathalia de Ferreira de Mello

Se no paiz das lúcidas chimeras,
No mundo das poeticas balladas,
Não existissem, desde longas eras,
Essas divinas creações, as fadas,

Tu, com esse ideal rôsto commovido,
Essa belleza, de perder ascetas,
Oh! de certo as terias suggerido

8 Ás lyras sonoras dos poetas!

Subtítulo. A jovem Natália da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade pertencia a uma família tradicional da Póvoa de Lanhoso. Era irmã de Zulmira de Melo, a discípula amada de João Penha.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 4 e 6.

146

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 51-52.]

NO LEQUE DE UMA SENHORA

- 1 Por sentimentos diversos,
Vejo-me bem commovido
Pela honra que me daes:
4 Vós, de mim quereis uns versos,
Mas não sei em que sentido
Eu vos l'os faça, leaes.

- Grave, séria e respeitavel,
Não sei que temor me assusta,
Que receio me retém;
Mas sois tão bondosa e amavel,
11 Que, apesar de séria e augusta,
Junto a vós me sinto bem.

Olhae: lá passam dançando,
Uma na outra enlaçadas,
As vossas filhas subtis.
Eu, vendo-as, fico sonhando...
Não ha mais ethéreas fadas:
Mãe de fadas, sois feliz!

Este poema é composto por três sextilhas em redondilha maior. A rima obedece ao esquema ABCABC.

147

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 53-54.]

Z.

Um sabio, com voz solemne,
Lança ao mundo os raios X.
3 Outro lança os raios N,
Em que milagres prevê.
Eu, porém, fui mais feliz:
6 Descobri os raios Z!

São terríveis, mas que brandos!
São crueis, mas que doçura!
Produzem males nefandos,
10 E quasi sempre a loucura!

11 Eu des que senti, jocundo,
Os seus effeitos medonhos,
Deixei de viver no mundo:
14 Vivo na terra dos sonhos!...

Título. Trata-se de uma alusão à poetisa Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha que aparece celebrada em várias composições das *Novas Rimas*.

Este poema é composto em redondilha maior, privilegiando um esquema de rima cruzada.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 55-58.]

BRANCAS E MORENAS

Certos vates erguem hymnos
2 Ás morenas contra as brancas:
Não sou d'esses paladinos,
E as minhas razões são francas.

Eu prefiro o leite puro
6 Ao café com leite, droga
7 Que entre os pórcos d'Epicuro,
8 A quem tudo apraz, tem voga.

Póde ser que alguém hesite
10 Entre o branco e as outras cores;
Era negra a Sulamite,
12 Branca a deusa dos amores.

Mas até os grandes montes,
Se querem beijar os ceus,
Envolvem as altas fronteas
Em densos, candidos veus.

As brancas são dia claro,
18 Morenas o tempo brusco,
Ou, se melhor as comparo,
São tardes ao lusco-fusco.

7. Alude-se à expressão latina “Epicuri de grege porcum”, usada por Horácio (Epist. I, 4, 16) para referir os seguidores da filosofia hedonista, defendida por Epicuro (*341 a.C.).

11. Refere-se à personagem bíblica do Cântico dos Cânticos (Ct. 7), geralmente interpretada como símbolo da beleza feminina.

12. Trata-se de uma alusão às esculturas marmóreas de Vénus, a deusa romana do Amor.

21 Não são brancas, não são pretas,
 22 São d'uma côr duvidosa,
 23 Que não é a das violetas,
 24 Nem a do lírio ou da rosa.

Pela mais bella que achasse
 Eu não soltava dous ais,
 Que são morenas na face,
 Morenas em tudo mais.

29 Dizem que são mais ardentes,
 Cheias de graça e donaire,
 Que têm mais bellos os dentes
 Que as proprias negras do Zaire.

Dizem mais: «as morenitas
 Têm os olhos de veludo,
 São sobremodo bonitas,
 36 São adoraveis em tudo;

37 «Males, tristezas e penas
 38 Voam, quaes nuvens nos ares,
 39 Ao sorriso das morenas,
 40 Ao fogo dos seus olhares.»

41 Embora. Não ha trigueira
 Que madrigaes não mereça,
 Mas, desfraldo outra bandeira,
 44 E, rindo do que aconteça,

45 Proclamo ao som de clarins
 46 Que só as brancas são bellas:
 47 Lírios, rosas ou jasmíns,
 48 Morrer d'amor... só por ellas!

Este poema é composto por doze quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

31, 34. Note-se a realização monossilábica em “têm”.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 59.]

N'UM BILHETE POSTAL ILLUSTRADO

(A D. Maria Ignacia de Faria Roby)

- 1 Tanto o amor como o respeito
Por aquella que os merece,
Produzem o mesmo effeito:
Um homem d'alma, perfeito,
Fica em silencio: emmudece.

Subtítulo. D.^a Maria Ignacia da Conceição de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira da Rocha Tinoco pertencia a uma família tradicional, com quem João Penha privou nos círculos sociais bracarenses.

Este poema é composto por uma quintilha em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABAAB.

150

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 61-62.]

ECLOGA

A Fernandes Costa.

I

- 1 Com seu vestido de chita,
E de chapelinho campestre,
3 Faria um quadro de mestre:
4 A visão de cenobita.

Eu achava-a tão bonita
N'aquella alfombra silvestre!

- 7 Dizia-me: «Anjo terrestre,
Se me deixas, que desdita!
- 9 «Ouço até desesperada
10 A turba que não me deixa
11 Com phrases de apaixonada:
- 12 «Só de ti não tenho queixa!
13 Só em ti vivo ancorada:
14 Não levantes a fateixa!»

Dedicatória. Trata-se do poeta e jornalista José Fernandes Costa (*1848 †1920). A dedicatória surge na sequência da sua colaboração na homenagem d' *A Chronica* a João Penha (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 9).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

2. Por imperativos métricos, impõe-se uma síncope em *chapelinho*.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 63-64.]

II

- 1 Respondi-lhe: «É singular
Essa nautica linguagem!
- 3 Em termos de pilotagem
Teu saber é de pasmar!
- «Mostra-me a estrêlla polar,
6 Guia-me nesta sondagem.»
- 7 « – É que meu pae, de viagem,
8 Nas verdes ondas do mar,
- «É capitão de navio;
10 Tu tambem – mas de ladrões.»
- 11 Disse-lhe então, sêcco e frio:
- 12 «Não mereço os teus baldões.»
– «Mereces, homem sem brio,
Porque roubas... corações!»

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

151

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 65.]

A DOENTE

- «Sinto não sei que insólitos desejos,
Um quebranto geral, não definido:
Passo as noites e os dias em bocejos.»
4 – «Isso é um mal passageiro, conhecido,
5 De fácil cura.» – «Seu remédio?» – «Beijos.»

Este poema obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 5.

152

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 66.]

MADRIGAL

(No leque de D. Amelia Machado)

Oh! que ventura, sem par,
Que de versos não prescindas!
Que assim me fico a abanar
Uma das caras mais lindas
D'este mundo sublunar!

Esta quintilha em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada

153

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 67.]

O BEM E O MAL

- Eis o que eu li, nos tempos em que ria:
- 2 «Creou Deus no ceu o Amor, mas o Demonio
 - 3 Que em mal no inferno o que Deus faz cópia,
Inventou, a seu turno, o Matrimonio.»

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 4.
2. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinérese em *Creou*.

154

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 68.]

GIL VICENTE

- Avulta, embora ao longe, inda risonho,
2 Entre os poetas dos tragicos successos;
Disse o que via, desprezando o sonho,
4 E faz rir – que no rir não ha progressos.

Título. Um dos mais importantes dramaturgos e poetas satíricos da língua portuguesa, Gil Vicente (*ca.1465 †ca.1537) expôs, em acutilante comicidade, a sociedade portuguesa do séc. XVI.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 3.

155

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 69-70.]

O VERSO E A PROSA

A Alberto de Madureira.

- 1 « – Venceste, que és tu no mundo
 2 A mais linda entre as formosas.
 Vou pedir-te ao lírio, ás rosas,
 Ao azul do ceu profundo.
- 5 «Vou pedir-te, adorabundo,
 6 Ás estréllas gloriosas,
 Ás florestas rumorosas,
 Ao largo mar gemebundo.
- 9 «Curva a fronte e reverente,
 10 Vou aos ceus, onde elle está,
 11 Pedir-te ao Omnipotente,
- 12 «E á Açucena de Judá!»
 13 Ella ouvia, e de repente:
 « – Pede-me antes ao papá.»

Dedicatória. Trata-se do poeta bracarense Alberto de Madureira e Costa (*1870 †1918). A dedicatória surge na sequência da sua colaboração na homenagem d' *A Chronica* a João Penha (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 13).

12. Refere-se à Virgem Maria, mãe de Jesus, referida por vezes como Maria de Judá.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

156

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 71-72.]

A CARNE

A Candido de Figueiredo.

- 1 Carne mimosa, carne côr de rosa
Nada mais sois, oh anjos, na poesia
3 Dos vates dissolutos d'hoje em dia,
4 Nos romances d'amor, hedionda prosa.

- A vossa alma gentil, ideal, mimosa,
N'estas edades de descrença impia,
Como escondida n'uma estátua fria,
8 Sonha e não vôa, de voar medrosa!

- Anjos, choraes o Amor! Com voz dolente
Dizei-lhe o eterno adeus! Bronco recife
11 Se apruma entre elle e vós, cruel, ingente:

- 12 Que por mais que de vinhos o borriفة,
Ninguem gosta de vêr, continuamente,
Diante de si, fatal, o mesmo bife!

Dedicatória. Trata-se do prestigiado filólogo António Cândido de Figueiredo (*1846 †1925), que foi companheiro de João Penha em Coimbra. A dedicatória surge na sequência da sua colaboração na homenagem d' *A Chronica* a João Penha (n.ºs 63-64, abril de 1902, pp. 3-4).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 6, 7 e 8.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 73-74.]

A BOAS-FESTAS

(N'um bilhete postal)

- 1 – «Quem nos procura? Quem é?»
- 2 – «Um dos incolas do Pindo.
- 3 Venho sem cortejo, a pé,
Mas espero ser bem-vindo.

- 5 «Mensageiro de bonanças
- 6 Trago os alforjes repletos:
São rosas, são pombas mansas,
- 8 D'amor os sonhos dilectos.

- 9 «Vós, Romeus, tirae Ophélias,
- 10 Margaridas, Eleonoras,
- 11 Tirae Damas das Camélias,
- 12 Lauras, fadas sedutoras.

2. O Pindo é uma cadeia montanhosa grega que separa o Epiro da Tessália, e onde algumas fontes clássicas situavam a morada de Apolo (deus da Poesia) e suas Musas.

9. Romeu é o herói amoroso da tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (1597).

Ofélia é a amada de Hamlet, na tragédia homónima de William Shakespeare (ca. 1600).

10. Refere-se à Delfina Margarida de Escócia (*1424 †1445), que terá beijado Alain Chartier (*ca.1390 †ca.1430), o trovador cuja boca proferia palavras tão belas quão virtuosas. Vd. *supra* poema 130.

Eleonora é a musa inspiradora de Torquato Tasso (*1544 †1595).

11. Refere-se à cortesã parisiense que protagonizou o célebre romance de Alexandre Dumas, filho (1848).

12. Laura é a amada que Francesco Petrarca (*1304 †1374) celebrou nos *Rerum Vulgarium Fragmenta*.

- 13 «E vós, flores animadas,
14 Anjos, d'azas de setim,
15 Tiraie as visões sonhadas,
16 Tiraie-me tambem a mim...
- 17 «Mettei as mãos, á vontade!
18 Embriagae-vos de illusões!
19 Mas, se amaes a realidade,
20 Nada de sonhos: dobrões!»

Este poema é composto por cinco quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

158

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 75-76.]

A NOSSA BONDADE

A Emydio d'Oliveira.

Eu tinha um gallo dilecto.
 2 Era sonoro o seu canto,
 Bella a crista, de amaranto,
 Soberbo em garbo, completo.

Votara-me um tal affecto
 Que a todos causava espanto!
 Era eu o seu encanto,
 Um sonho d'alma, secreto.

Nenhum outro, em galanteio,
 Namorava com mais brio,
 Com mais fogo e mais enleio!

12 Um dia, olhei-o sombrio;
 13 Metti-lhe a faca, matei-o,
 E, sem ter fôme, comi-o!

Dedicatória. Trata-se do jornalista Emídio de Oliveira (*1853), diretor de alguns periódicos que acolheram composições de João Penha. A dedicatória surge na sequência da sua colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, pp. 9-10).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 77-78.]

PHILOXERA

- Viu, ha muito, Jehovah, do seu postigo,
Que a nossa estupidez não tinha emenda;
3 Que a revés, caminhavamos na senda,
Que nos traçara, como pae e amigo.
- 5 E o Deus terrível, esse Deus antigo,
Dos livros santos, da piedosa lenda,
7 Disse, em latim: «Humanitas delenda!»
E se ficou a meditar comsigo.
- 9 Não bastava o microbio. A imunidade,
Por vezes, lhe annullava a acção damninha:
11 Era preciso mais á Divindade!
- O nosso fim, medonho, se avisinha:
Deus, para aniquilar a humanidade,
Á morte condemnou a cêpa e a vinha!

Título. A praga causada por este minúsculo inseto foi a infestação mais devastadora na viticultura mundial, entre o último quartel do séc. XIX e a primeira metade do século XX.

7. Trad. da expressão latina: “a Humanidade deve ser destruída”.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 6, 7 e 8, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 5.

160

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 79.]

O USURARIO

- Entrou Christo na casa do avaro.
- «Venho pedir-vos, emprestado, um pinto.»
- «Não tenho cinco réis neste momento
- 4 De que possa dispôr; á fé que o sinto.»
- «Quem não diz a verdade é falso e pecca.»
- 6 – «De ouvir-vos a minh'alma se confrange,
Mas não tenho real.» – «Dou-te hypotheca.»
- 8 – «N'esse caso, Senhor, talvez se arranje...»

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.

161

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 80.]

GARRETT

- 1 Eu comparo-o ao abéto que nos Andes
 Seus ramos ergue, n'ampidão, augustos:
 Todos nós somos, incluindo os grandes,
4 Ao pé d'elle, uns miserrimos arbustos.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Os vv. 1 e 4 são decassílabos heroicos, enquanto os vv. 2 e 3 são sáficos.

162

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 81-82.]

A RESPOSTA

A Alves de Moraes.

- Entrou na sala o Esphinge resurgente,
 2 E grave, mas cortez, quedou-se ao fundo.
 3 Disse então: «Respondei: qual é no mundo
 A cousa mais antiga e florescente?»
- 5 – «É com certeza o amor», timidamente
 6 Disse uma bella, e ouviu-se um ai profundo.
 – «Eu voto contra, respondeu jocundo
 8 Um ministro de Baccho, impenitente:
- «Lá desde que da próle simiana
 Surgiu Adão, a terra ao vinho presta
 A mais sincera adoração mundana.»
- «Minha resposta (diz um sabio) é esta:
 13 «Nem vinho, nem o amor: – a Asneira humana.»
 E dizendo, indicou a propria testa.

Dedicatória. Manuel José Alves de Moraes (*1845) foi companheiro de João Penha em Coimbra e colaborador assíduo em vários periódicos da altura. A dedicatória surge na sequência da sua participação na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 15).

8. Baco era o deus romano do vinho e do delírio orgiástico.

10. Alude-se à tradição bíblica que apresenta Adão como o primeiro homem a habitar a terra.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 7, 11 e 12.

163

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 83-84.]

PIETÀ!

A tua critica é dura,
É sanguinaria, vermelha.
Pões-me a cozer n'uma grelha,
4 E depois d'essa tortura,

5 Em athletica postura,
Pé atraz, olhar de esguelha,
Larga a venta, que semelha
Sinistra caverna escura,

9 Pões a setta no teu arco
10 E vibrando-a d'um só puxo
Feres-me e lanças-me a um charco!

Mettes-me a falla no bucho!
Não sejas mau, Aristarcho,
Tem dó de mim, pequerrucho!

Título. Trad. da expressão latina: “Piedade!”

13. Trata-se de uma alusão ao filólogo alexandrino Aristarco de Samotrácia (*ca.215 †ca.145 a.C), que ficou célebre pela severidade dos seus comentários literários. Neste contexto, refere-se a um crítico implacável.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

164

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 85-86.]

AO PÔR DO SOL

A Rodrigo Velloso.

Que linda estavas a fiar na róca
 2 Hontem ás horas em que o sol declina!
 Os teus seios e a bôcca purpurina
 4 Diziam: «beija, beija, toca, toca.»

Que doce a paz do campo! Em nós evoca
 Ideas patriarchaes. Sóbe a neblina;
 7 Vólta o gado ao curral; toca a busina;
 8 Cantam os grillos nos umbraes da toca.

9 O campo! eis a ventura de quem sonha!
 10 Comtigo, uns bois e a choça de teus paes!
 11 Irei de enchada ao hombro, sem vergonha!

Ás urtigas casaca e tudo mais!
 Vamos pedir ao cura que nos ponha
 A canga ideal dos laços conjugaes!

Dedicatória. O jornalista, jurisconsulto e bibliófilo Rodrigo Augusto Cerqueira Velloso (*1839 †1913) era colaborador assíduo em vários periódicos da altura. A dedicatória surge na sequência da sua participação na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 15).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 2 e 8, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 4.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 87-88.]

A ANNUNCIAÇÃO

A Dias Freitas.

- 1 – «Meu Jesus seja bemdito!
Sabes tu, anjo adorado?
Vae haver um baptizado,
4 Vou-te dar um pequenito.
- 5 «É bem teu! E que bonito!
6 Esse teu rôsto, pintado!
Que venturoso o meu fado!
8 Deus o quer, estava escripto!»
- 9 Eu era um sceptico a fundo,
10 Nem lhe guardava o ferrôlho;
11 Respondi-lhe, pois, jocundo:
- 12 «Terei por meu o pimpôlho
13 Se elle surgir neste mundo
De monóculo no ôlho.»

Dedicatória. O poeta Domingos Maria Dias Pereira de Freitas (*1852 †1905) era amigo pessoal de João Penha. A dedicatória surge na sequência da sua participação na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 13).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

166

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 89-90.]

TENORIO

A Albino Forjaz de Sampaio.

Vês aquelle asno que além passa, vês?
Vestido á moda, alto o chapéu, correcto?
A minha dama o declarou completo,
Que o seu ideal é o manequim francez.

6 Eu tinha-o por um zóte d'entremez;
Enganei-me, porém, não fui discreto,
Que a minha dama o proclamou selecto,
E o coração lhe deu, deu-lh'ò de vez.

9 Oh poetas, oh eternos sonhadores,
Que pelo mundo pullulaes em barda!
Coragem! procuraes operadores,

14 Que vos alimpem da substancia parda!
Quereis damas gentis, loucos amores?
Fazei-vos asnos, com franceza albarda.

Título. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

Dedicatória. O escritor Albino Maria Pereira Forjaz de Sampaio (*1884 †1949) manteve relações cordiais com João Penha, sendo mesmo responsável pela edição do livro póstumo *O Canto do Cysne* (1923).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo sáfico, mas são heroicos os vv. 5, 6, 8, 9, 11 e 13.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 91-92.]

FINIS VITAE

- 1 Como n'um sonho, antevejo
O final do meu destino.
O d'uns é transe mofino,
4 Parece o d'outros gracejo.
- Virginia morre de pejo,
6 Morre de fome Ugolino;
7 A rir o poeta Aretino;
Francesca e Paulo, d'um beijo.
- 9 Morre Ovidio de tristeza,
10 Escuro mal, sem remedio;
11 Apicio e Lucullo á mesa!
- 12 Quanto a mim, triste epicedio!
13 Hei-de morrer, com certeza,
14 A abrir a bôcca... de tedio!

Título. Trad. da expressão latina: “O fim da vida”.

5. Alude-se à história de Virginia, a filha do general romano Lucius Virginius, que em 449 a.C. foi morta pelo próprio pai, num último recurso para poupar a virtude às injúrias do decênviro Appius Claudius Crassus.

6. Refere-se a Ugolino della Gherardesca (* ca.1220 †1289), o Conde de Donoratico que conspirou contra os guibelinos na conquista de Pisa, sendo por isso encerrado numa torre, onde morreu de fome (1289). Dante condena-o ao Inferno, na sua *Commedia* (“Inferno”, Canto XXXIII).

7. Trata-se do poeta italiano Pietro Aretino (*1492 †1556), conhecido pelos seus escritos licenciosos, que morreu de ataque apoplético, enquanto contava uma anedota pornográfica.

8. Refere-se aos amantes Paolo Malatesta e Francesca da Rimini, que foram surpreendidos em flagrante pelo marido desta e imediatamente assassinados. Dante condena-os ao Inferno, na sua *Commedia* (“Inferno”, Canto V).

9. Trata-se de uma alusão ao longo poema em cinco livros, *Tristia*, que Publius Ovidius Naso (*43 a.C. †18 d.C.) compôs durante o exílio, nos últimos anos da sua vida.

11. Alude a dois dos nomes mais importantes nos anais da gastronomia romana: Marcus Gavius Apicius (autor de um tratado de culinária em dez livros) e o general Lucius Licinius Lucullus (*ca.114 †57 a.C.), proverbialmente conhecido pelos seus pantagruélicos banquetes.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Intermezzo

168

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 95-96.]

LAURA

1 Hirto o cabelo, e cheio de terrores,
 2 Às paragens subi afortunadas
 Onde estão os espiritos das fadas,
 As almas dos eternos sonhadores.

Musas divinas de immortaes cantores,
 6 Em seus braços, ethéreas, enlaçadas,
 7 D'elles ouviam, sempre enamoradas,
 As canções d'outra idade, os seus amores.

Mas, Petrarca era só. Tristeza infinda
 10 O turvava. Inquiri: « – Onde a que o sceptro
 Na mão trazia de mulher mais linda?»

Disse-me então o luminoso espectro:
 13 « – No mundo resurgiu, mais bella ainda:
 14 «Celébra-a tu agora!» E deu-me o plectro.

Título. Além da musa que Francesco Petrarca (*1304 †1374) celebrou nos *Rerum Vulgarium Fragmenta*, alude-se aqui a uma das amadas de João Penha, D.^a Laura Lopes.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 11 e 12.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 97-98.]

OS SEUS OLHOS

I

- 1 Não tem a formosura de Clorinda
A mulher forte, ardente como a lava.
3 Imaginou-a Ary quando pintava
4 Da candida Mignon a face linda.
- 5 Flor em botão que desabrocha ainda,
6 Já em sonhos de poeta eu a adorava!
Vêl-a um instante, é vêr nossa alma escrava
Da graça que a reveste, ideal, infinda!
- Os seus olhos! Dous astros deslumbrantes,
10 Tão bellos que, de os ver, andamos tontos,
11 De noite a suspirar, de dia errantes.
- 12 Desafiam, triumphaes, quaesquer confrontos:
13 Eu por mim, joialheiro de diamantes,
Digo que valem, cada um, cem contos!

Título. A destinatária deste poema é a amada de Penha, D.^a Laura Lopes (vd. Aparato Crítico).

1. Refere-se à guerreira do poema épico de Torquato Tasso, *Gerusalemme Liberata* (1581). A propósito deste nome, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico.

2-3. Trata-se do pintor franco-neerlandês Ary Scheffer (*1795 †1858), autor de dois retratos inspirados na personagem de Goethe: *Mignon verlangende naar haar vaderland* (1839) e *Mignon verlangende naar de hemel* (1851).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5 e 14.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 99-100.]

II

- 1 Ha n'ella uma attracção mysteriosa
 2 Que atraz de si me leva, subjugado.
 3 Que terrivel não é o meu cuidado,
 4 Ao vêl-a tão seguida, e tão bondosa!
- 5 Que linda! Uma ampla curva graciosa
 6 O corpo lhe desenha delicado:
 7 Uns pésinhos de houri; o seio, arcado;
 8 O cabelo, uma onda voluptuosa!
- 9 Os seus olhos! Á fé, vos asseguro
 10 Que morrera d'amor, se acaso os visse,
 11 D. João Tenorio, o seductor impuro!
- 12 Viu-os um grande poeta, e ao vêl-os disse:
 13 – «Por elles dera a gloria e o meu futuro:
 14 São dous poemas d'amor, e de meiguice!»

7. No credo islâmico, houris são as virgens de olhos negros que aguardam os devotos no Paraíso. Entretanto, a palavra entrou no léxico francês para designar uma mulher bela e voluptuosa.

11. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 11.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 101-102.]

III

- 1 – «Escuta-me a phantastica Odyssea,
2 (Um trovador errante me dizia)
«O mundo percorri: a Andaluzia;
4 A França, que o sicambro inda receia;
- «A Grecia azul, amada de Phebea;
A sonora Italia; a Russia fria;
As terras d'onde vem a luz do dia,
8 Desde Ceylão á vîrde Chaldea;
- «E nêssas vastas regiões do mundo,
10 Do Nilo ao Ganges, e do Volga ao Tejo,
11 Olhos eguaes eu vi aos que, jocundo,
- «Cantas na lyra em perennal arpejo!»
– «É que tu nunca os viste, adorabundo,
Como eu, ditoso, á luz do amor os vejo!»

1. A *Odisseia*, uma das epopeias fundadoras que se atribuem a Homero, narra a viagem de Ulisses, desde Troia até à Ítaca natal.

4. Os Sicambros eram um povo germânico que no século IV se fundiu na confederação de povos francos.

5. Refere-se a Febe, “a Brillhante”, uma das Titânides, filhas de Úrano e de Geia.

8. Chaldea é a região sul da Babilónia, frequentemente aludida em passagens do Antigo Testamento.

10. Alude a alguns dos maiores rios do mundo: o Nilo (no nordeste africano), o Ganges (no subcontinente indiano), o Volga (na Rússia) e o Tejo (na Península Ibérica).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 9, 10 e 12.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 103-104.]

IV

- 1 Que rôsto peregrino e delicado!
 2 Pareces a madona que em Florença
 3 Frei Angelo pintou, segundo a crença
 4 N'uma visão beatífica arroubado!
- 5 Os teus olhos! No fundo mar cavado
 6 D'esta vida, em que a sombra é triste e densa,
 7 São elles os faroes, de luz intensa,
 8 Que me guiam, ditoso e namorado.
- 9 Os teus olhos! É n'elles que, sereno
 Como no circo o moribundo athleta,
 11 Bebo do amor o mágico veneno!
- 12 Mas – triste pensamento que me inquieta! –
 Tens inda o coração muito pequeno:
 N'elle não cabe um grande amor de poeta!

1-4. Refere-se a uma das Madonas de Guido di Pietro (*ca.1387 †1455), o importante mestre do Renascimento Italiano, também conhecido como Giovanni da Fiesole ou Fra Angelico.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 10.

170

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 105-106.]

O SEPTENTRIÃO

O norte, o vento damninho,
Mais cruel que a fome e a guerra,
Por sobre a face da terra
Rue, feroz, em desalinho.

5 Andam lobos no caminho,
6 Os gados o povo encerra:
7 Cobre os pinaros da serra,
A neve, um manto d'arminho.

9 Como silvos de serpente,
Correm gemidos nos ares;
11 O môcho pia estridente,

Estão gelados os mares!
Tudo frio! Só eu quente...
Ao fôgo dos seus olhares!

Título. Setentrião é o nome dado pelos antigos Romanos ao vento que sopra de Norte.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

171

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 107-108.]

LAURAS

- 1 Andar apaixonado, que alegria!
 Soffrer por quem nos mata, que ventura!
- 3 Sem amor, fôra a vida uma tortura,
 4 Uma longa jornada, atroz, sombria!
- 5 Amor! é todo o bem, o nosso guia,
 6 Uma visão radiosa em noite escura:
 7 Feliz de quem o sente, e, que loucura!
 8 Feliz de quem lhe soffre a tyrannia!
- 9 Em mil pequenas cousas se revela.
 10 Uma só, de entre tantas, vou contal-a:
 11 Eu, o eterno amoroso d'uma bella,
- Descobri uns charutos, bons, de sala,
 Uns charutos que têm o nome d'ella:
- 14 Só d'esses fumo agora: ando a fuma-a!

Título. Refere-se à amada de João Penha, D.^a Laura Lopes. Sobre a identidade da senhora, vd. o *Aparato Crítico* do n.º 169.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 109-110.]

NO OLYMPO

1 Vivia mésto e cheio de cuidados,
 Duvidoso de mim, do meu engenho,
 Mas, dominado por tenaz empenho,
 Transpuz do Olympo os pórticos sagrados.

Ao vêr-me ali, entre os heroes pasmados,
 6 Jupiter exclamou, com sobreceño:
 7 – «Quem és?» – «Um bardo, e, supplicante, venho
 Pedir a Apollo os estros sublimados,

Que concedeu ao Tasso, ao nosso Luiz, ao Dante:
 10 Quero, n'um poema eterno e sonoro,
 11 Cantar de um puro amor a historia ovante!»

– «E quem amas?» Com gesto voluptuoso
 Pergunta a deusa do gentil semblante:
 – «Laura!» E voltei-lhe as costas, desdenhoso.

Título. O Olimpo é um monte situado nos confins da Tessália que, segundo os mitos antigos, serviria de morada aos doze deuses, presididos por Zeus (o romano Júpiter).

8. Nos mitos greco-romanos, Apolo era o deus da música e da poesia.

9. Alude a três dos poetas mais emblemáticos na lírica ocidental: Torquato Tasso (*1544 †1595), Luís de Camões (*ca. 1524 †1580) e Dante Alighieri (*1265 †1321).

13. Refere-se a Vénus, a deusa romana da Beleza e do Amor.

14. Refere-se à amada de João Penha, D.^a Laura Lopes. Sobre a identidade desta senhora, vd. o Aparato Crítico do n.º 169.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 5, 7 e 13, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 11. O v. 9, no entanto, apresenta uma irregularidade métrica, na medida em que obedece ao modelo alexandrino antigo (tetradecassílabo composto por dois hemistíquios graves).

173

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 111-112.]

AMUO

Mesmo assim, grave e sisuda,
 Como embebida n'um sonho,
 3 O teu semblante risonho,
 Não perde a graça, não muda.

5 Mas, vê que assim carrancuda
 6 Me fazes o ceu tristonho!
 7 Até maus versos componho,
 Sem ver nada que me illuda!

Gosta o Amor de tyrannia,
 Mas, não me causes pesares,
 Não me negues, assim fria,

O mais doce dos manjares,
 13 O meu pão de cada dia:
 14 A benção dos teus olhares.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 113-114.]

A MINHA LYGIA

- Sou agora reaccionario,
2 Tenho horror á liberdade;
Escravo d'uma beldade,
Leio n'outro breviario.
- 5 Trovador e visionario,
6 Canto a doce claridade
7 D'um olhar de divindade,
A deusa do meu fadario.
- Vinício, ante a fé vindoira,
10 Por Lygia, a da flava côma,
Os deuses pagãos desdoira,
- 12 A Christo confessa em Roma.
13 Eu, se a minha fosse moira,
14 Confessaria... a Mafoma!

9-12. Refere-se aos protagonistas do romance *Quo vadis?* (1896), de Henryk Sienkiewicz: o patricio romano Vinicius e sua amada Lygia, uma cristã perseguida, na época do Imperador Nero.

14. Alude à fé muçulma, personificada no profeta Maomé.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

175

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 115-116.]

CIUME

Ao vêl-a passar, a rosa
Disse ao cravo, enraivecida:
«Vae em si mesma embebida,
Nem te viu sequer, vaidosa!

- 5 «Poderia ser formosa,
Se não fosse presumida;
Vê a doce margarida,
8 Tão recatada e mimosa!»

- Disse-lhe o cravo: «Desbanca
Em poesia um luar d'outubro;
11 Tão gentil, graciosa e franca

- Flôr mais bella não descubro!»
13 E a rosa fez-se mais branca
Ao vêr o cravo tão rubro.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

176

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 117-118.]

CRESCANT ILLI!

- Aquella vida alegre e deleitosa
2 Em que eu levava os dias, sem cuidados,
3 Vae-me fugindo, como em ceus nublados
Rapida foge a garça bonançosa.
- 5 Uma fada m'a leva, despiedosa!
6 Mas, bemdigo meus pulsos algemados,
7 Que nunca, oh! nunca por jardins e prados,
Se viu mais fresca, mais divina rosa!
- Alma gentil, um anjo de candura,
Vergonhosa de si, dos seus primores,
Parece, tão graciosa, ingenua e pura,
- Um sonho, uma visão de trovadores!
13 E cresce ainda, em graça e formosura!
Cresça ella, e com ella os meus amores!

Título. Trad. da expressão latina: “Cresçam eles!”.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 7 e 8, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 10.

177

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 119-120.]

OH! QUAM DILECTA TABERNACULA TUA!

- 1 Quantas vezes, de noite, disfarçado,
 2 E disfarces d'amor não são desdoiro,
 3 Ante o castello, de que é guarda um moiro,
 Me fico, horas e horas, enlevado!
- 5 Assim, um avarento, fascinado
 6 Olha o escritorio que guarda o seu thesoiro,
 7 Assim, um gato, com seus olhos d'oiro,
 8 Mira a prisão d'um colibri pintado.
- 9 É que dentro, radiosa de alegria,
 10 Detraz d'aquelles poeticos umbraes,
 Mora a fada que as horas me abrevia,
- 12 Uma fada dos tempos medievaes.
 O castello é, porém, de phantasia,
 14 Que os castellos das pombas são pombaes.

Título. Sl. 84 (83), 2. Trad. da expressão latina: "Como são amáveis as tuas moradas!".

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 7 e 8.

6. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinalefa em *Olha o escritorio*.

178

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 121-123.]

AUSENTE!

Rondó

1 Vivo triste e solitario
N'este burgo, á beira-mar:
Sopra-me o vento contrario,
4 Que eu só a vejo a sonhar.

Longe d'aquella que um dia
Me soube emfim captivar,
Vejo o mundo sem poesia,
8 Que eu só a vejo a sonhar.

Passam navios ao longe,
10 Eu bem os vejo passar,
11 Mas tristonho como um monge,
12 Que eu só a vejo a sonhar.

Sereias, de negras tranças,
Bem me querem provocar,
Mas, só provocam lembranças...
16 Que eu só a vejo a sonhar.

Passam gaivotas, em fila,
18 Por sobre as ondas do mar;
19 A vaga é doce e tranquillã,
20 Mas, só a vejo a sonhar.

Na duna, ao som de violas,
 Soam canções, ao luar:
 23 – «Trovador! não me consolas,
 24 Que eu só a vejo a sonhar!»

Dizia: «Apagae as sêdes
 N'esses copos, a virar!
 Ide lançar vossas rêdes
 28 Aos peixes da beira-mar!

«Eu tenho dous: um moreno,
 30 Da côr das filhas d'Agar;
 Outro, ruivo, mais pequeno,
 32 Que me custa a segurar.

«Só d'esses peixes da terra
 Deveis, amigos, pescar;
 O vinho as penas desterra,
 Os peixes são para amar!»

E ao som d'aquellas violas,
 Puz-me tambem a cantar:
 39 «Trovador, não me consolas
 40 Que eu só a vejo a sonhar!»

30. Agar era a serva egípcia de Sara, mulher de Abraão (Gn. 16).

Apesar do subtítulo, este poema só parcialmente obedece ao esquema típico do rondó português. É composto por dez quadras em redondilha maior, com rima cruzada e um *rentrement* no final da primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, sexta e décima estrofes.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 125-126.]

SIA QUESTO L'ULTIMO ADDIO!

Oh! não! deixar-te assim abandonada
Sem um adeus sequer, de despedida,
Seria uma acção má, uma fugida
Como que a d'um ladrão por êrma estrada.

Por mim tu foste com ternura amada,
E vi essa paixão correspondida,
Mas, andamos no mar da nossa vida
8 Como um barco á mercê d'uma rajada.

9 Não; jamais te enganei, – mas illudi-me
10 Por ser outra a mulher, que em ti sonhava,
11 Que n'outra vida amei. É isto um crime?

12 Não chores que o teu pranto a dôr me agrava;
És graciosa, elegante como um vime:
A teus pés has de ver a terra escrava.

Título. Trad. da expressão italiana: “Seja este o último adeus!”.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 5.

*Coroa de perpetuas:
elegia*

180

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 129-130.]

I CONDEMNADA!

Ha pouco ainda, entre o ruidoso bando
Das companheiras, com prazer infindo
Ella os dias passava, alegre, rindo,
Ou como um doce rouxinol cantando.

5 Assim ditosa ella passava, quando
6 A morte negra a alanceou, fugindo,
E a dôr que lhe emmurchesse o rosto lindo,
8 A dôr que pouco a pouco a vae minando,

Tambem a sinto aqui, dentro em meu peito,
10 Com suas garras de feroz jaguar;
11 Dôr que semelha um temporal desfeito

12 Em noite escura, no profundo mar!
13 Triste de mim! que junto do seu leito
Já vejo os anjos que m'a vão levar!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo sáfico, mas são heroicos os vv. 3, 7, 8, 9 e 13.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 131-132.]

II MORTA!

Como ao sôpro de horrendos vendavaes
Os lirios cahem, sobre o pó, sem vida,
Assim ella cahiu! Inda illudida,
A sorrir entre os goivos sepulcraes!

5 Agora é tudo findo. Ai! nunca mais,
Nunca mais a verei! Dôr insoffrida,
Que só vejo uma lugubre jazida,
8 E sombras entre os astros immortaes!

9 Mas, caso horrivel, de pavor, que impresso
10 Me ficará na mente a vida inteira:
Deus me avisou do trágico successo!

Eu sonhei, n'essa noite, a derradeira,
Que ao espelho corria, e doudo, e oppresso,
14 Vi, em vez do meu rôsto, uma caveira!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 9, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 2.

A caminho das estrelas

181

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 135.]

O SEU PERFIL

- 1 Sob uma fôrma escultural que outrora
- 2 Entre as deusas do Olympo a collocara
- 3 Ao pé de Psyche ou da risonha Aurora,
Tão bella como um Phidias a sonhara,

- 5 Tem a alma divina d'uma rosa
- 6 Em toda a sua mystica pureza:
Musa e poetiza, angelica e piedosa,
É a Graça triumphal da natureza.

Título. Sobre a destinatária deste poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

3. Alude a duas figuras míticas, cuja lendária beleza inspirou a fúria de Afrodite: Psique (a Alma) e Eos (a Aurora).

4. Fídias (*ca.490 a.C. †ca.430 a.C.) foi um célebre escultor da Grécia Antiga, autor de algumas das mais importantes obras do Século de Péricles.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1 e 3.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 137-138.]

ZULMIRITA

- A branca Zulmirita é uma fada
 2 Que n'uns vagos jardins, cantando, mora.
 Que linda, que mimosa! mais que a Aurora,
 4 Que por Julio Romano foi pintada.
- 5 É como a Melusina da ballada
 6 Dos bons tempos medievaes d'outrora.
 7 Só de a vermos, um fogo nos devora,
 8 Que nasceu para amar e ser amada.
- 9 Um que passava, um louco sonhador,
 Ao vêl-a deu-lhe, nos jardins que habita,
 Uma ave rara, a do perfeito amor.
- «Como é doce, exclamou, como é bonita!
 13 Não quero que me fuja.» E por temor,
 14 Prêsa a traz em sua alma, a Zulmirita.

Título. Refere-se à poetisa Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

3-4. Refere-se ao discípulo de Raffaello, o pintor italiano Giulio Pippi, mais conhecido por Giulio Romano (*ca.1492 †1546).

5. Melusina é uma personagem céltica que povoa o imaginário medieval. Era originalmente representada como uma sereia ou fada que aceita desposar Guy de Lusignan, Conde de Poitou, na condição de que ele nunca a observe durante o banho.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 10 e 11.

6. Note-se a realização proparoxítona em *medievaes*.

183

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 139-140.]

A FADA

- 1 Em sua tão radiosa primavera
- 2 Aquella fada, tão jocunda e viva,
- 3 A falsos galanteios sempre esquiva
- 4 Julgava Amor um sonho, uma chimera,

- Semelhava um vulcão, mas sem cratera,
- 6 Uma estatua de jaspe, insensitiva;
 - 7 Agora, solitaria e pensativa,
 - 8 Sente-se prêsa, subjugada, austera;

E de balde lhe dão loucos amantes
Serenatas em noites perfumadas,
Que traz a alma em regiões distantes,

- Entre os astros de cinzas apagadas...
E comtudo, em seus olhos deslumbrantes
- 14 Ella tem o poder que têm as fadas...

Título. Refere-se à poetisa Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico, onde se transcreve a nota explicativa que acompanhou este poema.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8 e 11, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 2.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 141-142.]

O LEÃO AMOROSO

- 1 Quem me diria a mim, já quasi lasso,
2 Que inda havia de amar, como pensava
Que só por phantasia em verso amava
Um poeta, um louco, um Victor Hugo, o Tasso!
- 5 Mais livre que um condôr no azul do espaço,
6 O punho, como Ajax, aos ceus mostrava:
7 «Tenho (dizia a quem me interrogava)
8 Contra os dardos do amor um peito d'aço.»
- Amor! paixão feroz, inexoravel!
10 Prende um jaguar aos fios d'uma trança,
11 Transforma um santo n'um Tenorio amavel!
- Eis o que o entendimento não alcança!
Bastou para domar um indomavel
14 Um sorriso, os olhares d'uma creança!

4. Alude a dois poetas emblemáticos na lírica ocidental: Victor Hugo (*1802 †1885) e Torquato Tasso (*1544 †1595).

6. Alude à tragédia de Sófocles *Ájax Furioso* e à atitude ímpia do herói, que afronta os deuses.

11. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 11, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 4.

12. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinalefa em *que o entendimento*.

185

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 143-144.]

NOVA MUSA

- 1 Sem pena alguma, sem amargo pranto,
 A minha lyra abandonei d'outrora.
 Oh! quantas vezes a minha alma córa
 Das alegres canções que amara tanto!
- 5 Nem áquelles que me amam cause espanto
 6 Se nesta phase em que me encontro agora,
 Cercada a fronte d'um clarão de aurora,
 8 Eu, de Tenorio, me transforme em santo!
- 9 Que mudança, senhora, em mim fizeste:
 10 O vate da alegria, eil-o defunto;
 Outro mais grave as suas fórmas veste!
- Cantei o paio atroz, o vil presunto;
 Agora és tu, só tu, musa celeste,
 A minha inspiradora, o meu assumpto!

8. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 2, 3, 6, 7, 8 e 11.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 145-146.]

O RETRATO

Sim! és tu mesma. O grande sol radiante,
 2 Pobre artista, sem genio e sem palêta,
 Pôde comtudo, embora a tinta preta,
 Desenhar o teu busto, o teu semblante.

Não te comparo á rosa deslumbrante,
 Mas á modesta e candida violeta.
 Tal seria o retrato de Julieta,
 Do gibelino a desditosa amante.

9 Um allemão dissera: «É o d'uma fada»;
 10 Um filho do Levante: «É o d'uma houri»;
 11 Um bretão: «É o da Noiva da ballada.»

12 Mais romantica face nunca vi!
 13 Mas, pareces um pouco concentrada:
 14 Em que pensavas ao tiral-o? – «Em ti.»

Título. Refere-se à poetisa Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964). A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico dos n.ºs 186 e 183.

7-8. Julieta é a heroína amorosa da tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (1597).

10. No credo islâmico, houris são as virgens de olhos negros que aguardam os devotos no Paraíso.

11. Refere-se a Melusina, personagem céltica do folclore medieval, normalmente representada como uma fada que aceita desposar Guy de Lusignan, Conde de Poitou, na condição de que este nunca a observe durante o banho.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1 e 8.

187

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 147-148.]

AMOROSA ABSTRACÇÃO

1 Musa, da côr do alabastro,
 2 Que nenhuma excede em fama,
 Tu és para mim o astro
 Que todo o meu ser inflamma.

Todo me prendes e enleias,
 6 E n'este amor concentrado,
 Vendo as outras, acho-as feias,
 8 Causam-me até desagrado!

9 E quando sorris á prece
 10 Que lês em meus olhos tristes,
 N'esse instante me parece
 Que só tu no mundo existes!

Título. Refere-se à poetisa Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964). A este propósito, vd. o Arquivo documental I, no Aparato Crítico.

Este poema é composto por três quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

188

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 149-150.]

MENOR

1 Ao contrario das lúbricas morenas,
Cheias de fogo em plena mocidade,
Tem dos lirios a doce ingenuidade,
Branca, da côr das castas açucenas.

Lera no meu semblante acerbas penas,
6 E movida por intima piedade:
7 «Serei tua, me disse com bondade,
8 Deixa, por mim, as áridas Camênas.»

Tão candida e sincera como boa,
Tem a graça gentil d'uma andorinha
Que pelo ethéreo azul cantando vôa.

Pelo codigo, ainda tão nóvinha,
13 Não lhe é dado reger sua pessoa;
Rege, comtudo, omnipotente, a minha!

8. Na Grécia Antiga, Camenas eram as ninfas das fontes, depois assimiladas às próprias Musas.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 14.

189

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 151-152.]

ADEUS

Voltam pombas aos pombaes,
 As andorinhas, no inverno,
 Às suas regiões nataes.
 Assim tu partes e vaes
 5 Para o ninho teu paterno.
 6 Nós, ficamos neste inferno,
 E as nossas vozes são ais.

Se tu fosses n'uma barca,
 Levaria a vela cheia,
 Impellida pelos ais
 Que soltâmos, Galathêa,
 Mais tristes que os de Petrarca,
 13 Do fundo d'alma, lethaes.
 14 Ao menos lembra-te, quando
 Te vires nos teus pombaes,
 Dos tristes que andam penando
 17 Á beira-mar a dar ais.

Título. O poema dirige-se a Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

11. Galateia é uma das Nereides, também conhecida como a amada do Ciclope Polifemo.

12. Alude-se ao amor que Francesco Petrarca (*1304 †1374) devotou a Laura, celebrando-a nos *Rerum Vulgarium Fragmenta*.

Este poema é composto em redondilha maior, combinando rima cruzada, emparelhada e interpolada.

190

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 153-154.]

A FADA BRANCA

I

Eu tenho uma doce amante,
2 Uma fada, que bonita!
Pensa n'ella a cada instante
Meu coração que palpita.

Nasceu do beijo que um lirio
Deu n'uma rosa encarnada.
Eu adoro-a com delirio,
Que de mim quer ser amada.

9 Tem da mãe a formosura
10 Que outra mais linda não ha,
11 Mas na alma, ethérea e pura,
Toda ella é o seu papá.

Na graça gentil é ave;
14 Na côr do rosto açucena;
De esbelta parece grave,
Sempre tranquilla, serena.

17 Tem um sorriso de calma,
18 Que soffrimentos apaga:
19 Eu, por mim, vendi-lhe a alma,
20 Que, por um, ficou bem paga.

Título. Refere-se à poetisa Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.

Este poema é composto por cinco quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 155-156.]

II

Flammarion que o ceu radioso
Estuda, nos seus cadastros
Ao ver-lhe os olhos, ditoso,
Inscreveu dous novos astros.

«São, disse elle aos estudantes
Que o ouviam com surpresa,
Negros na côr, deslumbrantes,
8 Sóes no brilho e na grandeza.»

Não se escutam senão ais
10 Nos sitios onde ella móra,
Que os seus olhos são fataes
A quem d'elles se enamora.

Outras vezes são gemidos
Da mais cruel anciedade,
15 Que os seus olhos são bandidos
Que assassinam sem piedade.

Foi o magnetico effluvio
18 D'essas pupillas amadas,
Que transformou n'um Vesuvio
Minhas cinzas apagadas...

1. Refere-se ao astrónomo francês Camille Flammarion (*1842 †1925).

19. Alude ao conhecido vulcão italiano, cuja erupção mais intensa soterrou as cidades de Pompéia e Herculano (em 79 d.C.), após 1500 anos de inatividade.

Este poema é composto por cinco quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 156-157.]

III

Um dia, em que d'uma lancha
A olhava, cheio de zêlos,
Eu vi-a fazer a prancha
Na onda dos seus cabellos!

O mar levou-lhe os vestidos,
Mas, nua, sorri da onda,
7 Que em seus cabellos compridos
8 Tem um manto em que se esconda.

9 Uma madeixa, de que ella
10 Fez um voto em dia aziago,
11 Fui eu roubar-lha á capella,
E sempre commigo a trago.

Que milagrosa venera!
Nunca do peito me sae:
Não sei que virtudes gera
16 Que a sua á minh'alma attrahe.

Este poema é composto por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

2. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinalefa em *A olhava*.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 158-159.]

IV

Ella é sonhadora, e quando
 2 Se põe, divina, a trovar,
 As avesinhas em bando
 Vem ouvir-lhe o seu cantar.

Eu que ha muito ja não tinha
 A quem meus cantos votasse,
 Tomando-a por avesinha
 Que em mulher se transformasse,

Fui, em noite refulgente,
 10 Entre o silencio das rosas
 Dizer-lhe com voz tremente
 Doces canções amorosas.

13 Ella ouviu-as pensativa,
 E tendo o poder das fadas,
 Transformou em chamma viva
 Minhas cinzas apagadas...

Eu tenho uma doce amante,
 18 Uma fada, que bonita!
 19 Pensa n'ella, a cada instante,
 Meu coração que palpita.

Este poema é composto por cinco quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

191

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 161-162.]

ALMIRA E JOSINO

BUCOLICA

I

ALMIRA

- 1 *Mudos da selva os cantores.*
- 2 *Além, um roble estremece;*
- 3 *Movem-se no campo as flores:*
- 4 *É Josino que aparece...*

JOSINO

- 5 *Mas, de subito descora,*
- 6 *E de mêdo esconde a lyra,*
- 7 *Ao ver aquella que adora,*
A branca pastora Almira.
- 9 *Sorri-lhe a doce zagala*
Á fresca sombra d'um til.
Nenhuma, nenhuma a eguala,
- 12 *Outra não ha mais gentil.*
- Ia elle a erguer-lhe um hymno,*
- 14 *Mas, rouxinoes d'entre uns ramos:*
«Silencio, pastor Josino!
Vê: nós mesmos nos calamos.»
- 16

Título. São estes os nomes arcádicos de Zulmira de Melo e João Penha. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico, onde se transcreve também a nota explicativa que acompanha este poema.

Este fragmento é composto por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 162-165.]

II
ALMIRA

- 1 *Josino, o pastor galante,*
 2 *Tange a cithara com brio,*
 3 *Treme a rocha, vacillante,*
 4 *Suspende as aguas o rio.*
- 5 *Em logar de cordeirinhos*
 6 *Anda lobos a guardar:*
 7 *Ficam mansos nos caminhos,*
 8 *Ao ouvirem seu trovar.*
- 9 *Oh! salve, rei da harmonia,*
 10 *Gloria a ti, moderno Orpheu;*
 11 *Escuta a voz da poesia,*
 12 *Que quem te adora sou eu.*

CYDALISA

Não ouças as fallas meigas
 D'essa orgulhosa pastora:
 Por estes campos e veigas
 Não ha outra mais traidora.

- Foi por artes de magia
 18 Que ella a Menalcas perdeu;
 E depois como ella ria
 Quando esse pastor morreu!

10. Na Grécia Antiga, Orfeu era o cantor por excelência. Suas doces melodias conseguiam encantar até as feras mais selvagens.

18. Alude à personagem bucólica que figura em algumas obras da literatura clássica, nomeadamente nos *Idílios* de Teócrito e nas *Éclogas* de Virgílio.

Eis a sorte que te espera
 22 Entre as garras d'esse abutre:
 23 Vive de sangue uma fera,
 24 Ella de sangue se nutre.

Eu tenho um rosto divino,
 26 Um coração como o teu:
 27 Vem a mim, pastor Josino,
 28 Pois quem te adora sou eu.

JOSINO

29 Sim! És bella como outrora
 Nos tempos da Grecia antiga,
 31 Se pintava a roxa Aurora:
 Uma esbelta rapariga.

És mais do que ella risonha,
 34 Mais agradavel, mais fresca,
 Mas em teus olhos não sonha
 36 Uma idea romanesca:

A d'um puro amor, delirio
 38 Que do proprio inferno zomba,
 Que une um lirio a outro lirio,
 Que une um pombo á sua pomba.

41 Vae! Procura n'um mundano
 Um amor igual ao teu!
 O de Almira é sobrehumano,
 44 E quem a adora sou eu.

Este fragmento é constituído por três séries. Está composto em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

192

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 167-168.]

O TÔMO

Aquella pequena grei
 Que ante o bello se extasia,
 Que ama tudo que é poesia,
 4 Amara-a como eu a amei.

5 D'esse amor dimana a lei
 6 Que neste mundo me guia.
 7 Inda ha pouco me dizia:
 «Serei tua!» Mas, não sei...

Ao ver tão divino pômo
 A agua á bôcca me vem,
 11 E em doce sonhar o cômo.

12 Eis o que a mim me convem:
 Esse poema n'um só tômo
 14 Jamais lido por ninguem.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

193

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 169-170.]

ARRUFO

- 1 A ti não faço mais versos,
- 2 Outro é o anjo que me inspira.
- 3 Arde-me a alma, na pyra
D'uns olhos azues, perversos.

Por seus cabellos dispersos
Troquei as cordas da lyra.
Amara-a o poeta d'Elvira,
Cantara-a em poemas diversos.

- Tinhas a branca plumagem
- 10 D'uma pomba aos ceus erguida,
 - 11 Mas levou-a um dia a aragem,
-
- 12 Vi-te sem azas, despida,
 - 13 Alma, busca outra miragem
 - 14 Nos desertos d'esta vida!

7. Doña Elvira de Pastrana é a amorosa vítima do sedutor Don Félix de Montemar, no poema “El estudiante de Salamanca” (1840), de D. José de Espronceda.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

194

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 171-172.]

A MUSA

- 1 No seu phaeton elegante,
 Que ella mesma airoso guia,
 Vestida á moda do dia,
 4 Feltro azul, enorme o guante,
- 5 Ao passo quadrupedante,
 6 D'um baio d'Andaluzia,
 7 Passa a Musa da poesia,
 Bella, radiosa, galante.
- Da raça das hespanholas,
 Tem os impulsos da raça:
- 11 Dá sorrisos por esmolos.
- 12 É ella: é o Amor, a Graça:
 13 Lirios curvae as corollas;
 É Zulmirita que passa!

1. Faetonte é uma pequena carruagem descoberta, cujo nome remete para o filho de Apolo, o cocheiro do Carro do Sol.

6. Baio é um tipo de égua ou cavalo de côr castanha e cauda ou crina prateadas.

14. Refere-se à poetisa Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha que aparece celebrada em várias composições das *Novas Rimas*.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

195

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 173-175.]

LOUCOS!

Como os seus olhos são doces!
Como os seus olhos são loucos!
Se pelo mundo tu fosses
Viras, como elles, bem poucos!

Talvez que nenhuns tu visses,
Sem descançar caminhando,
Em que um iris de meiguices
Brilhasse mais terno e brando!

Tu és pescador de pérolas,
10 Vives no mar, nas espumas;
11 Como elles, das aguas cérulas
Tão negras tiraste algumas?

Mineiro em tempos antigos
Desceste a abysmos hiantes:
Tiraste dos seus jazigos
Uns mais divinos diamantes?

Não sei, por mais que medite,
Ao que os possa comparar!
19 Nem aos olhos de Amphitrite
A loira deusa do mar,

19. Refere-se à deusa grega, rainha do Mar e consorte de Posídon.

Que ora em furor o levanta
 A bramir sobre os escólhos,
 Ora as furias lhe quebranta
 Com um brando volver d'olhos;

Nem aos da fada dos contos,
 Que a seu capricho fazia
 27 De homens sabios, homens tontos
 E de contente se ria;

29 Nem aos de Luzia, a asceta,
 30 De seus encantos avara,
 Que os arrancou porque um poeta,
 Amoroso lhôs cantara!

Tão bondosos ha bem poucos!
 São olhos de serafim!
 Mas outros não ha mais loucos,
 Não ha uns loucos assim,

Pois que sendo tão formosos,
 Uma obra prima de Deus,
 Só querem, doces, piedosos,
 Para seus noivos, os meus!

29-32. Refere-se a Lúcia de Siracusa (*ca. 283 †ca.304), venerada entre os católicos como Santa Luzia, a virgem mártir que teve os olhos arrancados, após declinar casamento com um pagão.

Este poema é composto por dez quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

196

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 177-178.]

IDEAL

- 1 Era a joven mais bella da cidade,
- 2 Nem mais graciosa em toda a Hespanha a havia.
Não detestava a dança, e á noite lia
Obras de devoção e de piedade.

Namorado de tanta mocidade,
Disse-lhe, balbuciante, o que sentia.
Branda, acceitou-me a côrte, porque via
Que eu a amava com fé, com lealdade.

Um dia, quiz beijal-a á moda antiga,
Á préssa, porque a vida é transitoria.
Ella, porém, com voz suave e amiga:

- 12 – «Nunca!» me disse; é vã, é illusoria
- 13 A materia em que o espirito se abriga:
- 14 Quero que me ames, sim, mas... incorpórea.»

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.

197

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 179-181.]

RONDÓ

Quando a vi a vez primeira,
Accordei, puz-me a sonhar.
Perfumes de laranjeira
Andavam soltos no ar.

Já vae tão longe esse dia!

- 6 Eu nunca o posso olvidar!
7 Como era linda! Sahia
8 Da branca espuma do mar.

- 9 Os seus cabellos divinos
Vinhã-lhe em ondas beijar
11 Os seus pés tão pequeninos
Sobre a areia a caminhar.

Com seus olhos, de quem sonha,
Branca da côr do luar,

- 15 Como cheia de vergonha,
16 Os castos seios a arfar,

Realizava o quadro lindo,

- 18 Que Roma soube pintar
19 Da loira Venus sahindo
20 Das verdes ondas do mar,

17-20. Refere-se ao célebre quadro de Sandro Botticelli, *Nascita di Venere* (ca. 1482).

- 21 Vinha abstracta, mas quando
Me viu prestes a ajoelhar,
23 Deu-me um sorriso, parando,
24 Deu-me um longo, um terno olhar...

Desde esse instante divino
Nunca mais deixei de a amar.
Que feliz o meu destino
Com esse anjo no meu lar!

Ella bem quer que eu a adore,
Mas, capricho singular!
Pouco se importa que eu chore,
Ri-se até do meu penar!

Que tristes estes amores!
Dão vontade de chorar!
Toda cheia de terrores
Porque a podem censurar,

Antes que eu a leve á igreja,
Esse meu sonho ao luar,
Ella não quer que eu a veja,
Nem me quer vir namorar!

Apesar do título, este poema não obedece ao esquema típico do rondó português. É composto por dez quadras em redondilha maior, empregando um esquema de rima cruzada.

21. Por imperativos métricos, deve considerar-se uma diálise em *Vinha abstracta*.

198

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 183-184.]

LADAINHA

a Nossa Senhora a Branca

Senhora da longa trança,
 Tende compaixão de mim;
 Iris de paz e bonança,
 Tende compaixão de mim;
 Senhora dos lindos olhos,
 Tende compaixão de mim;
 Cândido lírio entre abrolhos,
 Tende compaixão de mim;
 Senhora das mãos de neve,
 Tende compaixão de mim,
 E do pé pequeno e leve,
 Tende compaixão de mim;
 Philomela que gorgéia,
 Tende compaixão de mim,
 Em noites de lua cheia,
 Tende compaixão de mim;
 Fonte de toda a graça,
 Tende compaixão de mim,
 N'um abril que nunca passa,
 Tende compaixão de mim;
 Doce espelho de minh'alma,
 Tende compaixão de mim,
 Como a lua sempre calma,

Tende compaixão de mim;
Branca rainha das fadas,
Tende compaixão de mim;
27 Anjo, d'azas perfumadas,
28 Tende compaixão de mim,
Descido do ceu profundo,
Tende compaixão de mim,
Para delicia do mundo,
Tende compaixão de mim;
33 Oh! Santa, tres vezes santa,
Tende compaixão de mim;
Linda que a terra encanta,
36 Tende compaixão de mim.

Este poema em redondilha maior combina um esquema de rima cruzada com a repetição do estribilho fixo, nos versos pares.

17. Por imperativos métricos, impõe-se uma diálise em *toda a*.

35. Por imperativos métricos, impõe-se uma diálise em *que a*.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 185-186.]

A LEOA VENCIDA PELO HOMEM

Olhos nos olhos, mãos nas mãos, ao fundo
 Do salão-rosa, n'um sofá sentados,
 Conversavam d'amor os namorados,
 4 Ella, grave e serena; elle jocundo.

«Tenho, dizia ella, horror profundo
 Da vida feminil aos vãos cuidados;
 7 Só admiro a mulher que entre soldados
 Muda os destinos das nações, do mundo.

9 «Chamas-me deusa, em galanteio amavel;
 10 Se o fosse, não seria a clandestina,
 11 Mas a Olympica Juno, formidavel.

«Tenho uma alma viril, quasi felina,
 Um orgulho feroz, alto, indomavel:
 Só para ti, amor, eu sou menina!»

10. Refere-se a Vénus, e deusa romana da Beleza e do Amor, que manteve uma relação adúltera com Marte, sendo por isso exposta perante todos os deuses do Olimpo.

11. Na Roma Antiga, Juno era a principal deusa olímpica. Enquanto esposa do pai dos deuses, era protetora das mulheres casadas, perseguindo com fúria não só as amantes, como também os filhos ilegítimos de Júpiter.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 2, 8 e 9.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 187-188.]

A RECOMPENSA

- 1 Um temporal do oeste, furibundo,
Sobre o povo cahira espavorido.
3 O bemdito se ouvia, e n'um gemido
4 A voz de que chegara o fim do mundo.
- Jorrava a chuva, com fragôr profundo,
6 Dos trovões entre o fúnebre estampido.
7 Do mar, em furia, o trágico bramido
Tinha os sons d'uma voz de moribundo.
- Mas eu queria vêl-a, e muito embora
No dorso me rufasse atroz pedraça,
11 Parti, a passo largo, estrada em fóra,
- 12 Alegre como um cão que vae á caça.
O ceu era tranquillo onde ella mora:
14 Vi-a, e sorriu-me: era, sorrindo a graça!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5 e 14.

201

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 189-190.]

A PRIMAVERA

Fresca, risonha, subtil,
Eil-a a estação dos amores!
Cantam aves, brotam flores,
Murmuram auras d'abril.

- Tu, porém, és mais gentil,
6 És mais suave, Dolores!
Oh! nunca viram pintores
8 Mais angélico perfil.
- 9 Eil-a a doce primavera!
Vamos nós fazer de plantas?
11 Vem! vem commigo a Cythéra!

Tu, magnólia, ao ceu levantas
Teus braços, e eu n'elles, hera,
Me prendo, e minh'alma encantas.

11. Citera é uma ilha grega consagrada a Afrodite, a deusa do amor, que por esse motivo é também conhecida como Citereia.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

6. Por imperativos métricos, deve considerar-se uma diérese em *suave*.

202

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 191-194.]

TROVAS

I

- 1 Mais facil me fôra, ao certo,
- 2 Desenhar um labyrintho,
- 3 Que pintar o ceu aberto
D'este amor que por ti sinto.

II

- Debalde tenho essa magua,
Mas emfim não póde ser:
- 7 Quizera que fosses d'agua,
 - 8 Para toda te beber.

III

- 9 Agora uma idea afago,
- 10 Bem estranha entre as maiores:
Escuta: é o desejo vago
- 12 De que um dia me devores.

IV

- 13 Se eu te disser, terna amante,
Que por ti já nada sinto,
- 15 Nem um só, um só instante
O acredites, porque minto.

V

- Ribombe embora o trovão,
- 18 Brame em furia o vento e o mar,
 - 19 Só ouço em meu coração
O teu divino cantar.

VI

Fui pedir a Santo Antonio
 22 Que o meu coração me achasse;
 Não quiz ouvir-me, e o Demonio
 24 Não se riu: velou a face.

Como fiz essa loucura?
 26 Não pensei no que fazia:
 27 Se o bom do Santo me cura,
 De tristeza morreria.

VII

Eu á minh'alma pergunto
 30 A razão porque te adora:
 Porquê? porque és o transumpto
 Das minhas visões d'outr'ora.

VIII

Que amor terrivel, medonho!
 34 Mais que o mar, profundo, immenso!
 35 Só de ti, á noite, eu sonho,
 36 Só em ti, de dia, eu penso.

IX

37 E ora ditosa, em delirio,
 38 Se a enebria uma esperança,
 39 Ora acurvada ao martyrio
 40 De negra, triste lembrança,
 41 Minh'alma vive posséssa
 D'este meu amor bemdito.
 43 Quem o quer medir que meça
 44 A grandeza do infinito.

21. Na tradição popular, Frei António de Lisboa (ou de Pádua) é o santo casamenteiro, por excelência.

Este poema é composto por onze quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

203

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 195.]

NOSSA SENHORA DOS MILAGRES

I
A PROCISSÃO

Serena, o rosto inclinado,
2 Como a Senhora das Dores
3 Vae andando sobre as flores
De que o chão fôra alastrado.

«A pé! diz o bispo, irado,
6 A Madona dos Amores!
Já não ha, dizei-me, andores
N'este mísero bispado?»

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, combinando um esquema de rima emparelhada e interpolada.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 196.]

II
O SERMÃO

- 1 «Milagrosa, na conquista
De mais subidos altares,
3 De todos nós é bemquista!
- 4 «Acalma o furor aos mares,
5 E a pobres cegos dá vista
6 Com um só dos seus olhares!»

Este poema é composto por dois tercetos em redondilha maior, empregando um esquema de rima cruzada.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 197-198.]

A ESTRIGA

I

- Ella indignou-se, fremente,
2 Vermelha a face de arminho,
3 Por lhe pedir um carinho:
4 Um beijo casto, innocente.
- 5 «Nunca mais (disse, inclemente),
Se atravésse em meu caminho;
Já me expoz n'um pellourinho,
8 Riu-se de mim toda a gente!»

Que fazer? Puz á cintura,
Sereno, uma róca antiga,
E com ar de quem procura,

- De quem sorrisos mendiga,
13 Em feminil compostura,
14 Puz-me a fiar uma estriga.

14. Alude ao episódio mítico, segundo o qual Hércules, tomado de amores pela rainha Onfale, obedecia a todos os caprichos desta, prostrando-se humildemente a seus pés, a fiar com a roca e o fuso. Enquanto isso, a soberana tomava os atributos do herói, envergando a pele do leão de Nemés.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 197-198.]

II

De linho? Não: de cuidados,
De canceiras doloridas,
De torturas, concebidas
Em sonhos allucinados;

De tristes prantos, chorados
Em mil noites mal dormidas;
De negras máguas soffridas
Em meus dias torturados.

Mas, parei. Chorando a espaços,
10 Do fuso o som uniforme,
11 Fez dobrar-lhe os membros lassos.

12 Que pesar, que dôr enorme!
Então, tomando-a em meus braços:
«Dorme, filhinha, dorme!»

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 201-202.]

NUNC ET SEMPER

- 1 Tu, que me chamas taful,
Dos importados de França,
E que alojás n'essa pança
As graças do loiro Bull,

- 5 Observa a minha ave azul
6 Mira essa pombinha mansa!
7 Não ha mais gentil creança
8 Na terra, do norte ao sul.

- 9 Nos teus sonhos de cerveja
10 Viste, em noites, de luar,
Mulher que mais linda seja?

- 12 Esconde esse riso alvar:
13 Depois da morte, onde esteja,
14 Inda hei de amal-a, a sonhar...

4. Enquanto personificação nacional da Grã-Bretanha, John Bull é comumente representado como um homem loiro e corpulento, envergando um colete com a Bandeira da União.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

206

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 203-208.]

O JURAMENTO

(Lenda do século XX)

1 Aos pés do monge, que n'um êrmo habita
2 As ruínas d'um convento abandonado,
3 Implora, soluçando, anciada, afflicta,
4 A doce Carmencita
 Perdão ao seu peccado.

 Escuta-a o velho, e com sombrio aspecto,
7 De olhos fitos no chão,
 – «Vae-te, lhe diz, demonio abjecto,
 Tu és a Tentação,
 És a Carne, e abomino o teu projecto!»

 – «Oh meu doce Jesus! que voz tão rude!
12 Sou peccadora sim, mas não maldita;
 Não venho perturbar-vos a virtude,
 A paz de cenobita!
 Oh! como a santidade vos illude!
16 Eu sou a Carmencita.

17 «Sim! demonio me chamou, um dia,
 Um joven tresloucado,
 Por lhe não dar a rosa que eu trazia
 No seio decotado;
 Mas um moreno, um louro, e muitos mais
 Diziam-me: «Jesus! como és bonita!
23 És um anjo celeste! os nossos ais
24 Escuta, Carmencita!»

E assim dizendo, as desprendidas tranças
 Devolve para traz com gesto lindo.

27 A lua ia subindo
 28 Silenciosa e grave,
 29 E d'entre as roxas franças
 D'uma virente olaia, aberta em flôres,
 Gorgeia um rouxinol, com voz suave,
 A canção dos amores.

Um cheiro a opoponax enerva o monge.
 Sombrio, perturbado,
 Estende os olhos, taciturno, ao longe,
 36 Aos sonhos do passado:
 E nas trevas d'aquella soledade,
 Onde a coruja pia,
 Parece-lhe ouvir ainda a symphonia
 Da sua mocidade.

41 Com voz menos severa:
 42 «Conta-me, diz á branca penitente,
 O successo fatal. Deus é clemente,
 44 E se com dôr sincera,
 Com a dôr que redime,
 A elle te elevares,

47 Talvez, sentindo em si, os teus olhares,
 Te perdoe o teu crime.»

49 – «Oh! Sim! Deus tem piedade
 50 Dos que choram. Jámais negou soccôrro
 51 A seus filhos, na dôr e na anciedade.
 52 Vou tudo confessar, arrependida,
 53 Se de vergonha a vossos pés não môrro!
 Eu sou uma perdida!

33. Opoponax (ou mirra doce) é uma planta aromática usada na produção de perfumes.

«De entre tantos e tantos namorados
 Só um me não tecia madrigaes
 Aos meus longos cabellos perfumados,
 Aos meus olhos fataes.
 59 Era em silencio que elle amava, e quando
 60 Eu por acaso o via,
 61 Não sei o que sentia
 Dentro em minh'álma, de celeste e brando.

«Certa noite, n'um baile, quando a festa
 Era proxima ao fim,
 Encontrei-o de súbito. Ai! de mim!
 Vi-lhe o casto sorriso, a face mésta...
 Oh! que noite cruel, noite funesta!
 Não pude resistir ao seu desejo
 Que nos seus olhos supplicantes lia:
 Dei-lhe o que pedia,
 71 Dei-lhe na bôcca, que sorria... um beijo!»

 72 Ergue-se, de repente, hirto de assombro,
 O velho cenobita.
 A mão abaixa, convulsiva, ao hombro
 75 Da desditosa que o pavor agita.
 76 «– Nunca (exclama emfim, cruel, tremendo),
 Nunca na terra, oh desgraçada, nunca
 Se fez peccado assim, mais feio, horrendo!
 Debalde aos ceus o teu olhar elevas,
 Estás perdida, estás na garra adunca
 Do Principe das Trevas!»

82 Levanta um grande chôro a miseranda
 83 Prosternada no chão, perdida a falla;
 84 Mas o perfume a opoponax que exhala
 85 Invade o monge; e o coração lhe abranda.
 Ouve, como n'um sonho,
 Uma canção longinqua, a symphonia
 D'um passado risonho,
 E um brando olhar á peccadora envia.

- 90 Volve, e revolve um códice poento;
 91 Os braços põe em cruz, pensa, medita;
 92 Depois sorri-se, e com benigno accênto:
 93 – «Não chores, Carmencita;
 94 Preceitos descobri, na lei escripta,
 Que te relevam d'esse crime odiento;
 96 Mas has-de prometter que nunca mais
 N'esse peccado cahirás impuro.»
 98 – «Oh! nunca, nunca mais.» – «Jural-o?» – «Juro,
 Pela alma de meus paes;
 100 Antes perder a vida
 Entre as torturas do suprêmo horror!»
 102 – «Eu te absolvo, pois, arrependida!
 103 Vae na paz do Senhor!»
- 104 Vôa ditosa pela esconsa via
 105 Que á cidade conduz;
 A mais doce, a mais intima alegria
 Em seu olhar transluz.
 108 Mas, de súbito, pára, olha, recúa;
 109 Vê-o ao clarão da lua
 110 Que a espera triste da verêda em meio;
 Vê-o que avança, em ais,
 112 A enlaça ancioso, a prende, a une ao seio...
 113 Sente invadir-lhe o peito o mesmo enleio,
 114 E dá-lhe um, depois outro, e muitos mais:
 115 Dá-lhe tantos e tantos,
 116 Que elle em seus braços de prazer desmaia.
 117 Cobrem o rôsto no alto empyreo os santos;
 Nas ruinas do convento o môcho pia,
 Mas entre as roxas flôres
 120 Da viridente olaia,
 Gorgeia o rouxinol a symphonia
 Dos eternos amores.

Este poema obedece ao ritmo da silva, combinando decassílabos e versos hexassilábicos, de acordo com um esquema rimático variável.

8, 17. Atente-se na diérese em *demonio*.

39. Por imperativos métricos, deve considerar-se uma sinérese em *ainda*.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 209-212.]

UMA PAGINA D'AMOR

A carta

- 1 A divina amorosa, reclinada
Sobre uma mesa que um lilaz perfuma,
Ao seu amante escreve, enamorada,
Estas palavras ao correr da pluma:
- «Como estou fatigada! Todo o dia
Andei n'uma contínua dobadoira:
- 7 Tlim, era uma visita, e mal sahia
Outra lhe vinha atraz, mais duradoira.
- 9 «Rosas e rosas, prendas, madrigaes,
Foi tudo uma perfeita inundaçãõ;
Os poetas enviaram-me os seus ais,
- 12 Um, n'uma quadra, o proprio coração.
- 13 «Meu tio de Lisboa, o mais querido,
14 Foi galante: mandou-me, que alma franca!
Um cheque de cem loiras, escondido
Sob uma aza d'uma rôla branca.
- 17 «Minha avósinha fez-me rir, coitada!
Mandou-me uns genealogicos papeis,
Com estas linhas: «Lembra-te, morgada,
De que descendes de barões, de reis.»

- 21 «Ralha sempre, e comtudo, que bondade!
 22 Não ha pomba mais doce nos pombaes.
 23 Quer um rei para mim, que ingenuidade!
 Julga-se inda nos tempos medievaes!
- «Minha boa mamã, bem commovida,
 Toda em mim se revia, transportada
 Ao tempo em que assim era estremecida,
 E pelo santo, que a esposou, amada.
- «Fiz pois annos. E quantos? Adivinha.
 30 Não sabes? Pois não tens engenho e arte.
 Sou menina de cóllo, creançinha:
 Vê desde quando comecei a amar-te...
- 33 «Só tu não foste, meu grande urso, amavel!
 Oh! vaes ter um castigo atroz, severo:
 Ouve, escuta a sentença inexoravel:
 36 «Não te amo, não te adoro, não te quero!»
- 37 Fechou a carta, e em breve, adormecida,
 Toda de branco se vestiu, sonhando.
 39 Seja-lhe um sonho o decorrer da vida,
 Um sonho côr de rosa, ethéreo e brando!
- Assim adormecida, como é bella!
 Mais branca do que um lirio que desmaia!
 Anjos e serafins, velae por ella!
 44 Aves do amor, oh rouxinoes, cantae-a!

Este poema é composto por onze quadras, empregando um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 4, 16, 17, 20, 28, 32, 33, 38, 39 e 44.

208

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 213-214.]

ALMA POR ALMA

- 1 Irresoluto e a mêdo, em seu jardim
 Ao pôr do sol entrei, com pé tardôno.
 De súbito parei, mudo, bisonho,
 4 Ao vêl-a, e o vêl-a a sós era o meu fim!
- 5 Eu via-a, bem a via ao pé de mim,
 Com seu rôsto archangelico, risonho,
 E duvidava! «Será isto um sonho?»
 8 – Oh! não, me disse; e murmurou assim:
- 9 – «Como é doce e pueril o teu receio!
 10 Quer fosses mais gentil do que um Narciso,
 11 Quer fosses, mais que um sapo, hediondo e feio,
- 12 «Só tu me fôras, mais que o ar, preciso!»
 13 E sorriu. Eu então, unindo-a ao seio,
 14 Ditoso lhe beijei o seu sorriso.

10. Segundo o mito grego, Narciso era um jovem belo, cuja insensibilidade amorosa foi castigada por Nemésis, levando o rapaz a debruçar-se sobre uma fonte, e assim apaixonar-se pelo reflexo da própria imagem.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 7, 8 e 12.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 215-216.]

AS SUAS AZAS

I

- São da côr das açucenas
2 As suas azas subtis:
3 São como um manto de pennas,
4 Cobrem-lhe as fórmãs gentis.
- De mundanas não têm nada,
6 Não são de deusa pagã;
7 São d'um anjo ou d'uma fada,
Como as da lenda christã.
- Se n'ellas lhe fallam, córa,
10 Nega-as sorrindo, contesta;
Sóbe-lhe ao rosto uma aurora,
Abaixa os olhos, honesta.
- 13 Comtudo, é d'ellas que tira
14 As pennas com que amoroso
15 Eu tanjo as cordas da lyra,
Mais feliz, que sonoro.
- Despreza vozes estultas,
18 Mas assusta-a o odio, a inveja,
19 Por isso as traz sempre occultas:
20 Não quer que o mundo lh'as veja.

Este poema é composto por cinco quadras em redondilha maior, empregando um esquema de rima cruzada.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 217-218.]

II

Branças são, brancas de arminho,
 Mais que as de pomba impollutas.
 3 Vôa? é como um passarinho
 Que foge ás serpes astutas.

E a voar sóbe ás espheras
 6 Onde se vive de sonhos,
 Onde só ha primaveras,
 Dias serenos, risonhos.

Casta, porém, não sabia,
 Não as vendo em mais nenhuma,
 Para que Deus lhe daria
 Aquellas mimosas plumas.

13 Perguntou-o ás margaritas,
 14 Aos astros, bosques, e mares;
 15 Disse-lhe Deus: – «Concedi-t'as,
 Para n'ellas o abrigares.»

E n'esse abrigo dilecto,
 D'onde só vejo as estrellas,
 Sonho a vida, só inquieto
 20 De vir um dia a perdê-las.

Este poema é composto por cinco quadras em redondilha maior, empregando um esquema de rima cruzada.

Sonatas e ritornellos

210

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 221-222.]

A HUMANIDADE

A Guerra Junqueiro.

No Pindo sonoro, ao som da viola,
 2 Feliz cantavas, inda ha pouco, a vida:
 O vinho, as rosas, todo o amor, e a lida
 4 Em procura d'um sonho: uma hespanhola.

De súbito morreste. Abriste escola
 De cousas graves na mansão florida.
 Tôrvo no aspecto, aos ceus a fronte erguida,
 8 Sevéro como um filho de Loyola,

Prégas a grande Idéa, a da Humildade,
 O Bem, o Amor, como em ti mesmo os vês.
 Mas, escuta-me a voz, porque em verdade,

Perdes o tempo, e vae-se-te o freguez:
 13 Desadora sermões a humanidade:
 14 O que ella quer, amigo, é o bife inglez.

Dedicatória. O poeta Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*1850 †1923) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos principais nomes da sua geração literária. A dedicatória surge também como agradecimento pela colaboração na homenagem d' *A Chronica* (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 9).

1. O Pindo é uma cadeia montanhosa grega que separa o Epiro da Tessália, e onde algumas fontes clássicas situavam a morada de Apolo (deus da poesia) e suas Musas.

5-6. Alude à viragem da poética junqueiriana, afastando-se progressivamente do magistério de Penha, para convergir nos trilhos da poesia social e revolucionária.

8. Refere-se aos padres da Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola, em 1534.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 6 e 10, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico nos vv. 2 e 3.

211

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 223-224.]

O DEVORISMO

Ao Conde Belli di Leonardi, Sori.

- Ninguém pode existir sem que destrúa
2 Vidas mil e as devore famulento:
Lei terrível, cruel, que tem o assento
4 N'um mysterio ante o qual ninguém recúa!
- 5 Em luta pela vida, em guerra crua,
6 Todo o animal, feroz, sanguisedento,
Em mar e terra, e nas regiões do vento
8 A essa lei obedece e a perpetúa.
- 9 O falcão mata á rola, que mal chora,
10 A garça ao peixe ondeante, e o leão, se a quer,
11 Á onça inquieta, que nos antros mora.
- 12 Devorar, eis a lei! E nem sequer
13 Pode o homem fugir-lhe! Esse... devora
As carnes palpitantes da mulher!

Dedicatória. O cônsul italiano Bruno Belli de Leonardi (conhecido no mundo literário pelo pseudónimo *Yabél*) foi um dos lusófilos estrangeiros que participaram na homenagem d' *A Chronica* a João Penha (n.ºs 63-64, abril de 1902, pp. 5-6), graças à mediação de Joaquim de Araújo. Sobre esta personalidade, vd. o artigo editado no n.º 738.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 7 e 11.

8. Por imperativos métricos, deve considerar-se uma síncope em *obedece*.

212

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 225-226.]

FAISEUSE DE TROTTOIR

A René Ghil, Paris.

- Eis desfeita em vapor a phantasia,
 2 O sonho de uma noite de chiméras!
 3 Não mais reflorirão as primaveras
 4 Que eu tão risonhas no futuro via!
- O labio que ainda ha pouco me sorria
 6 Com doces fallas, ideaes, sinceras,
 É mais vil que o das sordidas megeras
 Que se vendem na crapula da orgia!
- Mas, a comedia findará n'um drama:
 10 Estavas n'um altar dentro em meu seio,
 E resvalaste, de pés nús, á lama!
- O teu destino n'essa fronte leio:
 13 Serás das noites ambulante dama,
 14 Uma dama de publico recreio.

Título. Trad.: “Operária da calçada”. Esta expressão francesa refere uma prostituta de rua.

Dedicatória. O escritor francês René Ghil foi um dos lusófilos estrangeiros que participaram na homenagem d’ *A Chronica* a João Penha (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 10), graças à mediação de Joaquim de Araújo.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 6, 9, 11 e 13, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 12.

213

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 225-226.]

LARVADA

A Christovam Ayres.

- Um dia, tu, a pomba immaculada
2 (Assim eu te chamava em meus cantares),
Fugiste-me, deixaste os patrios lares,
Do meu ingenuo amor, emfim, cançada.
- 5 Como Hippia, d'um athleta enamorada,
Mestre perito em jogos malabares,
7 Seguiste-o louca, atravessaste os mares,
8 Foste d'elle, nas sombras d'uma estrada.
- 9 Agora, és tu a publica elegante
10 Que o vicio nas alcôvas apregôa.
11 Mas, esconde esse riso provocante,
- 12 Que um sonhador como eu nunca perdôa:
Com a últrice clava d'um gigante,
Hei-de esmagar-te o coração, leôa!

Dedicatória. O Tenente-coronel, historiador e membro da Academia Real das Ciências, Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda (*1853 †1930), foi companheiro de João Penha em Coimbra. A dedicatória retribui a colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 12).
5. *Hippia* (trad. “equestre” ou “domadora de cavalos”) é um dos epítetos por que era também conhecida a deusa Hera, cônjuge de Zeus e implacável perseguidora de Héracles, na tradição grega.
13-14. Alude à participação de Hera na luta contra os gigantes Porfíron e Ixíon.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 7 e 14.

214

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 229-230.]

GEORGES DANDIN

- 1 Não te chores assim! Como és creança!
 Desgraças, como a tua, não têm conta.
 Deuses e heroes a velha historia aponta
- 4 Aos quaes nem lhes valeu o raio e a lança!

Do mouro de Veneza a atroz vingança
 Sómente a adopta uma cabeça tonta.

- 7 Ao despique, a trabuco, d'essa affronta
 Já ninguém, hoje em dia, se abalança.

- 9 Outro qualquer ou se calava, ou ria,
 Á guisa de francez. Como és maluco!
 Responde: que perdeste, de valia?

- 12 D'antes ouvias, no frondoso luco,
 Os gorgeios da alegre cotovia:
 Ouves agora o solitario cuco.

Título. Alude à comédia de Molière, *George Dandin ou le Mari Confondu* (1668), particularmente à fala do protagonista, no Ato I, Cena 7: «Ah! que je... Vous l'avez voulu, vous l'avez voulu George Dandin, vous l'avez voulu, cela vous sied fort bien, et vous voilà ajusté comme il faut; vous avez justement ce que vous méritez». O marido de Angélique representa o paradigma do burguês que desposa uma dama aristocrata, acabando traído por ela.

5. Trata-se de uma referência à tragédia de William Shakespeare *Othello, the Moor of Venice* (ca. 1603). No Ato V, o protagonista, convencendo-se do adultério de Desdémone, mata a esposa, mas acaba por se suicidar com um punhal, ao perceber mais tarde a injustiça cometida.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 6, 9, 12 e 14.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 231-232.]

A ALMA DAS MULHERES

A Teixeira de Queiroz.

Elle era um bom rapaz, ella a sereia
 Mais caprichosa que no mundo havia.
 Adorava-o comtudo, e lho dizia
 Como ao Tenorio a palpitante Haydea.

- Certa noite, porém, depois da ceia,
 Quando elle em madrigaes se desfazia,
 7 Viu-a que de repente o repellia,
 E de pé, como a tragica Medea:
- 9 «– Perdoa-me, exclamou, mas vou matar-te,
 Perdoa á tua suave pequerrucha:
 11 Não é por nada, é por amor á arte.
- 12 Eu propria carreguei, mettendo a buxa,
 13 O de meus pais antigo bacamarte:
 14 Que bella scena: um poeta que estrebuxa!»

Dedicatória. O médico Francisco Teixeira de Queirós (*1848 †1919), que no mundo literário usou o pseudónimo Bento Moreno, foi companheiro de João Penha em Coimbra. A dedicatória retribui a colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, pp. 10-11). A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

4. Refere-se à declaração amorosa de Haidée, no canto II do poema de Lord Byron, *Don Juan* (1819). A jovem grega recolhe o naufrago sevilhano, que dera à costa, e apaixonou-se de imediato.

8. Alude à cruel vingança de Medeia, conforme encenada por Eurípides. Na tragédia homónima, a protagonista mata os filhos num acesso de loucura, vingando assim a infidelidade do marido.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 4 e 11.

216

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 233-234.]

AS FILHAS D'EVA

A Joaquim de Araujo.

- 1 Com seu languido corpo reclinado
 N'uma fôfa ottomana de setim,
 Ella, o candido lirio, o serafim,
 Tinha a seus pés um vate enamorado.
- 5 Com voz que era um murmúrio, contristado,
 Fallava-lhe de amor, dizia assim:
 «Quero e não posso! Oh! quem me dera a mim
 Ser o rei d'Inglaterra, um potentado!
- 9 «E só tenho de meu este alaúde,
 10 O sonho d'uma esplendida visão!
 Nada mais tenho que a viver me ajude!
- 12 «Oh! tem pena de mim, rosa em botão!»
 13 Disse ella: – «Deixa o sonho que te illude,
 14 Que nada fazes sem o pômo, Adão!»

Dedicatória. Joaquim de Araújo (*1858 †1917) foi o maior divulgador da obra de João Penha no estrangeiro (especialmente depois de ocupar o consulado de Génova, em 1894). Em particular, a dedicatória retribui a colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, pp. 6-7).
 14. Trata-se de uma referência à transgressão de Adão e Eva (Gn. 3).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 11 e 14.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 235-236.]

THERESITA

(«Envoi» a seu papá, Antero de Figueiredo,
em Vernet-les-Bains).

- 1 N'esses altos Pyrenneus,
Onde as aguias fazem ninho,
Onde a neve, côr d'arminho,
Se perde no azul dos ceus,

- 5 Foi ahi, mais junto a Deus,
Que d'elle vieste, anjinho:
- 7 Seja-te a vida um carinho,
- 8 A bonança entre escarceus.

- 9 Não podes ouvir-me ainda;
- 10 Mas n'estes versos em prosa,
- 11 Quero fadar-te bem-vinda:

Pequeno botão de rosa,
Os anjos te façam linda,
E mais que linda, bondosa.

Título. Trata-se da única filha de Antero de Figueiredo, a pequena Teresa Furtado de Antas de Figueiredo (*1902). A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Subtítulo. Vernet-les-Bains é uma localidade francesa nos Pireneus orientais, também conhecida pela amenidade do clima. Aí nasceu a filha de Antero de Figueiredo e Laura Furtado de Antas.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

218

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 237-238.]

O REMEDIO

A Alberto Braga.

- 1 Choras, como um trappista em cela escura,
 2 Porque ha muito perdeste a mocidade.
 Eh! resurge! que em toda a nossa idade
 4 Ha dias d'expansão e de ventura.
- 5 A velhice, que as horas te amargúra,
 Como Hippócrates disse, com verdade,
 Não passa d'uma tôla enfermidade,
 8 Que um homem sabio por si mesmo cura.
- 9 Não remires as cãs ao teu espelho,
 10 Que mais te augmenta a merencória frágoa:
 Toma do bom Filinto o são conselho,
- 12 Pensa no que elle diz a rir com magua:
 13 «Estou velho, e sem vinho um pobre velho
 «Cria arrans na barriga se bebe agua.»

Dedicatória. O jornalista e escritor Alberto Leal Barradas Monteiro Braga (*1851 †1911) foi companheiro de João Penha em Coimbra. A dedicatória retribui sua colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, pp. 15).

5-8. Hippócrates de Cos (*460 †377 a.C.) foi o primeiro a formular hipóteses médicas em torno do envelhecimento. Para o médico grego, velhice não era doença, mas um fenómeno físico natural e irreversível, causado pela perda gradual da temperatura e humidade no corpo. Recomendava apenas exercício físico, banhos quentes e uma alimentação moderada, que incluía o consumo de vinho.

13-14. Citam-se os vv. 42-43 do pregão "Ora eu já disse em verso (há bem vinte annos)", incluído nas obras de Filinto Elísio (nome arcádico de Francisco Manuel do Nascimento – *1734 †1819). *Versos de Filinto Elysio*, 1806, t. V, p. 125.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8 e 10.

219

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 239.]

O VAMPIRO

- 1 Assim como aérea mosca
Cahe, em vôos d'insensata,
Na teia, onde a aranha tosca
4 D'um salto a subjuga e mata:

- Assim eu cahi na rêde
Que me teceste, vampiro!
7 Corre, vôa, apaga a sêde,
8 Que eu por tal morte suspiro!

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, empregando um esquema de rima cruzada.

220

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 241-242.]

IN AMARITUDINE

A Achille Millien, Beaumont-la-Ferrière.

- 1 Ai d'aquelle que um dia se abalance
 2 A procurar na vida uma alma pura!
 Bem depressa verá quão pouco dura
 Essa illusão, se de a sonhar não canse.

- Era feliz, mas em funéreo transe
 6 A luz se me desfez em sombra escura.
 7 Ai! de mim! era um sonho de loucura,
 8 Um castello no ar, o meu romance.

Desfeito o sonho que em minh'alma tinha,
 Dos labios afastei a amarga esponja,
 E menti-te em meus versos linha a linha:

- 12 Chamei-te anjo com azas, por lisonja!
 Ophélia com bom senso e burguezinha,
 14 Contrata um bacharel, ou faz-te monja!

Título. Trad. da expressão latina: "Em amargura".

Dedicatória. O poeta francês Achille Millien (*1838 †1927) foi membro da Academia Real das Ciências e um dos lusófilos estrangeiros que participaram na homenagem d' *A Chronica* a João Penha (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 9), graças à mediação de Joaquim de Araújo. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

13. Ofélia é a amada de Hamlet, na tragédia homónima de William Shakespeare (ca. 1600).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 5 e 9.

221

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 243-245.]

RONDÓ

Que linda noite serena,
Que perfumes, que luar!
Mas tenho n'alma uma pena
Que não me deixa cantar.

5 As minhas visões tão bellas,
6 Vi-as dispersas no ar:
Vinde chorar, philomelas,
Vinde commigo chorar!

9 Era linda como um poema,
10 Branca da côr do luar.
11 E morreu! Oh! dôr suprema!
12 Eu mesmo a vi sepultar!

13 Seu corpo não, que inda ha pouco
14 A vi n'um baile a valsar.
Ai! no mundo como é louco
Quem quer viver para amar!

Ia de tranças ao vento,
Enlaçada no seu par:
Eu nem soltava um lamento,
Eu nem podia chorar.

Quando passou ao meu lado,
 22 Quiz saber, quiz escutar:
 23 Ouvi-lhe um «sim» abafado
 N'um secreto murmurar!

Inda ha pouco me dizia
 Que se eu deixasse de a amar,
 Ou de tristeza morria,
 Ou me havia de matar!

Assim aquella alma pura,
 Branca da côr do luar,
 31 Se perdeu em noite escura
 32 Enlaçada no seu par!

Tal o sol que a terra inunda
 34 De alegria, a caminhar,
 Ao fim da tarde se afunda
 Nas aguas tôrvas do mar.

37 Oh minhas visões tão bellas,
 Eis-vos dispersas no ar!
 Vinde chorar, philomelas,
 Vinde commigo chorar!

Apesar do título, este poema só parcialmente obedece ao esquema típico do rondó português. É composto por dez quadras em redondilha maior, com rima cruzada e uma quadra recorrente, que se repete parcialmente na segunda e última posições.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 247-248.]

A SUPREMA EMBRIAGUEZ

A Anthero de Figueiredo.

- «Como Byron, o poeta vacillante,
2 Musset e Pöe, que taciturno lias,
3 Em contínuas e sórdidas orgias
4 Arrastas uma vida degradante.
- 5 «Qual navio entre as vagas, fluctuante
Os apupos da plebe desafias!
Oh! deixa para sempre essas folias,
8 Volta ao passado, desditoso amante.
- 9 «Responde: não sou linda, não sou bella?
Não tenho um coração de serafim?
Não te commove a dôr que me flagella?
- 12 «Não bebas mais: bebe-me, oh anjo, a mim,
13 Bebe-me est' alma, apaga a sêde n'ella:
Bebe-me nos meus labios de carmim!»

Dedicatória. Embora não pertencesse à mesma geração de Penha, Anthero de Figueiredo (*1866 †1953) foi o seu amigo mais fiel no mundo das letras. Esta dedicatória retribui a sua colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 13).

1-3. Refere-se a três escritores célebres do Romantismo: o inglês Lord Byron (*1788 †1824), o francês Alfred de Musset (*1810 †1857) e o americano Edgar Allen Poe (*1809 †1849).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 8, 12 e 13.

223

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 249-250.]

A BORBOLETA

A Sergio de Castro.

- Quando sem um adeus, sem etiqueta,
Fria me despediste, a mim, coitado!
- 3 Bem triste me fiquei, desconsolado,
Por me ver sem a minha Julietta.
- Da ventura na célere ampulheta
O tempo me correu de ser amado!
- 7 Mas, não posso queixar-me do meu fado:
Corre de flor em flor a borboleta.
- 9 Quem seja o teu actual, bem o adivinho:
10 Ia passando sob o teu balcão,
11 Retesado, a emergir d'um collarinho,
- 12 Quando tu lhe atiraste o coração:
13 Atiraste-lhe, á turca, o teu lencinho!
14 Oh! nada mais gentil, nada mais cão!

Dedicatória. O advogado e jornalista Antonio Sergio de Castro (*1851 †1929) foi companheiro de João Penha em Coimbra.

4. Julieta é a heroína amorosa da tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (1597).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 10.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 251-252.]

A VOLTA

A Alfredo da Cunha.

Foi um dia feliz, alegre, cheio!
O campo vivifica e nos conforta.
Por essas veigas, que um riacho corta,
Como o tempo voou! que suave enleio!

- Findo agora o romantico passeio,
Do meu albergue eis-nos emfim á porta.
- 7 A mim não sei que idea me transporta,
8 Que doce turbação me invade o seio...
- 9 Entra! verás mil cousas exquisitas,
Phantasias da China e do Japão.
Mas, porque em mim, anciosa, os olhos fitas,
- 12 Turbada, palpitante o coração?
Domaste o leão feroz, porque é que hesitas?
São de veludo as garras do leão...

Dedicatória. O escritor Alfredo Carneiro da Cunha (*1863 †1942) foi diretor da *Revista Nova* (onde Penha também publicou) e mais tarde do *Diario de Noticias*. Esta dedicatória retribui a sua colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.^{os} 63-64, abril de 1902, p. 10).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3 e 6.

225

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 253-254.]

O PHILANTROPO

- «Não sigo as normas do Catão antigo,
Nem o mister de moralista invejo.
Já te ris, mas não tomes por gracejo
4 O que lealmente e em boa fé te digo.
- «Fui sempre, desde a infancia, teu amigo,
Mas agora arreféço, mal te vejo;
Sóbe-me ás faces o rubor do pejo,
8 Tenho vergonha de me ver contigo.
- «Mal uma femea vês, logo d'esguelha
10 A vaes seguindo, e de a seguir te aprazes
Como um lobo feroz atraz da ovelha.
- «É d'um baixo Tenório, isso que fazes!
13 A todas vaes fallar, menina, ou velha!»
14 – É que ando a dar esmolos. «– Tu?» – «De phrases.»

1. Marcus Porcius Cato (*234 a.C. †149 a.C.), também conhecido por Catão, o Antigo, foi censor na Roma do séc. II a.C.. A austeridade dos seus princípios tornou-o num ícone de todos os moralistas.

12. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 2, 4, 7, 8 e 10.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 255-256.]

A UMA JOVEN DESPEITADA

Não. É poeta de valia
Quem d'est'arte se revela.
Tem notas de philomela,
Notas graves, de elegia.

Ao lêr a sua poesia,
6 Tão commovida, e tão bella,
7 Se eu fosse moça e donzella,
De puro amor me rendia.

9 Ao seu desplante haverá
Quem lhe chame desafôro
De quem nunca tomou chá?

Não te commove o seu chôro?
Não sejas assim tão má:
Dá-lhe um pouco de namôro...

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, p. 257.]

EPITAPHIO DE BULHÃO PATO

Aqui jaz, n'este monte sobranceiro
 Às vagas rugidoras do oceano,
 3 Um trovador que soube, elle, o primeiro
 Curvar o estro ao sentimento humano.

Aqui jaz, mas repleto de saúde,
 6 Têso de pernas, firme nos artelhos;
 7 De noute, vibra as cordas do alaúde,
 8 De manhã... vibra dardos aos coelhos.

Título. Trata-se de uma homenagem ao poeta Raimundo António de Bulhão Pato (*1828 †1912). Vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 4.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 259-260.]

NOVO HAMLET

Ao Dr. Goran Björkman, Stockolm.

- 1 No cemiterio entrei. Um largo intento
2 A mente me occupava entristecida.
Queria prescrutar a lei da vida
N'esse da Morte sepulcral assento.
- 5 Como Hamlet, caminhava a passo lento
6 Quando junto ao chorão da velha ermida,
Os olhos me attrahiu, branca, polida,
Uma caveira. Então, com grave accênto:
- 9 – «Quando trocaste o mundo, éden feliz,
Pela cidade das perdidas gentes,
Que mais choraste n'esse transe, diz?
- 12 «¿Uma esposa gentil, os teus parentes,
Os campos que lavraste, o teu paiz?»
- 14 – «O morrer, tendo ainda tão bons dentes.»

Título. Hamlet é o protagonista da tragédia homónima de William Shakespeare (ca. 1600). Evoca-se, em particular, o enterro de Ofélia e o vislumbre da caveira de Yorick, na cena 1, Acto V.

Dedicatória. O poeta sueco Göran Björkman foi um dos lusófilos estrangeiros que participaram na homenagem d' *A Chronica* a João Penha (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 14), graças à mediação de Joaquim de Araújo.

9. Refere-se ao jardim primordial do paraíso bíblico (Gn. 2).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4 e 10, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 11.

5. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinalefa em *Como Hamlet*.

229

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 261-262.]

O ESPHINGE

A Prospero Peragallo, Genova.

- 1 Amava-me ella, ou não? Se a perseguia
- 2 Um olhar me detinha, desdenhoso;
Se a evitava, outro olhar, voluptuoso,
De novo á sua cauda me prendia.
- 5 Tudo em mim eram dúvidas. Um dia
- 6 Enchi-me de bravura, e insidioso
- 7 Quiz investir-me no papel de esposo,
Sem a troca de aneis, sem benção pia.
- 9 Repelliu-me a chorar. Rugi: «Em scena
- 10 Não fizera uma actriz, com mais primor,
- 11 Esse papel de candida açucena!
- 12 «Mas, não receias, diz, o meu furor?»
– «É que nos homens (disse emfim, com pênna)
A posse extingue o mais profundo amor.»

Dedicatória. Ao longo dos trinta anos que viveu em Lisboa, o reverendo genovês Prospero Peragallo (*1823 †1916) foi um dos lusófilos estrangeiros que mais afeição devotaram à cultura portuguesa. Além das traduções publicadas em *Mazzolino di Poesie Portoghesi e Sivigliane*, esta dedicatória agradece a colaboração na homenagem d' *A Chronica* a João Penha (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 12).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 7 e 13, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 14

230

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 263-264.]

NUDUS AMOR

A Carlos de Lemos.

- 1 «A púdica modestia das violetas,
 2 Que na sombra vicejam sem cultura,
 Dá-nos a idea vaga da candura
 Da tua alma, a das pallidas Julietas.
- 5 «Não fizeras baixar a anacoretas
 Seus olhos, cegos á visão mais pura!
 Pareces uma santa, uma pintura
 Do Angélico, o das mysticas palétas.
- 9 «Tens nos olhos reflexos de quem sonha,
 10 No rosto delicado o alvor da lua,
 11 Mas, não sejas assim, quasi bisonha!
- 12 «Nem as saías levantas, se na rua
 13 Ha lamaças ou pó!» – «Tenho vergonha,
 14 E sem pudor, a ti... mostro-me nua!»

Título. Alude-se à expressão usada por alguns poetas latinos, nomeadamente Ovídeo (*Am.*, 1.10, v. 15) e Propércio (*Eleg.*, 1.2, v. 8). Trad.: “Amor nú”.

Dedicatória. Esta dedicatória retribui a colaboração do escritor Carlos de Lemos (*1867 †1954) na homenagem d’ *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 11).

4. Julieta é a heroína amorosa da tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (1597).

7-8. Refere-se a Guido di Pietro (*ca.1387 †1455), o importante mestre do Renascimento Italiano, também conhecido como Giovanni da Fiesole ou Fra Angelico.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 6.

231

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 265-266.]

A UMA POETIZA ABANDONADA

I

- 1 Tal como Gilliatt, mesto, silente,
 Já quasi immerso na sinistra espuma,
 3 Viu fugir-lhe na longinqua bruma
 4 O navio que a leva na corrente;
- 5 Assim tu, que do amor a chamma ardente,
 6 Bella has descripto com fogosa pluma,
 Viste agora fugir, uma por uma,
 As tuas illusões. Pobre innocente!
- 9 Tudo é sonho: a ventura não existe;
 10 Tudo se esvae n'um bárathro sombrio!
 11 Nem devias chorar, anciada e triste,
- Quando depois do lacrimoso «addio!»
 13 Tu o enxergaste, de bengala em riste,
 A fazer carambolas no vasio!

Título. Sobre a identidade da jovem visada neste poema, leia-se o Arquivo documental (vd. Aparato Crítico). Aí se reproduz também a nota explicativa que o autor fez publicar nas *Novas Rimas*.

1-4. Alude ao romance de Victor Hugo, *Les Travailleurs de la Mer* (1866). Perante a rejeição de Deruchette, Gilliat decide pôr termo à vida, deixando-se afogar no cimo de um rochedo. À medida que a maré vai subindo, o protagonista vê afastar-se o navio que leva a amada nos braços do rival. A este propósito, vd. o Arquivo documental III, no Aparato Crítico.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 3, 6, 12 e 13.

3. Por imperativos métricos, impõe-se uma diérese em *Viu*.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 267-268.]

II

- Resurge, pobre creança! Os teus queixumes
2 Comovem, porque és triste, és desgraçada:
Sentes no coração a aguda espada
Do abandôno, esse ferro de dous gumes.
- 5 Surge! Verás ainda, sem negrumes,
6 Do ceu do amor a abóbada azulada:
7 Has de inda ouvir, ditosa e namorada,
8 A musica da vida entre perfumes.
- Os gritos ouvirás das andorinhas;
10 Todo o concerto do florido maio,
As longinquas toadas montesinhas;
- 12 Dos arpejos da brisa o ténue ensaio;
As alegres canções das avesinhas...
Que só perdeste, quando muito, um paio!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 10, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 14.

232

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 269-270.]

DESESPERANÇA

A Brito Aranha.

1 No banquete da vida, ardente e bello,
 2 Ergui bem alto o generoso cópo;
 3 Agora vivo triste, misantrópo,
 4 Por um segrêdo, que a ninguem revelo.

Noites e noites solitario velo,
 6 E nunca á dor um brando allivio tópo!
 Lagrimas sim, de lagrimas ensopo
 8 O leito, onde se agrava o meu flagello.

E quanto mais te vejo, mais me afundo
 10 Em brumas densas, no pavôr das horas
 11 Da minha dôr acerba, gemebundo.

Nem sei se me ouves, que tão alto moras!
 13 Ouves, talvez: o sapo é nauseabundo,
 Mas seu canto tem lagrimas sonoras!

Dedicatória. Esta dedicatória retribui a colaboração do escritor Pedro Venceslau de Brito Aranha (*1833 †1914) na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 14).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 4, 5, 10 e 12.

233

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 271-272.]

OTHELLO

A Manuel Duarte d'Almeida.

- Era linda, a mais linda da cidade,
 2 De muitos requestada, mas sem nota.
 3 Eu adorava-a com paixão devota,
 Amava-a como em plena mocidade.
- 5 Zelando-a com atroz ferocidade
 6 Notei que um fátuo, de amarella bota,
 Um dandy d'olhos negros, mas idiota,
 8 Ao passar, lhe sorria, com vaidade.
- 9 «– Como é, disse eu á bella, em furia accêso,
 10 Que quando aquelle parvo á esquina assôma
 11 As costas lhe não viras, com desprêso?
- 12 «Pois não receias que eu te mate e coma?»
 13 – «Accommoda-te leão: tenho-te prêso
 14 N'esta, que adoras, sumptuosa côma!»

Título. Othello, *the Moor of Venice*, é o protagonista da tragédia homónima de William Shakespeare (ca. 1603). Convencido do adultério da mulher, Othello mata Desdemona, num acesso de fúria.

Dedicatória. O poeta Manuel Duarte de Almeida (*1844 †1914) foi companheiro de João Penha em Coimbra. Esta dedicatória retribui a colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.^{os} 63-64, abril de 1902, p. 14).

7. *Dandy* é uma palavra inglesa que refere o homem elegante ou janota.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 6, 12 e 14.

13. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinérese em *leão*.

234

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 273-274.]

O GALLO

À joven poetiza D. Aurora Beatriz Dias Freitas.

- Não havia no burgo uma senhora
 2 Mais sisuda, e de mais severo aspeito.
 3 Não inspirava amor, mas só respeito,
 E comtudo era linda, encantadora.
- Eu era dos da grei conquistadora,
 6 Um Lovelace a seducções afeito:
 Quiz medir-me com ella peito a peito,
 8 Seguia-a, com figura sonhadora,
- 9 Seguia-a, qual podengo que fareja.
 10 Certo dia, porem, ardendo em brasa
 Ironica me diz, côr de cereja:
- «Não dou tres passos a sahir de casa
 Que o não veja a seguir-me: que deseja?»
 14 – «Que me consinta... que lhe arraste a aza.»

Dedicatória. Aurora Beatriz Dias Freitas era filha do poeta e amigo pessoal de João Penha, Domingos Maria Dias Pereira de Freitas (*1852 †1905). A dedicatória surge na sequência da sua participação na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.^{os} 63-64, abril de 1902, p. 14).

6. Lovelace é o vilão de *Clarissa or the History of a Young Lady*, de Samuel Richardson (1748), e representa o protótipo do donjuanismo libertino.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 6, 12 e 14.

235

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 275-276.]

ABNEGAÇÃO

- 1 Sempre em versos cantei, com doce affecto,
- 2 A mulher, nossa eterna companheira.
- 3 Porém, a Sciencia, e sua mãe a Asneira,
Discutem, varias, tão mimoso objecto.

- 5 Não entro na questão, por circumpecto,
- 6 Uma, porém, de certo a derradeira,
Fez passar que a mulher não era inteira,
Era um lindo exemplar, mas incompleto.

- Como sabio não sou, mas homem d'arte,
- 10 Digo sómente o que no mundo grassa,
E corre como axioma em toda a parte.

- 12 Ora, se fôr assim, como és a graça,
Eu não hesitarei em completar-te
Com a pessoa... que estas linhas traça.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 10 e 14, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 3.

236

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 277-278.]

LA DONNA É MOBILE

A E. A. Vidal.

- Aos pés do seu amante, enamorada,
A bella castellã dizia assim:
- 3 «Quem ha dous annos me diria a mim,
Que eu seria por ti idolatrada!
- «Eu não tinha outro sonho, mas banhada
Em minhas tristes lagrimas sem fim,
Ouvia, como um echo, o bandolim
Que vibravas aos pés da tua amada.
- 9 «Oh! mas agora (proseguiu sorrindo),
Cantam as nossas almas o duêto
- 11 Do mais divino amor, ethéreo, infindo;
- «Oh! hei de eternizal-o n'um sonêto!»
- 13 Mas, caso estranho! ouvindo-a, elle ia ouvindo
- 14 Dentro d'alma a canção do Rigolêto!

Dedicatória. O poeta Eduardo Augusto Vidal (*1841 †1907) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores d' *A Folha*. A dedicatória surge na sequência da sua participação na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 12).

Título. Alude à canção do Duque de Mântua, no *Rigoletto* (1851) de Giuseppe Verdi. Trad.: “A mulher é inconstante”.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3 e 9.

237

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 279-280.]

ZÊLOS

- Anda agora um pouco tôrto
2 O meu romance d'amor.
«Minha tristeza (com dôr
4 Me disse Ella) é sem confôrto.
- «Arrasto os dias no hôrto
Da amargura, acerbo horror!
Tu, villão, cruel traidor,
8 Andas n'outro amor absôrto!
- 9 Oh! essa hora, em que vassala
10 D'um louco amor me fiquei
11 Hei de sempre detestal-a,
- 12 E hei-de queixar-me ao rei!»
13 E não poder consolal-a
14 Por um systema que eu sei!

4. Sobre a identidade da jovem visada neste poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

238

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 281-282.]

COQUETTE

Olha que isso não tem geito:
 É tempo de te fixares.
 São mais que os peixes nos mares
 Os que te rendem seu preito,

E no albergue do teu peito
 Todos têm os seus logares!
 Entram ás duzias, aos pares!
 8 Sem exame é tudo acceito!

9 Eu sahi, que o passadio
 10 Que se me dava a miúdo,
 11 Veio a causar-me fastio,
 12 Veio a fazer-me trombudo:
 13 Lérias e lérias em fio...
 14 Bem preparadas, comtudo!

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 283-284.]

A COMMUNHÃO

Ao Conde de Monsaraz.

- 1 Com voz grave, mas doce e commovida,
Dizia a bella ao venturoso amante:
3 «– Chamaste-me Beatriz, chamei-te Dante,
4 E aos teus encantos me curvei, rendida.
- 5 «Oh! não julgues que estou arrependida!
6 Mas, sinto-me indecisa, vacillante:
Nem só rosas encontra o caminhante
Nas sendas escabrosas d'esta vida.
- 9 «Queremos horas de bonança, calmas;
Sem ouro não as ha; ha só desdens
Por glorias ôccas, por laureis e palmas.
- 12 «Eu tenho trinta contos. Quanto tens?»
13 – «Eu nada, e pouco importa; unem-se as almas,
14 Unem-se os corpos, filha; unem-se os bens.»

Dedicatória. O escritor António de Macedo Papança (*1852 †1913), Primeiro Conde de Monsaraz, foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores d' *A Folha*. A dedicatória surge na sequência da sua participação na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 8). 3. Alude-se ao amor de Dante e Beatriz, conforme celebrado na *Commedia*.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 4, 9 e 11.

240

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 285-286.]

LAWN-TENNIS

A João Saraiva.

Tudo é jogo na vida e carambola,
 Como do amor francez dizia um vate.
 3 Eu, por mim, nunca dei um cheque-mate:
 4 Deste-mò tu, porém, branca hespanhola.

Eu sou a tua cousa, a tua bola,
 Um brinquêdo infantil, um bonifrate!
 7 Oh! quanto um grande amor o orgulho abate,
 8 Brios e honra ao seu furor immola!

9 Mas, quando em vez de pella, curva a anca
 10 Em graciosa postura, e erguida a mão,
 Ao longe atiras, com risada franca,

O meu pobre e amoroso coração,
 Eu julgo ver uma gatinha branca
 A brincar entre as patas d'um leão!

Dedicatória. A dedicatória ao poeta João Saraiva (*1866 †1948) surge na sequência da homenagem d' *A Chronica* a João Penha (n.º 63-64, abril de 1902, p. 9).

1-2. Refere-se ao madrigal “Efeitos do amor mal-correspondido”, incluído nas obras de Filinto Elísio (nome arcádico de Francisco Manuel do Nascimento – *1734 †1819). *Versos de Filinto Elysio*, 1806, t. VII, p. 27: «Quando uma Mocetona lhe resiste,/ O soberbaõ Inglez crê que ella o offende;/ O Italiano chora, e se arrepende:/ Nada há hi que console o Hespanhol triste;/ O Allemão cóme, bébe, e se consola,/ Para o Francez – repudio é carambola».

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8, 11 e 13.

241

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 287-288.]

CEGO!

- Dizia o bardo, com tristonho accênto:
- 2 «Talvez por um destino atroz, infando,
Vae-se-me a luz dos olhos apagando,
Como a d'um facho aos ímpetos do vento.
- «Tudo que me aprazia e dava alento,
Por mar e terra, de contínuo andando,
- 7 Só vagamente me aparece, quando
Como saudade o evoca o pensamento.
- 9 «E a sombra cresce e avança, a cada instante!
10 Das cousas nem já vejo a fórma, a côr!
Só vejo, noite e dia, o teu semblante!»
- 12 Disse ella: – «Não succumbas, trovador,
13 Que não te deixarei no mundo errante:
Serei môça de cêgo, por amor!»

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 6 e 7.

242

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 289-290.]

A LUTA

A Accacio Rosa.

- Entre mim e o outro hesitas.
 2 «Qual dos dous?» eis o problema,
 3 E n'esse grave dilemma
 Horas e horas meditas.
- Lês as canções infinitas
 Do nosso ethéreo poema:
 Bem te commove esse thema,
 Mas, ha prosas tão bonitas!
- Eras a propria alegria,
 10 Mas agora ha testemunhos
 11 De que choras noite e dia:
- 12 Nervosa, torces os punhos!
 13 Sabes tu o que eu faria?
 14 Deitava cruces e cunhos.

Dedicatória. O jornalista Accacio Rosa foi redator do jornal aveirense *Vitalidade*, onde João Penha viu alguns textos publicados. Esta dedicatória surge na sequência da homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.^{os} 63-64, abril de 1902, p. 13).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

243

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 291-292.]

A CARTA

A Bulhão Pato.

1 «Já te disse que sou tua,
E não andas, não te avías!
Passam-se dias e dias,
E só te vejo na rua!

«Tudo são cantos á lua,
Gorgeios de cotovias!
Basta de tantas poesias:
Amor, de ouvil-as, recúa.

9 «Não quero ser peccadôra,
10 E passo as noites em ais
11 N'uma insomnia inquietadora!

«Vem-me pedir a meus pais:
13 Eu sou menina e senhora,
E não posso esperar mais.»

Dedicatória. A dedicatória ao poeta Raimundo António de Bulhão Pato (*1828 †1912) surge na sequência da sua participação na homenagem d' *A Chronica* a João Penha (n.ºs 63-64, abril de 1902, pp. 12-13). A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 215.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

244

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 293-296.]

FILINTO ELYSIO (Ode de Lamartine)

A Bernardino Machado.

- 1 Oh dilectos das filhas da Memoria,
 2 São dous vossos caminhos, sempre eguaes:
 Um conduz á ventura, o outro á gloria:
 4 Escolhei, oh mortaes!
- Tu seguiste, Manuel, pelo segundo:
 6 Deu-te a Musa, bem cedo, a lyra e o canto;
 Viste dias de gloria, e gemebundo,
 Vertes amargo pranto!
- 9 Não chores, nem invejes a opulencia,
 10 O repouso que ao vulgo o tempo adoça!
 Deu-lhe a sorte as venturas da existencia,
 Mas a lyra, essa, é nossa!
- 13 São teus, oh poeta, os seculos vindouros,
 14 É tua patria o mundo! Em pedestaes
 15 Se morremos, nos erguem, põem-nos louros
 Nas fronte immortaes.

Título. Trata-se de uma versão livre da “Méditation douzième” de Lamartine, dirigida ao poeta Filinto Elísio (nome arcádico de Francisco Manuel do Nascimento, *1734 †1819). A este propósito, leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que acompanhou este poema.

Dedicatória. Bernardino Luís Machado Guimarães (*1851 †1944) foi condiscípulo de João Penha em Coimbra. A dedicatória surge na sequência da sua participação na homenagem d’ *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, pp. 8-9).

- 17 Assim a aguia, na cerúlea altura,
 Parece, demorando o vôo altivo,
 Que nos diz: «eu nasci na terra escura,
 20 Mas é nos ceus que vivo!»
- Sim! espera-te a gloria! Mas, que luta
 22 Para transpôr do templo a rude entrada!
 Nos degraus, a Desdita vela, escuta,
 Espera-nos sentada!
- 25 Aqui, na Iónia ingrata, ou onde aporta,
 É o poeta, de que a terra se glória,
 Já cego, a mendigar de porta em porta,
 O pão de cada dia!
- 29 Além, é o Tasso, que um amor infausto,
 Expia n'uma barbara clausura!
 31 Surgiria triunphante, mas exhausto
 Resvala á sepultura!
- Por toda a parte victimas, proscriptos,
 Lutando contra a sorte, contra hyênas!
 35 Eleitos, dá-nos Deus, como a precítos,
 Maior quinhão de penas!

25. Por Jónia são tradicionalmente conhecidas as paragens remotas no sudoeste da Anatólia. Neste contexto, refere-se à França, onde Filinto Elísio procurou exílio.

29. Refere-se a Torquato Tasso (*1544 †1595), um dos poetas emblemáticos na lírica ocidental.

- Não mais vibres a tiorba em tom magoadó!
 38 Só aos mesquinhos o infortunio prostra!
 Em teus canticos, tu, rei destronado,
 40 Um nobre orgulho mostra!

 E que importa que um barbaro decreto
 Te prenda longe do paiz natal?
 43 Que te importa onde fique, em bronze, erecto
 Teu sepulcro immortal?

 Não fica prêsa a tua gloria em França,
 46 Não fica onde teu corpo durma em paz.
 Hão-de os teus reclamal-a, e eis a herança
 48 Que tu lhes deixarás!

 49 Tarde, aos genios a patria é justiceira;
 50 Athenas a proscriptos glorifica.
 Morre Coriolano, e Roma inteira
 Seu nome reivindica.

 53 Ovidio, ao expirar, lagrymas verte
 54 Longe da patria, longe ha tantos annos.
 55 Lega aos Sarmatas o seu corpo inerte,
 Sua gloria aos romanos.

51-53. Refere-se a duas personalidades da Roma Antiga que foram condenadas ao exílio: o general Gaius Martius Coriolanus (séc. V a.C.) e o poeta Publius Ovidius Naso (*43 a.C. †ca.18 d.C.).

O poema é composto por catorze quadras em rima ABAB, combinando versos decassilábicos com o quebrado de seis sílabas.

245

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 297-298.]

O BRITO

- 1 Eis que te partes para além do espaço
- 2 Envolvido na estola do infinito!
- 3 Leve-te Deus em paz, amigo Brito!
- 4 Nós ficamos, por medo do cansaço.

- 5 Eu, por mais abstracções que invente e faço,
- 6 Por mais transcendental que em ti cogito,
- 7 Não posso imaginar-te idea ou mytho,
- 8 Mas um tumor de Kant em seu cachaço.

- 9 Lá d'esses sitios, em que ethéreo voas,
- 10 Responde a isto que d'aqui pergunto,
- 11 Não em prosa que é vil, mas nestas lôas,

- 12 Em que resumo o delicado assumpto:
- 13 «As femeas no infinito, diz, são boas?
- 14 Ha bons vinhos por lá, ha bom presunto?»

Título. Trata-se do Doutor Joaquim Maria Rodrigues de Brito (*1822 †1873), catedrático e lente de Filosofia do Direito, na Universidade de Coimbra. A este propósito, leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que acompanhou este poema.

8. Alude-se a Immanuel Kant (*1724 †1804), um dos principais filósofos da era moderna.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 9, 10 e 12.

246

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 299-300.]

O DESQUITE

A Tommaso Canizzaro, Messina.

- 1 Com certeza não é por mutuo accôrdo
 2 Que te deixo em procura d'outra vida,
 Vejo-te desde ha muito aborrecida
 4 Do meu amor ideal; viro de bôrdo.
- É quasi sempre assim; apenas môrdo
 A biblica maçã appetecida;
 7 Poucas vezes a cômo, e nêsta lida
 8 Em vez de emmagrecer, ando mais gôrdo.
- 9 Escreve-me, por vezes. Rancoroso
 10 Nunca o fui, e a vinganças tenho horror.
 11 Diz tudo ao confidente pressuroso,
- 12 E sobretudo, por gentil favor,
 13 O nome do mortal, que venturoso,
 14 Vae ser agora... o teu primeiro amor.

Dedicatória. O poeta e tradutor italiano Tommaso Cannizzaro (*1838 †1921) foi um dos lusófilos estrangeiros que participaram na homenagem d' *A Chronica* a João Penha (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 9), graças à mediação de Joaquim de Araújo.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 12 e 14.

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 301-302.]

POST JUVENTUTEM, NIHIL

Ao Conde de Valenças.

- 1 Como no vago azul do espaço infindo
Das andorinhas foge o alegre bando,
3 Assim as illusões nos fogem quando
Os annos juvenis nos vão fugindo.

- Mal desponta radioso, é logo findo
6 Esse tempo, o do amor, ethéreo e brando
7 Súrgem logo as saudades, e chegando
8 Foge-nos da alma triste o sonho lindo!

- Tal foge nos desertos africanos
10 A illusoria visão apercebida!
Chegam depressa os tristes desenganos,

- Lirios do mal na estrada percorrida!
13 Feliz de ti, jumento, que aos vinte annos,
Te libertas das cargas d'esta vida!

Título. Trata-se de uma referência à locução latina “post mortem nihil est”, empregada por Séneca, no Acto II (2, v. 397) de *Troades*. Trad.: “Após a juventude, nada resta”.

Dedicatória. O 1.º Conde de Valenças, Luís Leite Pereira Jardim (*1843 †1910), foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos seus amigos mais íntimos. Esta dedicatória surge na sequência da colaboração na homenagem d’ *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, pp. 4-5).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

248

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 303-304.]

A VIDA

A Alves Crespo.

1 Sobre quem finda, toda a gente chora,
 2 Eu, por mim, chorarei sobre quem nasce.
 É quasi sempre um bem o desenlace
 D'uma vida que morre hora por hora.

5 Toleravel nos fôra em sua aurora,
 6 Se não fosse o martyrio da syntaxe;
 7 Depois, vem a tristeza, o pëllo á face,
 E tudo, que era um sonho, se evapora.

Desde então, que ha na vida? a eterna luta
 Pelo mísero pão de cada dia,
 11 Symbolico ideal de quem labuta.

A prosa absorve em ondas a poesia,
 E quando a morte nos aferra astuta,
 Pouco leva: um cadaver que vivia.

Dedicatória. A dedicatória ao médico e escritor Joaquim Pedro Alves Crespo (*1847 †1907) surge na sequência da sua colaboração na homenagem d' *A Chronica* ao nosso poeta (n.ºs 63-64, abril de 1902, p. 7).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1 e 13.

249

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 305-306.]

ULTIMA VONTADE

- O corpo n'um lençol, e assim mettido
Em minha mãe, d'onde nasci, a terra.
3 Nada do som do bronze, um som que aterra,
Que descontenta um delicado ouvido.
- Ninguém ouse soltar um só gemido
6 Junto da cova que o meu corpo encerra:
7 Longe, a minh'alma em outros mundos erra,
Dêem-lhe a paz d'um sempiterno olvido.
- 9 Nada de luto, de sanefas prêtas;
10 Onde eu fique, um recôndito jardim,
Onde Ella, a mais divina das Julietas,
- 12 Se por acaso se lembrar de mim,
13 Possa colher um ramo de violetas,
Com que inflore o seu peito de setim.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 4, 6, 7, 8, 9 e 12.

250

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 307-308.]

NOSSA SENHORA

Pintou-a um dia Raphael d'Urbino,
 Pintou-a como em Roma se venera:
 Triste e piedosa, docemente austera,
 Unido ao seio o filho pequenino.

Da lua no crescente alabastrino,
 Que se alevanta na cerúlea esfera,
 Tranquillo o seu olhar, que diz «espera»
 Assenta o pé, symbolico, divino.

Assim a vemos, desde a nossa infancia,
 10 Dentro em nós mesmos, n'um altar erguida
 Entre nuvens de mystica fragancia.

Assim a vemos sempre, condoída
 Pelos tristes de nós, na dôr, na ancia
 Das tormentas do mar da nossa vida.

1. Refere-se à célebre *Madona Colonna*, do mestre do renascimento italiano Raffaello Sanzio (*1483 †1520), também conhecido como Raffaello de Urbino.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 3, 6 e 10, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 9.

251

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 309-310.]

A GRANDE ARTE

Ella não deixa, de maneira alguma,
2 Que eu tome ordens. É pena, que hoje em dia,
3 Um poema sem sermões, não é poesia,
Não é grande arte, não é nada em summa.

Do mar glauco eu só canto a onda, a espuma;
6 Da terra o que é gentil, a phantasia,
As rosas, e a mulher, nossa alegria.
Mas, por ensaio, e com nervosa pluma,

9 Fiz um largo poema á Christandade.
Chamei da visinhança quem m'ouvisse,
11 E tomasse o caminho da humildade.

Fui bello, mas depois do extremo «disse»
Vi, com dôr, que d'aquella humanidade
Não havia exemplar que não dormisse!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 4 e 8.

252

[*Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905, pp. 311-312.]

AO ESPELHO

(Solemnia verba)

- 1 Não é gentil, mas vou fallar de mim.
 Estive a analysar-me ao meu espelho,
 E embora não me achasse feio e velho,
 Novo me não achei, nem serafim.
- Em lugar d'uma apóstrophe em latim,
 Seguindo os bons dictames do evangelho,
- 7 Livro de paz e amor e bom conselho,
 Em tom benigno me increpei assim:
- 9 «Nada vejo de grande em teu passado:
 Nem a opulencia d'um burguez commum,
- 11 Nem a gloria d'um vate sublimado.
- 12 «Á fé que o digo sem rebuço algum:
 13 Antes que trovador e que letrado,
 Tu te fizesses pescador d'atúm!»

Subtítulo. Trad. da expressão latina: “Palavras solenes”.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 8, 10, 12 e 14.



ECHOS DO PASSADO

253

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 11-12.]

A EXPIAÇÃO

A Teixeira de Queiroz

1 Eu fui um dos da louca multidão
 2 Dos Anjos, que se ergueram contra o Eterno,
 3 E séculos sem fim vivi no inferno,
 4 Nos supplicios da eterna maldição.

Um dia, um pensamento de perdão
 6 A mim desceu, como um clarão superno:
 7 Bati as azas negras e do Averno
 Me alei tremendo á divinal mansão.

9 Foi-me, ao principio, todo o ceu adverso,
 10 Mas, piedosa, por mim rogou Maria,
 11 Ao ver-me triste, em minha dor immerso.

12 «Baixa, me disse o Padre, á Terra fria:
 13 Teus dias passa a amar, em prosa e em verso,
 14 E assim teus crimes miserando expia.»

Dedicatória. O médico Francisco Teixeira de Queirós (*1848 †1919), que no mundo literário usou o pseudónimo Bento Moreno, foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos seus amigos fiéis. 1-4. Alude-se ao episódio bíblico da queda dos anjos rebelados (2 Pe 2: 4).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 6, 8, 9 e 14, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no 11.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 13-14.]

O ESPELHO TRAIADOR

Enganam muitas vezes os espelhos,
2 Fazem d'um quadro alegre um quadro triste.
Mas, direi da justiça que me assiste,
4 Posta a mão sobre a cruz dos Evangelhos.

N'esses teus olhos, de chorar vermelhos,
Perpassa a ira, e como lança em riste,
7 Me fere os seios d'alma, porque viste
8 A tua aia assentada em meus joelhos!

Para que d'essa dor não fique um rastro
(Nem havia razão de tanto alarme)
11 Escuta o que ella disse ao teu poetastro,

12 Escuta-o e o riso o teu furor desarme:
13 «Quero, de perto, contemplar um astro...»
E poz-se, como a viste, a contemplar-me.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 6, 12 e 13.

8. Por imperativos métricos, impoe-se uma sinalefa em *tua aia*.

12. Por imperativos métricos, impoe-se uma sinalefa em *Escuta-o e o*.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 15-16.]

AMOR SECRETO

(Thema do soneto de Felix Arvers)

Tenho em minh'alma um intimo segredo:

- 2 Um grande amor de subito gerado.
 3 O mal é sem remedio, e namorado
 4 Até de que Ella o saiba tenho mêdo.

Se a vejo vir ao longe, retrocedo;

- 6 Trêmo de susto, se me passa ao lado,
 7 E vivo onde ella vive, desterrado
 Como um triste n'um áspero degredo!

- 9 É ella a dama que minh'alma admira;
 Modesta em seu viver, casta, esmoler,

11 Meus versos lhe consagro, toda a lyra,

12 Versos só cheios d'ella, e nem sequer

13 Suspeita qual a musa que os inspira:

14 Diz talvez: «quem será esta mulher?»

Subtítulo. Refere-se ao poema “Mon âme a son secret, ma vie a son mystère”, que celebrou o poeta francês Alexis Félix Arvers (*1806 †1850). Vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 9.

256

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 17-18.]

RECORD

- É sempre a mesma cousa: um desenlace
De comedia, de farça, que não muda!
3 Pobre de quem amando o sonho illuda!
4 Viveria feliz, se nunca amasse.
- 5 Eras um anjo no candôr da face,
6 D'um aspecto gentil, grave, sisuda:
7 Tudo illusão! seria a dor aguda,
8 Se eu, philosopho, a rir a não domasse!
- 9 Eu era o quinto! vaes no sexto agora:
10 Uns loiros, outros altos, outros baixos.
11 Por esse caminhar, annos em fóra,
- 12 Terás aos trinta, a conceder penachos,
13 Oh tu, gentil, que esta minh'alma adora,
14 Uma sumptuosa lista de cem machos!

Título. Palavra inglesa que designa o registo dos antecedentes ou uma estatística insuperada.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 7, 9, 12 e 13.

5. Por imperativos métricos, impõe-se uma diálise em *Era um*.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 19.]

RECORDAÇÕES

I

- Que fazeis, senhora minha,
Que só penas me causaes?
3 Mais doce que uma avesinha,
Só vos aprazem meus ais!
- 5 Era branda, alegre a vida,
Senhora dos meus cuidados,
Que eu levava, a fronte erguida,
Por meus reinos dilatados,
- 9 Por esses campos em fóra,
10 Burgos, montes, todo o dia,
Lá desde o romper da aurora,
Até quando o mocho pia.

Este poema é composto por três quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 20-23.]

II

- 1 O coaxar das rãs n'um charco,
Em noite serena e bella;
O ver deslizar um barco
Sobre as ondas, panda a vela;
- 5 Ouvir, d'um carro pesado,
O seu chiar, que parece
- 7 Um gemido prolongado
Que pouco a pouco esmorece;
- Parar, ouvir lá do fundo
- 10 D'uma taberna ruidosa
O canto alegre e jocundo
- 12 D'uma Lizette, uma rosa;
- 13 Entrar, e com menosprezo
- 14 Do mundo, que sempre ladra,
- 15 Taça em punho, o éstro accêso,
Deitar á bella uma quadra;
- 17 Seguir, a passo dobrado,
A tocata fugitiva,
- 19 Que á sua dama, embuçado,
- 20 Leva um nocturno Almaviva,

20. Alude-se à serenata do conde de Almaviva, defronte da janela de Rosina, na comédia de Pierre Beaumarchais, *Le Barbier de Séville* (1775), transformada em ópera-bufa por Rossini.

- E seguindo-o á porta d'ella,
Solitaria á noite a rua,
23 Ao ouvir-lhe a canção bella,
Minha voz unir á sua;
- Em alto estylo, animado
Com generoso cognac,
27 Elegante e encasacado,
Pendente na mão a claque,
- Entrar n'um baile, e em falsête
De tenôr, o dorso em curva,
Implorar um minuête
A uma joven, que se turva;
- Ouvir, de longe, sentado
34 Junto a um denso tamarindo,
35 D'uma eólia o som magoado
36 Que a briza leva fugindo;
- 37 Ou deitado, resupino,
Sob um plátano solemne,
Ler o facil Aretino,
Ou o difficil Verlaine;
- 41 Logo, mudando de idea,
Como mudava mil vezes,
43 Ir viver para uma aldeia,
44 A vida dos camponezes;
- 45 E na capella, escondida
Em bucólica espessura,
Ir, com face confrangida,
Ajudar á missa ao cura;

31. Minueto ou *minuet* é uma dança em compasso ternário, de origem francesa.

35. Refere-se a *eolina*, um antigo instrumento musical de fole.

39. Trata-se do poeta italiano Pietro Aretino (*1492 †1556), conhecido pelos seus escritos licenciosos.

40. Refere-se a Paul Verlaine (* 1844 †1896), um dos principais nomes do Simbolismo francês.

49 Ir estudar, pelas matas,
Os preferidos bemoes,
Os trinados e as volatas
Dos cantos dos rouxinoes;

N'isso tudo achava encanto

54 O meu espirito fútil,
Que tudo amava, comtando

56 Que fosse excentrico, inutil;

57 N'essas e n'outras folias,
58 Em continuos episodios,
59 Eu passava alegre os dias,
Sem saber o que eram odios,

Sem até saber o que era
Uma paixão, que os amores
Os julgava uma chimera,
Um sonho de trovadores.

Este poema em quadras heptassilábicas obedece a um esquema de rima cruzada.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 24.]

III

- 1 Quiz, porém, o meu destino
2 Que a minha estrella mudasse:
Vi vosso rôsto divino,
4 Vi um anjo face a face.
- 5 E vendo em meus olhos tristes
O puro amor que os turbava,
Doce e branda consentistes
Em me dar o que eu vos dava.
- 9 Deixei a vida d'outrora,
10 E n'esse amor concentrado,
A minh'alma até deplora
12 O meu risonho passado!

Este poema é composto por três quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 25-26.]

ENTRE MUNDANAS

– «Filha das tristes hervas, nus os pés,
2 Andrajosa, mas bella de semblante,
3 Seduziu-me um devasso, um falso amante,
4 E nada tinha que perder aos dez.

«Fui actriz, e cantora de cafés,
Mas, mudava, indecisa, a cada instante.
Depois, fui o que sou: mundana ovante,
Com trem montado, alto estadão, librés.

«Mas tu, que eras um anjo, um serafim!
És, pois, de quem te queira! Que piedade!
11 E por quanto te dás?» – «Por um sequim.»

12 – «Por um sequim em plena mocidade!
13 De dia e noite uma tarefa assim!
Tu rebaixas a nossa dignidade!»

11-12. Cequim é uma antiga moeda de ouro, usada em Veneza até meados do século XVI.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 8, 13.

259

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 27-28.]

O SEU PODER

A mulher, companheira da bonança
 No mar da nossa vida e na tristeza,
 3 Que é ella, enfim, no mundo? uma fraqueza,
 4 E enquanto não nos vence, não descança!

5 Tal pelo seu sorriso, ou pela trança,
 6 Tal pela graça, ou natural viveza,
 7 Nos subjuga subtil, fácil proeza
 8 De leôas; mas ouve-me, creança:

9 Nos olhos, quer das bellas, quer das feias,
 É que o poder está das filhas d'Eva,
 11 Mais que na voz das lânguidas sereias;

12 Onde esses teus esplendem não ha treva:
 13 Com o que elles me dizes me incendeias:
 14 O que a bôca me diz o vento o leva.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 6.

260

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 29-30.]

ENFIM

2 Eu julgava-a um pouco fria,
Quasi de neve, gelada,
Mas a minha alma, coitada!
Amava-a assim, como a via.

6 Quantas vezes eu dizia:
«Não me ama, ou quasi nada.»
E eis que a vejo apaixonada,
Louca d'amor! Que alegria!

11 Meu prazer chegou aos cumes!
Aves, boninas, cantai-a!
Tudo n'ella são queixumes!

Coração, goza, desmaia!
Minha dama tem ciumes
Da sua propria lacaia!

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

261

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 31-32.]

UNGIDOS

«Nós, reis (me disse a filha do monarcha)
 2 Não somos da materia, vil e immunda,
 De que é feita a ralé, que a terra inunda,
 4 E que ousada e sem fé, contra nós arca.

«Em nosso proprio sêr temos a marca
 Duma raça divina, em Deus oriunda.
 7 Nada há que nas duas se confunda:
 Só as eguala a morte, a hedionda Parca.»

– «É bem sensato e justo, com certeza,
 Senhora, o que me diz: pensava-o eu já.
 Mas, nesta vasta e obscura natureza,

«Ha mysterios profundos, pois não há?
 13 Assim, já foi microbio vossa alteza,
 14 Nas entranhas reaes de seu papá!»

8. Na Roma Antiga, as Parcas eram divindades do Destino que determinavam o curso da vida humana. Representadas como três irmãs fiandeiras (Nona, Décima e Morta), era a última que se incumbia de cortar o fio da existência.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 33-34.]

O PROBLEMA

A Queiroz Ribeiro

Lá desde a mais longinqua antiguidade
Se controverte uma questão renhida
Sobre quaes os direitos, n'èsta vida,
De todos nós, de toda a humanidade.

5 Todos eguaes, em plena liberdade
6 Querem-no alguns; exigem outros brida;
7 Mas, quanto a mim, a these debatida
Sobre a qual, em procura da verdade,

9 Os sabios d'este mundo sublunar
Em estereis disputas se consomem,
Tem uma facil solução vulgar:

«Todo o macho (no bom sentido o tomem)
13 Deve ter, para si, um campo e um lar:
Toda a mulher um semovente: um homem.»

Dedicatória. Trata-se do advogado e poeta Gaspar de Queirós Ribeiro (*1864 †1928), que manteve relações profissionais com João Penha.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 6, 11 e 14

263

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 35-36.]

OUTROS TEMPOS

1 Que extraordinaria mudança!
 2 Que estranha desenvoltura!
 3 Fazes lembrar uma impura,
 4 Uma cocotte de França!

5 De rosa branca na trança,
 6 Tinhas da rosa a candura,
 7 Alma d'anjo, ideal figura,
 Todos te amavam, creança.

Era o mundo teu vassalo,
 10 Eras no mundo um thesoiro,
 E agora, é triste contal-o,

Achas o amor um desdoiro,
 13 Ris-te do canto do gallo!
 14 Tivesse elle a crista d'oiro!

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

264

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 37-38.]

FELIX CULPA

- 1 Não fazes bem, anjo lindo,
Em te mostrares adversa
Á minha paixão «perversa»
Como lhe chamas, sorrindo.
- 5 Desce dos cumes do Pindo,
6 E n'èsta alcatifa persa,
Vamos a outra conversa,
Que o poema escripto é já findo.
- 9 Se nos diz Santo Agostinho
Que o peccado d'Eva e Adão
11 Nos levou ao bom caminho,
- 12 Fôra culpa sem perdão
13 Fugires ao meu carinho
14 Pelas vielas da razão.

Título. Esta expressão latina foi usada por Santo Agostinho de Hipona, para relacionar o pecado original (Gn. 3) com a subsequente redenção cristã. Vd. *Summa Theologica*, parte III, questão 1, artigos 2 e 3. Trad.: “Culpa feliz”.

5. O Pindo é uma cadeia montanhosa grega onde algumas fontes clássicas situavam a morada de Apolo (deus da poesia) e suas Musas.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

265

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 39.]

MADRIGAL

(A D. Zulmira de Mello)

- 1 Tres Graças outrora havia
 Com templos em toda a parte,
 Mas que o tempo já desfez.
 A qual d'ellas comparar-te?
 A Euphrosyna, a Thalía?
- 6 A Agláes, em summa?
 Não, a nenhuma,
 Que tens a graça das tres.

Dedicatória. Trata-se da poetisa Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.
 1-6. Eufrosina, Talia e Aglaia são as três Cárites (ou Graças), que nos mitos gregos representavam o encanto e a beleza.

Este madrigal é constituído por sete versos heptassilábicos e um quebrado tetrassílabo, obedecendo ao esquema rimático ABCBADDE.

266

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 40.]

NOVA CONQUISTA

Que indecifrável contraste
Entre teus olhos de sonho,
Onde leio o meu destino,
4 E teu labio nacarino,
Sempre jucundo e risonho!
Lirio branco, em sua haste,
7 De te amar não me envergonho;
Sou mais um que conquistaste!

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCCBABA.

267

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 41-42.]

O CHAPEU

- 1 «Inda me lembro, com prazer secreto,
 2 Do que em tempos ditosos me dizias
 A respeito das minhas phantasias
 4 De vestuarios, do talhe o mais correcto.
- 5 «Volta ao passado, critico dilecto:
 Dize de meu chapéu. São ninharias,
 7 Mas... responde-me.» Odiando zombarias
 Eis o que respondi, com doce affecto:
- 9 – «De praias e salões na infinda arêna
 10 És sempre original, sem uma joia!
 11 O teu chapéu? Ha n'elle, ideal pequena,
- 12 «O quer que seja do tromblon de Goya,
 13 A emergir, triumphante da melena
 14 Como um nauta do centro d'uma boia!»

12. Parece referir-se a *Frei Pedro batendo com a pistola*, um dos seis quadros em que Francisco de Goya representou a captura do bandido Maragato, por frei Pedro de Zaldívia (1807).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1 e 12.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 43-44.]

VIAGEM DE NUPCIAS

- 1 «Nunca vivera em regiões sidéreas,
Senão em verso. Namorava apenas
Loiras e brancas, negras e morenas,
Isento o coração de paixões sérias.
- «Tinha de gêlo o sangue nas arterias,
Nem compreendia amorosas penas;
Frívolo, eu só amava alegres scenas,
Como um futuro bacharel em férias.
- 9 «Mas, vi-te e amei-te: o fado assim no quiz:
Tenho a minh'alma acorrentada á tua,
Como a do Florentino á de Beatriz.»
- 12 Então, com voz melliflua, insinúa:
13 «Pede-me ao meu papá: serás feliz,
14 E a viagem... – «Será d'um poeta á lua!»

11. Alude-se ao amor de Dante e Beatriz, celebrado na *Commedia*.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 2, 6, 8, 9 e 10.

6. Por imperativos métricos, impõe-se uma diálise em *comprendia amorosas*.

14. Deve observar-se uma diálise em *E a*.

269

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 45.]

FLIRT

- 1 Lydia vendia rosas na kermesse.
Quiz a d'ella: uma linda rosa-chá.
- 3 – «Quanto?» lhe perguntei. «O que eu quizesse»
- 4 – «A minh'alma?» – «É bem pouco, mas... vá lá.»

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

270

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 46-48.]

AUTA

- 1 Não seria amante e poeta,
E se o sou é por meu mal,
Se a ti, cara flor dilecta,
Não fizesse um madrigal.
- 5 Os olhos aos ceus levanto,
6 Vêm-me ideas, mas confusas.
7 Que direi? que tens o encanto,
A graça antiga das musas,
- 9 Que muitas vezes, sinceras,
10 Ou com vozes de sereias
Inspiraram n'outras eras
Cantos d'amor, epopeias.
- Os teus olhos azulados,
Com tons do glauco do mar,
15 Lançam minh'alma em cuidados,
Fazem minh'alma sonhar.
- Fico-me como que ouvindo
Vagos sons d'harpas eólias,
Que a briza me traz fugindo
Por entre as brancas magnolias,

- 21 Se de teus labios de rosa
Sahe a voz que nos enleia,
23 Como a voz melodiosa
D'um rouxinol que gorgeia.
- No teu cabelo opulento,
Castanho-escuro, doirado,
27 Lá vive o meu pensamento,
O meu coração, coitado!
- 29 Móro em ti, nem me domino,
Que em toda a face da terra
31 Não ha corpo mais divino
32 Pelas bellezas que encerra!
- Que desenho ideal e franco!
Nosso amor, nosso martyrio!
Corpo de marmore branco,
36 E dentro a alma d'um lirio!
- Cantar-te melhor não pude,
E era noite de luar!
39 Oh! vem, meu triste alaúde,
Vamos com ella sonhar!

Este poema é composto por dez quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

271

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 49-50.]

DECEPÇÃO

(A.)

Quem toma a vida a serio está perdido,
Não goza um só momento de ventura,
E se o goza, lá vem a sombra escura
Que lhe desfaz o sonho apercebido.

Ouvira-lhe o seu canto, dolorido
6 Como o d'ave em recôndita espessura:
7 Era gentil, amei-a com loucura,
8 Ditoso por me ver correspondido.

Sentia n'alma a reflorir d'um maio;
10 Só tinha olhos para a ver, e a ella
11 Me curvava, servil como um laçao!

Mas, decepção atroz, sem nome! a bella
13 Não passava, oh! meu Deus, d'um papagaio,
Que aprendera a cantar de philomela!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 9 e 10.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 51-52.]

AMOROSA OFFERTA

A Albino Forjaz de Sampaio

Sob um querco, que plácido murmura,
 Dizia-me a romantica donzella:
 3 – «Pode ser que esta vida seja bella,
 Mas eu vejo-a sombria, hedionda, escura.

5 «Sempre só, como os tristes sem ventura,
 6 Não vivo, vejo a vida da janella,
 E se acaso me chama, fujo d'ella,
 Como foge do vicio uma alma pura.

9 «Por madrigaes, por amoroso canto
 10 Tenho sómente olympicos desdens,
 11 Ôcas phrases, que as outras amam tanto!

«São transitorios d'este mundo os bens:
 13 Só tomaria por esposo um santo,
 14 Que me guiasse a Deus.» – «Aqui me tens!»

Dedicatória. O escritor Albino Maria Pereira Forjaz de Sampaio (*1884 †1949) manteve relações cordiais com João Penha, sendo mesmo responsável pela edição do livro póstumo *O Canto do Cysne* (1923).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 9, 12 e 13.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 53-54.]

QUALE PIUMA AL VENTO

Eu amava-a como um louco;
Agora já me não quer!
3 – «Hei-de ser tua mulher»
4 Dizia-me ella inda ha pouco:

«É para ti que me touco,
6 Me adórno, como é mister,
7 E se Deus assim quizer,
8 E aos meus rogos não fôr mouco,

9 «Hei-de dar-te pequenitos.»
E a fumar o meu charuto
Fiz-lhe versos bem bonitos...

12 Foi o sonho dum minuto,
13 Que a bella já poz escriptos
14 No coração devoluto!

Título. Alude à canção do Duque de Mântua, no *Rigoletto* (1851) de Giuseppe Verdi. Trad.: “Qual pluma ao vento”.

A rima deste sonetinho, composto em hexassílabos, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 55-56.]

TURPE SINILIS AMOR

Tu, que és um homem grave, homem de toga,
 Vaes seguindo caminho mau, nefasto;
 Mas isso vem de longe, que por casto
 Não passavas, na tua synagoga.

És bom freguez de camarins em voga,
 6 E o que me espanta, a mim que a vida arrasto,
 É que inda não estejas pôdre e gasto,
 8 Dia e noite, a comer da mesma droga!

O teu mundo foi sempre o das mulheres;
 Fóra d'elle não vias salvamento!
 Mas, toma este conselho, se quizeres:

«Deixa-te de namoros, toma assento:
 É já tempo, D. João, que consideres
 14 Que tens mais que tres vidas de jumento!»

Título. Trata-se da expressão “turpe senilis amor”, empregada por Ovídio em *Amores* (I 9, v. 4). Trad.: “Amor de velho é coisa ridícula”.

13. Atente-se na referência ao mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 5.

7. Por imperativos métricos, impõe-se uma diálise em *que inda*.

275

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 57-58.]

AO POETA X

- O teu ultimo livro, em seu conjunto,
2 Valera-te uma pagina d'Erasmus,
Se porventura o lesse. Enorme pasmo
4 Seria o d'esse critico defunto.
- 5 Das minhas impressões eis o transumpto
6 (Nem tomes o que digo, por sarcasmo)
7 Causaste-me o mais vivo entusiasmo
8 Pelo bello da fórma, e pelo assumpto.
- 9 Excedes, com certeza, o cantor luso
Da miseranda Ignez. Ninguem trabalha
11 Com mais primor os versos que, profuso,
- 12 Esse teu éstro pelo mundo espalha,
13 Mas, d'isso que tu obras, eu deduzo
14 Que em lugar de boninas, comes palha!

2. Alude a Erasmo de Roterdão (*1466 †1536), um dos mais influentes pensadores da cultura ocidental.
9-10. Refere-se a Luís de Camões (*ca. 1524 †1580) e ao célebre Canto III d' *Os Lusíadas*.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 12.

276

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 59.]

INCURAVEL

- 1 – «Soffro do coração, horrivelmente,
- 2 E já vivo, ai de mim, desenganado!»
- 3 Disse-me, a rir, o medico assistente:
- 4 «Esse mal é de morte: está perdido!»
- 5 Disse ella, o rosto lindo demudado:
- 6 – «E quem foi esse barbaro?» – «Cupido!»

6. Cupido, o deus romano do Amor, era habitualmente representado como um menino travesso, munido de arco e flechas, cujos ferimentos despertavam o amor entre as vítimas.

Este madrigal obedece ao esquema rimático ABACBC. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 60.]

FLORÍVORO

(*A D. Nathalia de Mello*)

- 1 Conheci um bom rapaz
- 2 Lisboeta, um alfenim,
Que devorava, lambaz,
Com estranha golodice,
Quanta flor acaso visse,
Desde o martyrio ao lilaz,
Desde a camelia ao jasmim!
Como os outros comem pêras,
- 9 Como um burguez come alface
- 10 Comera todo um jardim;
- 11 Não deixara uma só dhalia,
- 12 Que feroz não manducasse!
Que grande risco, Nathália,
- 14 Assim tão bella, correras
- 15 Se elle um dia te encontrasse!

Dedicatória. A jovem Natália da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade pertencia a uma família tradicional da Póvoa de Lanhoso. Era irmã de Zulmira de Melo, a discípula amada de João Penha.

Este madrigal em redondilha maior combina rima cruzada, emparelhada e interpolada.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 61-62.]

AS DUAS IRMÃS

(Z. e N.)

- 1 Eu disse ao vêl-as, que par!
 Que perfumado bouquet!
 Ninguem as pode egualar,
 Lirios a andar por seu pé!
- Que doce encanto, que graça
 D'ellas emana, divinas!
- 7 Pára attónito quem passa
 Ao vêl-as tão peregrinas.
- 9 Uma, a mais nova, uma artista,
 Que tanto genio revela,
 Tornara doido um trappista,
 Morrera d'amor por ella.
- 13 Outra, a mais velha, uma fada
 14 Feita dos raios da lua
 Inda ha-de ser disputada
 A punhaladas na rua!
- 17 Assim, quem tal mo diria!
 18 Talvez morra assassinado,
 19 Em alta noite sombria,
 20 Por um rival desprezado!

Título. Sobre os incidentes que rodearam a publicação deste poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Dedicatória. Refere-se à poetisa famalicense Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964) e sua irmã mais nova, Natália da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade.

Este poema é composto por cinco quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 63-64.]

ETERNA MOCIDADE

Eu li no meu repertório
Que a primavera chegou,
Mas este caso notório
De modo algum me alegrou.

Para mim não ha mudanças,
Vivo sempre em pleno abril,
O meu ceu é de bonanças,
8 A briza é leve e subtil;

Porque desde que me deste
Os teus divinos amores,
O meu anno, anjo celeste,
Não tem gêlos, só tem flores.

13 Que o proprio inverno que a tantos
Prosta por terra sem vida,
Tem para mim os encantos
16 Da bella estação florida,

Não; não és a deusa Flora,
Nem a deusa de Cythéra:
És a minha eterna aurora,
És a minha primavera.

17. Flora era a ninfa romana que presidia a “tudo que floresce”.

18. Citera é uma ilha grega consagrada a Afrodite, a deusa do amor, que por esse motivo é também conhecida como Citereia.

Este poema é composto por cinco quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

280

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 65-66.]

COITADAS!

(Carta)

- 1 «Ai! coitadas de nós! Sempre boças
O que os homens nos dizem, por estudo,
3 Logo lhe damos credito, e comtudo
4 Que são elles, que são? lobos cervaes!
- 5 «Para que encher o mundo de meus ais
6 E me queixar a Deus, o sempre mudo?
7 Para os homens, de phrases de velludo,
Somos um passatempo, e nada mais!
- «Quem não tem que fazer, que faz? colheres;
As tuas são os versos que nós lêmos,
Ai! coitadas de nós, pobres mulheres!
- 12 «Eram de fogo, em verso, os teus extremos
Por mim, coitada! e agora não me queres!
14 Pois, casa-te... e então nós nos vingaremos.»

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 67-68.]

A EDUCAÇÃO E O TEMPERAMENTO

Em salas e passeios, noite e dia,
Um cortejo de dandys e de poetas,
Em elegantes posições correctas,
De madrigaes em riste, a perseguia.

- 5 Da devoção das filhas de Maria,
E d'uma educação das mais completas,
7 Tinha comtudo, á noite, horas inquietas
Por um intimo ardor, que a consumia.

Causava-lhe asco o seu ideal cortejo;
Via, em frente, uma impura caprichosa,
De portas sempre abertas ao Desejo;

- E murmurava triste e lamentosa:
13 «Como aquella é feliz, quanto eu a invejo!
14 Tem quantos jovens quer! como ella goza!»

2. *Dandy* é uma palavra inglesa que refere o homem elegante ou janota.

5. As Filhas de Maria Auxiliadora formam uma congregação religiosa; são também conhecidas como *irmãs salesianas*.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3 e 9.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 69.]

MYTOLOGICO

(Z.)

Ia a passeio a mais bella
 Das brancas filhas d'Apollo.
 Vôa Cupído atraz d'ella:
 4 «Oh mamã, leva-me ao collo!»

Dedicatória. Refere-se à poetisa Zulmira de Melo (*1879 †1964). A este propósito, vd. Arquivo documental, no Aparato Crítico.

2. Refere-se às musas apolíneas dos mitos clássicos.

3. Cupido era o deus romano do Amor. Filho de Vénus e Marte, era habitualmente representado como uma criança alada, munida de arco e flechas.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 70.]

O CONJUGO VOBIS

- 1 – «No lago azul do prazer,
- 2 Sê tu o meu bergantim...
Voguêmos?

- 4 «Ao Éden iremos ter:
- 5 Empunho (diz-me que sim)
Os rêmos?»

- 7 – «Por ora, não póde ser.
És mau! Depois do latim...
Veremos!»

Título. Refere-se à expressão latina “Ego conjugo vobis in matrimonium”, usada na celebração do casamento. Trad.: “Caso-vos” ou, numa versão livre, “Declaro-vos marido e mulher”.

4. Refere-se ao jardim primordial do paraíso bíblico (Gn. 2).

Este poema em heptassílabos e dissílabos obedece ao esquema rimático ABCABCABC.

284

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 71-72.]

O OUVIDO

Ao Visconde de Castellões.

- 1 Esse Ouvido, o do Ignoto e do Mysterio,
 2 Existe em toda a parte, e tudo escuta:
 Tudo que o homem diz, durante a luta
 Da vida, desde o berço ao cemiterio.
- 5 Doces suspiros d'um amor ethéreo;
 6 Dos que vivem sem fé a voz corrupta,
 7 Tudo elle ouve: o gemer de quem labuta,
 8 O rir jucundo, e o rir atroz, funéreo.
- Nada digas na sombra, oh tu que vaes
 10 Pelas ásperas sendas d'esta vida,
 11 Cantando alegre, ou a chorar em ais;
- 12 Não blasphemes atroz no horror da lida;
 13 Nem te jactes, ditoso: rir, jamais:
 14 A voz que soltes será logo ouvida!

Dedicatória. Trata-se do engenheiro e poeta Álvaro de Castro Araújo Cardoso Pereira Ferraz (*1859 †1953), que foi terceiro Visconde de Castellões e proprietário de um solar naquela freguesia famalicense.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 11 e 14.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 73-74.]

JÔGO ENCOBERTO

A Henrique Lopes de Mendonça.

- 1 – «Não ha jornal, disse Emma um dia ao poeta,
Em que se não deparem madrigaes
3 Que me fazes, e tanto que meus paes,
4 Lendo-os, me dizem sempre: que pateta!

«Não digo que aos teus estros ponhas méta,
Mas, nem tantos suspiros, tantos ais.
Diz-me, em prosa, quaes são os teus ideaes:
Descobre-me o teu jôgo: eu sou discreta.»

- 9 – «Fallarei, pois, em prosa, mas á antiga:
És bella e pobre; eu, pobre e trovador,
E o meu ideal seria, doce amiga,

«Viver, longe do mundo, no labôr
De fiar, a teus pés, a loira estriga
Do mais perfeito, mais ardente amor...»

Dedicatória. O escritor Henrique Lopes de Mendonça (*1856 †1931) era diretor da revista *Serões*, em cujas páginas Penha assinou colaboração regular.

13. Alude ao episódio mítico, segundo o qual Hércules, tomado de amores pela rainha Onfale, prostrava-se humildemente a seus pés, fiando com a roca e o fuso.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 14.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 75-76.]

A SENSACÃO

- 1 Eu não tinha outro ideal. Era um desejo
 2 Que lias em meus cantos namorados;
 3 Tu, porém, n'esses versos perfumados
 Só vias sons, um musical arpejo!
- 5 Mas, soccorreu-me inesperado ensejo:
 6 Vimo-nos sós, já posto o sol, n'uns prados,
 7 E déste-me, bem cheia de cuidados,
 8 Que eu em teus labios depozesse um beijo!
- Evolou-se o pudor que te detinha!
 10 Que branda sensação deliciosa:
 11 Toda a magoa se foi que eu n'alma tinha.
- 12 Que beijar essa bôca generosa,
 13 O mesmíssimo foi, senhora minha,
 14 Que beijar umas pétalas de rosa!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 5, 6 e 8.

287

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 77.]

A VIDA

- N'este triste valle escuro,
2 Tudo é sonhar e mais nada:
3 Na mocidade o futuro:
4 Depois, a vida passada.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 80.]

O RAMO PERDIDO

- 1 Lydia perdeu um ramo que eu lhe dera.
- 2 Um fauno o viu e o poz em si; que arrôjo!
Queixou-se a nympha á deusa de Cythéra,
- 4 E logo a deusa lho mudou... em tojo.

1. O nome arcádico refere-se a Zulmira de Melo (vd. Aparato Crítico).

3. Citera é uma ilha grega consagrada a Afrodite, a deusa do amor, que por esse motivo é também conhecida como Citereia.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Os vv. 1 e 3 são decassílabos heroicos, sendo sáficos os vv. 2 e 4.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 81-82.]

DUALISMO

1 Bem me lembro de o ver, inda galhardo,
Já na idade senil, sempre piedoso.
3 Só dava a Deus o que furtava ao gozo
4 Que assiduo procurava com resguardo.

Sempre no coração trazia um dardo,
6 Rosa ao peito, elegante, primoroso;
7 Mas nos templos, de joelhos, fervoroso
Orava, erguia aos ceus o incenso e o nardo.

Gentilhomen da roda, mas prudente,
Deixava irresolutos e perplexos
11 Os que tentavam devassar-lhe a mente.

12 Os sentimentos, n'elle, eram complexos.
13 Enfim, passou a vida santamente
14 A esculpturar bebés de ambos os sexos.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3 e 11.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 83-84.]

A IMAGEM

- Vem! quero retratar-te. Uma fraqueza
 Me impõe esta exigencia repentina.
- 3 A Vinci e a outros na mansão divina,
 4 De mulheres falei, e de beleza.
- «Ha-as (e estou a ver-lhes a surpresa)
 Mais bellas que a Gioconda e a Fornarina,
 Mais bellas do que a impúdica Erecina,
 Maravilhas carnaes da natureza.»
- Quero provar-lhes isto. Uma obra d'arte,
 10 Mesmo ideal, não me basta ao meu desejo,
 Abundam nos museus, e em toda a parte.
- 12 Vem depressa! não cuides que gracejo:
 13 Nada encontro melhor que retratar-te.
 14 – «Mas, não me vês em ti?» disse ella. – «Vejo.»

6. Refere-se a dois célebres retratos do Renascimento italiano: *La Gioconda* (ou *Mona Lisa*), de Leonardo da Vinci, e *La fornarina*, de Raffaello.

7. Ericina é um dos nomes por que é também conhecida Afrodite (a deusa grega do Amor), por alusão ao santuário construído na ilha de Érice.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 3.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 85-86.]

ULTIMA ESPERANÇA

Nunca deitaste os olhos ao futuro,
2 Jucunda, em teu viver de estéril gôzo.
3 Mas o tempo, que foge pressuroso,
Já te faz reflectir, acerbo e duro.

E agora, como incerto palinuro
Sem bússola n'um mar tempestuoso,
7 Lanças em roda o teu olhar ancioso,
8 E vês-te como só n'um valle escuro.

És ainda uma esplendida mulher,
Mas esse coração, que amei com brio,
De tanto que se deu, por esmoler,

Está de todo gasto, velho e frio:
13 Mette-te freira: assim ninguém t'ò quer.
14 – «Talvez eu!» exclamou um cão vadio.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 7 e 13

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 87-88.]

O BURRO

- Amas esse rapaz, porque é bonito.
 2 Mas elle é dos da estólida caterva
 3 Que nem um só olhar, um só reserva
 Para os ceus, essa nêsga do infinito!
- 5 Espanta-me o teu gôsto, acho-o exquisito,
 6 A fôrma a pouco monta. Olha: observa
 Aquelle burro sepulcral. Na herva
 Parece uma alimária de granito.
- Sombrio, taciturno como um ético,
 Lê-se no seu olhar, outrora ufano,
 Um soffrimento intimo, pathetico.
- 12 Serão penas d'amor, um desengano?
 13 Será, acaso, o burro um ente poetico?
 Não o é, com certeza, o burro humano.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 7.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 89-90.]

LAMURIAS

«Que pena! Tenho o corpo tão bonito,
2 E nenhum amoroso me procura!
3 E, quem sabe? talvez á sepultura
Eu me vá, de capella e de palmito!

«Em tempos, um rapaz muito exquisito,
Inda imberbe, mas lindo de figura,
Passava, mas fugiu! Que desventura:
Era da raça dos Josés do Egypto!

«E os dias vão passando, sem que veja
A mais ligeira mutação de scena!
Por sobre mim uma ave negra adeja!

«De corpo tão bonito, alta e morena,
Á propria Venus causaria inveja,
14 E assim tão bella... durmo só! Que pena!»

8. Alude ao episódio bíblico de José do Egipto, o escravo que fugiu à mulher de Putifar, quando esta o tentara seduzir (Gn. 39: 7-20).

13. Refere-se à deusa romana da Beleza e do Amor.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8, 10, 13 e 14.

294

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 91.]

ZOMBETEIRA

- 1 Toda bella, delicada,
- 2 Eu só lhe encontro um defeito:
- 3 O de rir á gargalhada,
Do meu amor tão perfeito.

- 5 E quando, em prantos e ais,
- 6 Aos seus pésinhos me deito,
- 7 É quando ella se ri mais,
- 8 Do meu amor tão perfeito!

Este poema é constituído por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 92.]

MAU HUMOR

- 1 N'este bom maio florído,
- 2 Não te mando rosas, eu,
- 3 Que tal como o Pastor Fido
Ou como o terno Dirceu,
- 5 A teus pés chorei, rendido.
- 6 Porque esse amor tão sentido
- 7 Tu o mataste, morreu!

3-4. Refere-se a duas conhecidas obras de temática pastoril: *Il Pastor Fido*, de Giovan Battista Guarini (*1538 †1612), e *Marilia de Dirceo*, de Tomás António Gonzaga (*1744 †1810).

Este poema em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABABAAB.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 93-94.]

OS DOUS ASNOS

- 1 Um cavallo que tinha o rei no bôjo,
 2 Disse ao magro jumento d'um moleiro:
 3 – «Da minha raça, tu? Causas-me nojo;
 Tu fazes rir: és menos que um sendeiro.
- «A mim, me adornam selas e xaireis,
 6 Magníficos arreios e gualdrapas;
 Em mim cavalgam principes e reis,
 8 Homens de guerra, bellas damas guapas.
- «E tu, que sobresaes pelas orelhas,
 10 Por sobre a albarda que te adorna a espinha,
 Que levas, asno? diz? Canastras velhas,
 12 Teu dono: um ôdre, ou sacos de farinha!»
- «É verdade o que dizes, disse o burro,
 14 Sou humilde, nem pompas alardeio,
 Mas trago a bôca livre, e livre zurro,
 16 E tu, pedaço d'asno, andas de freio!»

Este poema é composto por quatro quadras, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo sáfico, mas são heroicos os vv. 8 e 10.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 95-96.]

DIAS FREITAS

A sua filha D. Aurora Beatriz.

- 1 Morreu, transpoz o cabo tormentoso
- 2 Em procura d'um sonho: o de outra vida.
- 3 Impávido ante a morte apercebida
- 4 Só via o ceu azul, o eterno gôzo.

- 5 No mundo, onde foi sempre desditoso,
- 6 Por entre a sociedade corrompida
- 7 Caminhava a sorrir, de frente erguida
Como um justo, de glorias desdenhoso.

- 10 Ninguém lagrimas verta, amargo pranto,
Que vive agora em luminosa estrellá:
Era um poeta de raça, um bom, um santo:

- 13 Vêde-lhe o seu talento, a alma bella
Na «Grinalda Christan», ultimo canto
Do trovador do múrmuro Vizella!

Título. O poeta Domingos Maria Dias Pereira de Freitas (*1852, São Miguel de Vizela) era amigo pessoal de João Penha e faleceu a 18 de setembro de 1905.

Dedicatória. Trata-se da filha do malogrado poeta, Aurora Beatriz Dias Freitas.

13. Refere-se ao último livro de Dias Freitas: *Grinalda Christan* (1904).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 10.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 97-99.]

HESPANHOLA

Quem te veja, quem te observe,
Conchita, sonha prazeres.
Mas, diz-me, de que te serve,
Criança, tão linda seres?

Grandes do mundo, taes como
Margraves, duques e lords,
Te offertam, curvos, o pômo,
Conchita, porque o não mordes?

Fazem-te o pé os alferes,
E nem um olhar lhes deitas:
São o sonho das mulheres,
Criança, porque os regeitas?

São aos mil os estudantes
Que por ti andam pasmados,
Sonham ser os teus amantes,
E a sonhar fazem peccados.

Eu, por mim, só de fallar-te
Sinto-me em chammas a arder:
Qualquer noite vou raptar-te,
Que sem ti não sei viver.

Ella então, com voz maviosa,
Disse assim ao bardo triste:
«Podem colher uma rosa,
Que, por débil, não resiste.

«Se as rosas tivessem azas
Quem no mundo as colheria!
Debalde por mim te abrazas,
Que sou Filha de Maria.

«E seria uma loucura
Perder a ethérea morada,
Por uma paixão impura,
Que a ti proprio te degrada.

«Adeus, pois. Eu sou sincera
E tuas penas lamento;
Mas, amigo, considera
Que a vida dura um momento.»

E fugindo, ao vel-o afflicto
Disse-lhe ainda, de longe:
«Deixa o mundo, D. Juanito;
Toma assento, faz-te monge.»

28. As Filhas de Maria Auxiliadora formam uma congregação religiosa; são também conhecidas como *irmãs salesianas*.

39. Atente-se na referência ao mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

Este poema é constituído por dez quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 100.]

N'UM ALBUM

(De D. Esther Nogueira Souto)

Tu és eximia na arte
 De Madalena Lemaire,
 Que em suas telas prefere,
 4 O cravo, a rosa, o lilaz.
 Se desejas elevar-te,
 E se seguil-a te apraz,
 Pede-lhe, a ella, a palêta,
 E pintando uma violeta,
 O teu retrato farás.

Dedicatória. Trata-se da filha de António Augusto Nogueira Souto (*1850 †1920), companheiro de João Penha em Coimbra e, na altura, magistrado em Braga.

2. Refere-se à pintora francesa Madeleine Jeanne Lemaire (*1845 †1928), conhecida por representar flores (sobretudo rosas) nos seus quadros.

Este poema em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABBCACDDC.

300

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 101.]

MADRIGAL

Dos ceus um anjo fugira,
Causando aos astros surprêza:
3 Tinha os olhos de saphira,
4 E era o anjo da Belleza.

5 «Vão prendel-o, parta alguem,
6 Diz S. Pedro em grande berra,
7 Que dous ceus não nos convem,
8 Um aqui, outro na terra.»

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

301

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 102.]

CONFRONTO

Para fazer um confronto,
Eu fui beijar uma rosa.
O que senti não to conto,
Que não te quero vaidosa.

Mas, se alguém mo perguntasse,
6 Menos tu, que tens malícia,
Eu talvez lho revellasse:
8 «No seu rôsto, que delícia!»

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 103-104.]

MATER AMOROSA

- Não te posso dizer, com segurança,
2 O que em ti mais adoro, terna amiga:
Se esse teu corpo, uma escultura antiga,
Se a tua alma gentil, de pomba mansa.
- Tudo hei pesado na ideal balança
Do pensamento. Inutil, vã fadiga!
7 Teu corpo esbelto a adorações obriga;
Ê-me a tua alma um iris de bonança.
- Que divina! Translúcida, comporta
10 Todo um mundo de amor e de poesia,
11 Alma que a minha aos ceus azues transporta.
- 12 Ouve, e o mundo se quizer, que ria:
13 «Se não fosse magoar uma que é morta,
14 Para minha mamã te quereria!»

Título. Esta expressão latina é tradicionalmente associada ao culto da Virgem Maria. Trad.: “Mãe amorosa”.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 5, 7, 11 e 12.

12. Por imperativos métricos, impõe-se uma diálise em *e o*.

303

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 105-106.]

O DEFUNTO

A Gomes Leal.

- 1 Jaz estendido no caixão funéreo
 O cadaver do mísero operario.
 Na vida, caminhando incerto e vario,
 4 De tabernas fugia, grave e serio.
- 5 Era um temente a Deus, e no mysterio
 6 Dos bosques se aprazia, solitario.
 7 Hontem morreu, e envolto no sudario
 8 Vae enfim repousar no cemiterio.
- 9 Fóra, chovia, e o sibilar dos ventos,
 A voz d'um môcho que nas trevas pia,
 11 A ais se uniam, sepulcraes accêntos;
- 12 Em contorsões, a viuva se carpia,
 13 E em meio d'esses tragicos lamentos,
 14 Sómente a alma de defunto ria.

Dedicatória. A afinidade entre João Penha e o poeta António Duarte Gomes Leal (*1848 †1921) é testemunhada em vários poemas e satânicas em prosa, reciprocamente dedicadas.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 9, 10, 11 e 14.

304

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 107-108.]

AQUELLE AMOR

- Morreu, quasi repentino!
Tive sempre a sorte avêssa!
Não mais levanto a cabeça:
4 Tal o quiz o meu destino!
- Amor assim, tão divino,
Não ha mulher que o mereça:
Deus de ti se compadeça,
Se o merece um assassino.
- 9 Andavas junto dos astros
Nas azas dos elogios
De quem te amava de rastros:
- 12 Mas, offendeste-o em seus brios!
13 Volta agora aos teus poetastros,
14 Volta, pois, aos cães vadios.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

305

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 109-110.]

FAMINTA

A Emydio de Oliveira.

- Eu olhava-a assombrado, compungido.
 Tinha nos olhos a expressão magoada
 3 D'um mendigo que pede, n'uma estrada,
 4 Esmola a um caminhante apercebido.
- «Tens fome?» Respondeu-me n'um gemido:
 6 – «Uma fome cruel, de ser amada;
 7 «Ólho em tórno de mim, não vejo nada,
 8 «Não vejo um coração compadecido.
- 9 «Ai! pudesse eu, o mundo abandonando,
 10 «Como Paulo o eremita, ou S. Pacomio,
 11 «N'uma caverna, achar allivio, orando!
- 12 «Irei morrer talvez... n'um manicómio!»
 13 Rápido então, meu coração tirando:
 14 – «Toma, eu lhe disse, mata a fome: come-o!»

Dedicatória. Trata-se do jornalista Emídio d'Oliveira (*1853), diretor de alguns periódicos que acolheram composições de João Penha.

10. Refere-se a dois Padres do Deserto, na Tebaida do séc. IV: São Paulo de Tebas (um dos primeiros eremitas) e São Pacómio (fundador do monasticismo cenobita).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 13 e 14.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 111-112.]

ANTHERO DE FIGUEIREDO

A elle proprio.

- 1 Eu sou nos meus assumptos pertinaz;
- 2 A mulher, eis a musa que me inspira;
- 3 Para machos não tenho sons na lyra;
- 4 Mesmo um rei, como thêma, não me apraz.

- 5 Mas, como á perna a critica mordaz
- 6 Me ladra, e uma excepção não dá nem tira,
- 7 D'um fallarei que ao templo augusto aspira,
- 8 E com denôdo o seu caminho faz.

- 9 Não tem a face mésta d'um trappista;
- 10 Tem, ao contrario, uma expressão risonha,
- 11 Quasi que a d'um burguez, mas do qual dista

- 12 Como d'um copo d'agua um de Borgonha.
- 13 Largo talento: uma alma ideal d'artista.
- 14 Vive entre nós, mas é no Além que sonha.

Título. Embora não pertencesse à mesma geração literária, Antero de Figueiredo (*1866 †1953) foi o melhor amigo de Penha no mundo das letras. Sobre o contexto que ditou a composição deste poema, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

12. Refere-se ao afamado vinho tinto, que se produz na região francesa de Bourgogne.

14. Alude ao livro que Antero de Figueiredo publicou em 1895.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8, 10 e 14.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 113-114.]

CONSOLAÇÃO

A Guerra Junqueiro.

- 1 Eu fiz da vida um plácido remanso:
Vivo cantando, como o ancião de Cós.
A acção do tempo não me afrouxa a voz,
E para o ignoto alegremente avanço.

Compara as nossas vidas: eu, descanso;
É triste o teu viver, sem paz, atroz!
Parece a morte, ao longe, um leão feroz;
Ao perto é outra: um cordeirinho manso.

- 9 Porque a receias, pois, e te lastimas?
10 O varão forte vence a dor, não chora;
Volta ao violão jucundo, ás tuas rimas.

- Volta ao viver antigo, sem demora;
Que quanto mais da noite te aproximas,
14 Mais te aproximas do esplendor da aurora!

Dedicatória. O poeta Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*1850 †1923) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos principais nomes da sua geração literária.

2. Refere-se a um dos poetas canónicos do período helenístico, o grego Simónides de Cós (*ca. 557 †ca. 468 a.C.), que se notabilizou pela agudeza das composições epigramáticas.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 3, 4, 8, 10 e 14.

4. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinalefa em *para o ignoto*.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 115-116.]

A TRISTE COUSA

A Alberto Pimentel.

- Elle era trovador, e não obstante
Julgava o amor ethéreo uma mentira,
3 Assumpto apenas necessario á lyra,
E só ao natural amou constante.
- Cançado, como um velho caminhante,
Mortiço o fogo da amorosa pyra,
Eis o que respondeu á doce Elvira,
Que insistente o queria por amante:
- 9 «Debalde o amor n'esse teu peito arde.
Vales mais do que as minas do Perú,
Mas eu não posso amar-te: agora é tarde.
- 12 «Eu vou no occáso; estás na aurora, tu:
Illudir-te seria de covarde:
- 14 Eu proprio não me atrevo a olhar-me nú!»

Dedicatória. O escritor portuense Alberto Augusto de Almeida Pimentel (*1849 †1925) manteve relações cordiais com João Penha, publicando mesmo um opúsculo sobre o poeta, em 1893.

7. Alude-se, neste passo, a Doña Elvira de Pastrana, a amorosa vítima do sedutor Don Félix de Montemar, no poema “El estudiante de Salamanca” (1840), de D. José de Espronceda.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 6, 9 e 12.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 117-118.]

DÚVIDAS

A D. Carolina Michaelis.

1 – «De que me vale a força de vontade,
Uma existencia de incessante lida,
Se a má sorte, que a entrar ninguem convida,
Não mais nos deixa em paz, se nos invade!

«Eu luto de contínuo, e nesta idade,
Em meio do caminho d'esta vida,
Já nem vejo a ventura apercebida,
O sonho, as illusões da mocidade!

«Serei sempre infeliz, até que morra?»
10 Eu não peço a riqueza, essa distingo-a
11 Como luz que se vê d'uma masmorra.

«Dia por dia, cresce a dor, a mingoa,
13 E em vão implóro a Deus que me socorra!»
– «É que talvez ignore a tua lingua!»

Dedicatória. A dedicatória a Carolina Michaëlis de Vasconcelos (*1851 †1925) reconhece esta eminente filóloga como uma das figuras mais importantes da cultura portuguesa.

6. Alude-se, neste passo, ao verso inaugural da *Commedia* de Dante Alighieri: “Nel mezzo del cammin di nostra vita” (I, v. 1).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.

3. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinalefa em *que a entrar*.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 119-120.]

INCORRUPTIVEL

A Vicente Rodrigues Monteiro.

Fez transito, inda ha pouco, desta vida
Lá para o Além, para a mansão dos justos,
Um íntegro juiz, dos mais augustos
De que esta boa terra está provida.

Tinha a sciencia dos textos, aprendida
Em Paiva e Pôna, e em códices vetustos:
7 O seu voto, feroz, causava sustos
Aos novos, que levava de vencida!

Um a mais no seraphico agiologio
Dos varões santos d'este reino antigo!
Faça-lhe quem pudér o necrologio!

12 Só conto um factio que se deu commigo:
13 Roubou-me, por sentença, o meu relógio,
Mas... por simples obsequio a um seu amigo.

Dedicatória. O advogado Vicente Rodrigues Monteiro (*1847 †1936) foi companheiro de Penha em Coimbra, onde se formou em 1871.

6. Refere-se a António de Paiva e Pona (*1665 †1739), autor de *Orphanologia Practica* (1713), bem como de outras obras fundamentais na história do direito processual, civil e eclesiástico.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 10 e 12.

2. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinalefa em *para o Além*.

311

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 121-122.]

ANTONIO NOBRE

Um simulacro de ventura é quanto
Deus nos concede, a nós, os filhos d'Eva.
Os castellos no ar, o vento os leva,
E sempre ao riso se succede o pranto.

Os sonhos côr de rosa, o nosso encanto
Por essa vida em fora, a mais longéva,
7 Ou não se alçam, ou logo surge a treva,
Que os envolve nas dobras do seu manto.

9 Para o poeta do Só, uma casinha
N'uma duna arenosa á beira-mar,
E lá dentro uma loira, e uma sardinha

Sobre um náco de brôa, por jantar,
Era todo o ideal, que n'alma tinha,
14 E da vida partiu, sem no alcançar!

Dedicatória. O poeta portuense António Pereira Nobre (*1867 †1900) foi um dos principais nomes da geração finissecular.

9. Refere-se ao livro de António Nobre, publicado em 1892.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1 e 4.

13. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinalefa em *todo o ideal*.

312

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 123-124.]

DESAGGRAVO

(A D. Zulmira de Mello)

«Oh virgem, mãe de Deus, de pranto inundo
Este meu peito em ais, acérbo pranto!
A vossos pés, tremente, a voz levanto
Por um crime nefando, sem segundo.

«Que mágoa a vossa! que peccado immundo
O d'esse vil, do proprio inferno espanto,
Que ao seu cão pôz o nome sacrosanto
De vosso filho, o salvador do mundo!»

Uma virgem, da terra, assim dizia
Á dos ceus, e talvez por illusão:
«Esse infeliz, lhe respondeu Maria,

«Não merece castigo, nem perdão;
Inconsciente não soube o que fazia:
Baste-lhe o nôjo que elle inspira ao cão.»

Dedicatória. Trata-se da poetisa Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 8, 11 e 14, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 6.

313

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 125-126.]

ANTHROPÓPHAGO

A Candido de Figueiredo.

Vaes partir para longe, e não sei quando
Tornarei, venturoso, a contemplar-te.
O que me prende a ti? O amor à arte
Porque és bella, um affecto doce e brando.

Chegou a primavera, e o alegre bando
De andorinhas já se ouve em toda a parte.
Mas, que importa, se um fica e o outro parte,
Se eu fico, como um Tântalo, chorando!

Ver-te longe de mim, que atroz supplicio!
Mas, será este affecto imaginado?
Oh! não, não pode ser, não é ficticio.

Tenho-te muito amor, anjo adorado,
Tenho fome de ti, mais que um Apicio
Em seu triclinio, ante um faisão doirado.

Dedicatória. Trata-se do prestigiado filólogo António Cândido de Figueiredo (*1846 †1925), que foi companheiro de João Penha em Coimbra.

8. Na Grécia Antiga, o mítico rei Tântalo foi castigado pelos deuses, depois de roubar o néctar e ambrosia divinos. O supplicio consistia em jamais poder saciar a fome e a sede, embora estando rodeado de água e abundante vegetação.

13. Marcus Gavius Apicius foi um dos mais importantes gastrónomos romanos do século I.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 14.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 127-128.]

SEGUNDO S. MATHEUS

- 1 Pintado e repintado, n'essa idade,
Na do limite, no dizer d'agora,
- 3 Deixa a hedionda mulher, que te devora,
E te expõe aos motejos da cidade.
- Eu não te digo que te mettas frade,
- 6 Que uma vida nas sombras apavora;
Mas, como o rei de Thule, deita fora
O pando cangirão da mocidade.
- Não lês senão romances, mas tambem
- 10 DeVêras ler um pouco os Evangelhos
Que nos conduzem suavemente ao bem.
- 12 No mundo, ninguém segue os bons conselhos,
13 Mas ouve o que diz Christo: «Não convem
14 Vinho novo metter em ôdres velhos.»

Título. Alude-se à passagem bíblica narrada em Mt. 9: 16-17.

7. Alude à balada de Goethe “Der König in Thule”, também recuperada em *Fausto* (I, vv. 2759-1282). O rei de Tule manteve-se fiel à amada, conservando a chávena que esta lhe entregara antes de falecer, mas ao pressentir a chegada da morte, bebeu da preciosa taça um derradeiro gole e atirou-a ao mar, para que ninguém mais, bebendo dela, comungasse do seu amor.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 5 e 11.

315

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 129-130.]

NARCISA HOLTREMAN

A Bernardino Machado.

- A varíola, o mal que desfigura,
 2 Que dolosa, destroe a louçania
 Do rosto mais gentil, prostrou-a um dia
 No leito, que era ha pouco o da ventura.
- No delirio impiedoso, que a tortura,
 Já branca e morta no caixão se via,
 7 Mas o sabio, que a febre lhe vigia,
 Risonho, um dia, a vida lhe assegura.
- 9 Sorri, ao ver fugindo a morte aziaga,
 10 E surgente d'um mal que já nem sonda
 11 De voltar ao prazer a idéa afaga.
- 12 O seu espelho quer; que não lho esconda
 13 Á sua aia diz; quer que lho traga,
 14 E de súbito expira... ao ver-se hedionda!

Título. Sobre o episódio que ditou esta composição, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Dedicatória. Bernardino Luís Machado Guimarães (*1851 †1944) foi condiscípulo de João Penha em Coimbra e, mais tarde, Presidente da República Portuguesa (1915-1917, 1925-1926).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 6.

316

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 131-132.]

IDEALISMO E POSITIVISMO

– «Como essa Laura antiga foi cantada!
 Como n'um tronco um terno amante o grava,
 3 Petrarcha o nome d'ella eternisava
 Vibrando a ebúrnea lyra enamorada,

«Ora em doce, melancolica toada,
 Ora em versos ardentes como a lava!
 É por um poeta assim que eu desejava
 Ser em poemas erguida, e ser amada.

«E és para mim tão frio, D. João!
 10 És sempre o mesmo; ou haja sol ou chova
 Não muda a tua voz de diapasão!

«Nada teu labio diz, que me commova!
 13 «Dizes?» – «Pois, sim; direi, mas aqui não.»
 14 – «Porquê? Onde ha de ser?» – «Na tua alcôva.»

1-4. Alude-se ao amor de Francesco Petrarca (*1304 †1374) por Laura, conforme celebrado nos *Rerum Vulgarium Fragmenta*, uma das obras emblemáticas da lírica ocidental.

9. Note-se a alusão ao mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 10, observando-se ainda uma irregularidade acentual no v. 5.

5. Atente-se na irregularidade deste verso, acentuado na 3.^a e 7.^a sílabas métricas.

317

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 133-134.]

RECONHECIMENTO

A Eduardo Burnay.

Não queiras perscrutar esse mysterio,
O problema da Causa do que vês.
Revela a mais absurda insensatez
Quem ousa submettel-o ao seu criterio.

- ¿Acabamos ali, no cemiterio,
Como no matadouro acaba a rez?
7 Morre a alma tambem? Será talvez
A vida um sonho vão, atroz, funéreo?
- 9 Eu d'aquelles não sou, que se consomem,
10 Como Oedipos, atraz d'uma illusão.
11 Mas, enfim, por descrente não me tomem,
- 12 Que no dia fatal da transição,
Graças darei a Deus, que me fez homem,
14 Podendo ter-me feito... aranha ou cão.

Dedicatória. O médico e jornalista Eduardo Burnay (*1853 †1924) foi diretor do *Jornal do Commercio*, onde Penha publicou alguns textos.

10. Alude ao mito de Édipo, conforme encenado nas tragédias gregas. Fugindo de Corinto, na tentativa ilusória de evitar o oráculo, Édipo acabaria por desposar a verdadeira mãe e matar o próprio pai, cumprindo as profecias.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCC. Todos os versos são decassílabos heroicos.

318

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 135-136.]

A VIUVA TRISTE

– «Essa dor, que em suspiros se desata,
O lance de hontem, lúgubre e pathetico,
A mim não me commovem, que prophetico
Previ de teu esposo a sorte ingrata.

«Eras no teu amor uma insensata,
Uma lôba faminta: elle, um poetico!
Mesmo, quando rapaz, era esquelético,
E a vida intensa não vae longe, mata.

«É agora feliz. N'outra mansão
Foi a sua alma procurar asylo,
E, pelo que soffreu, terá perdão.

«Nem mais lagrimas vertas, que tranquillo
Em breve sentirás o coração.»
– «É que eu estava acostumada áquillo!»

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8, 10 e 14.

319

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 137-138.]

A DEUSA RAZÃO

A Antonio Candido.

- Aos pés de Deus, que na suprema estrélla
Escuta as almas que dos mundos vão,
3 Em lagrimas, implora o seu perdão,
Uma triste mulher, outrora bella.
- 5 – «E quem és tu, mulher?» – «Eu sou aquella
Que de Paris na horrenda convulsão
Eleita deusa fui: Deusa Razão;
Luz resurgente em meio da procella.
- 9 «Tive a grande cidade por egreja,
E conheci a gloria, esse elixir
11 Que a prole humana, sempre em luta, inveja.»
- «E no planeta, donde dizes vir,
Sabe alguém a razão do quer que seja?»
E Deus, dizendo assim... morreu a rir.

Dedicatória. O conselheiro António Cândido Ribeiro da Costa (*1850 †1922) foi companheiro de João Penha em Coimbra e uma das personalidades incontornáveis do panorama político e académico da altura. 6-7. Refere-se à Deusa Razão do Iluminismo, adotada como símbolo da Revolução Francesa de 1789.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 2, 11 e 12.

320

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 139-140.]

IN FAVILLA

Um, era Eduardo IV, o poderoso
Imperador, o rei da Gran-Bretanha.
Na batalha da vida, sempre ganha,
Só horas teve de triumpho e gôzo.

Outro, era um bom burguez, baixo, adiposo,
Um marido exemplar, que como aranha,
Sua vida teceu, em bens tamanha,
Que passou de avarento a generoso.

Era o terceiro, a face sempre mésta,
Um que vivia de fazer carrêtos:
Uma fadiga obscura, atroz, funesta.

Não lhes valeram preces, amulêtos:
A mesma hora os levou. Dêlles que resta?
14 Uma cousa indistincta, uns esqueletos.

Título. Alude a uma passagem do hino medieval *Dies irae*, que integra a liturgia dos mortos. Trad.: “em cinzas”.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 9 e 10.

321

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 141-142.]

ANTES E DEPOIS

Quantos sabios ouvi, repotreados
Em velhas cáthedras, como elles velhas!

3 Tal como, gota a gota, cáhe das telhas
A chuva que se escôa dos telhados,

5 Assim de suas bôcas, sublimados
6 Me cahiam, no vácuo das orelhas,
Seus verbos, que, refulgidas centelhas,
Me ficavam no espirito gravados!

De taes sabios nem tudo morre e finda:

10 Morre o corpo talvez. Subtis, ligeiras
11 Ficam as almas na amplitude infinda!

12 Evapora-se o môfo das cadeiras:
13 O saber, esse não: persiste ainda
14 Symbolico, no ôco das caveiras!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 11.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 143-144.]

A PAGA

«A teu lado que são (de mão no peito
Eu lhe disse) as formosas Magalonas,
As Lauras, a que em rústicas sanfonas,
E em lyras, tanto vate rendeu preito?

«Eu devera calar-me, por suspeito:
Mas, nas fórmas rival das amazonas,
És no rosto mais linda que as madonas
Que a Italia nos pintou, ideal perfeito!

«Este globo, sem ti, fôra um deserto,
Nem mais bella mulher no mundo existe!
O ceu é onde estás, um ceu aberto!

«Dá-me um beijo, que a mim ninguem resiste.»
Deu-mo, pois quem passava ouviu decerto
Um som de palma n'uma face triste.

2. Refere-se a uma das narrativas de cavalaria com maior fortuna: *A Historia Verdadeira da Princeza Magalona, Filha del Rey de Napoles, e do Nobre e Valeroso Cavaleiro Pierres, Pedro de Provença*.

3. Laura é a amada que Francesco Petrarca (*1304 †1374) celebrou nos *Rerum Vulgarium Fragmenta*.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 14.

323

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 145-146.]

SEM PECCADO

A culpa é minha só. Quasi em demencia
 Não me pude vencer, e tu, coitada,
 3 Toda fóra de ti e desvairada,
 4 Nem pensaste sequer na resistencia!

Vae-nos correndo plácida a existencia
 Como n'um lago azul, e inesperada
 7 Vem, não sabemos d'onde, uma rajada
 Que nos destróe e afunda sem clemencia.

9 É uma triste lei. Mas encoberta
 Jaz a falta, que choras pesarosa:
 11 Não chores mais, d'esse penar liberta.

És uma excepção rara, deleitosa:
 No corpo és uma rosa, um pouco aberta,
 Mas, na alma, um ideal botão de rosa.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 11.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 147-148.]

IMPENITENTE

- 1 Bate-me á porta a coxa Decadencia!
Pois que bata: não lhe abro, com certeza.
Lutarei contra as leis da natureza,
4 Embora o vulgo ria, e ria a sciencia.

Após esta, haverá outra existencia:

- 6 Nada pois de chorar. Contra a tristeza
Tenho as recordações, o verso e a mesa,
Tenho do amor a perfumada essencia.

- 9 Mas, as minhas loucuras! que saudade!
Sempre jucundo, como outrora um rei,
Era um demonio vivo na cidade!

- 12 Hoje, cahiu-me um dente: se chorei!
Quem me dera voltar á mocidade,
Para voltar á vida que passei!

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8 e 10.

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 149.]

JEAN QUI PLEURE ET JEAN QUI RIT

Ad sodales.

Em toda a face da terra
 2 Outro como eu nunca vi,
 Contra penas sempre em guerra,
 4 Era bem o *Jean qui rit*.

Era assim n'aquella edade
 Em que amor a vida enflora.
 Mas, vae longe a mocidade...
 8 Sou o *Jean qui pleure*, agora.

Título. Este é o título de um conhecido escrito de Voltaire. Trad.: “João que chora e João que ri”.

Dedicatória. Trad.: “Aos amigos”.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

326

[*Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 150.]

O FIM

Já não tenho inspirações:
2 Debalde na tinta banho
3 A minha nervosa pluma!
Era pastor d'illusões,
5 E de todo o meu rebanho
6 Já não me resta nenhuma!

Este poema em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCABC.



ÚLTIMAS RIMAS

Musa que não ri

327

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 13.]

SECULO DEZANOVE!

- 1 A ti invoco: escuta-me do Além!
- 2 Quando eu nasci, já ias tu em meio,
Quando morreste, morri eu também!
A ti alongo, oh seculo romantico,
Meu olhar triste, de saudades cheio!
A ti dedico o derradeiro cantico!

Este poema obedece ao esquema rimático ABACBC. Os vv. 3, 5 e 6 são decassílabos sáficos, sendo os restantes heroicos. A este propósito, vd. no Arquivo documental (no Aparato Crítico) a nota explicativa que o autor fez publicar no final do livro *Últimas Rimas*.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 15-16.]

LADAINHA

Aos meus santos

Santo Luiz de Camões,
Enorme, eterno, de pé
Entre os grandes das nações,
Ora pro me.

Filinto, cheio de graça,
Poeta e lexicon até,
Luso-latino, de raça,
Ora pro me.

9 Santo Bocage Sadino,
10 Bello, e, segundo a maré,
Com costela do Arentino,
Ora pro me.

1-9. Refere-se a três dos principais escritores da literatura portuguesa: Luís de Camões (*ca. 1524 †1580), Filinto Elísio (nome arcádico de Francisco Manuel do Nascimento – *1734 †1819) e Manuel Maria Barbosa du Bocage (*1765 †1805).

4. Expressão adaptada da *Litania Sanctorum* (ou Ladainha de Todos os Santos). Trad.: “Rogai por mim”.

11. Trata-se do poeta italiano Pietro Aretino (*1492 †1556), conhecido pelos seus escritos licenciosos.

Garrett, um que Lysia chora,
 Hugo no drama; e Musset
 Em tua lyra sonora,
 Ora pro me.

Santo Antonio de Castilho,
 Que nos deste o almiré,
 Poeta de intenso brilho,
 Ora pro me.

22 Tu, santo João de Deus Ramos,
 Que no Olympo tens a Sé,
 Onde de cá te adoramos,
 Ora pro me.

27 Santo Anthero de Quental,
 Um dos bons da minha fé,
 Em sonetos sem igual,
 Ora pro me.

16-X-18.

13-25. Refere-se a alguns dos principais poetas oitocentistas portugueses: Almeida Garrett (*1799 †1854), António Feliciano de Castilho (*1800 †1875), João de Deus (*1830 †1896) e Antero de Quental (*1842 †1891).

14. Alude a dois escritores emblemáticos do século XIX francês: Victor Hugo (*1802 †1885) e Alfred de Musset (*1810 †1857).

Este poema é constituído por sete quadras em rima cruzada, combinando versos heptassilábicos com o quebrado tetrassílabo.

6. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinérese em *Poeta*.

21. A contagem métrica obriga à consideração de uma sinérese em *João*.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 17.]

O REI DA BELGICA

*A sua Magestade a rainha, sua esposa,
(Para o seu album)*

- 1 Ao som dos clarins de guerra,
Alberto, esse rei brioso,
3 Peleja, ardente e fogoso,
4 Prostra os hunos e os aterra.

- Gloria, pois, ao rei valente,
Que envergando humilde farda,
Lucta, heroico, frente a frente,
8 E faz do sceptro espingarda.

- 9 Toda a Flandres o proclama
10 Heroe, que na patria assôma,
Mais digno de gloria e fama,
12 Que os heroes de Grecia e Roma!

1918.

Dedicatória. Originalmente, este poema integrou um álbum oferecido à rainha consorte da Bélgica. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

2. Trata-se do rei Albert I da Bélgica (*1875 †1934).

4. Refere-se à antiga confederação de guerreiros, cujo Império se estendia da Ásia Central até aos territórios atualmente pertencentes à Bélgica.

Este poema é composto por três quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

330

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 19.]

O SONHO E A REALIDADE

Ao visconde de Pindella.

- 1 «Que bem se vive aos vinte annos,
 2 N'uma exigua agua furtada!
 3 Ahi que nos falta? nada;
 Faltam penas, desenganos.

Tudo são aéreos planos,
 Toda a ventura sonhada:
 Uma vida accidentada,
 De episodios sobrehumanos.

- 9 Por amante, uma vizinha,
 Por champagne, a agua pura,
 Por manjar uma sardinha!

- Um sonho que pouco dura,
 Que tudo em breve definha,
 14 Tudo acaba em sombra escura!»

Dedicatória. Trata-se de Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada (*1852 †1922), o 2.º Visconde de Pindela, que foi também irmão de um amigo fiel de João Penha (o 1.º Conde de Arnoso). As dedicatórias, neste livro, surgem apenas como gestos de amizade – vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

331

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 19-24.]

CEGA!

- 1 «Eu sou ceguinha, ceguinha,
Já não posso ver ninguém,
3 Que os lindos olhos que eu tinha,
Dei-os a elle, ao meu bem.
- 5 «Tem-nos guardados no peito
6 Dentro do seu coração,
O sacrario mais perfeito
Da amorosa adoração.
- 9 «Gostava tanto de flores,
Tanto de vê-las gostava
Com suas mimosas côres,
Que eu só a ellas amava.
- 13 «Mas não só de as vêr, a ellas,
Eu sentia um bom prazer:
Nas minhas horas singelas,
Tudo eu gostava de ver.
- 17 «Ver, durante horas inteiras,
18 Tranquillas em seu voar,
As gaivotas, em fileiras,
20 Por sobre as ondas do mar.

- 21 «Outras vezes, pensativa,
Ver, á hora das trindades,
Uma chamma fugitiva,
O bom fumo das herdades;
- 25 «Em noite calma e serena,
Caminhando vagarosa,
Da brancura da açucena,
28 A lua silenciosa;
- 29 «Lá quando se apaga o disco
Do grande sol criador,
31 Ver a caminho do aprisco,
Um rebanho e o seu pastor;
- 33 «Mêdas de palha nas eiras;
Carros de mato, a chiar;
35 A bater as lavadeiras;
36 Pombas em bando no ar.
- 37 «Por essas campinas fóra,
Desde o primeiro arrebol,
A vida a surgir da aurora,
O repouso ao pôr do sol.
- 41 «Eu não sou como as donzellas
Que vivem dentro das salas:
Eu adorava as estrelas:
44 Que delicia o contemplal-as!
- 45 «Ver a chuva em aguaceiros,
46 Sonorosa nos telhados;
47 Os gigantes castanheiros
48 Em batalha de soldados;
- 49 «E em noites de inverno frias,
Sentada junto ao meu lar,
51 Apagadas as bugias,
52 Ver a lenha a crepitar;

- 53 «Subir das serras á crista,
54 Bem distantes da cidade;
Estender ao longe a vista,
56 Contemplar a Immensidade!
- 57 «Tudo eu via extasiada,
Sem uma pena, um desejo;
59 Agora não vejo nada:
60 Só no mundo a elle eu vejo!»

26-VIII-18.

Este poema é composto por quinze quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

332

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 25.]

A TRANSFIGURAÇÃO

A Queiroz Ribeiro.

Ella era, na sua mocidade,
Na marmórea e granítica Lisboa,
A rainha da moda, uma leôa,
A mais encantadora da cidade.

- 5 Divina e popular! e na verdade
6 Era uma deusa, mas humana e boa:
Como a mais simples e vulgar pessôa,
8 A todos acolhia com bondade.
- 9 Muito tempo passou sem que eu a visse,
Foram surgindo a pouco e pouco os danos,
E com elles as rugas da velhice.
- 12 – «Acabaram-me a idade e os desenganos,
13 Não o vê?» – «Não; que estou, tristonho eu disse,
A vê-la quando tinha os seus vinte annos!»

Dedicatória. Trata-se do advogado e poeta Gaspar de Queirós Ribeiro (*1864 †1928), que manteve relações profissionais com João Penha.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 6, 7 e 10.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 26.]

BUCOLICA

*No album de D. Maria
Emilia Telles da Sylva (Tarouca).*

Que paisagem tão bella!
Podia um Corot pintal-a!
Vem tu, Carmen, contemplal-a,
D'aqui, da minha janella.

- 5 Além, perto da cancella,
6 Canta e fia uma zagala;
7 Ao pé, um cordeiro bala,
8 É todo o rebanho d'ella;
- 9 Num campo um jumento zurra;
10 Cantam grilos no montado;
Batem-se cabras á turra.
- 12 Tu, dança um zapateado,
13 Emquanto eu gêmo á bandurra
14 Saudades do meu passado!

Dedicatória. Deverá tratar-se de Maria Emília Teles da Silva Caminha e Menezes (*1887 †1926), uma das filhas da última condessa de Tarouca.

2. Refere-se ao pintor francês Jean-Baptiste Camille Corot (*1796 †1875).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

1. Por imperativos métricos, impõe-se uma diérese em *paisagem*.

334

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 27-28]

O SULTÃO FEROS

(De Th. Gautier)

Em seu jardim, no lago que fluctua,
 2 Banha a sultana o corpo enlanguescido;
 Envolve-lhe a marmórea espadua nua,
 4 O cabelo, dos pentes desprendido.

 Contempla-a o sultão do seu mirante,
 E diz, correndo a mão na barba escura:
 7 «Vela, na torre, o eunucho vigilante,
 Só eu a posso ver, ideal ventura!»

 9 – «Vejo-a eu, lhe responde (cousa estranha)
 10 Uma nuvem no alto reclinada,
 Vejo-lhe os seios que nas aguas banha,
 12 Vejo-a nua, de pérolas colmada!»

 Ahmet empallidece como a lua,
 14 E com a sua adaga, truculento,
 15 Estende morta a favorita nua,
 Enquanto a nuvem se dissipa ao vento.

11-VIII-18.

Subtítulo. Estamos perante uma tradução do poema “Le nuage”, de Théophile Gautier (*1811 †1872). Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), o carne que lhe serviu de base.

Este poema é composto por quatro quadras, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 11, 15 e 16.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 29.]

ANTHERO DE QUENTAL

- Andas, meu bom Anthero de Quental,
 Nas regiões obscuras do Infinito.
 Cá, eras meio atheu, mas lá, contrito,
 4 Já te vês immortal, ante o Immortal.
- 5 Esse caso psicologico e fatal
 6 Está de ha muito em livros d'oiro escripto:
 Philosophia e crença não são mytho,
 Uma irrisoria criação mental.
- 9 Sem vêres o phantastico Nirvana,
 10 Alijaste Manú, e dizes triste:
 «Não tem limites a cegueira humana!
- «Na terra que fiz eu, de lança em riste?
 Oh! como o pensamento nos engana!
 14 De tudo que sonhei... só Deus existe!»

Título. Embora mais adiantado nos estudos, Antero de Quental (*1842 †1891) cruzou-se ainda com João Penha em Coimbra, sendo mesmo um dos colaboradores d' *A Folha*.

9. Alude à afinidade do pensamento anterior com as religiões asiáticas, nomeadamente as doutrinas de Buda e o hinduísmo de Manu.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 8 e 11, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 6.

5. Por imperativos métricos, impõe-se uma apócope em *Esse*.

336

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 30.]

ELVIRA

- 1 É com os olhos tristes que te vejo
 2 Já nutante no mar do fanatismo,
 Negra voragem, tenebroso abysmo:
 4 Lamento-te, e não penses que gracejo.
- 5 Era bello, no ar, o teu adejo
 6 Por sobre os altos montes do lyrismo.
 Agora lês missaes, o cathecismo,
 E, rosa linda, até de o ser tens pejo!
- Eremita de saias, quasi asceta,
 É outra agora a musa que te inspira:
- 11 Vem-te dos ceus a inspiração dilecta.
- 12 Tens, comtudo, sonora a voz e a lyra,
 Mas não será de ti que diga um poeta:
- 14 «Murió d'amor la desdichada Elvira!»

Título. Deverá referir-se à poetisa Elvira Neves Pereira, que foi também amiga íntima de Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.

14. Este verso é retirado do poema “El estudiante de Salamanca” (1840), de D. José de Espronceda. Doña Elvira de Pastrana é a amorosa vítima do sedutor Don Félix de Montemar.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 8, 11 e 14.

337

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 31.]

LIGUSTRAS CADUNT

(Maria)

Vi-a, rápida descendo,
2 No vigor da juventude
3 Á campa! Que transe rude!
D'èsta vida o mais horrendo!

Foi ha muito, e a estou vendo
Branca e fria no ataúde!
E não ha poder que mude
O da Morte: o fim tremendo!

Surge o dia, esplende a aurora,
E bem depressa anoitece:
Que dura a vida? uma hora!

Sécca e morre a loira messe;
13 A avesinha canóra:
Até o lirio fenece!

Título. Esta expressão latina remonta ao verso de Vergílio “Alba ligustra cadunt, vaccinia nigra leguntur” (Vergilius, *Eclogae*, 2.18). Trad. “As alfenas caem”.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

338

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 32.]

ENFIM!

*Ao bom e illustrado amigo
Francisco dos Santos Guimarães.*

- 1 Quer em dias de chuva ou de nordeste,
Ou quer em dias d'um calor de lava,
Aquelle bôbo popular andava
4 De pés descalços, rôta e suja a veste.
- 5 Tu, Sempiterno Ser, tudo lhe deste:
6 A giba enorme, a voz d'um chantre, cava.
7 Manco, se o rapazio o apupava,
Fugia a bom fugir, como da peste.
- O seu deus era o deus da bebedice;
10 O seu mal, uma tosse de catarrho,
Seu aspecto o de esqualida velhice;
- 12 Fumava, mas só pontas de cigarro;
13 Por fim morreu, e já no coche disse:
14 «Graças! até que emfim ando de carro!»

Dedicatória. Francisco dos Santos Guimarães era minhoto de nascimento e ganhou fortuna no Rio de Janeiro, onde se evidenciou na atividade comercial. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 3 e 13, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico nos vv. 4 e 6.

339

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 33.]

CANÇONETA

Se desejas ser amada,
Ama, não fiques gelada,
Que te foge o trovador,
 Morena;
5 Amor só vive d'amor,
6 Helena.

Mas foge d'um amor louco,
Que esse morre ou vive pouco:
9 Sol ardente sécca a flôr,
 Morena;
11 Muito amor apaga o amor,
12 Helena.

O poema é composto por duas sextilhas de pé quebrado, combinando versos heptassilábicos com o quebrado de duas sílabas. A rima obedece ao esquema AABCBC.

340

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 35.]

NAS SOMBRAS

Oh dôr, que nem me deixas respirar!
 Nunca mais, como outrora, cantarei!
 O que eu mais sinto nem dizel-o eu sei!
 4 Foi-se a paz tranquilla do meu lar!

5 Oh guitarra, das noites de luar,
 6 Nunca mais tuas cordas vibrarei!
 Meu coração é morto: é essa a lei:
 8 Até a rosa, o lirio, hão-de murchar!

Mordeu-me venenoso escorpião,
 10 E, tristonho, mudei de natureza,
 Morta no labio a última canção!

Sou como a philomela que se é prêsa,
 Mettida na gaiola, essa prisão,
 Nunca mais canta, e morre de tristeza!

27-VIII-18.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 3.

4. Por imperativos métricos, impõe-se uma diálise em *Foi-se a*.

341

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 36.]

AS VIRGENS LOUCAS

(*Ao visconde de Pindella*)

- 1 Quantas não tenho visto, com tristura,
2 Abandonar, a rir, a vida honesta
Por uma, estéril, de continua festa:
A do bom lar, por uma vida impura!
- 5 Essas as loucas são, dil-o a Escriptura,
D'essas a morte lhes será funesta,
Pois quando de seus dias pouco resta,
8 Erguendo os olhos á suprêma altura,
- Já tardios serão os seus clamores,
10 E, por uns dias de prazer, algentes,
11 Terão talvez o inferno, e os seus horrores!
- 12 «Ide-vos, dirá o Esposo das prudentes,
Ide-vos para as trevas exteriores,
14 Onde ha o chôro, e o ranger dos dentes!»

Dedicatória. Trata-se de Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada (*1852 †1922), o 2.º Visconde de Pindela, que foi também irmão de um ilustre amigo de João Penha.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 4, 6, 8, 10 e 14.

12. Por imperativos métricos, deverá considerar-se uma sinalefa em *dirá o Esposo*.

342

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 37-41.]

OS BEIJOS

- 1 Entre velha papelada,
 2 De toda a especie, confusa,
 3 Encontrei esta ballada,
 4 A já esquecida musa:
- 5 Sangrar a poetica veia,
 Por uma ou duas beijocas,
 Custa mais que fazer meia,
 Ou que fazer maçarocas.
- São, porém, os teus desejos
 Ordenanças d'uma fada,
- 11 E por isso de teus beijos
 Direi algo, ou quasi nada,
- Embora, por seu encanto,
 Por seu divino sabôr,
- 15 Sejam dignos do canto
 D'um sonoro trovador.
- Eu, porém, que nem sequer
- 18 Tenho á guitarra pericia,
 19 Cantarei como puder,
 Esse encanto, essa delicia.

Título. Sobre este poema, leia-se, no Aparato Crítico, uma nota explicativa que o autor fez publicar nas *Últimas Rimas* (vd. Arquivo documental do n.º 348).

Ha beijos, cuja doçura
22 É d'assucar mascavado:
Os teus, d'uma essencia pura,
São de assucar refinado.

O que paga, com fôro,
26 Mulher, de rosto hediondo,
Mas com quem se tem namôro,
Sendo limpa, é recebondo.

29 Ha beijos repinicanos
30 Que lá têm o seu deleite.
31 D'elles gostam namorados,
32 São como os de amas de leite.

Os que as mundanas nos dão
Na bochecha ou n'outra parte,
Parecem dos de paixão,
Que ellas trabalham com arte.

Nas bochechas são ternura,
38 Na bôcca, perturbação,
Que accende uma chamma impura,
E nos leva á perdição.

Ha-os bem sêccos e frouxos,
42 Dados como por demais:
43 Vão andando, mas são côxos:
São os de filhas aos paes.

Os de pretas, de feição,
Eu digo-o em publico e raso,
Taes como os das brancas são:
A côr não faz nada ao caso.

49 Não me aprazem beijos castos,
São uma carícia falsa,
Salvo, mesmo para os gastos,
Se um puro amor os realça.

Ha um que não fica mal
N'este poetico aranzel:
55 Refiro-me ao conjugal,
Durante a lua de mel.

Ha beijo bom, que refresca,
58 Mas ha-o tambem que mata,
Como o de Paolo e Francesca,
Beijo que o Dante relata.

O marido, o Lanciôto,
Os matou d'uma estocada;
63 Chamem-lhe vil ou marôto;
Eu não; não lhe chamo nada.

Ha-os tambem de suspiro,
Para sedentos maná,
Por esses é que eu deliro,
Quando teus labios m'os dá.

69 O de Mario e de Cosette,
70 O impulsivo, o primeiro,
71 Quantas vezes se repete
72 Se o amor é verdadeiro!

58-61. Refere-se aos amantes Paolo Malatesta e Francesca da Rimini, que foram surpreendidos em flagrante pelo marido desta e imediatamente assassinados. Dante condena-os ao Inferno, na sua *Commedia* ("Inferno", Canto V).

69. Refere-se a duas personagens ficcionais, no romance *Les Misérables*, de Victor Hugo (1862): Euphrasie Fauchelevant (mais conhecida como Cosette) e o jovem estudante Marius Pontmercy. Alude aqui ao primeiro beijo, trocado no jardim da rua Plumet.

73 Os de fugida que as damas
Umás ás outras se dão,
Não valem dous epigrammas,
Nem realmente beijos são.

Ao beijo do Iscariote,
78 Eu nem alludo sequer;
Aqui só tem gloza um mote:
O dos beijos da mulher.

Como a especie não tem fim,
Deponho, cançado, a róca;
Manda-me em troca um pudim,
Se o vale esta maçaroca.

*

85 Foi isto o que eu li chorando,
86 Eu que sou illacrymavel.
E que fiz outrora, quando
Nem previa... o irreparavel!

77. Refere-se ao beijo com que Judas Iscariotes traiçooou Jesus (Mt. 27: 47-48).

Este poema é composto por vinte e duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

5. Note-se a sinérese em *poetica*.

15. A análise métrica dita uma realização trissilábica em *dignos*.

25. Por imperativos métricos, deve considerar-se uma realização oxitona em *fôro*.

54. Considere-se uma sinérese em *poetico*.

59. Deve-se ler-se um ditongo em *Paolo*.

70. Observe-se a diálise em *impulsivo, o*.

343

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 43.]

GERMANIA DELATA

(A Henrique Lopes de Mendonça)

- O Crime ás vezes descança,
 2 Julga-se livre, mas nunca:
 Na abscondita espelunca
 4 Surge-lhe um dia a vingança.
- 5 Ella, outrora, a fôgo e lança,
 6 De mortos os campos junca;
 Ri, e estende a garra adunca
 A duas joias da França!
- Não foge á pena o malvado:
 10 Quem sabe o porvir? ninguém;
 É como d'um ceu nublado,
- 12 O que das sombras nos vem!
 Tu, Bismark, estás vingado,
 14 E tu, oh França, também!

27-X-18.

Título. Alude-se, neste poema, ao conflito da Grande Guerra (1914-1918), que opôs a Tríplice Entente às Potências Centrais, resultando na derrota e desmoronamento do Império Alemão. Trad. da expressão latina: “Alemanha aniquilada”.

Dedicatória. Entre outras atividades, Henrique Lopes de Mendonça (*1856 †1931) foi diretor da revista *Serões*, em cujas páginas Penha assinou colaboração regular.

5-8. Refere-se à tomada da Alsácia-Lorena pelas tropas de Bismarck, em 1871.

13-14. Alude ao Revanchismo Francês, que se desenvolveu a partir das humilhações da Guerra Franco-Germânica (1870-1871): a tomada da Alsácia-Lorena pelo chanceler prussiano Otto Von Bismarck e a proclamação do II Reich, no Palácio de Versailles, em Paris.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

344

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 44.]

NO VERÃO
(Georgica)

A Júlio Gama.

- Bello campo, que vejo d'onde habito!
2 Um camponez no seu machinho tóca;
Á porta da choupana, a fiar na róca,
Uma aldeã, de rosto assás bonito;
- 5 Ouve-se ao longe um prolongado apito;
6 Cérca a ninhada uma galinha chóca;
7 E um negro grilo, ao limiar da toca.
Faz ouvir, incessante, o seu cricrito.
- 9 Os alcatruzes d'uma antiga nóra,
A que dá vida um boi, a passo lento,
11 Jorram a agua, que na pia chora.
- 12 Vae-a guiando o lavrador attento,
13 E esta lida não cessa desde a aurora,
Que o sol abrasa, e nem sequer ha vento.

Dedicatória. O escritor Júlio Gama (*1857 †1923) dirigiu a *Gazeta das Aldeias*, onde Sérgio de Castro publicou em 1916 um longo artigo sobre João Penha.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 6, 7, 9, 11, 12 e 14.

11. Por imperativos métricos, deve considerar-se uma diálise em *a agua*.

345

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 45-48.]

A ALDEIA

A Antonio Correia d'Oliveira.

Respiro! eis-me emfim na minha aldeia!
 Alegra-me os pulmões este ar tão puro!
 Que illusoria não era a minha idea
 D'isto que agora conservar procuro!

- 5 Só a vida ficticia das cidades
 Achava digna de canções divinas!
 Tinha horror pelas quasi soledades
 Em que eu julgava immersas as campinas!
- 9 Tivesse eu a paleta de Virgilio,
 10 O grande artista do viver campestre!
 Mas ao que vejo pedirei auxilio,
 O proprio campo me será bom mestre:
- 13 Uma busina sóa: accorda o prado;
 Espalha a vida o sol, mas acabrunha;
 Uma junta de bois puxa ao arado,
 Cuja rabiça um lavrador empunha;

Dedicatória. Entre as obras poéticas de António Correia de Oliveira (*1879 †1960) contam-se os livros *Auto do Fim do Dia* e *Allivio de Tristes*, que em 1900 e 1902 suscitaram recensões de João Penha, n^ª *Chronica* (vd. textos publicados nos n.ºs 739 e 740).

9. Refere-se ao poeta latino Vergilio (*70 †19 a.C.), autor de algumas obras fundadoras da poesia bucólica, particularmente as *Eclogae* e as *Georgicae*.

- 17 É de grande tarefa agora a quadra:
 18 Tudo se move, a agitação é vasta;
 19 Um cão de guarda, furibundo ladra
 20 A um mendigo velho que se afasta;
- 21 Não ha vento, o moinho nem labora,
 Mas o moleiro, á porta, o grão peneira;
 23 Os alcatruzes da vetusta nora
 Lançam a jorros a agua na caleira;
- 25 Tira-a do longo tanque, balde a balde
 26 Moça, gentil assaz, vivo demonio;
 27 Falla-lhe um namorado, mas de balde,
 Que ella não quer amor, quer matrimonio.
- 29 Na eira calcinada espreita um gato
 30 O vôo dos alegres passarinhos;
 Nos bicos levam todos o biscato
 Á prole que os espera nos seus ninhos.
- Volitam borboletas, e a cigarra
 34 Faz ouvir, incessante, o seu cantar.
 Toda a vegetação parece um mar:
 36 As casas são as naus; montes, a barra.
- 37 Além, aqui e ali, medas de palha,
 38 Loiras, como as de trigo ondeantes messes.
 A implorar a paz, contra a batalha,
 40 Convida um sino os bons fieis ás preces.

41 Vão em rancho cantando as raparigas,
 42 Os môços vão atraz, de varapaus;
 43 E, como cousas taes não são cantigas,
 44 Os velhos, arrimados aos seus paus.

*

Agora é noite, vae subindo a lua,
 Scintillam, no alto ceu, milhões de estrellas;
 Fica toda a campina como núa:
 São as horas do lar; depois, as cellas.

Só a vida do campo me seduz:
 50 Um casebre por unico palacio,
 Um lago azul, em vez do mar. «Oh rus!
 52 Quando te verei eu!» dizia Horacio.

Tudo n'elle me alegre, encanta e enleva,
 54 E fôra-me esta aldeia um paraizo,
 55 Se aqui me não faltasse, á noite, a Eva
 Que em muitos dos meus cantos divinizo!

26-VIII-18.

51-52. Alude ao verso de Horácio: "O rus, quando ego te aspiciam?" (*Satirae*, Liber II, Satira VI, v. 60).
 Trad.: "Ô campo, quando voltarei a ver-te?"

55. Refere-se ao paraíso bíblico e à transgressão de Adão e Eva (Gn. 3).

Este poema é constituído por catorze quadras, obedece ao esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 6, 10, 12, 16, 18, 19, 23, 40, 45 e 51.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 49.]

A VOZ DO ALÉM

- 1 «Comparando o meu estado
Ao do cégo Balisario,
3 Ou de Job, inda peor,
4 Vejo-me bem desgraçado.
5 Cahe-me em vagas o suór!
6 Que viver, e que fadario!
7 Tenho o corpo n'uma chaga;
O meu estomago é mau;
Trabalho, ninguem me paga;
10 O que tomo é caldo d'unto,
A perna esquerda é de pau!»
12 – Tróco já, disse um defunto.

25-VIII-18.

2. Refere-se ao general bizantino Flavius Belisarius (*ca.505 †565), acusado de conspirar contra Justiniano, em 562. Além de ordenar a sua prisão, crê-se que o Imperador terá mandado cegá-lo.

3. Alude à lepra maligna que Satan fez recair sobre Job (Jb. 2: 7).

Este madrigal em redondilha maior privilegia um esquema de rima cruzada.

8. Deve considerar-se uma sinalefa em *meu estomago*.

347

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 51.]

FADOS

- 1 «Das tristes hervas sou filha,
 2 Das aguas correntes neta;
 Doira o sol quanto vegeta,
 4 Só para mim nunca brilha.
- «Nasci bem longe, em Sevilha,
 Exposta na lama infecta;
 7 Vim para esta vida abjecta
 Quasi nua, sem mantilha.
- 9 «Quem nos falla é sem reservas,
 Com sorrisos insolentes:
 São os amos, nós as servas!
- «Ha destinos inclementes!
 Sou filha das tristes hervas,
 14 Neta das aguas correntes.»

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 53-55.]

CANÇÃO ESCOLAR

Cantam aves os seus hymnos,
2 Canta a briza, a terra e o mar,
Tambem nós, os pequeninos,
Queremos hoje cantar.

É tristonho na puericia
6 Passar a vida a estudar:
Correr, brincar, que delicia!
8 Quaes avesitas voar!

9 N'èsta edade o sangue estua,
10 Como a lava d'um vulcão;
11 Quer-se a liberdade, a rua;
Causa terror a prisão.

E prisão é com certeza
Toda a escola onde se estuda,
15 Vendo ao longe a natureza,
16 Para nós inerte e muda.

17 Mas, companheiros, coragem:
18 Sofframos esse castigo;
Não dura eterna a viagem,
Não é longe o porto amigo.

Título. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que o autor fez publicar nas *Últimas Rimas*.

21 Sem se lêr, sem se estudar
 Que desgraçado o porvir!
 Ninguém se pode elevar,
 Nem bem a patria servir.

Por mais que labute e cave
 26 Na terra escabrosa e dura
 27 Jamais será como a ave,
 Que sobe e paira na altura.

Lêr bons livros, que delicia!
 30 Outra não ha mais completa!
 31 Só a despreza a estulticia,
 32 Que vive na lama infecta.

Estudemos, pois, contentes,
 34 Para alcançarmos ingresso,
 35 Como heroes e combatentes,
 36 Entre as alas do progresso.

Este poema é composto por nove quadras heptassilábicas, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

349

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 57.]

ELLE!

- 1 Nos códices da historia e até na lenda
- 2 Um monstro, um cesar mais feroz não ha!
- 3 Mas não obstante inda no solio está,
- 4 E proseguindo vae na mesma senda!

Nada suppor nos faz que tenha emenda,
6 Ou que o remorso, cruel, minando o vá!
E extinctas são, ha tantos annos já,
Milhões de vidas, mortandade horrenda!

E não pára no bárbaro caminho!
Contra innocentes e anciãos investe,
Cheio de sangue o esqualido focinho!

Mas, n'outra vida, o Julgador Celeste
Tigre o fará, por mais atroz, marinho,
Monstro que exhala, por odôr, a peste!

Título. Refere-se ao *Kaiser* Wilhelm II, que liderou os destinos do Império Alemão entre 1888 e 1918, sendo também o principal responsável pela eclosão da Grande Guerra (1914-1918). A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico, onde se transcreve a nota explicativa que o poeta fez publicar nas *Últimas Rimas*.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 3, 8, 10, 12, 13 e 14.

6. Deve considerar-se uma sinérese em *cruel*.

350

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 58.]

ELLE!

Era no salão nobre, de aparato;
De pura lhama d'oiro o cortinado;
O sôlho, de mosaicos marchetado:
Um luxo sem igual, quasi insensato.

Na rica sala, esplendida de ornato,
Cheio de mêdo, trémulo, acanhado,
Estava um grande artista, ali chamado,
Para esboçar a oleo o seu retrato.

- 9 Elle, velho, só rugas e magreza,
10 Immerso parecia em longo estudo,
11 Sobre um mappa, estendido em ampla mesa.
- 12 Súbito, ergue a cabeça, e carrancudo
13 Exclamou, com insólita fraqueza:
14 «Estou a ver Paris... por um canudo!»

Título. Refere-se ao imperador alemão Wilhelm II e a um dos momentos decisivos da I Grande Guerra (1914-1918): a falhada investida contra Paris, em 1914. Sobre este poema, vd. a nota explicativa, no Arquivo documental do Aparato Crítico do n.º 349.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCC. Todos os versos são decassílabos heroicos.

351

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 59.]

O DESTINO

*A M.elle Thereza Furtado de Antas
de Figueiredo.*

- 1 Era alegre e nova, e linda
Como uma pomba que vôa.
- 3 Eu estou a vel-a ainda,
Em passeios triumphante,
Pelas ruas de Lisboa.
Adorava a onda, o mar,
- 7 O seu marulho incessante,
- 8 O seu terrível bramar
- 9 N'uma lucta que não finda.
- 10 Invade-a um desejo ardente:
- 11 Quer ir vel-o, contemplar
- 12 O undívago gigante,
- 13 As gaivotas a passar.
- 14 Parte ditosa e contente,
- 15 Chega á praia, e de repente
- 16 Sóbe uma vaga, e tragou-a!

19-IX-18.

Dedicatória. Nascida em 1902 (vd. supra poema n.º 217), esta jovem era filha de Antero de Figueiredo (*1866 †1953), o amigo fiel de João Penha. Sobre o contexto que ditou a sua composição, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

Este madrigal em redondilha maior privilegia um esquema de rima cruzada.

352

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 61.]

TODA LA VIDA ES SUEÑO

- Causava a todos surpresa
 2 Vê-la em plena mocidade
 Na mais funda soledade,
 4 Sendo um anjo de belleza.
- 5 Eu quiz sobre isto certeza,
 E pela nossa amizade:
 – «Diz-me, lhe disse, a verdade,
 8 A causa d'essa tristeza?»
- 9 – «Meus dias passo enfadonhos,
 Immersa na reflexão
 De pensamentos tristonhos;
- 12 «Dil-o o poeta Calderão:
 «A nossa vida é de sonhos,
 14 Mas os sonhos... sonhos são!»
- 30-XII-18.

Título. Pedro Calderón de la Barca, *La Vida Es Sueño*, Ato II, v. 29.

13-14. Alude aos versos finais do solilóquio de Segismundo, no Acto II da tragicomédia *La Vida Es Sueño* (1635), de Pedro Calderón de la Barca: “que toda la vida es sueño,/ y los sueños, sueños son”.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Para os crentes

353

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 65.]

STABAT MATER

- 1 Tudo se consumara. Ao pé da cruz
A pobre Mãe, a d'Elle e nossa, estava,
- 3 E os olhos razos d'água, contemplava
O corpo ensanguentado de Jesus.
- «Elle era a minha, era do mundo a luz,
- 6 Dizia erguendo a voz em tom magoado,
- 7 E n'este lenho o vi crucificado,
Lacerados os pobres membros nós!
- 9 «Vi-o n'aquella angustia dolorosa
- 10 De todos, quando a morte se avizinha,
- 11 A hora do trespasso temerosa.
- «Vi-o morrer, e eu só a elle tinha!
- 13 Vós que passaes, dizia lacrimosa,
- 14 Vêde se ha dôr que se compare á minha!»

Título. Refere-se ao hino do século XIII, que celebra o sofrimento de Maria, mãe de Jesus, durante a Crucificação. Atribuído a Frei Jacopone da Todi, o poema encontra-se musicado por vários compositores eruditos. Trad. da expressão latina: “Estava a Mãe”. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que acompanha este poema.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5 e 14.

354

[*Últimas Rimas*, Porto: Renasceuguesa, 1919, p. 66.]

CHRISTO

Ha tantos annos já, Senhor do Monte,
Que te vejo pregado n'essa cruz!
3 Tu foste, em vida, para cegos, luz,
Para os sedentos de justiça, fonte.

Todo o bem irradia d'essa fronte;
Tua lei a bem pouco se reduz:
7 Pão aos famintos, roupa aos que andam nús;
8 Quem assim der, com grande premio conte.

Tu és o Filho, se não és o Deus,
10 O eterno, o invencível baluarte
11 Que o impeto aniquilla dos atheus.

Estás nos corações e em toda a parte,
13 E querem os modernos phariseus
De novo, mas em vão, crucificar-te!

30-VIII-18.

Título. Leia-se, no Aparato Crítico do n.º 353, a nota explicativa que acompanha este poema.

1. Refere-se à imagem do Cristo crucificado, na igreja do Bom Jesus, em Braga.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 4, 8 e 9.

Vinhetas e aquarellas

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 69-70.]

A AVALIAÇÃO

A M.lle Lydia da Cunha Leão

- Em uma execução contra o papá,
 Foi neste modo avaliada a filha,
 Soberba morenita rosa-chá,
 4 Andaluza de leque e de mantilha.
- Um argentario disse: «A ôlho nú,
 6 E visto o corpo que sua alma encerra,
 Vale bem, mais que as minas do Perú,
 8 Todo o oiro do Banco de Inglaterra.»
- 9 – «Vóto contra, esses calculos são maus,
 10 Disse outro, successor de Pedro Sem,
 11 Vale, sem discussão, todas as naus,
 Que o vasto mar azul em si contem.»
- 13 – «Eu daria por ella, disse rindo,
 14 Um amator de certo deus pagão,
 15 Os esplendentes soes do espaço infindo,
 16 Que eu podesse, feliz, haver ás mãos.»

Dedicatória. A esta jovem é também dedicado o poema n.º 385.

10. Refere-se ao rico mercador portuense, dono de numerosas embarcações comerciais, que, segundo a lenda popular, terá desposado uma jovem nobre, em troca do perdão às dívidas do pai.

- 17 – «Esse voto não serve, é pouco sério,
18 E até, disse outro, me parece estranho;
19 Eu, rei, dava por ella todo o imperio,
Mas sou pastor, só dera o meu rebanho.»
Esta resposta fez erguer a crista
D'um ganadero, que se riu, jocundo:
23 – «Um rebanho? disse elle; pobre artista!
Um rebanho? eu daria os bois do mundo.»
- 25 – «Silencio! disse então o juiz da praça,
Um homem novo, de cabello prêto;
27 Falle agora esse vate, que tem graça.»
28 – «Vale mais, muito mais: vale um soneto!»

8-VII-18.

22. *Ganadero* é o termo espanhol para designar um criador de gado.

Este poema é composto por sete quadras, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2, 6, 18, 21, 22 e 26.

356

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 71.]

MADRIGAL ANTIGO

Oh moças d'eburneos collos,
2 E dos languidos olhares:
3 Por vós não dera dous passos:
Mas por têl-a nos meus braços,
5 Transpozera, a nado, os mares,
Iria, de rasto, aos pólos!

Este poema em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCCBA.

357

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 73.]

RONDÓ

(Reminiscencia de V. Hugo).

– «Como, diziam elles,
Enfeitiçar as bellas,
3 Abrandar seus rigores?»
– «Amae, diziam ellas.»

– «Como, diziam elles,
Levar as caravelas
Á ilha dos Amores?»
– «Remae, diziam ellas.»

– «Como, diziam elles,
Contradictar querelas,
Amuos e furores?»
– «Negae, diziam ellas.»

31-X-18.

Apesar do título, este poema só parcialmente obedece ao esquema típico do rondó. É composto por três quadras hexassilábicas, com rima cruzada e dois *rentrements*, no primeiro e último versos de cada estrofe.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 75.]

INGENUIDADE ROMANTICA

1 – «Eu não sei para que fins
2 Ligas em ramo, assentada,
A baunilha perfumada
Ao geranio dos jardins.

«Um, de hortensias e jasmins,
6 Fôra o d'uma namorada;
7 Mas dou, já, por esse, um nada:
8 Um punhado de sequins.»

– «Nem por um milhão que fôra,
Que é para vasos d'altar,
11 Disse a puella encantadora.

«A ninguem o posso dar:
É para Nossa Senhora
Muito em breve me casar.»

17-VII-18.

8. Cequim é uma antiga moeda de ouro, usada em Veneza até meados do século XVI.

11. *Puella* é o termo latino para designar uma moça.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 76.]

OLIM ET HODIE

Ao general Souza Machado.

- Bella pintura a oleo! Um bom retrato
2 D'uma artista que a fama diviniza,
3 Como eu a conheci, a fronte lisa,
4 O labio rubro, como a flôr d'um cacto.
- 5 Elegante, o seu luxo era insensato,
6 Desde as plumas ás rendas da camisa.
7 Agora de taes luxos não precisa,
8 Na cabeça uma touca por ornato.
- Embriagava o seu olhar tão brando,
10 Mais que um velho e generoso vinho.
11 Em busca d'outra assim de balde eu ando.
- 12 O tempo transformou-a em pergaminho,
E até as pernas me tremiam quando
14 Por defronte eu passava do seu ninho!

Título. Trad. da expressão latina: “outrora e hoje”.

Dedicatória. Deverá tratar-se do general António Júlio de Sousa Machado (*1849 †1930), que, embora natural de Vidago, chegou a estudar em Braga, antes de ingressar na Escola do Exército.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 9, 10 e 13.

10. Deve considerar-se uma diálise em *que um*.

360

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 77.]

A CEGONHA

- 1 Centenaria e feiticeira,
- 2 Ei-la emfim na sepultura.
Fôra outrora uma esculptura,
- 4 Múmia á hora derradeira.

- 5 A cantar era a primeira,
- 6 E com tal arte e doçura,
- 7 Que lhe chamava o cura
- 8 A Maria Cantadeira.

- 9 Foi a mais bella e risonha
Das moças d'aquella aldeia,
- 11 Bellas, como um poeta as sonha.

- 12 Mas, depois de velha e feia,
- 13 Era a Maria Cegonha.
E morreu a fazer meia.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

7. Deve considerar-se uma diálise em *chamava o*.

361

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 78.]

DEUS E O DIABO

Ao visconde de Castellões.

- Uma scena de amuo e de ciume.
2 Ella, com seu sorriso desdenhoso,
Ao seu amante increpa de vaidoso,
Por falsa educação e por costume.
- Elle, sem ver qual o papel que assume,
Chama-lhe Dulcinea de Teboso.
7 Ella ri muito, e findo o rir nervoso,
8 Toda calma, lhe diz, sem azedume:
- 9 – «Eu, dizendo-me boa, não me gabo,
10 E dando a Deus meu coração honesto
Não o fiz em meu proprio menoscabo.»
- 12 – «A tua alma é de Deus, eu não contesto:
Mas teu corpo esse é meu: é do Diabo!»
– «Não te faças pavão: sê mais modesto.»

Dedicatória. Trata-se do engenheiro e poeta Álvaro de Castro Araújo Cardoso Pereira Ferraz (*1859 †1953), que foi terceiro Visconde de Castellões e proprietário de um solar naquela freguesia famalicense. 6. Dulcinea del Toboso é a amada de Don Quijote, no livro de cavalarias de Miguel de Cervantes (1605).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5 e 10.

362

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 79.]

UM ANNO DEPOIS

A Candido de Figueiredo.

- 1 – «Como mudado estás do que ha bem pouco eras,
Na epocha feliz dos poeticos amores!
- 3 Tudo o tempo destroe: o vão prazer, as dôres,
Murcham lirios, a rosa, a flôr das primaveras!
- «Faz hoje um anno já que sobre mim imperas:
- 6 Como esposa me dei, cedi aos teus ardores.
És inda, como outrora, o rei dos trovadores:
- 8 Dá-me um dia de luz, de sonho, de chimeras.
- 9 «Quero inda hoje vêr, do meu esposo amado,
10 Como outrora, a expressão de terna languidez
11 Em teus olhos de poeta, ardente e namorado.
- 12 «Quero ainda sonhar que com amôr me vês!»
13 – «Pois sim! e haja festa: emborcarei dobrado,
E dançarei, já ôdre, o velho sólo inglez.»

29-IV-18.

Dedicatória. Trata-se do filólogo António Cândido de Figueiredo (*1846 †1925), que foi companheiro de João Penha em Coimbra.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Embora prevaleça a receita do alexandrino clássico, os vv. 7, 11, 13 e 14 apresentam uma estrutura dodecassilábica de 6 grave + 5. Sobre este modelo versificatório, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico do n.º 89 e ainda a nota final reproduzida no Arquivo documental do n.º 327.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 80.]

NIGRA SUM

1 «Negra sou, mas sou formosa,
2 Tenho os dentes de marfim,
3 O meu corpo é de setim,
4 Na côma sempre uma rosa.

«A Sulamite famosa,
6 Diz a lenda que era assim;
7 Mas tão galante, ai de mim!
8 Vivo triste e pesarosa.

9 «Vi um branco á beira-mar,
Mas tão crú, que nem sequer
11 Me recolheu no seu lar!

«Que desgraçada mulher!
13 Esse que adoro a chorar,
14 Ri-se de mim, não me quer!»

5. Refere-se à personagem bíblica do Cântico dos Cânticos (Ct. 7), também ela negra e representante emblemática da beleza feminina.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

364

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 81.]

INGÉNUO

- Um miserando Esproncêda
- 2 Escreveu com mão tremente
 Esta cartinha á ridente
 Amante, bella mas trêda.
- O papel era de sêda,
- 6 Para assim, ingenuamente,
 Tornar mais brando e clemente
- 8 O que ella tinha de azêda.
- 9 – «Embora a vida me escondas
 Já não me enganas, Maria:
 Tu és falsa como as ondas!
- 12 «Eu, se te amei, não fingia,
 13 Que sou como Epaminondas,
 14 Que nem brincando mentia!»
- 4-V-18.

1. Trata-se do poeta espanhol José de Espronceda (*1808 †1842), um dos expoentes do Romantismo.
 13. Refere-se ao general tebano Epaminondas (*ca. 418 a.C. †362 a.C.), que ficou célebre pela retidão moral do seu carácter.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

365

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 83.]

O ENXOVAL

- 1 «Com outro vou casar, que sou catholica;
Um enxoval mais triste nunca vi!
Com que prazer, dizia melancolica,
4 Eu faria estas cousas para ti!»

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

366

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 85.]

NUM DIA DE ANNOS

- 1 É hoje o dia da festa
- 2 De teus annos, bella amiga;
- 3 Mas em vão bato na testa:
Não sei que faça ou que diga.

- 5 Palavras leva-as o vento;
- 6 Pedras finas, quem m'as dera!
- 7 Dar-te cousa de espavento,
Eu a ti? pura chimera.

- 9 Nada, nada de etiquetas;
- 10 Em tuas mãos delicadas,
- 11 Ponho estas pobres violetas:
- 12 São trez, mas por mim criadas.

Este poema é composto por três quadras em redondilha menor, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

367

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 87.]

O JUIZ

A Vicente Rodrigues Monteiro

Fóra do tribunal, aquelle amigo
2 Era um sujeito alegre e folgazão;
3 Como juiz, porém, era um dragão,
Ele era a propria lei, era o castigo.

5 Mas cá por fóra, como acima eu digo,
6 Era outro: um burguez bonacheirão;
A todos estendia, urbano, a mão,
8 E cortejava até qualquer mendigo!

Hontem, lendo a sentença em que applicava
10 A multa a um jogador – «Aqui d’El-rei!
Gritou este, escumando, em furia brava.

12 – «Eu não fiz mais... que executar a lei...»
– «É que Vossa Excellencia é quem talhava
14 Na casa de batota, onde joguei!»

14-VII-18.

Dedicatória. O advogado Vicente Rodrigues Monteiro (*1847 †1936) foi companheiro de Penha em Coimbra, onde se formou em 1871.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5 e 12.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 88.]

PHILOSOPHO

Ao Dr. Abílio Camões.

Um passo miudinho, de mulher;
Um ventre, que se nota, assás rotundo;
Nos labios rubros um sorrir jocundo;
Calvo, como d'Annunzio e d'Alambert.

- 5 Na lapela, da esquerda, um bem-me-quer;
Emfim, um quasi dandy do alto mundo.
7 Nédio e baixo, isto é, basso profundo,
8 Solfeja a miudo uma canção d'Auber.

- Tem casa, ricamente mobilada,
Um palacete em que elle proprio habita;
11 Traz sempre panda a bolsa, recheada:

12 Fortuna, cuja origem ninguem cita;
13 Não lh'a trouxe a mulher: não tinha nada.
14 Então? Isto o revela... era bonita.

10-VII-18.

Dedicatória. Abílio Camões era juiz de direito, na comarca de Baião.

4. Refere-se ao poeta italiano Gabriele d'Annunzio (*1863 †1938) e ao enciclopedista francês Jean le Rond D'Alembert (*1717 †1783). A propósito desta referência, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

6. *Dandy* é uma palavra inglesa que refere o homem elegante ou janota.

7. Baixo profundo é um dos timbres mais graves e pesados da voz masculina. Na escola italiana, denomina-se *basso profundo*.

8. Alude ao compositor francês Daniel François Esprit Auber (*1782 †1871).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 8, 10.

7. Deve considerar-se uma diálise em *isto é*.

8. Note-se a sinérese em *miudo*.

369

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 89.]

A REGRA

*A José Gomes da Silva
e Mattos Souza Cardoso.*

Aquelle bom rapaz, inda illudido
Pelas róseas visões da mocidade,
Amava, como louco, uma deidade,
E anhelava por ser correspondido.

Um dia, em que n'um baile, de ruido,
Dado em honra das bellas da cidade,
A deparou a sós, com lealdade,
8 Lhe disse estas palavras commovido:

9 – «Andei por França e Italia, e nunca hei visto
10 Um rosto mais gentil e prasenteiro;
11 És a deusa do Amôr! Não te resisto,

12 «E hei-de disputar-te ao mundo inteiro;
13 Não me respondes?» – «Sim, digo só isto:
14 Tu és pobre, e o que é bom custa dinheiro.»

6-VII-18.

Dedicatória. Deverá tratar-se do colecionador bracarense José Gomes da Silva e do Reverendo Manuel Ignácio de Mattos Souza Cardoso (vigário capitular e tesoureiro da Sé de Braga).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

370

[*Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 90.]

A PERSEGUIÇÃO E A NATUREZA

Ao Dr. Francisco Teixeira de Queiroz.

«Estaremos, senhor, na meia-idade,
Melhor talvez do que esta de hoje em dia,
Em que uma dama nobre não se via
Sem pagem, pelas ruas da cidade?

«Mas a mim, e sou d'essa qualidade,
Já não me apraz tão alta cortezia,
7 Pois reparei que toda a gente ria
Da sua persistente assiduidade.

«Diga: o senhor quem é? Acaso poeta,
Homem que em livros e nos astros lê?
O que mais me parece é que é pateta.

12 «Que deseja de mim, vossa-mercê?
13 Não me persiga mais; ja ando inquieta,
14 N'um desejo cruel... não sei de quê!»

26-VI-18.

Dedicatória. O médico Francisco Teixeira de Queirós (*1848 †1919) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos seus amigos fiéis.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 7 e 10.

371

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 91.]

O SEU IDEAL

Ao Dr. José Eduardo de Oliveira.

Aquelle infeliz rapaz

- 2 Já não parece o d'outrora,
3 Pela chamma que o devora:
Um amor que n'alma traz.

Ella é gentil, mas sagaz

- 6 Os pobretões desadora.
Má, ri-se quando elle chora,
E até já cruzes lhe faz.

- 9 Eu vendo-o tão abatido,
Quasi velho, acabrunhado,
Disse-lhe assim, compungido:

«Tu andas muito enganado:
O que ella quer é marido,
Quer um bacharel formado.»

4-X-18.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 92.]

DIO DEL'ORO

- 1 Já ha muito morri, mas não obstante
 Em lembrança do tempo em que vivia,
 Pedi alentos ao loiro malvasia,
 4 E, envolto n'uma capa de estudante,
- Fui-me em procura d'uma certa amante,
 Hespanhola, talvez da Andaluzia,
 7 Clara e ardente como a luz do dia,
 E doce como as uvas de Alicante.
- 9 Bato receoso: abriu-se uma janella:
 10 – «Ceus! que vejo! um defunto! isto é bruxêdo!»
 Disse a tremer, espavorida, a bella.
- 12 – «Sim! mas não ouves, lhe disse eu a mêdo,
 Em mim um som, que bons sequins revela?»
 14 – «És pois vivo! soubesse-o eu mais cedo...»

22-VII-18.

Título. Alude à célebre ária, na ópera *Fausto*, de Charles Gounod (1859). Trad.: “Deus do Ouro”.

3. Malvasia é uma casta de uvas brancas usada na produção de vinhos licorosos.

13. Cequim é uma antiga moeda de ouro, usada em Veneza até meados do século XVI.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 7, 11, 12 e 13.

7. Deve considerar-se uma diálise em *Clara e ardente*.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 93.]

EHEÚ!

A Guerra Junqueiro.

- «Vê se apagas o amor que me devora,
 2 Deita-lhe algum azeite na torcida;
 Eu quero-o vivo ou morto, que esta vida,
 Como eu a vou levando, me apavora.
- 5 Lamento-me a chorar, a toda a hora;
 6 Lança-me algum azeite na torcida...»
 A bella riu e riu, como perdida;
 8 Poz o lindo chapéu, e foi-se embora.
- E sem recato, sem vergonha alguma,
 Eu continúo, em pensamento, a amal-a,
 11 Nuvem tenue que passa, a onda, a espuma.
- 12 Sim: é fazer do sambenito gala;
 13 Mas que me importa? mesmo nada em summa:
 14 Hercules fiou na rocca aos pés d'Omphala.

29-VIII-18.

Título. Trata-se de uma interjeição latina, para exprimir dor. Trad.: “Ai!”. A este propósito, vd. no Arquivo documental (ao Aparato Crítico) a nota explicativa que o autor fez publicar no final do livro.

Dedicatória. O poeta Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*1850 †1923) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos principais nomes da sua geração literária.

12. Sambenito era uma peça de vestuário, usada na Idade Média pelos penitentes católicos. Mais tarde, foi adotado pela Inquisição, para humilhar os condenados.

14. Alude ao episódio mítico, segundo o qual Hércules, tomado de amores pela rainha Onfale, prostrava-se humildemente a seus pés, fiando com a roca e o fuso.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 9, 10, 12 e 13.

374

[*Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 94.]

PERDIDA!

Ao Dr. Manuel Francisco Machado.
Obidos, Pará.

- 1 Cedeste como Haydêa ao D. João,
Como a ave á serpente apercebida;
3 Cedeste e não te vejo arrependida:
4 Ris muito, e pareces-me um chorão.
- 5 Controvertem os sabios a questão,
6 Desde ha longo tempo debatida,
7 Se em muitos dos successos d'esta vida
Haverá livre arbitrio: talvez não.

Nós somos como Ophélia na corrente;
N'este mundo fatal tudo assim vae,
Á voz não sei de quem, fria, inclemente.

Cahiste, como o lirio ao vento cahe,
Pelo desejo hysterico, vehemente,
De me fazeres venturoso... e pae!

22-VIII-18.

Título. Sobre este poema, vd. no Arquivo documental (ao Aparato Crítico) a nota explicativa que o autor fez publicar no final do livro.

Dedicatória. Manuel Francisco Machado (*1838 †1928) foi companheiro de João Penha em Coimbra, onde se formou em Direito (1869), antes de regressar ao Brasil, afirmando-se como político na província do Amazonas.

1. Alude ao poema de Lord Byron, *Don Juan* (1819). Haidée é uma jovem grega que recolhe o náufrago sevilhano, apaixonando-se de imediato.

9. Refere à personagem de William Shakespeare, que se atirou ao rio, morrendo afogada (*Hamlet*, Ato IV, Cena 7).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 14.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 95.]

A ÚLTIMA PRECE

Ao Dr. Alfredo da Cunha.

Perseguida por Tenorio,
Alda, pérola d'Ormuz,
3 Sente que o Mau Anjo a induz
A louco amor transitorio.

No seu tranquillo oratorio,
Ajoelhada aos pés da cruz:
«Oh meu divino Jesus,
8 Diz ella em tom merencorio;

«Eu ando cheia de mêdo,
10 Padre nosso, padre nosso;
Pois hei-de cahir tão cêdo?

«Pelo grande poder vosso,
Livrae-me d'este bruxêdo,
14 Que resistir-lhe não posso!»

21-X-18.

4. Deve considerar-se uma diálise em *muito e*.

6. Impõe-se uma diálise em *Desde ha*.

Dedicatória. O escritor Alfredo Carneiro da Cunha (*1863 †1942) foi diretor da *Revista Nova* (onde Penha também publicou) e mais tarde do *Diario de Noticias*.

1. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

2. A propósito desta expressão, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

376

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 96.]

AS DE AGORA

Eduardo Cabrita, de Cuba

1 – «Olhae que são fugitivas
 Illusões, rosas do outomno,
 E o digo sem falso entôno,
 A vós que sois sensitivas.

«Eu cá, sou das positivas,
 E embora em meu desabôno,
 7 Fazem-me cahir de somno
 As canções dos Almavivas.

«Eu, se algum homem pretenda,
 Pouco me importa macaco;
 11 Que fume e empeste a vivenda,

«Ou que o seu deus seja Baccho;
 13 E quem quizer que me entenda
 O que eu o não quero é fraco.»

18-VIII-18.

Dedicatória. Eduardo Cabrita foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores d' *A Folha*.

8. Alude à serenata do conde de Almaviva, defronte da janela de Rosina, na comédia de Pierre Beaumarchais, *Le Barbier de Séville* (1775), transformada em ópera-bufa por Rossini.

12. Baco era o deus romano do vinho e do delírio orgiástico.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 97.]

O PUNHO DE AJAX

Ao Dr. Abílio Camões

Fui sempre dos que vivem nas estréllas,
No sonho d'esses mundos esplendentes,
3 Mas nas ondas do amor sou dos prudentes,
E jamais naveguei, pandas as velas.

Quantas não tenho visto ideaes donzellas,
Porém que são, na essencia, horriveis entes,
Lindas por fóra, no interior serpentes!
E tu, quem m'ò diria! és uma d'ellas!

Por esta vez, porém, erraste o alvo,
Perderam-se no ar os teus farpões:
Suppozeste-me um crédulo papalvo,

Que ardesse ao fogo accêso das paixões!
Mas de ti me escapei, a são e salvo,
14 Como Daniel, da cova dos leões.

11-X-18.

Título. Alude à tragédia de Sófocles *Ájax Furioso* e à atitude ímpia do herói, que afronta os deuses.

Dedicatória. Abílio Camões era juiz de direito, na comarca de Baião.

14. Remete para o episódio bíblico em que Daniel sai ileso do fosso dos leões, onde fora lançado, ao desrespeitar a proibição do rei Dario (Dn. 6: 20-23)

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 7.

378

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 98.]

CLEÓPATRA

1 Cleópatra, a mulher de toda a gente,
 2 Essa rainha, d'um furor insano,
 Tinha por Marco Antonio, um deus romano,
 Um quasi amor de virgem, doudo, ingente.

5 Mas elle, pela fama incongruente,
 De que a bella gozava, deshumano,
 7 E suspeito d'um futuro engano,
 Só tarde lhe acceitou a chamma ardente.

Ella então, n'esse dia, rôto o cinto,
 10 Exclamou, com a voz entrecortada,
 Nas alfombras do lúbrico recinto:

«Um banho, um banho d'agua perfumada!
 13 Oh! como sou feliz! toda me sinto
 Voluptuosamente maculada!»

5-VIII-18.

Título. Refere-se à rainha do Egito, Cleopátra Philopátor (*70 a.C. †30 a.C.), a sedutora amante do cônsul romano Júlio César e, mais tarde, do triunviro Marco António, com quem teve vários filhos.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 2 e 7.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 99.]

CRYSÁLIDA

- Ainda ha pouco tempo era educanda
No collegio das Filhas de Maria;
3 Só as «Horas Mariannas» então lia,
4 E uma vida passava inerte e branda.
- 5 Mas como já de saias longas anda,
6 Estuda-se ao espelho, noite e dia,
E fazendo o que então nunca fazia,
Passa horas e horas á varanda.
- Á moda sempre, com esmero e asseio,
Já agora não traz os olhos baixos,
11 E até, sem algodões, lhe avulta o seio.
- Loiro o cabelo, penteado em cachos,
13 Quando, com sua mãe, anda em passeio,
Vai com seus olhos percorrendo os machos.
- 25-XII-18.

2. As Filhas de Maria Auxiliadora formam uma congregação religiosa; são também conhecidas como *irmãs salesianas*.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 9, 12 e 14.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 100.]

UMA VIDA COMO TANTAS

Ao Visconde de Castellões.

- «Não sei, e parto-me embora,
O que vim fazer aqui:
- 3 Vim á luz, mamei, comi
Como um urso que devora.
- 5 «Todo o vasto mundo em fóra,
Namorando percorri;
- 7 Sempre alegre, muito ri;
Tudo, emfim, que se evapora.
- 9 «Já vejo a Negra nos ares,
10 Talvez só viva um segundo;
Que phrase, das não vulgares,
- 12 «Direi, meu sabio profundo,
Ao deixar meus pobres lares?»
– «Vou-me... e nada perde o mundo.»

21-X-18.

Dedicatória. Trata-se do engenheiro e poeta Álvaro de Castro Araújo Cardoso Pereira Ferraz (*1859 †1953), que foi terceiro Visconde de Castellões e proprietário de um solar naquela freguesia famalicense.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

381

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 101.]

CHORANDO

- 1 «Oh! como é vã e fugaz
- 2 Uma ideia de venturas!
- 3 Depois das minhas loucuras
- 4 Uns dias sonhei de paz.

Não te julgava capaz
De te rir das próprias juras!
Tu, a mais vil das impuras,
8 Dentro em breve o pagarás.

- 9 O poeta morreu; chorai-o!
- Para mim o sol é posto,
- 11 E, de rir, quasi desmaio!

- 12 Eu, a rir com tal desgosto!
- 13 Assim ri o papagaio,
- 14 Melancólico no rôsto!

23-VII-18.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 102.]

DESABAFO

A Anthero de Figueiredo.

Tomei um calix de hortelã-pimenta,
 E não fiquei melhor; pelo contrario,
 3 Fiquei de mau humor, incerto e vario,
 4 E esse estado, o que segue o fundamenta:

Faz-me chorar o ver como nojenta
 A turba apóda o artista de lunario!
 Vive o poeta n'um mundo imaginario,
 8 E neste tudo o enerva e descontenta.

Eu indo sobre o Pégaso cavalgo,
 E a essa turba digo, a fronte erecta:
 «Vae-te, foge de mim a pés de galgo!

12 «É chato, muito chato além da meta,
 13 O palerma burguez ou filho d'algo,
 14 Que chama ao poeta, por desprezo, poeta!»

27-VII-18.

Dedicatória. Embora não pertencesse à mesma geração de Penha, Antero de Figueiredo (*1866 †1953) foi o seu amigo mais fiel no mundo das letras.

9. Pégaso é o cavalo alado cujo coice, segundo o mito grego, fez brotar no monte Hélicon a fonte inspiradora de Hipocrene. Por esse motivo, está associado à elevação poética.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1 e 14.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 103.]

CONDEMNADO

A Accacio Rosa.

- 1 Para tudo, linda Rosa,
Olhas da tua janella;
3 Para a zingara assaz bella,
4 Que gira em danças vistosa;
- 5 Para a chuva estrepitosa,
Que se resolve em procella;
7 Para qualquer bagatela,
8 Para uma velha andrajosa;
- 9 Para a pomba que esvoáça;
Para os gestos do arlequim,
11 Que trabalha além na praça;

Para tudo, tudo, emfim,
Até para um cão que passa!
Só não olhas para mim.

23-VII-18.

Dedicatória. O jornalista Accacio Rosa foi redator do jornal aveirense *Vitalidade*, onde João Penha viu alguns textos publicados.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 105-107.]

DIÁLOGO DAS INUPTAS

A Julio Dantas.

- Umás bellas raparigas,
 Em secreto ajuntamento,
 Em descanso de fadigas,
 4 Palram entre si, amigas,
 Sobre o amor e o casamento.
- Disse Aida, bella morena:
 «Ha n'èsta vida prazeres,
 8 Mas a somma é bem pequena,
 E casar não vale a pena,
 Se o marido é sem haveres.»
- 11 «Eu, para mim, disse Cleta,
 12 Lirio de ethereos jardins,
 Não quero senão um poeta,
 Que traga a bolsa repleta
 De reluzentos sequins.»
- 16 Disse a loira Cyntia: «Eu cá
 17 Prescindo de madrigaes:
 E casava já e já,
 19 Com um, como diz papá,
 Que tivesse cabedaes.»

Dedicatória. O poeta neorromântico Júlio Dantas (*1876 †1962) foi um dos escritores da nova geração que mantiveram relações cordiais com João Penha.

15. Cequim é uma antiga moeda de ouro, usada em Veneza até meados do século XVI.

- 21 Lésbia, a do rosto fagueiro:
 22 «Eu pobre? antes não casada,
 23 Antes viver n'um mosteiro;
 24 N'este mundo, sem dinheiro
 25 Que póde fazer-se? – nada.»
- «Todas vós tendes razão,
 27 Disse Aida, mas não vos gabo;
 Quero alguém de posição,
 Ministro, conde ou barão,
 Mas seja o que fôr, nababo.»
- 31 «Não concórdo, disse Stella,
 Quero um homem de talento,
 De violetas na lapela,
 De perna elegante e bella,
 E, quanto a bens, opulento.»
- 36 Diz depois a joven Lilia,
 37 Das boas musas alumna,
 «Quero ser mãe de família.
 E por isso, que quizília!
 40 Quero esposo de fortuna.»
- «E sem dotes? falle alguma.»
 A esta voz zombeteira,
 Do animal que ri e fuma,
 44 Foram partindo uma a uma,
 Sendo a fidalga a primeira.

1-VIII-18.

30. Em sentido figurado, *nababo* refere-se a uma pessoa rica e ostentadora.

Este poema é composto por nove quintilhas em redondilha menor, obedecendo ao esquema rimático ABAAB.

385

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 109.]

A UMA DONZELLA

Lydia da Cunha Leão.

- 1 O typo ou fôrma da escripta
Revela, ao certo, a pessôa:
- 3 Assim, vossencia é bonita,
- 4 É nova, elegante e boa.

16-V-18.

Subtítulo. A esta jovem é também dedicado o poema n.º 355.

Esta quadra em redondilha menor obedece ao esquema de rima cruzada.

386

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 111.]

EM COIMBRA

A Eugenio de Castro.

- 1 Elle era estudante; e ella
Uma joven recatada;
- 3 Mas pudôr não vale nada,
Quando a paixão se revela.
- 5 Ao namôro de janella
6 Seguiu-se o outro: o da escada,
E o tal melro deu entrada
No domicilio da bella.
- 9 – «Tu és, disse elle, galante,
Mas vou partir sem demora,
Que a minha casa é distante.»
- «Como! já te vaes embora!»
– «Um amor d’um estudante,
Não dura mais que uma hora.»

18-VIII-18.

Dedicatória. Apesar de alguma animosidade reservada aos simbolistas, João Penha manteve relações cordiais com o poeta Eugénio de Castro (*1869 †1944).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

387

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 112.]

COMO EVA

*Ao Dr. Antonio Augusto Pacheco.
Açores.*

- 1 Era nova e gentil, mulher hodierna em tudo;
 2 Amava o amor profano; o outro com bafio;
 3 Era, porém, leal, e era de seu brio
 4 Andar vestida bem, á moda sobretudoo.
- 5 A divina amorosa increpava, a miudo,
 6 Aquelle que ella amava, e achava-o agora frio;
 7 Elle amava-a, porém, mas d'um genio sombrio
 8 Passava horas sem fim, sem dizer nada, mudo.
- 9 – «Acho-te distrahido: outrora, enamorado
 O teu mundo era eu, e agora rara vez
 11 Reparas como estou, se estou ao teu agrado.
- 12 «Diz: como achas melhor: o meu vestido inglez,
 13 Ou este que comprei nos armazens do Chiado?»
 14 – «Acho-os bons; mas prefiro o da tua nudez.»

Dedicatória. O advogado António Augusto Pacheco (*1850 †1894) foi companheiro de João Penha em Coimbra, onde se formou, antes de regressar a S. Miguel (Açores).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Embora prevaleça a receita do alexandrino clássico, os vv. 2, 5, 6, 9 e 14 apresentam uma estrutura dodecassilábica de 6 grave + 5. Sobre este modelo versificatório, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico do n.º 89 e ainda a nota final reproduzida no Arquivo documental do n.º 327.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 113.]

O PRAZER E A DÔR

A Luiz de Andrade – Rio de Janeiro.

- 1 O mundo, o mundo! É d'um encanto infindo.
2 Que pena não terei de o ter deixado!
Para um poeta, embora nunca amado,
4 Não ha mundo melhor, astro mais lindo.
- 5 Qual maçarico, á beira-mar carpindo,
6 Vaes caminhando, em lagrimas banhado;
7 Segues, porém, por um caminho errado,
Esse caminho não vae ter ao Pindo.
- 9 Pede ao vinho do Porto que te ajude,
10 Que teus versos são frouxos, por doentes;
11 Desfaz-te da nevrose que te illude;
- Deixa o triste violão dos descontentes:
Aos vinte annos, em plena juventude,
14 Só uma dôr existe: a dôr de dentes.

Dedicatória. O escritor luso-brasileiro Luís de Andrade (*1849 †1912) foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores d' *A Folha*.

8. O Pindo é uma cadeia montanhosa grega que separa o Epiro da Tessália, e onde algumas fontes clássicas situavam a morada de Apolo (deus da poesia) e suas Musas.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 5, 7 e 8.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 114.]

LAMARTINIANOS

A Eduardo Cabrita, de Cuba.

Vou chorar, para dar gôsto
 2 Aos que me accuzam de frio,
 3 O pranto corre-me em fio,
 4 Como um choveiro d'agosto.

Para mim o sol é pôsto,
 E ouço, triste e sombrio,
 7 D'um môcho o funéreo pio.
 Sinistro como o seu rôsto.

A bella canção divina
 10 Que em mim ouvia sonhando
 Vae-se perdendo em surdina.

12 Porém, bêbo, cômoo, e ando;
 E eis aqui, turba asinina,
 14 O que eu te digo, chorando.

17-IX-18.

Subtítulo. Refere-se ao poeta romântico Alphonse de Lamartine (*1790 †1869) e ao tom lacrimoso que percorre muitas das suas poesias.

Dedicatória. Eduardo Cabrita foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos colaboradores d' *A Folha*.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Rosario Espiritual

390

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 117.]

O ESPIRRO

- 1 Um dia o Padre Eterno, inspeccionando
A Terra fria, com S. Pedro atraz,
- 3 Espirrou, e que espirro formidando!
- 4 «Dominus tecum» disse Satanaz,
Constipado, Ancião, tambem eu ando.

4. Esta expressão latina é tradicionalmente proferida como saudação à pessoa que espirra. Trad.: “O Senhor seja contigo” ou, numa tradução livre, “Deus te salve”.

Esta quintilha obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.

391

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 118.]

ILLACRYMAVEL

- 1 – «Como é tristonho o meu fado!
Vou deixar-te, D. João!
Como vaes ser desgraçado!
- 4 Chora, chora!» – Oh! isso não.

2. Atente-se na referência ao mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 119.]

IN ILLO TEMPORE

Eu chamava-lhe Julietta,
 2 Gorgeando de Romeu,
 3 Ou Marília, e então Dirceo,
 Fiz da cithara trombeta.

Essa paixão de opereta
 Por longo tempo viveu;
 Agora, porém, morreu,
 8 Tombou de lado a ampulheta,

Que essa musa angelical
 Namorou-se d'um basbaque
 11 Que lhe fez um madrigal!

Tive mêdo d'um ataque,
 Mas ri-me, que o meu rival
 Era um poeta d'almanach!

Título. Esta expressão latina, frequentemente usada na bíblia, remete para um tempo passado. Trad.: “Naquele tempo”.

1-2. Refere-se aos protagonistas da tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (1597).

3. Refere-se ao par amoroso do poema de Tomás António Gonzaga, *Marília de Dirceo* (1792).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 121.]

O QUE AS MOVE

- Ella, toda requébros e sorrisos,
2 Tal como o cão do «Fausto» me anda á róda,
3 Porquê? Porque lhe são muito precisos
4 Alguns sequins para um chapéu á moda.

2. Refere-se ao cão preto que figura no *Fausto*, de Goethe (III, 3).

4. Cequim é uma antiga moeda de ouro, usada em Veneza até meados do século XVI.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 4.

394

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 122.]

O REMEDIO

- 1 – «Tu que vendes?» de cima, da janella,
 2 Pergunta a mais romantica das rôlas
 A certo vendilhão, vendo-o passar.
 4 O homem, debaixo, diz: «vendo cebolas,
 5 Senhora, e nada mais posso vender-vos.»
 – «Então sobe depressa, diz a bella,
 Porque a cebola, em crú, nos faz chorar,
 8 O que, como é sabido, acalma os nervos.»

2-VII-18.

Este madrigal obedece ao esquema rimático ABCBDACD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 123.]

AS CARNES

Ao Dr. Alves de Moraes.

Sei qual a vida dos vivos,
Mas ignoro a dos defuntos,
Por isso, adoro os presuntos,
Ideaes, mas positivos.

5 Uns lindos olhos lascivos
6 São para mim os transumptos,
7 Os poeticos assumptos
De meus versos transitivos.

Mesmo sem vinho, sem lastros,
Tem para mim seus encantos
11 A contemplação dos astros:

Lá vivem talvez os santos,
Mas eu adoro, de rastros,
As santas de cá... sem mantos.

20-VI-18.

Dedicatória. Manuel José Alves de Moraes (*1845) foi companheiro de João Penha em Coimbra e colaborador assíduo em vários periódicos da altura.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

396

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 125.]

A PREFERENCIA

- 1 Toda a dama dos salões,
Toda a mulher elegante,
Deve ter dous corações:
4 O d'ella e o de seu amante.
- 5 Tens o meu, anjo celeste;
O teu, pelo qual eu grito.
7 Não me pertence, que o deste
8 Ao teu maltez favorito!

6-VII-18.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

4. Deve considerar-se uma sinalefa em *d'ella e o*.

397

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 126.]

FILIAÇÃO

- 1 – «Um quadro natural, rustico e bello!
N'esse burrinho como linda vae!
- 3 Melhor, porém, iria n'um murselo.»
- 4 – «Eu só monto no burro de meu pai.»

6-V-18.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.

398

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 127.]

PARA UM ALBUM

- 1 – «Para o meu album novo é-me preciso
- 2 Um poema qualquer, em versos teus.»
– «Ahi te vae, amigo; é de improviso:
«Muito palerma cria o pão de Deus!»

7-VII-18.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 128.]

PARA OUTRO ALBUM

- 1 – Sabes muito de drogas de familia:
- 2 Ando mal, e receio-me defunto.
- 3 – No Bom Jesus, sob uma espêssa tilia,
- 4 De vinho uma cabaça, e bom presunto.

7-VII-18.

3. Refere-se ao santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 3.

400

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 129.]

PARA OUTRO ALBUM

- 1 – «Dize-me, caro poeta, o que é aquillo
Que tu mais amas.» – Não é longo o rol,
- 3 E nem é cousa de guardar sigillo:
- 4 Um bom paio, um jumento, e um guarda-sol.

7-VII-18.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Os vv. 1 e 4 são decassílabos heroicos e os restantes sáficos.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 130.]

AS DIFFERENÇAS

Entre o homem e o saguy
2 Ha bastante semelhança;
3 Mas sobre isto, eis o que eu li:
4 «O primeiro fuma e dança
E se chora, também ri.
6 Quanto ao macaco, e em summa,
7 Esse não dança, nem fuma,
8 E nem ao menos sorri.»

1-IX-18.

1. Sagui é uma espécie de macacos de pequeno porte.

Este poema é composto em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

402

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 131.]

ELLA E ELLE

- «Puzeste-me, bregeiro, em bom estado,
2 E desadoro de bebés o cantico:
3 Manda droga» – Isso não, será creado.
– «O diabo sahiu-se-me romantico!»

7-VII-18.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 2.
3. Deve considerar-se uma sinalefa em *droga*» – *Isso*.

403

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 132.]

O DIABO DEPOIS DE VELHO

- 1 – Estás rezando o terço, tu que amei?
- 2 – Pelos fieis defuntos, conta a conta.
- 3 – Pelos teus namorados, oh! bem sei:
- 4 Mas elles, velha amiga, não têm conta.

7-VII-18.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

404

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 133.]

POR COMPRA

- 1 – Tinhas a face bella, agora é feia:
- 2 É findo o teu poder sobre a mulher.
- 3 – «Que simplorio! quem tem a bolsa cheia,
Tem sempre, como eu tenho, as que quizer.»

7-VII-18.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 134.]

PERGUNTA E RESPOSTA

- 1 «Escreves-me uma quadra, em que não mofes
N'esse meu novo album, que remetto?»
- 3 – «Pois sim, mas vales mais que umas estrophes:
- 4 Vales todo um poema: um bom soneto.»

8-VII-18.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

406

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 135.]

O CASAMENTO

- 1 «Não caso, nem me apodem de casmurro:
 2 Não se casa no mundo quem bem quer:
 Eu, se nem posso sustentar um burro,
 Como sustentaria uma mulher?
- De mais, um casamento, até feliz,
- 6 Tem muitas cousas más, contras diversos.
 7 Não digo quaes, mas Santo Ambrosio o diz,
 8 E quanto a amor... isso é bom thema em versos.»

9-VII-18.

7. Em vários escritos, Santo Ambrósio referia-se ao casamento como um fardo mortificante, contrapondo à escravidão conjugal as virtudes do celibato (*De Virginibus*, I, 4; *Letters*, XLII).

Este poema é constituído por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 7 e 8.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 136.]

AS VERGONHAS

- 1 – Velha musa, eu estranho essas maneiras:
- 2 Tu estás, grande bebedeira, pejada!
- 3 – Estou sim, me disse ella envergonhada,
- 4 De tuas sensaboricas asneiras!

- 5 – Pois então, vindo á luz, fecha esses labios,
- 6 Não digas que sou eu o seu papá
- 7 Senão vou para o numero dos sabios
- 8 Com elogio, rendas e alvará!

10-VII-18.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

408

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 137.]

A MELHOR RECEITA

- «Não andas bom, bem se vê.»
– «Sim, mas que devo eu tomar?»
3 És doutor, dize-me o quê?
4 Irei aos banhos do mar?
5 Aguas? Gerez ou Curia?»
– «Toma paio e malvasia.»

13-VII-18.

5. Refere-se a duas das mais antigas termas portuguesas.

6. Malvasia é uma casta de uvas brancas usada na produção de vinhos licorosos.

Este poema é composto em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABABCC.

409

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 138.]

MÁ LINGUA

Elle era um comilão, muito notado
2 Por andar quasi sempre de casaca,
3 Vendo-o um dia com a esposa ao lado:
4 – Bem! anda agora a passear a vacca!

15-VII-18.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. São os vv. 1 e 2 decassílabos heroicos e os restantes sáficos.

410

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 139.]

MADRIGAL

- 1 – «Tu és Rosa, não me engano?»
- 2 – «Não, o meu nome é assim.»
- 3 – «Lá me parecia a mim:
És rosa de todo o anno.»

16-VII-18.

Esta quadra é composta em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABBA.

411

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 140.]

PARA A JANELLA

- 1 – «Bella pescadeira á linha,
- 2 Bem entendo o teu cuidado:
- 3 Lança-me a isca daninha,
- 4 Que morro por ser pescado.»

Esta quadra é composta em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

412

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 141.]

DEVOTA

- 1 Tão nova, passas a vida
 2 A murmurar padre-nossos!
 3 É que é verdade sabida
 4 Que não ha carne, sem ossos.
- 5 Mas ouve, de ouvido atento,
 6 Embora te descontente:
 7 Vale mais um do que um cento,
 Resado sinceramente.
- Disse um anjo ao Padre Eterno:
 10 – «Que diz d'aquella senhora,
 A rezar continuamente?»
- 12 Respondeu, com voz clemente:
 13 – «É com receio do inferno;
 14 Mas, emfim, é maçadora.»

21-VII-18

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema ABAB/CDCD/EFD/DEF.

413

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 143.]

MADAME DE SÉVIGNÉ
(Historico)

- 1 Depois da reluctancia d'um momento,
- 2 Resignada, accedeu essa madama
A dar a bella filha em casamento,
- 4 E de que isto dissera, corre fama:
- 5 «Dar-lhe a filha, de tantas sympathias,
- 6 E dar-lhe, ainda mais tanto dinheiro!»
- 7 Mas depois, e n'um tom já galhefeiro:
- 8 «É verdade que é... todos os dias.»

17-VIII-18.

Título. Refere-se à escritora francesa Marie de Rabutin-Chantal (*1626 †1696), Marquesa de Sévigné, que entrou para a história da literatura francesa, graças à correspondência que manteve com a filha, Françoise-Marguerite, após o casamento desta, em 1669, com o Conde de Grignan, François Adhémar de Monteil. Leia-se ainda, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico) do poema 462, a nota que o autor fez publicar nas *Últimas Rimas*.

Esta oitava obedece ao esquema rimático ABABCDDC. Todos os versos são decassílabos heroicos.

414

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 144.]

JUDAS

Brutus fulano de tal,
 Dos aváros o primeiro,
 Pouco menos que animal,
 Sem consciencia, e sem estudos,
 Mas que lia em horas d'ocio,
 6 Nunca de noite, de dia,
 7 Lendo o episodio de Judas,
 Perguntou quanto valia
 9 Naquelle tempo um dinheiro!
 10 Disse-lhe alguém: «dous escudos.»
 11 Caspité! exclamou, que socio!
 Boa somma para ajudas!
 13 Fez emfim bem bom negocio!

1. O cognome romano Brutus está intimamente ligado ao sema da traição, desde o assassinato de César, em 45 a.C..

7. Refere-se a Judas Iscariotes, um dos doze apóstolos de Cristo, que, segundo os Evangelhos, entregou Jesus aos líderes judaicos por 30 dinheiros (ou moedas de prata) – Mt. 26: 15.

11. Esta interjeição latina exprime admiração ou aprovação. Trad.: “Bravo!”

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABACDEFEBCDFD.

415

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 145.]

HARPAGON, PAI

– «Venho dar-lhe horrível nova,
E é bem triste que lhe fallo:
Seu bom filho, o bacharel,
Cahiu, andando a cavallo,
5 Cahiu em profunda cova,
E apesar de auxílios promptos,
Ninguém pôde reanimal-o!»
– «Oh! que notícia cruel!
Foi-me sempre a sorte esquerda!
Não sei se é peor o abalo,
Se a grandeza de tal pêrda!
Lá se me foram dous contos,
Que eu despendi a formal-o!»

13-X-18.

Título. Alude-se ao avarento usurário da comédia satírica *L'Avare* (1668), de Molière.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCBADBCEBEDB.

416

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 146.]

ME JUDICE

- 1 «Vês aquelles bois jungidos,
- 2 Caminhando a passo lento,
Em silencio e entristecidos?
- 4 Pois é isso o casamento.»

11-VIII-18.

Título. Trad. da expressão latina: “Em meu juízo”.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

417

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 147.]

MADRIGAL ANTIGO

- 1 Onde o céu? Nem sciencia ou arte,
- 2 Nem os códices da Igreja
- 3 Nos dizem onde elle seja;
- 4 Digo-o eu: em toda a parte
- 5 Onde a branca Lydia esteja.

Este poema é composto por uma quintilha em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático abba.

418

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 148.]

TALVEZ NÃO

- 1 Para nós, o amor é sol
- 2 Que nos abraza os sentidos:
Para as mulheres o anzol
Com que se pescam maridos.

14-VIII-18.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 149.]

BURGUEZ ENAMORADO

- 1 – Que fazes tu, costureira,
- 2 O lindo busto curvado,
- 3 A coser assim ligeira?
- 4 Teu vestido de noivado?

- 5 – Não, senhor; uma camisa,
- 6 Para o dono d'esta casa:
- 7 Namorado, é d'esta guiza,
- 8 Que me anda a arrastar a aza.

21-VII-18.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

420

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 150.]

EPITAPHIO

- 1 Aqui um fôna jaz, na vida um santo:
- 2 Morreu, não como dizem, d'um torresmo;
- 3 Morreu, causando ao mundo assombro e espanto,
- 4 A vomitar de nojo de si mesmo.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

421

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 151.]

O TÉDIO

Nada no mundo se alcança
Que o tédio em pouco não mate:
A mais ardente amorança
Morre no ardor do combate!

Ouve: o amor, quem tal diria?
6 É para velhos e novos,
Uma cousa que enfastia:
8 Um paio frito com ovos.

Este poema é composto por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

422

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 152.]

MADRIGAL

- 1 Chamei a musa, dormita,
- 2 E até me falta a grammatica:
- 3 Para quê? Cousa exquisita!
- 4 Para dizer que és sympatica.

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

423

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 153.]

JUDICES LOVES

– Que dizes d'essas gentes?
– «Falla tu, que és profundo.»
– «Somos bons e valentes,
Suppoem-nos idiotas,
E são umas serpentes!
São a ralé do mundo,
São maus e são patifes;
Fazem de nós seu fundo:
De nossas pelles, botas:
De nossos córnos, pentes,
De nossas carnes, bifés!»

6-VIII-18.

Título. Esta expressão é enigmática. O primeiro termo deverá ser do Latim (“juízes”).

Este poema é composto em hexassílabos, obedecendo ao esquema rimático ABACABDBCAD.

424

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 154.]

UNICO MESTRE

- 1 – Responde-me, caro amigo:
Quem é que te fez poeta,
Em versos um quasi estheta?
4 Virgílio? um genio antigo?
5 Camões, ou outro moderno?
6 – Amen, amen, eu te digo:
7 Foi o Verbo, o Padre Eterno.

11-VIII-18.

Este madrigal é composto em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABBACAC.

Ao fogão

425

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 157.]

O ATAQUE E A DEFESA

A Alberto Pimentel.

– «Não fallas senão em ti!
Ora diz: que importa ao mundo
Que sejas triste ou jocundo,
Bella figura ou saguy?

5 «Outro assim eu nunca vi!
6 E n'isto que eu ouço abundo:
Que a tua obra, no fundo,
8 Não vale um maravedi.»

9 – «Com o que dizes engraço,
10 E os teus reparos, antigos,
11 Porque os ouço a cada passo,

12 «Valem conselhos de amigos,
13 Mas dou os versos, que faço,
Como a figueira dá figos.»

Dedicatória. O escritor portuense Alberto Augusto de Almeida Pimentel (*1849 †1925) manteve relações cordiais com João Penha, publicando mesmo um opúsculo sobre o poeta, em 1893.

4. Saguy é uma espécie de macacos de pequeno porte.

8. Maravedi é uma antiga moeda de ouro, usada na Península Ibérica, durante a Reconquista Cristã.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 158.]

PESSIMISMO

A Albino Forjaz de Sampaio.

- Oh Musa antiga de paio,
 2 E de outras cousas á lista,
 3 Não descomponhas o artista,
 Nem o olhes de soslaio.

Mas, nem sempre papagaio,
 Ou gallo e rubra crista:
 Estou hoje pessimista,
 Estou Forjaz de Sampaio.

- Ouvi-me a voz de Stentor:
 10 «Fugi, sobretudo, á carga
 11 Do casamento e do amor.
- 12 «Até isso nos amarga!
 O que é bom vae-se a vapor,
 14 O que é mau, jámais nos larga!»

13-VII-18.

Dedicatória. O escritor Albino Maria Pereira Forjaz de Sampaio (*1884 †1949) era conhecido pela veemência das suas críticas sociais. Manteve relações amistosas com João Penha, sendo mesmo responsável pela edição do livro póstumo *O Canto do Cysne* (1923).

9. Na *Iliada*, de Homero, Estentor era um herói do Cerco de Troia, cuja voz potente igualava a de cinquenta homens gritando em unísono.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

427

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 159.]

REPLICA

Ao Dr. João de Barros

- Face a face, depois d'um bom repasto,
 2 Cotovéllos na mesa, onde ainda havia
 Numas taças o loiro malvazia,
 Noutras o verde, salutar, de Basto,
- Um, grande poeta, inteiramente gasto,
 De longa barba, e calva lusidia,
 Ao outro, astro menor, assim dizia,
 Em conclusão final d'um thêma vasto:
- 9 – «Ao que te digo não me impelle a inveja,
 10 Serpe de mordeduras venenosas
 Reptil que em maus espiritos rasteja:
- 12 «Em teus versos, e mesmo até nas prosas,
 13 Nada de útil se lê, que grave seja!»
 14 – «Util é o nabo, inuteis, são as rosas.»

Dedicatória. Embora na juventude João de Barros tenha protagonizado uma violenta afronta a João Penha (vd. Arquivo documental II do n.º 740), o poeta acabaria por tornar-se genro de Teixeira de Queirós, e por esses laços de amizade, foi ele quem contratou a publicação do livro *Excavações Litterarias*. A este propósito, vd. a descrição do testemunho A, no Aparato Crítico do poema n.º 333.

2-3. Refere-se a dois reputados vinhos portugueses: o licoroso Malvasia e o Vinho Verde de mesa (produzido nas Terras de Basto).

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4, 5 e 9.

428

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 161.]

VAIDADE

- És um poeta bufão,
2 Disse-me um vate sandeu.
3 – Sim! mas sois a legião,
4 Emquanto que eu... sou eu...

5-VIII-18

Este poema é composto por uma quadra em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

429

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 162.]

IRREVERENCIA

Quando a vasta sciencia humana
 Discute a Causa Primeira,
 E abre a bôca, não me engana:
 Entra mosca ou sahe asneira.

Esta, alegre a quem é triste:
 Quando, depois d'uma pausa,
 Diz solemne: «Quanto existe
 É puro effeito sem causa».

9 Sim; porém, tu és, Sciencia,
 10 Como a bota que talvez
 Negasse, um dia, a existencia
 Do sapateiro que a fez!

14-V-18.

2. Alude a uma das questões mais debatidas por filósofos, teólogos e cientistas de todos os tempos: a causa primordial, que esteve na origem do Universo.

Este poema é composto por três quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

430

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 163.]

ALTERI TEMPI

- 1 Foi um janota, agora usa da bécca:
- 2 É macambuzio, outrora folgazão.
- 3 Novo, o seu instrumento, era a rabeca,
Agora, na velhice, o rabecão.

15-VII-19.

Título. Trad. da expressão latina: “Outros tempos”.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

431

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 164.]

EM MINHA DEFEZA

- 1 Oh multidão de criticos de praça!
- 2 Lembrai-vos da verdade que vos cito:
Esta: não ha ninguem que não se faça
- 4 Incontestavel centro do Infinito.

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 165.]

A APPLICAÇÃO

- 1 É certo. Como em Képler se acha escripto
- 2 Astronomo allemão que vou citar-te
- 3 Porque d'aquillo que affirmei te riste
- 4 Esse tal Infinito é vaga esphera,

- 5 Cuja circumferencia não existe,
- 6 Mas cujo centro está em toda a parte.
- 7 Se esta cousa não passa de chimera,
- 8 Meu centro é o proprio centro do Infinito!

12-VII-18.

1. Refere-se ao astrónomo alemão Johannes Keppler (*1571 †1630), conhecido por formular as leis fundamentais da mecânica celeste.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo ao esquema rimático ABCDCBDA. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 3.

8. Por imperativos métricos, impõe-se uma sinalefa em *centro é o*.

433

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 166.]

BOM CONSELHO

Se não tens um pensamento,
Ou uma idea qualquer,
Não gastes um só momento,
Mau poeta, a fazer versos:
5 Os fados te são adversos,
E nem a musa te quer.

7 Emprega em outros negocios
Algum tempo que te sóbre,
9 Tuas noites, os teus ócios:
10 Vate, de espirito pobre,
11 Se cantas, canta aos beocios.

13-VII-18.

434

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 167.]

A RESPOSTA DO VELHO

- 1 – Tu, Gérôme, nessa idade
Inda esculpes moças nuas!
3 – Engole essa needade,
4 Tu, quanto a arte, jejuas.

16-VIII-18.

1. Refere-se ao escultor e pintor francês Jean-Léon Gérôme (*1824 †1904), especialmente às suas obras tardias.

Esta quadra em redondilha maior obedece a um esquema de rima cruzada.

435

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 169.]

TRISTE CONSOLAÇÃO

Ao Dr. Guilherme Cunha Reis

A que atroz decadencia, João Tenorio,
 (Eu não tomo este nome por vaidade,
 Mas porque o meu, já grande por metade,
 Fôra, em verso, peor que o de Gregorio)

A que atroz decadencia, isto é notorio,
 Tu chegaste, alquebrado pela idade!
 Tão alegre e gentil na mocidade,
 O nariz já te pende, merencorio!

- 9 A taça do falerno e da cerveja,
 10 Que te rejubilava, é d'agua fria;
 11 O bom paio morreu, e jaz na igreja,
 12 No sepulcro, onde jaz tua alegria;
 E quem sabe! talvez cause inveja
 A quem ri, a quem bebe malvasia!

6-VII-18.

Dedicatória. Guilherme de Abreu Bacelar da Cunha Reis (*1864 †1938) era membro de uma importante família bracarense.

1. Alude ao protagonista de José Zorrilla, o protótipo do sedutor libertino, numa das principais materializações literárias do mito de D. Juan.

9. Refere-se ao vinho, de origens antigas, que era produzido na região italiana de Falerno.

14. Malvasia é um vinho licoroso, produzido a partir daquela casta.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCC. Todos os versos são decassílabos heroicos.

13. Deve considerar-se uma diálise em *cause inveja*.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 171.]

CONSEQUENCIAS DA GUERRA

Ai! quem ainda ha pouco m'o diria!
2 Em grande risco estou de dar á costa,
3 Pois que o que vou ganhando, dia a dia,
Mal chega para o bife, o chá e a tosta!

E já prevejo o transe lastimoso,
6 Se não me fulminar ou bomba, ou gótha,
7 Eu, outrora, tão nedio, e tão mimoso,
De beber agua, e de comer bolota!

7-VII-18.

Este poema é composto por duas quadras, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 8.

437

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 172.]

BILHETE

- 1 «Podes vir, sem o minimo temor,
Podes vir dar-me o fraternal abraço,
Que eu não recito a alguém, seja quem fôr,
4 Quaesquer dos versos, modorraes, que faço.»

8-VII-18.

Esta quadra obedece ao esquema de rima cruzada. Os versos 1 e 3 são decassílabos heroicos e os restantes sáficos.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 173.]

NO S. JOÃO

*A meus primos D. Virginia S. Romão,
e dr. José Machado*

- 1 Vi passar o rei David,
2 Vi passar a mocidade.
Invadiu-me uma saudade,
4 E chorei como uma vide.
- 5 Anda tudo em grande lide;
6 São as festas da cidade,
Mas a mim, que vivo frade,
Mais a tristeza me agride.
- 9 Vão-me tocando o epicedio,
10 Que por mais que gêma e chore,
11 Este mal não tem remedio.
- Só tu, talvez, se te implore,
13 Oh Silêno, antigo e nédio,
14 Me darás, com que o minore!

24-VI-18.

Dedicatória. Refere-se a uma das primas maternas de João Penha, Maria Virgínia de São Romão (*1850 †1927), e seu marido, José de Sousa Machado da Maia e Vasconcelos de Abreu e Lima (*1860 †1934), que cursou Direito e foi secretário da Câmara Municipal de Braga.

1. De acordo com a tradição bíblica, o rei de Israel foi ungido em plena juventude, aos 28 anos.

13. Nos mitos gregos, Sileno era identificado como tutor de Dioniso (o deus do vinho). Nas representações clássicas, surge quase sempre ébrio, estando por isso amparado por sátiros.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

439

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 174.]

MAU HUMOR

A Guedes de Oliveira

Dei agora, coitado, em noitibó,
 2 Em caturra senil e resmungão;
 3 É que meus annos a galope vão
 Pelo caminho que nos leva ao pó.

Sem a paciencia do lendario Job,
 A todos mostro os dentes, como um cão,
 E em vez de alegre e rútila canção,
 Só faço d'isto, que me causa dó:

9 «Agora, tudo é prosa, tudo é triste;
 10 A vida é como estólido entremez,
 11 Que não varia, sem canções, sem chiste;

12 O deus Cupido já morreu de vez:
 13 Jaz sepulto no Olympo, e o deus que existe,
 14 Bifronte, é o salpicão, e o bife inglez.»

3-VII-18.

Dedicatória. Trata-se do escritor e jornalista Henrique António Guedes de Oliveira (*1865 †1932).

5. Refere-se à personagem bíblica, recebendo humildemente todas as desgraças que o atingem.

12. Trata-se do deus romano do Amor.

13. Neste monte, situado nos confins da Tessália, residiam os doze deuses greco-latinos.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 4, 5, 8 e 11, empregando-se ainda o pentâmetro iâmbico no v. 12.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 175.]

DESÂNIMO

Ao primo João San Romão

Como tu, S. João Baptista,
2 Ando a prégar no deserto;
Ninguém me escuta, de certo.
4 Oh! se eu fosse guitarrista!

5 Que tristeza, para o artista,
6 Sempre em lucta em campo aberto,
7 Não ver, nem longe, nem perto,
Quem a seus gestos assista!

Que fazer? Agora é tarde
Para mudar de instrumento,
E seria de cobarde.

Vem-me agora um pensamento:
Cantar forte, e com alarde,
14 Como zurra o meu jumento!

21-VI-18.

Dedicatória. Refere-se ao primo materno do poeta, João Augusto de Oliveira Braga (*1846 †1935), apelido São Romão.

1-2. Alude à pregação de João Batista no deserto da Judeia (Mt. 3: 1-6; Mc. 1: 1-8; Lc. 3: 1-4).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

441

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 176.]

CÁ E LÁ

A Emydio d'Oliveira.

1 Ninguém sabe o seu destino
Quando transponha os umbraes
Dos espaços sideraes.

4 Como, porém, o imagino,

Resurge-se lá menino,
Vae-se de filhos a paes,
E os dias vão indo eguaes,

8 Aos deste mundo supino.

D'aqui a um século já,

10 Quem sabe, caso espantoso,

11 Se ainda alguém me lerá,

Quando no astro radioso,
Para onde d'este me vá,
Esteja velho e gottoso!

16-VII-18.

Dedicatória. Trata-se do jornalista Emídio de Oliveira (*1853), diretor de alguns periódicos que acolheram composições de João Penha.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 177.]

HOC ERAT IN FATIS

*A meus primos D. Maria Candida S. Romão
e esposo Dr. José Maria de Andrade.*

- 1 Tenho saudades de tudo
2 Do que fui e do que vi;
3 Das noites que não dormi,
Até das noites de estudo!
- 5 Não; eu não era sizudo.
6 Oh! meu Deus! como eu não ri
7 Da «Marquesa d’Amaegui»,
8 De Musset, um bom conduto!
- 9 Mas basta! que reconheço
Que se vivi, hoje estou
11 Como virado do avêssio;
- 12 E tristonho como um grou,
Agora não me conheço,
Agora não sei quem sou!

18-VII-18.

Título. Trad. da expressão latina: “Isto estava predestinado”.

Dedicatória. Refere-se a uma das primas mais abastadas de João Penha: Maria Cândida de São Romão (*1880 †1921) e seu marido, o deputado José Maria Posser de Andrade (*1878 †1938).

7-8. Alude ao poema “Landalouse”, de Alfred de Musset (*1810 †1857). A este propósito, vd. no Aparato Crítico a nota explicativa que o autor fez publicar no final do livro.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

443

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 178.]

RINDO

- 1 De ti minh'alma precisa;
As tuas graças esmólo,
- 3 Que vôa, de pólo a pólo,
Teu nome de prophetiza.
- 5 Mais bella que Mónna Lisa,
De branco mármore o collo,
És sim, és filha de Apollo,
Ora musa, ora poetiza.
- 9 Mas escuta, Magalôna:
Tive esta idea, um clarão:
De calça larga e rabona,
- 12 No meu ginete alazão,
Ao bom filho de Latôna,
- 14 Vou pedir-te. Sim ou não?

28-VIII-18.

5. Trata-se do célebre retrato de Leonardo da Vinci: *La Gioconda* (ou Mona Lisa).

7-8. Refere-se às musas apolíneas, responsáveis pela inspiração poética.

9. Alude à heroína de um conhecido livro de cavalarias: *A Historia Verdadeira da Princeza Magalona, Filha del Rey de Napoles, e do Nobre e Valeroso Cavaleiro Pierres, Pedro de Provença*.

13. Apolo, o deus da música e da poesia, era, segundo os mitos clássicos, filho de Zeus e Latona.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 179.]

MOLIÈRE

- 1 Molière, o do «Doente imaginario»,
Era-o elle proprio, assim como eu.
Na comedia era um deus, era um Protheu,
Mas, na vida real, um visionario.
- 5 De anedotas é longo o seu rosario:
6 Esta, que vou contar-vos, succedeu.
7 Certo dia, em que a scisma o ensandeceu,
8 Aterrado, exclamou: «Triste fadario!
- 9 «Talvez o meu trespasso a Deus apraza!
10 Vão chamar o doutor que móra junto,
Que estou a arder em febre, estou em braza.
- «Depressa, que receio-me defunto;
Se, porém, virem que sahiu de casa,
14 Tragam-me uma omelette, de presunto.»
- 7-II-18.

1. Refere-se à última peça de Molière, *Le Malade Imaginaire* (1673).

3. Proteu é uma divindade grega, conhecida também pelo dom da metamorfose.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 13.

2. Deve considerar-se uma diálise em *Era-o*.

445

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 181.]

O BOI E O HOMEM

- 1 Eu perguntei a um boi: «Como te tracta
- 2 O teu d'ôno?» Responde-me sincero:
- 3 «Ando na engórda, a vida mais pacata:
- 4 D'ôno? não há melhor, nem outro quero.

- 5 «É talvez, como os há, um dos bons santos.
- 6 Nem outro existe assim, nem o conheço.»
- 7 Á noite estava morto, como tantos:
- 8 O bom d'ôno o vendera, por bom preço.

20-VII-18.

Este poema é constituído por duas quadras, obedecendo a um esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

446

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 182.]

Á SCHOPENHAUER

- 1 N'esta, a que já cheguei, propecta idade,
- 2 Bem pouco mais se faz do que pensar.
- 3 Hontem foi isto: um pensamento alvar:
- 4 «Para que andamos, sempre, vestidos
Em quanto os outros animaes só nós?
- 6 Para esconder a nossa fealdade:
- 7 Os nossos arcabouços carcomidos,
- 8 Chagas immundas que segregam pús.»

26-VII-18.

Título. Refere-se ao filósofo alemão Arthur Schopenhauer (*1788 †1860), especialmente conhecido pelo seu pessimismo.

Esta oitava obedece ao esquema rimático ABBCDACD. Todos os versos são decassílabos heroicos.

447

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 183.]

BONS CONSELHOS

- 1 O velho doutor Macedo,
D'um fino intellecto dôno,
- 3 Disse-me com leve entôno:
«Vive impavido, sem mêdo;
- «Passeia entre o arvorêdo,
Mas nunca depois do outomno;
Não te deites sem ter somno,
- 8 E sahe do leito bem cêdo;
- 9 «Não te mettas em tramoias,
De noitadas te emancipa,
E de pôdres lambisgoias;
- «Traz-me bem livre essa tripa,
Mas come como as giboias,
E não me fujas á pipa.»

4-VIII-18.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 184.]

SURGE, BESTIA!

- Eramos camaradas desde a escola,
2 Amigos como Orestes e Pylades:
3 Vivíamos alegres como abbades,
Cantando ao som da popular viola.
- 5 Mas o tempo cruel, que tudo assola
6 Com suas incessantes tempestades,
7 Pouco mais nos deixou do que saudades!
8 Mas inda um bom falerno me consola.
- 9 A ti não; já corcunda, triste e lasso;
10 Eras gôrdo e pareces-me um palito!
Eras um bom tenor, agora és basso!
- 12 Surge, bêsta! Estás surdo, mas eu grito:
13 «Cada dia que morre, amigo, é um passo,
14 Para as terríveis sombras do Infinito!»

3-VIII-18.

Título. Também Fr. Bartolomeu dos Mártires mandou inscrever esta expressão latina, à cabeceira da sua cama, no Convento de Viana do Castelo. Trad.: “Levanta-te, animal!”

2. Segundo o mito grego, os primos Orestes e Pílates eram amigos inseparáveis, desde a infância.

8. Falerno é um vinho italiano de origens antigas, que aparece referido na literatura latina.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 4.

12. Deve considerar-se uma sinalefa em *bêsta! Estás*.

449

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 185.]

A LIÇÃO

- 1 – «Não vencerás a batalha;
 2 Sim, compara os meus assumptos,
 Com os teus, que são presuntos,
 4 Ou cousa da mesma igualha.
- 5 «Pensa e faz cousa que valha,
 6 Salta o vulgar a pés juntos,
 7 Não faças versos defuntos,
 8 Ou que nasçam com mortalha.»
- 9 – «Dizes bem! Cantando vaes,
 10 Entre os astros do infinito,
 11 Grandes poemas immortaes.
- 12 «És soberbo: está escripto,
 13 És gigantesco, inda mais
 Que as pyramides do Egypto!»

19-VII-18.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

450

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 186.]

A UM ABSTEMIO

Eu ando, de escudo e lança,
Desde os tempos que lá vão,
3 Em defesa d'um pagão,
4 O bom deus da beberança.

5 Um bom assumpto não cança,
E esse é bello, que mais não,
7 Pois que um homem beberrão
No azul dos sonhos se lança.

Se fui amigo do cacho,
Não me ralhes, por quem és,
11 Pois que a tal respeito eu acho

Que vês tudo de través:
O papel da agua é baixo:
14 Bebe-a o asno, e lava os pés.

19-VII-18.

4. Refere-se a Baco, o deus romano do vinho e do delírio orgiástico.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

451

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 187.]

MACTE ANIMO!

- 1 Teu aspecto não me apraz,
 2 Já não és o de outras eras;
 Teus annos são primaveras,
 4 E nem pareces rapaz.
- 5 Olha que a vida é fugaz,
 Bebe, bebe-lhe devéras.
 7 Tuas penas são chimeras
 8 Que a propria mente desfaz.
- 9 Tu dizes que foi bruxedo;
 Pois ouve-me este conselho:
 11 Canta e ri, perde-lhe o mêdo.
- Não sei se o diz o Evangelho:
 13 Quem é triste morre cêdo,
 14 Quem muito ri morre velho.

26-VII-18.

Título. Trad. da expressão latina: “Ânimo!”, “Coragem!”.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 188-189.]

HORRESCO REFERENS

- Eis aqui um leve extracto
2 Das cousas que mais detesto:
3 E que, mais tarde eu protesto
4 Completar, mais longo e exacto:
- 5 Uma zoina sem recato;
6 Um escripto deshonesto;
Vinho de pasto, no resto;
O miar de qualquer gato;
- 9 Pés e canto de pavões;
10 As pernas das lavadeiras;
11 O ribombo dos trovões;
- Os figos do Algarve, em ceiras;
Longos discursos, sermões;
14 E, acima de tudo, as asneiras.

Título. Trad. da expressão latina: “Tenho horror em dizê-lo”.

Mas, emfim, que importa ao mundo,
 16 Que eu goste, ou não goste d'isto?
 17 Mas, pelas chagas de Christo!
 Eu sou um sáculo sem fundo;

19 Ora triste, ora jocundo
 20 Tudo que vejo o registo,
 21 E d'ahi o estranho mixto
 22 Das ideas em que abundo.

Demais, o que faz um poeta?
 24 De por si só, não faz nada,
 25 Quer illustre, quer pateta.

26 É a musa, sua amada,
 27 Quem, caprichosa, o projecta
 28 Mundo em fóra, de longada.

28-VII-18.

Este poema é composto por dois sonetinhos em redondilha maior, obedecendo ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

453

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 191.]

AOS ARCADES

- 1 O que um critico, rossim,
2 Sem ideas, sem talento,
De meus versos inimigo,
Vocifera contra mim,
Tanto me importa, vos digo,
Como o que zurra um jumento.
- 7 E do critico severo,
Que no meu tugurio pousa,
Como em tudo sou sincero,
Eu vos digo a mesma cousa.

18-VII-18.

Este poema é composto por uma sextilha e uma quadra em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABCACB DEDE.

454

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 193.]

A UM CENSOR

1 – «Usas palavras communs,
2 Que não vem nos dictionarios,
São constantes os zum-zums,
4 Tudo serve aos teus contrarios.»

– «Bom! deixa zurrar quem zurra,
E diz aos taes, de que fallas,
Que eu, como sabio caturra,
Até podia invental-as.»

19-VII-18.

Este poema é constituído por duas quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 195.]

REPISANDO

- 1 Tu és, como dizia o bom Filinto,
Um mau taréco, sempre resmungão.
Como um de quinta furibundo cão,
4 Me ladras, mas teus dentes não nos sinto.
- 5 Eu n'isto que te exponho não te minto;
6 Mas quem sabe? talvez tenhas razão:
7 Pois não ha quem prefere o carrascão
8 Ao delicado môsto de Corinto?
- 9 Eu, trabalhando, impávido prosigo
Sem me preocupar d'outras idéas
11 Senão das minhas, bem sincero o digo.
- 12 As tuas obras vêm de raios cheias
Contra meus versos; mas escuta, amigo:
14 Não gostas? pois faz isto: não os leias.

30-VII-18.

1-2. Refere-se ao poeta Filinto Elísio – nome arcádico de Francisco Manuel do Nascimento (*1734 †1819) – especialmente à carta dirigida a Francisco José Maria de Brito, em 6 de junho de 1790.

8. Alude à célebre casta de vinhos, produzida na cidade grega de Corinto.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 11 e 13.

456

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 196.]

CONTROVERSIA

- 1 Corre tudo desconexo,
 2 Ou contrario ao que era outrora,
 E basta dizer: agora
 Somos nós o bello sexo!
- 5 Sôbre o caso ando perplexo:
 6 Põe-me estas duvidas fóra.
 7 – «Senhoras, exclamou Dora,
 São dos bons anjos reflexo.»
- 9 – «Se só amam com paixão,
 10 Como tu, sorrindo, queres,
 11 Póde haver grande questão,
- Pois se as Musas são mulheres,
 Tambem as Fúrias o são:
- 14 Ha lirios, e malmequeres.»

26-VIII-18.

12. Refere-se às musas apolíneas, responsáveis pela inspiração poética.

13. Nos mitos romanos, as Fúrias (ou Erínias gregas) eram violentas deusas punidoras, que torturavam todos os excessos perturbadores da ordem social.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 197-198.]

A VOZ DE SALOMÃO

- 1 Homem sem fé, anda cá,
- 2 Sobre essas cousas que esmoes,
- 3 Ouve estas verdades nuas,
- 4 Mais sinceras que as das ruas,
- 5 Tudo o mais são puras trêtas.

- 6 Onde é o céu? Nos planetas;
- 7 Os purgatorios nos soes;
- 8 Quanto a infernos, não os ha.
Ha-os n'aquelles, talvez,
- 10 Quais n'este, de cães e heroes,
- 11 Vê quem tem olhos e estude:
São: a falta de saude,
- 13 De bom sangue e robustez;
- 14 E, por ordem, o segundo,
- 15 Para muitos o primeiro,
- 16 O da falta de dinheiro,
- 17 O rei, o senhor do mundo.

26-VIII-18.

Titulo. Salomão é um dos reis bíblicos que emblematizam a sabedoria e a riqueza (1Rs, 3: 5-28, 14-29).

Este poema é composto em redondilha maior, privilegiando um esquema de rima emparelhada.

458

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 199-200.]

A MOÇA E A VELHA

*Á excellentissima
Viscondessa de Nespereira*

1 – «Você, oh tia Maria,
Está velha como um caco,
3 Nem póde sahir de dia,
Mais feia do que um macaco!
5 Já não faz meia, nem fia!
Toda vestida de trapos,
7 Quasi cega, manca e surda,
8 Ninguem lhe inveja a existencia,
9 Causa nôjo aos proprios sapos,
E já não vive, chafurda
11 Nas vasas da decadencia,
12 Como diz o nosso abbade.»

Disse-lhe a velha, serena:
14 – «Já fui isso que tu és,
15 E na minha mocidade
16 Dançava, e até com graça;
17 Chamou-me um vate açucena,
18 E vi muitos a meus pés,
19 Cá na aldeia, e na cidade,
20 Mas na vida tudo passa.

Dedicatória. Trata-se da segunda Viscondessa do Paço de Nespereira, D.^a Maria da Conceição Pereira da Silva de Sousa e Meneses (*1864 †1952). A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico.

21 «Sim, pareço-te uma bruxa,
22 E não sei que mais, um grou;
23 A minha perna estrebuxa,
24 E provóco a hilaridade,
25 Mas, ouve isto que te digo:
26 Talvez, para teu castigo,
Não chegues á minha idade,
Nem a ser isto que sou!»

25-VIII-18.

Este poema é composto por três estrofes em redondilha maior, privilegiando um esquema de rima cruzada.

459

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 201.]

MÔCHO

É temerario dizer,
Com rosto alegre e jocundo:
3 «Vou hoje para acolá» –
4 Que pode muito bem ser,
Que o lugar para onde vá
6 Seja outro: o outro mundo.

23-VIII-18.

Esta sextilha em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABCACB.

460

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 202.]

NA ALHETA DE CAMÕES

Somos dous a dizel-o: se alguem ha
(E esse alguem é talvez a multidão)
3 Que não seja por versos excellente
4 Ou nunca em sua vida tomou chá,
Ou, andando a dous pés, como anda a gente,
Devera usar por frak... um albardão.

28-VIII-18.

3. Alude a um verso de Luís de Camões (*ca. 1524 †1580): “De algum não ser por versos excelente” (*Os Lusíadas*, V, 97).

Esta sextilha obedece ao esquema rimático ABCACB. Todos os versos são decassílabos heroicos.

461

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 203.]

A DESANDA

- 1 O carro, outrora dourado
Do meu viver de illusões,
3 Que foram realidades
4 De que só restam saudades,
É desde ha muito puxado
6 Por uma parelha rude,
Que é de duas negações:
Uma, a falta de saude,
9 Outra a falta de dobrões.
10 É de todas as idades,
11 De todas as estações:
12 Depois de sol tempestades,
13 Depois de calmas trovões.

18-VIII-18.

Este madrigal é constituído por treze versos de redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABCCADBDBCBCB.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 205.]

O SYMBOLISMO

Ao dr. Sergio de Castro.

Nas symbolicas ficções
Que nos vem de Grecia e Roma,
E que o tempo, essa carcôma,
Não nos levou das canções,

Se ha translucidas visões,
Um grato perfume e arôma,
7 Ha, a-la-par, a marôma,
O falcête de histriões.

Eu o digo ao mundo inteiro:
10 O nosso poetico andaço
Pouco mudou de roteiro:

A nossa terra é o Parnasso,
A nossa lyra o tinteiro,
Nosso plectro a penna d'ação!

10-VIII-18.

Dedicatória. O advogado e jornalista António Sérgio de Castro (*1851 †1929) foi companheiro de João Penha em Coimbra.

7. Trad. da expressão castelhana: “paralelamente”.

12. Refere-se ao monte que os gregos consagraram a Apolo e suas musas. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que o autor fez publicar nas *Últimas Rimas*.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

463

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 207.]

IMPERTINENCIA

- 1 A uma dama vizinha,
 2 Quarentôna, mas de truz,
 Preguntou certo elegante,
 4 Impertinente e lapuz,
 Qual a idade que ella tinha.
 Respondeu no mesmo instante,
 7 Com verdade e muito bem:
 8 «Isso a pouco se reduz:
 A mesma idade que tem
 Toda a gente que nasceu
 11 No mesmo dia em que eu
 Neste mundo vim á luz».

25-VIII-18.

Este madrigal é constituído por doze versos de redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABCBACDBDEEB.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 209.]

CENSURA

- «Porque não cantas políticos,
Os seus discursos pathéticos,
E cantas burros estíticos,
E até cães, com tosse, étlicos?
Sou echo de varios criticos».
- «Tuas censuras teem base,
Mas eu acho-os mais poeticos,
8 E tudo explica esta phrase.
- 9 Os taes discursos, comtudo,
Têm mais substancia e chorume,
11 Que os que as ditas alimarias,
Diariamente dão a lume,
13 E, além d'isso, mais fragrancia;
14 Mas do meu voto não mudo,
15 Que a dita razão, e varias,
16 De que teria abundancia,
Como disse, explicam tudo».

15-VIII-18.

Este poema é constituído por duas estrofes em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático
AAAAABAC DEFEGDFGD.

10. Deve considerar-se uma realização monossilábica em *Têm*.

465

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 215.]

ESGOTAMENTOS

Em frente de uma botelha,
Lugubrementemente assentado,
Carregada a sobancelha,
Sahiu-me d'alma este brado:
«Que formidável estafa!
6 Estou emfim esgotado!»
7 – Também eu, disse a garrafa.

18-IX-18.

Este madrigal é constituído por sete versos de redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABABCBC.

[*Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 217.]

AUTOBIOGRAPHIA

Ad sodales.

- 1 Embora seja odioso
O «moi» segundo Taine,
Passo avante, desdenhoso,
4 E em voz quasi solemne,

Passo a expôr o meu retrato,
Especie de biographia,
7 Em que, sincero, relato
8 O que sou e o que fazia;

E n'esse longo rosario,
Talvez destinado ao lixo,
Andarei sem ordem, vario,
E, como segue, a capricho:

Para trabalho, uma penna,
14 D'onde veio o «Vinho e Fel»;
Por amante uma pequena,
Que me foi sempre fiel.

No coração alegria,
18 Em conversas bom humor;
Pelo vinho sympatia,
20 Por agua, um profundo horror.

Título. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que acompanha este poema.

Dedicatória. Trad. da expressão latina: “Aos amigos”.

2. Refere-se ao historiador e crítico francês Hippolyte Adolphe Taine (*1828 †1893), um dos principais filósofos positivistas e fundador do movimento naturalista.

14. Alude à primeira parte das *Rimas* (1882), publicada inicialmente n' *A Folha*.

- 21 Por trapezios e gymnasticas
Nunca tive inclinação,
- 23 Nem pelas phrases bombasticas
24 D'um discurso e d'um sermão.
- 25 Fui sempre um homem da moda,
Um quasi pintalegrete,
Mas para danças de roda,
Eu nunca tive jarrête.
- 29 Quando muito, uma quadrilha,
30 A pedido, e mal talvez;
Quanto ao fumo, cigarrilha,
32 E quanto ao jogo, o xadrez.
- 33 Do lado de alheias plumas,
34 Muitas há de intenso brilho,
35 Mas o meu homem foi Dumas,
36 Fallo do pai, não do filho.
- Tive um viver de bohemio,
38 Numa furia de insensato,
Mas agora, quasi abstemio,
Não há ninguem mais pacato.
- Pelo que a sáias respeita,
Se tive cheques amargos,
43 A minha lista é perfeita,
Mas isso são contos largos.
- Ácerca das artes bellas,
Foi sempre meu pensamento,
Que não há, por fóra d'ellas,
Para ninguem salvamento.
- 49 Tudo me serve: a pintura,
50 A propria lithographia,
Boa musica, a esculptura,
52 E sobretudo a poesia.

35-36. Refere-se aos escritores franceses Alexandre Dumas, pai (*1802 †1870) e Alexandre Dumas, filho (*1824 †1895).

E, voltando um pouco atrás,
 Mesmo fora da estação,
 55 Eu fui alegre e rapaz:
 Era uma viva canção.

Sempre cantando ia longe,
 Por campinas e cidades,
 59 Mas agora vivo monge
 No mosteiro das saudades.

Para o pão de cada dia
 (Eis-me aqui chegado á prosa)
 Deu-me a sorte a advocacia,
 Uma velha remelosa.

Quiz fugir-lhe: vão esforço!
 Já quiz impontá-la a murro,
 67 E filou-se-me no dorso,
 68 Como um moscardo de burro.

69 E que seria de mim,
 Sem os bons lados que tem?
 Isto confirma o anexim:
 72 Há males que vêm por bem.

73 Mas, basta! Deus, pelo visto,
 Como por compensação,
 Concedeu-me o fazer d'isto:
 Suprema consolação!

22-VII-18.

Este poema é constituído por dezanove quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

2. Impõe-se uma diérese em «moi».

35. Deve considerar-se uma pronúncia paroxítona em *Dumas*.

72. Note-se a realização monossilábica em *vêm*.



O CANTO DO CYSNE

Guerra!

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 5.]

A CONQUISTA DE PARIS

- 1 Á voz d'um monstro com figura humana
- 2 Uma guerra tremenda o mundo assola.
Ao seu orgulho desmedido immola
- 4 Vidas sem conta, e n'uma furia insana

Tudo destroe: a misera cabana,
O palacio dos reis. Mata, degola
Pobres creanças a sahir da escola,
Velhos monges orando! e a horda ufana

- Nem aos gritos das virgens se detem!
- 10 Guerra feroz que ao século envergonha,
Que nos livros da historia outra não vêm

- 12 Mais horrenda, mais trágica e medonha!
Ri de contente o monstro, come bem,
E, pando o ventre, em fôfo leito, sonha...

Título. Este poema alude a um dos momentos decisivos da I Guerra (1914-1918): a falhada investida contra Paris, em 1914, pelas Potências Centrais. Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico), a nota explicativa que o acompanha. Vd. tb. o Arquivo documental do poema n.º 349.

1. Refere-se ao Kaiser Wilhelm II, que liderou os destinos do Império Alemão entre 1888 e 1918, sendo também o principal responsável pela eclosão da Grande Guerra.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 1, 3, 4 e 14.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 6.]

OS OBUZES

- Percorre o mundo inteiro, em mar e terra,
O Pavôr, de cabelo desgrenhado:
- 3 Segue-o, brandindo o gladio ensanguentado,
4 A negra Mob, essa visão que aterra.
- 5 Por toda a parte sôa: guerra, guerra!
O tropel dos cavallos, o alto brado
Da bôcca dos canhões, entrecortado
Pelo estridor do obuz, que a morte encerra.
- 9 Echôa longe o formidando obuz,
Mas sua força é tal, inda é tamanha,
Que meu ventre esses echos reproduz,
- E o pequeno, que sempre me acompanha:
– «Oh papá, vomecê dá tantos pús!»
– «São em honra do Cesar da Allemanha.»

Título. Este poema remete para o clima bélico da I Guerra Mundial (1914-1918). Leia-se, no Arquivo documental (vd. Aparato Crítico) do n.º 467, a nota explicativa que o acompanha. Vd tb. o Arquivo documental do poema n.º 349.

4. “Mob” é um termo inglês, para designar multidão.

14. Refere-se ao Kaiser Wilhelm II, que liderou os destinos do Império Alemão entre 1888 e 1918, sendo também o principal responsável pela eclosão da Grande Guerra.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 4 e 9.

A eterna loucura

469

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 9.]

O RETRATO

(C.)

Á luz do gaz ou da lua,
Ou do sol á luz radiosa,
É sempre gentil, formosa,
De branco vestida, ou núa.

5 Quem a veja não fluctúa:
Assemelha-a ao lirio, á rosa.
Toda sensível, nervosa,
8 Por um nada chora e amúa.

Prodigio da natureza,
10 Em Italia, Hespanha e França,
Não, não ha maior belleza!

É esta a ideal creança,
Que me traz a alma prêsa
14 Aos fios da sua trança.

Subtítulo. Refere-se a uma das últimas amadas de João Penha: a jovem Cristina da Piedade, que inspirou várias poesias datadas de 1915. A este propósito, vd. o Aparato genético.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

470

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 10.]

A MUSA

- Tu, Anjo, que és o transumpto
2 De tudo quanto ha de bello,
Em ceus, e no mar e terra;
Tu, que vives no castello,
Que, em meu pensamento, encerra
Teu espirito gentil,
Alma e corpo, ideal conjunto
Da belleza feminil;
9 És tambem o eterno assumpto,
O mais querido dos thêmas,
Em que o meu amor se inspira:
A ti só, os meus poemas,
Meu coração, toda a lyra!

Este madrigal é constituído por treze versos de redondilha maior, privilegiando um esquema de rima cruzada.

471

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 11.]

A APPARIÇÃO

- 1 Quando aqui te vejo entrar,
Toda elegante e janota,
3 Com teu amavel sorriso,
Que uma alma gentil denota,
Como que perco o juizo,
6 Quasi não posso fallar!
7 É como se mão ignota,
8 Mão occulta, de improviso
9 Me abrisse de par em par
10 As portas do paraizo!

Título. Refere-se à jovem Augusta, uma das amadas de João Penha que inspiraram várias poesias. Vd. Aparato genético.

Este madrigal é constituído por dez versos de redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABCBCABCAC.

472

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 12-13.]

AMAR...

Já pensaste um só momento
No que seja um puro amor?
É um divino tormento,
É um prazer, uma dôr
Com doces, ternos queixumes:
Nossa vida e pensamento.

Sentem-se n'alma os perfumes
Da açucena e do junquilha,
Da violeta e do lilaz;
Têm as estrellas mais brilho,
Os campos socego e paz.
Tudo parece mais lindo:
A noite escura, as manhãs,
Das aves o canto infindo,
As canções das aldeãs.

Amar é sentirmos n'alma
17 Uma música sonora
Em noite serena e calma,
Uma musica divina;
20 Se não a sentes, Rosina,
21 Não cantes alegre: chora!

20. Refere-se a uma das últimas amadas de João Penha: a jovem Cristina da Piedade, que inspirou várias poesias datadas de 1915. Vd. o Aparato genético.

Este poema em redondilha maior privilegia o esquema de rima cruzada.

10. Note-se a realização monossilábica em “Têm”.

473

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 14-15.]

CANÇÃO

- 1 Oh! quanto, Lydia, deploro
 2 Não ter a lyra d'Homero!
 3 Como te adoro!
 4 Como te quero!
- 5 Falta-me um estro sonoro,
 6 Para cantar-te, sincero.
- 7 É a ti que eu rezo e oro,
 8 Como a Deus um monge austero.
- 9 E, triste, como me choro,
 10 Quando de balde te espero!
- 11 Grave talvez e severo,
 12 Já nem me importa o decóro!
- 13 Como Leandro amou a Hero,
 14 Com mais furor te namoro.
- 15 Mas, ai de mim! desespero,
 Que de balde amor te imploro!
 17 Em vão te quero!
 Em vão te adoro!

1. Refere-se à jovem Augusta, uma das amadas de João Penha que inspiraram várias poesias. Vd. Aparato genético.

2. Trata-se do lendário poeta grego, a quem tradicionalmente se atribuem duas das epopeias fundadoras: *A Ilíada* e *A Odisseia*.

13. De acordo com o mito grego, Leandro era um jovem de Abido, que todas as noites atravessava a nado o estreito do Helesponto, apenas para se encontrar com a amada, Hero.

Este poema obedece a um esquema de rima cruzada, combinando versos heptassilábicos com o quebrado tetrassílabo.

474

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 16-17.]

A FADA

Minha bella margarita,
Minha doce e terna fada,
És tão boa e tão bonita,
4 Choro... e nunca me dás nada!

Toda tu és um thesoiro:
Não tens dó do teu escravo?
Nas tranças tens fios d'oiro,
Na purpúrea bôcca um favo.

Ai! quem será tão ditoso,
Quadro lindo que antevejo,
Que desmaiado de gôso,
N'ella chupe o mel d'um beijo!

Tens n'esses olhos tão doces
14 Um veneno atroz, mas brando:
15 Assim como elles tu fosses:
Não te amara assim, penando!

Pés e mãos são de patricia,
18 De nobre, de raça pura;
Beijar-te a mão, que delicia!
Beijar-te o pé, que ventura!

Título. Refere-se a uma das últimas amadas de João Penha: a jovem Cristina da Piedade, que inspirou várias poesias datadas de 1915. Vd. Aparato genético.

Um pésinho que supplanta,
22 No seu andar de paloma,
O da célere Atalanta,
Dos tempos de Grecia e Roma.

25 Quanto ao mais, é tudo sonho,
É velado tudo o mais;
27 Porém, digo-o sem vergonha,
De o sonhar todo eu sou ais!

Minha bella margarita,
30 Minha terna e doce fada,
És tão boa e tão bonita,
32 Choro... e nunca me dás nada!

23-24. Segundo a lenda grega, Atalanta era uma heroína extremamente ágil e veloz, que demovia os pretendentes, admitindo apenas desposar o homem que a vencesse na corrida.

Este poema é constituído por oito quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Nos vv. 25 e 27, a rima é incompleta.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 18.]

O TEU NINHO

- 1 Quando, oh celeste Rosina,
Filha da minha eleição,
Mais do que os anjos divina,
4 Desfeitas as loiras tranças,
Mais loiras que as fulvas messes,
N'um galante desalinho,
7 De camisinha ou roupão,
8 Te recolhes ao teu leito,
Não é lá que tu descanças,
10 Não é ahi que adormesses,
11 Feita a nocturna oração.
É outro agora o teu ninho:
O teu ninho é no meu peito,
Dentro do meu coração.

1. Refere-se a uma das últimas amadas de João Penha: a jovem Cristina da Piedade, que inspirou várias poesias datadas de 1915. Vd. o Aparato genético.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABACDEBFCD BEFB.

476

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 19.]

O DICTADO

Cheio de dôr e tristeza,
 Ao meu amor disse ha pouco:
 «És infeliz, és um louco,
 Ella, essa linda mulher,
 Essa divina creança,
 6 Contra as leis da natureza,
 Nem te dá uma esperança!
 8 Ouve-me bem: com certeza
 Ri-se de ti, não te quer.»

E o meu amor contristado,
 Ao ver a minha amargura,
 Ao ver-me desfeito em ais,
 Ia a dizer-me o dictado:
 «Agua molle em pedra dura...»
 15 Quando eu lhe disse: «Cuidado!
 16 Silencio! não digas mais.»

Este poema é composto por dois madrigais em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático
 ABBCDADAC EFGFEG.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 20-21.]

A CASTELLÃ E O MENDIGO

- 1 Á Dulce, á ideal donzella,
 Só a encanta o meu soffrer!
 Eu bem lhe estendo a escudela,
 Pobre mendigo d'amor,
- 5 Mas, ou foge da janella,
 Ou me diz: «não póde ser,
 Não me apraz um trovador.»
- 8 Hontem, com passo indeciso,
 Lhe fui á porta bater,
 E logo, com voz tremente:
 – «Dê-me, senhora, um sorriso,
 Conceda-me um terno olhar!»
 – «Perdeu de certo o juizo:
- 14 Vá-se embora, que vem gente;
 Nada tenho que lhe dar.»

1. Refere-se a uma das últimas amadas de João Penha: a jovem Cristina da Piedade, que inspirou várias poesias datadas de 1915. Vd. o Aparato genético.

– «Não ha dama mais esquiva,
Nem um ai me dá sequer!
Vou d'aqui, vou procurar
Outra mais doce mulher,
Outra gentil castellã,
Que seja mais compassiva,
Que seja mais esmoler,
Que soffra do meu soffrer.»

– «Oh! isso não! amanhã
Hei-de pensar, hei-de ver...
26 Volte, pois, senhor mendigo.»
– «Mudaria a minha estrella?»
28 – «Eu, por hoje, só lhe digo:
29 Venha... e traga-me a escudela.»

Este poema é composto por quatro madrigais em redondilha maior, obedecendo a um esquema rimático heterogéneo, que privilegia contudo a rima cruzada.

478

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 22-23.]

QUEIXAS

Que negra sorte mesquinha!
Que tristonho o meu viver!
És quasi minha vizinha,
E passa-se um tempo infindo,
Anjo do ceu, anjo lindo,
Sem eu te ver!

7 Se ao menos tivesse em mim,
8 Perdôa o sonho insensato,
9 O teu retrato
(E dou ais só de sonhal-o)
Iria vivendo assim,
Dia e noite a contemplal-o,
Horas e horas sem fim.

Dama dos meus pensamentos,
15 Rosina, mimo d'amor,
Anjo das loiras madeixas,
17 Tem pena dos meus tormentos,
Commovam-te um dia as queixas,
Do teu pobre trovador!

15. Refere-se a uma das últimas amadas de João Penha: a jovem Cristina da Piedade, que inspirou várias poesias datadas de 1915. Vd. o Aparato genético.

Este poema combina o verso de redondilha maior com o quebrado tetrassílabo. O esquema rimático é heterogéneo, privilegiando contudo a rima cruzada.

479

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 24-25.]

CARTA

Tens uns olhos de mysterio
Que me fazem meditar.
3 Ando, por elles, aéreo,
4 E só vivo de os amar.

5 É dos ceus talvez castigo,
6 Por um crime que não sei,
7 Mas essa pena a bemdigo,
8 Que amar assim nunca amei!

9 Por mais discursos que faça,
10 Eu não me posso vencer:
11 Que venturosa desgraça!
12 E sem fim, até morrer!

13 Querido mal, sem remedio!
14 Mas paro aqui, que me invade
15 Um subitâneo terror,
16 Uma cruel anciedade,
17 Que talvez te causem tédio
18 Estes meus versos d'amor!

Este poema é composto por três madrigais em redondilha maior, privilegiando um esquema de rima cruzada.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 26-27.]

SUPPLICA

- Consinta, senhora minha,
Que lhe beije a mão de neve.
- 3 Não me quer; sorte mesquinha!
4 Foi um sonho, curto e breve.
- 5 Mas pela muita bondade
6 Que nesses seus olhos leio,
7 Sim? dá-me essa liberdade?
Só por ella agora anceio.
- 9 Que tristeza! essa carícia
10 Na sua bôcca risonha,
11 Essa tão pura delícia,
12 Nem sequer minh'alma a sonha!
- 13 Coração, que tanto a adoras,
14 Desfaz-te em prantos e ais,
15 Que nos labios, que namoras,
16 Só leio o fatal: «jámais!»

1. Refere-se a uma das últimas amadas de João Penha: a jovem Cristina da Piedade, que inspirou várias poesias datadas de 1915. Vd. o Aparato genético.

Este poema é composto por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

481

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 28.]

A MÁ SORTE

Responde-me ao que pergunto,
 Mas responde-me sincera:
 Já viste um ideal conjunto,
 Do mundo na vasta esfera,
 5 De bellezas, como em ti?
 6 Não sejas contigo injusta,
 7 Coragem! se te não custa,
 8 Responde assim: «Nunca vi!»

 9 «Nunca vi» digo eu também,
 10 Como um doudo, entusiasmado:
 11 Como tu não ha ninguém!
 12 Não ha em toda a cidade,
 13 Mais poetica beldade:
 14 És toda pomba, porém,
 15 Que maldita sorte aziaga!
 16 Que desditoso o meu fado!
 17 Amor com amor se paga,
 18 E amo, sem ser amado!

Este poema é composto por dois madrigais em redondilha maior. O esquema rimático é heterogéneo, privilegiando contudo a rima cruzada.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 29.]

O PERDÃO

N'esta minha noite escura,
Noite triste sem luar,
Só uma estrella fulgura,
Como a da tarde no mar,
Uma visão de ventura,
Que nunca póde acabar:
A de quando, commovida,
Esplendente de belleza,
Vestida á moda franceza,
Me vieste dar a vida,
Me vieste perdoar!

N'esse teu gesto, creança,
No teu amavel sorriso,
14 Vi um iris de bonança...
15 Éva do meu paraíso,
Em ti minh'alma descança!

Este poema é composto por dois madrigais em redondilha maior, privilegiando um esquema de rima cruzada.

483

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 30.]

A UNICA VENTURA

1 Ó bella silenciosa,
 Se o teu coração hesita,
 Ouve esta verdade escripta:
 «Ninguem, que não ame, goza.»

Tu que és um botão de rosa,
 6 Tão boa d'alma e bonita,
 Pensa um instante e medita
 8 No que vou dizer-te, em prosa.

«Gozos, prazeres da vida,
 Isso que vale, que são?
 11 Afóra a paixão sentida,

Que nos vem ao coração
 13 Por uma mulher querida,
 14 «Nada: bolas de sabão.»

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

484

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 31.]

CIUME

Um pensamento fatal,
Sinistro, de negras côres,
3 Me invade com seus horrores,
4 Me fere como um punhal!

Oh! que tristeza mortal!
Só pranto agora, só dores!
7 Tu já tens outros amores...
Ês-me falsa, és desleal!

Vejo a esconder-se o meu sol!
D'um corrupto D. João
11 Vaes cahir talvez no rol!

Por tanto amor, a traição!
13 Tens ouvido o rouxinol:
Treme d'ouvir o leão!

10. Atente-se na referência ao mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

13. Tradicionalmente, o rouxinol está identificado como a ave dos amantes.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

485

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 32.]

MADRIGAL

1 Por uns caminhos, já por mim trilhados,
 Por alto dom de Apollo, o deus radioso,
 Com passo firme, intrépido e animoso,
 4 Transpuz do Olympo os áditos sagrados.

E vendo-o entre os deuses, indignados
 6 Da minha audacia de mortal odioso,
 7 Para elle avancei, e respeitoso
 Lhe disse em verso, em versos sublimados:

9 – «Venho pedir-te, oh resplendente nume,
 10 Uma das tuas musas, que divina
 11 Meu estro eleve do Parnaso ao cume:

12 «Dá-m'a toda gentil, nova e menina.»
 – «Tens lá na terra uma, que resume
 14 Todo o teu ideal: a ideal Rosina.»

2. Segundo o mito grego, o deus da poesia habitava o monte Parnaso, juntamente com as suas Musas.
 4. Olimpo é um monte situado nos confins da Tessália que, segundo os mitos antigos, serviria de morada aos doze deuses.

14. Refere-se a uma das últimas amadas de João Penha: a jovem Cristina da Piedade, que inspirou várias poesias datadas de 1915. Vd. Aparato genético.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 6, 9 e 11.

7. Deve considerar-se uma diálise em *Para elle*.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 33-34.]

SONHANDO

«De toda a minha pessoa,
Do que é que gostas mais?

3 «Chamam-me os vates leôa
4 Em seus ternos madrigaes.

5 «Os meus olhos, sempre brandos,
6 Aos corações são fataes.

7 «Um pintasilgo pintado,
Deixando os aéreos bandos,
Aqui, de continuo, adeja,
E imaginando, coitado,
11 Que o faz em rubra cereja,
12 Minha bôcca pica e beija.

13 «Meu cabelo? uma floresta
14 De fios d'oiro, de lei,
Por elles, sorte funesta,
16 Quantos morreram? nem sei!

17 Minhas mãos são de princeza,
Que jámais d'ellas fiz uso,
Como qualquer camponeza,
20 N'uma a roca, n'outra o fuso.

- 21 «Os meus seios virginaes
22 São brancos da côr da lua.
23 Mas, basta, não digo mais;
24 Não quero pintar-me nua.
- 25 «Diz-me, pois, do que se vê
Que mais provoca teus ais?»
- «Os teus pequeninos pés,
28 Que uma fada invejaria!»
29 – «Mas porquê, dize porquê?»
30 – «Porque são elles que, um dia,
31 Preludio de eternos laços,
(Não me ralhes, por quem és)
Te hão de trazer a meus braços.»

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 35.]

DESENGANO. AURORA DE SECULO

«Eu sei, dilecto amigo, o que tu queres.
Sérias e d'olhos baixos, por estudo,
Inda nas mestras, já sabemos tudo,
O que todos quereis de nós, mulheres.

Umás por doces, boas e esmoleres,
Querem o amor alegre, outras, sizudo;
Para as de genio frio e carrancudo,
É encargo, o peor de seus misteres.

Eu sou outra: não sigo taes caminhos:
Teu amor é subtil: quero-o mais baixo:
Ha que tempos, amigo, andaste aos ninhos!

Eu te comparo a já maduro cacho,
Pôdre, do debicar dos passarinhos:
Quero outra cousa: um vigoroso macho.»

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 14.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 36.]

AQUELLE AMOR

É pena, mas tudo é findo!
Elle era a minha esperança,
3 E morreu, quasi creança,
4 Seu triste fado carpindo!

Eu dizia: «em todo o Pindo
Não ha mais doirada trança,
Nem olhos de mais bonança,
Nem corpo mais branco e lindo!»

Mas agora, que contraste!
Como te vejo, e te via!
11 Esse amor, que me inspiraste,

Que dentro em meu peito ardia,
Tu propria, a rir, o mataste...
Com um balde d'agua fria!

5. O Pindo é uma cadeia montanhosa grega, que separa o Epiro da Tessália, e onde algumas fontes clássicas situavam a morada de Apolo e suas Musas.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 37-38.]

AS RESTITUIÇÕES

Seja ou não seja um amúo,
E primeiro que m'õ peça,
Desde já lhe restituo
O que vae n'èsta remessa.

- 5 Que tudo me ia dando
N'uma expansão generosa,
A par que a ia igualando
8 Ao lirio, á cecém, á rosa!

Seus olhos, os grandes loucos;
As duas pombas, de neve;
Os seus pés, de andar tão leve,
Pequenitos como poucos;

- Sua bôcca, de carmim;
As suas mãos, um modêlo;
15 O seu retrato, e por fim
Um cordão do seu cabelo.

Creio não falta mais nada.
Ah! perdão! falta o melhor:
O seu coração de fada,
As phrases que sei de cór.

- 21 A seu turno, bella dama,
Restitua-me tambem,
Extincta a amorosa chamma,
Não tudo que lá me tem,
Como versos, madrigaes,
Queixumes, prantos e ais,
27 Cousas sem valor nenhum,
28 Que só um tôlo reclama;
Mas... o meu senso commum.

Este poema é composto por seis madrigais em redondilha maior, privilegiando um esquema de rima cruzada.

Ultimas canções

490

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 41.]

O QUE O MATA

Tal como a abelha volita,
 E passa de flor a flor,
 Assim tu, que és tão bonita,
 4 Vaes em procura do amor,

Por salas, ruas e bosques,
 6 A ver se encontras amante,
 7 Em que te enlaces e enrosques,
 Ébria de gôzo, anhelante.

9 Assim tens feito, mas, triste!
 10 Teu coração já repousa,
 11 Aos teus impetos resiste...
 Porque é sempre a mesma cousa!

13 Bem cêdo murchando vão
 14 As illusões amorosas:
 A mais ardente paixão
 16 Não dura mais do que as rosas!

16. Alude-se ao conhecido poema de François Malherbe (*1555 †1628), intitulado “Consolation à M. du Perier sur la mort de sa fille”.

Este poema é constituído por quatro quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

491

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 42-43.]

FREIRA!

É sempre assim que começa
A mais triste das manias:
Communga todos os dias,
4 Ouve missa e se confessa!

5 Noviça, quer ser professora,
6 E reinar nas sacristias!
7 Ouvirá frases sombrias
Quem beijos d'amor lhe peça!

9 Freira, em plena primavera!
10 Que desatino funesto!
11 Eu antes vêl-a quizera
12 Lavadeira ou moleirinha
13 Ou nas ruas, com pé lesto,
14 De giga a vender sardinha,
15 Emfim, tudo o que detesto!

Título. Refere-se a Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha que aparece celebrada em várias composições do poeta. Vd. o Aparato genético.

- 16 Melhor me fôra, coitado,
17 Com esta vida acabar,
18 Ir para a guerra, soldado,
19 Lançar-me ás ondas do mar;
20 Mas não quero, porque emfim
21 Ella inda póde sarar,
22 Póde ter pena de mim.
- 23 Arde-me em fôgo a cabeça
24 N'esta horrivel anciedade!
25 E se se faz abbadessa?
Que fazer? fazer-me abbade!

Este poema é composto por cinco madrigais em redondilha maior, privilegiando um esquema de rima cruzada.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 44.]

PATERNAES CONSELHOS

- 1 Passas a vida aos pés de confessores!
Em rezas toda a noite e todo o dia!
Para ti não tem voz a cotovia,
Nem sentido as canções dos trovadores.

- N'esses teus lindos olhos sonhadores,
A crença deturpada, a crença pia,
7 Vae apagando a luz que eu n'elles via,
8 A chamma que inspirou tantos amores.

Mas, olha-te ao deitar, ou de manhã,
Repara bem em ti: verás que és feita,
Como as outras são, para mamã.

Sê a esposa que os filhos seus aleita;
Coze a tua fornada; fia a lã,
E assim te juro que serás eleita.

1. Refere-se a Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha que aparece celebrada em várias composições. Sobre o mesmo assunto, vd. o poema n.º 491.

3. Desde a célebre Cena 5, no Ato III de *Romeo and Juliet* (1597), que a cotovia está intimamente ligada ao amor.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 14.

493

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 45.]

MADRIGAL

(Nas costas d'uma aguarela)

Assim vestida de pagem,
Com seus olhinhos pisados
3 Pelos mysterios passados
Em nocturnas brincadeiras,
É bem bonita, não achas?
Não merece vassalagem?
7 Não faças bico, não mofes,
8 Que ao pé de ti, doce amiga,
9 Linda, linda entre as primeiras,
Que offuscas astros e soes,
Não ha damas, nem muchachas,
Que valham duas estrophes,
Que valham dous caracoos.

1. Refere-se a Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha que aparece celebrada em várias composições do poeta. Vd. o Aparato genético.

Este madrigal em redondilha maior obedece ao esquema rimático ABBCDAEFCGDEG.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 46.]

POR CAPRICHOS

- Essa rosita em botão
2 É sublime de desdem.
Todos lhe batem á porta
4 Do seu nobre coração;
5 Ella, porém, não se importa:
6 Batem, batem, mas em vão:
7 Não dá guarida a ninguém!
- 8 Que está lá dentro anichado,
Como um santo no seu nicho,
10 O seu vate idolatrado,
11 Seu amor e seu capricho.

1. Refere-se à jovem Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha (vd. Aparato Crítico).

Este poema é constituído por dois madrigais em redondilha maior, privilegiando um esquema de rima cruzada.

495

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 47.]

NO LEQUE DE ELVIRA

Como póde acreditar-se
2 Que um mimo d'amor assim,
3 Apesar do seu disfarce
4 Não é anjo, um serafim?

Oh! em tudo nos revelas
6 Que vens das divinas plagas:
7 Ao pé de ti, não ha bellas:
8 És sol que estrellas apagas.

Título. Deverá referir-se à poetisa Elvira Neves Pereira, que foi também amiga íntima de Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.

Este poema é constituído por duas quadras em redondilha maior, obedecendo a um esquema de rima cruzada.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 48.]

MADRIGAL

(*Á mesma*)

Mudou de sexo, ha pouco,
Cupido, o deus dos amores;
Agora não é tão louco,
Não traz aljava, mas lyra.
Cantado por trovadores,
6 Só ternas paixões inspira:
7 Mudou de sexo ha pouco:
8 Agora chama-se Elvira.

2-4. Cupido, o deus romano do Amor, era frequentemente representado como um menino travesso, munido de arco e flechas, cujos ferimentos despertavam o amor entre as suas vítimas.

8. Deverá referir-se à poetisa Elvira Neves Pereira, que foi também amiga íntima de Zulmira de Melo (*1879 †1964), a discípula amada de João Penha.

Este madrigal em redondilha maior, obedece ao esquema rimático ABACBCAC.

497

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 49.]

TRADUCCÃO

- Risonho, disse eu a Ignez,
Que n'um sofá se quebranta:
3 «Dormi mecum!» – «É francez?»
– «É phrase da Bíblia santa.»
- 5 – «Vê-me nervosa e confusa:
6 Eu nada sei, meu amigo:
Não hesite, vá! traduza.»
- 8 – «Quer?» – «Quero...» – «Dorme commigo.»
- «Oh! que indecencia, que horror!
Dizer-me essa cousa, a mim!
O que lhe vale, senhor,
É ter-m'a dito em latim.»

Este poema é constituído por três quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 50.]

A RESPOSTA

«Isso d'amor são bolas de sabão
Que o mais ligeiro ar reduz a nada.
3 Cederia, porém, por doação
Mas sob a antiga clausula sómente
5 De ser em todo o tempo bem tractada,
São como são, doente como doente,
Sempre vestida á moda, e bem calçada.»

Este madrigal obedece ao esquema rimático ABACBCB. Todos os versos são decassílabos heroicos.

499

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 51.]

DEVOTA

- Nada me accusa. Em noite de luar,
 Foste tu que, humilhada, me pediste
- 3 Que te amasse. Eras linda, e eras triste,
 4 Dei-te o meu coração, para te amar.
- Temos vivido n'um sereno mar:
- 6 Se eu choro, choras; se me rio, ris-te,
 7 Mas, desde ha tempos um mysterio existe
 Que as fúrias me provoca d'um jaguar.
- 9 Hontem, ninguem te viu! De noite e dia
 10 Debalde te esperei! Por onde andasses,
 Nem tremeste ao pensar no que eu faria?
- 12 Diz: «porque escondes, vergonhosa, as faces?»
 – «É que era sexta-feira, e não queria,
 14 Sendo dia de peixe, que peccasses.»

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
 Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 5, 6, 7, 12.

500

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 52.]

JURA

1 Quando ao ver-te aborrecida,
Em teu sophá recostada,
Te propuz, com voz maguada,
Consagrar-te a alma e a vida,

Uma proposta sentida,
Recebeste-a á gargalhada!
E logo eu disse: coitada!
Estás de todo perdida!

Como na bôcca do sapo
Se vae metter a dóninha,
Has de cahir-me no papo.

Não me escapas, avesinha:
13 Não me tenho por guapo,
14 Mas, que importa? Has de ser minha!

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

501

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 53-55.]

O DRAGÃO

(Rondó)

No seu castello reclusa,
Guardada por um dragão,
Aquella pobre andalusa,
Rosa de musgo em botão,

5 Que negros dias não passa
N'uma dôr que nunca finda!
7 Mas toda cheia de graça,
8 Até chorando é mais linda.

9 Diz: «bem sei que elle me quer:
10 Vivo n'èlle n'um altar,
11 Mais anjo do que mulher,
Mas custa tanto esperar!»

E seus dias vão passando,
14 Passam, passam sem cessar,
Como gaivotas voando
Por sobre as ondas do mar.

Um pastor, que ali passava,
18 Ouviu-a um dia cantar:
«Ai! vivo aqui como escrava,
E custa tanto esperar!

«Sou tão nova, e tão galante,
E passo a vida a chorar,
Que o meu dragão, vigilante,
Nem me deixa namorar!

- 25 «Rosa linda tão mimosa
Como a rosa – de tocar,
27 Sem o ar de que ella gosa
Bem receio de murchar!

- «Oh! se Deus azas me dera
Com que podesse voar,
Já áquelle que me espera,
32 Voando, me fôra dar!

«E meus dias vão passando,
Passam, passam sem cessar,
Como gaivotas voando
Por sobre as ondas do mar!»

- E o pastor, enamorado,
Pôz-se tambem a cantar:
«Com este meu bom cajado,
40 Vossas penas vão cessar.

- 41 «Que o dragão, de garra adunca,
Vou matal-o, castelã.»
– «Oh! isso não, isso nunca,
Que o meu dragão é mamã.»

Apesar do título, este poema não obedece ao esquema típico do rondó português. É composto por onze quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 56-59.]

MULHER DO SECULO

- A minha linda amorosa
 Aos meus versos chama lérias.
 Não adora o lirio, a rosa,
 4 Só lhe aprazem cousas sérias.
 Prefere o setembro ao maio,
 Chama ao que é bello miserias,
 E o seu bello, o d'ella, é o paio.
- 8 Como poupada e laconica,
 Embora dama distincta,
 Só usa na escripta a sónica,
 11 Porque chupa menos tinta.
 12 De avental e braço nu
 13 Ella propria é quem cozinha
 14 Nunca o rosbife, o Perú,
 Um pastel, de quando em quando,
 E quasi sempre a sardinha,
 Alegre, cantarolando
 18 Com voz doce a «Vassourinha».

10. Refere-se à ortografia tendencialmente sónica (de que João Penha era acérrimo opositor), adotada em Portugal após a Reforma Ortográfica de 1911.

18. Alude à conhecida lenga-lenga infantil: “Varre, varre, vassourinha,/ Varre bem esta casinha./ Se varreres bem dou-te um vitém,/ Se varreres mal dou-te real”.

- 19 De velha estirpe: de reis
De Aragão e de Castella,
Descendencia bem provada,
22 Com suas mãos sem anneis,
Faz ella propria a barrela,
Coze ella propria a fornada.
Por pobreza? não, que é rica,
Mas por prazer e recreio,
E cousas futeis detesta.
28 É rica, repito, eu sei-o,
Que até dinheiros empresta!

- Quando sahe, que bem lhe fica
O novo chapéu á moda,
Porque n'isto é como as mais!
Todos os dandys da roda,
Como que em passos de dança,
A vão seguindo na alhêta,
36 Lhe disparam madrigaes,
No ôlho esquerdo a luneta.
38 Chamam-lhe, fátuos, em summa,
39 «Ebúrnea filha da espuma,
40 Joven deusa de Cythera»,
Episodio que me lança
N'um furor de bêsta-fera.
43 Anda descalça por casa,
Para poupar o calçado.
45 E que lindos pés! ao vê-los
Mais intenso se me abraza
O meu pobre amor, coitado,
Um louco amor de pagão.
49 São pés de fada: uns modêlos,
50 Brancos, de jaspe, e setim.
Quizera, ao vê-los, ser chão,
Para os sentir sobre mim.

33. *Dandy* é uma palavra inglesa que refere o homem elegante ou janota.

40. *Citera* é uma ilha grega consagrada a Afrodite, a deusa do amor.

Hontem, noite de luar,
 Com minha voz de tenor
 55 Lhe fui sombrio cantar
 56 Uma canção d'Amalfi;
 Antes, porém, de acabar:
 58 «Pára, (me disse) Zizi,
 Pareces um cão a uivar!»

Tem por mim, seu trovador,
 Uma certa inclinação,
 62 Mas, ri-se do meu amor,
 E negou-me, a rir, a mão.
 64 – «És, me disse, um bom amigo;
 Sou tua musa, a dilecta,
 66 Mas não me caso contigo.»
 – «Que indecifrável mystério!»
 68 – «É que sendo tu poeta,
 69 Não posso tomar-te a sério!»

58. Refere-se à poetisa Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964), a discípula amada a quem João Penha dedicou uma afeição perene, celebrando-a em várias composições.

56. Amalfi é uma comuna italiana da Campania, celebrizada pelas apaixonadas canções napolitanas.

Este poema é composto por sete madrigais em redondilha maior, privilegiando um esquema de rima cruzada

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 61.]

NO ALBUM D'UMA SENHORA

- 1 Pede-me um pensamento: aqui lh'ò ponho:
- 2 «O beijo no episodio dos amores,
- 3 Ainda tem a perfumal-o o sonho:
- 4 É mais poetico que os ultimos favores.»

Esta quadra obedece a um esquema de rima cruzada. Predomina o decassilabo heroico, mas é sáfico o v. 3, enquanto o v. 4 obedece à receita do alexandrino clássico (6 agudo + 6).

4. Deve considerar-se uma diálise em *que os*.

504

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 62.]

EGO IN ARCADIA

A Anthero de Figueiredo

– «Lês teus versos com prazer,
Artista de bandolim?»
– «Não sendo feitos por mim,
Talvez gostasses de os lêr;

«Mas ouve o que vou dizer:
Toda a verdade, por fim:
Eu faço-os desde o latim,
E não céssô de os fazer.

«Vate por minha desgraça,
Não choro como um bebé,
Rio mesmo, erguida a taça.

«Só tenho um cuidado, e é
Que quaesquer versos que faça,
Não façam dormir de pé.»

Título. Esta expressão latina remete para a pintura de Nicolas Poussin (*1594 †1665), representando os pastores com expressão triste e contemplativa. Trad.: “Eu na Arcádia”.

Dedicatória. Embora não pertencesse à mesma geração de Penha, Antero de Figueiredo (*1866 †1953) foi o seu amigo mais fiel no mundo das letras.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

505

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 63.]

O DISCURSO

A Queiroz Ribeiro

Nestas noites de inverno sepulcraes
Como allivio, em meu pobre camarim,
Me vêm á mente, alluvião sem fim,
Scenas d'outr'ora, que não voltam mais:

Quasi no fim do baile, a ingenua Láis,
Ao fundo me arrastou do seu jardim
E, voz tremente, me fallou assim,
Reprimindo talvez secretos ais:

– «Tu és o meu ideal! devoro tudo
Quanto escreves em verso, Dom João;
É para mim, não é? eu não me illudo,

Sou a tua alma, a tua inspiração,
Mas em minha presença és quasi mudo!
Faz-me um discurso lindo...» – «Que horas são?»

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 4 e 7.

506

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 65.]

SUR LE FRONT

«Eu mesma o vi partir, e não consigo
Minhas lagrimas tristes estancar!
Como varão, que esplendido exemplar!
Como esposo, leal, de raça, antigo.

«Como sou infeliz, meu bom amigo;
Sou como rôla que perdeu seu par!
Gemo e choro e não cesso de chorar,
Que julgo immerecido um tal castigo.

«Fidalgo, de preclaro nascimento,
Nas linhas de combate, como alferes,
Ergue, a si proprio, eterno monumento.

«Como é triste o fadario das mulheres!
Esposa, como viuva me lamento!»
– «Então não posso vir?...» – «Vem, se quizeres.»

Título. Trad. da expressão francesa: “Na frente”.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 6.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 66.]

O ECHO

À Ex.ma Senhora Viscondessa de Nespereira

- 1 Tribuno popular, dos mais distinctos,
2 N'elle encarnava, ha muito, a idéa nova,
3 E se fallava, era contar com sova
Em reis no throno, ou já por terra, extinctos.
- 5 «Foram padres, dizia, esses famintos,
Quem inventou que a vida se renova:
Que estúpida mentira! Além da cova
8 Nada ha: morre o corpo e os seus instinctos.»
- 9 No seu discurso d'hontem, memoravel,
Sem que se ouvisse o minimo sussurro,
11 Penetrou, com pé firme, no Insondavel,
- 12 E dando um berro, e na tribuna um murro,
13 «Morra Deus!» vozeou inexoravel,
14 E o echo, ao longe, repetiu: «que burro!»

Dedicatória. Maria da Conceição Pereira da Silva de Sousa e Meneses (*1864 †1952) pertencia a uma das famílias mais ilustres de Braga. Era filha dos segundos Condes de Bertíandos e tornou-se, por casamento, segunda Viscondessa do Paço de Nespereira.

2. Por “Ideia Nova” designa-se habitualmente a ideologia e estética do Realismo-Naturalismo.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas são sáficos os vv. 3, 4, 12 e 14.

508

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 67.]

TEÔR DE VIDA

- 1 Sou bom ou serei mau? o que é real
Nestas seguintes linhas se contém:
- 3 «O meu corpo propende para o mal,
- 4 A minh'alma, essa não: adora o bem.»

Esta quadra obedece ao esquema de rima cruzada. Todos os versos são decassílabos heroicos.

Dolce farniente

509

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 71-74.]

O CABRITO

I

- Bem cêdo, ao romper do dia,
De cá, da minha varanda,
- 3 Eu vejo passar ás vezes
Um fato de cabritinhos,
- 5 Que um rude ovelheiro guia,
Por estradas e maninhos,
- 7 Lá para além, para a banda
Onde os procuram freguezes,
Com fomes de cannibae,
Com mandibulas d'inglezes.
- Oh! quanto lamento a sorte
D'esses pobres animaes,
Que passam da infancia á morte,
- 14 Longe dos pátrios curraes.
- Hontem, vendo-os, pesaroso,
Me disse, a mim, tristemente:
«Ouviram cantar o gallo,
- 18 Canto alegre e estriduloso,
19 A saudar o sol nascente:
E não hão de ouvil-o mais!
- 21 Um, porém, hei-de salvar-o.»

II

Era branco, todo branco,
 D'uma brancura de liz;
 24 Olhos, de luz inundados,
 25 Corpo esbelto, pés subtis.
 26 E coçando-lhe a cabeça,
 Este discurso lhe fiz,
 28 Em tom benigno e franco:
 «Não te julgues infeliz,
 Que a morte crua te arranco.
 Perdes a vida dos prados,
 A tua vida travêssa:
 Por campos, serras, outeiros,
 Desde a aurora ao pôr do sol,
 A manducar abrunheiros,
 O codêço, os rosmaninhos,
 37 A gilbarbeira, o serpol.
 Emfim, por esses caminhos,
 Em turras, em correrias,
 Dias e dias inteiros,
 Guardado por cães rafeiros,
 E por nodosos cajados:
 43 Uma vida de alegrias,
 44 Toda bella, sem cuidados!»

III

- 45 «Isso perdes, porém ganhas
 Outra existencia, de paz.
 Morrerias pequenino,
 E de velho morrerás,
 Porque te livro das sanhas
- 50 Do magarefe assassino;
 Te livro d'um fim tremendo,
 E pena fôra, que és lindo!»
- 53 Mé, disse elle, agradecendo;
 54 Mé, disse eu retribuindo.

IV

- Mas depois, o cozinheiro,
 Que me tem ao seu cuidado,
- 57 Entra com ar prazenteiro.
 58 – «O meu amo como o quer?»
 – «Mas... o quê?» – «O cabritinho.»
- 60 – «Cozinhe-o como quizer;
 61 Mas olhe, talvez assado,
 E com mólho de villão,
 Fique um prato regalado,
 Que dê gosto, puxe o vinho,
 E me alegre a digestão.»

Este poema, composto por madrigais em redondilha maior, obedece a um esquema rimático heterogéneo, privilegiando contudo a rima cruzada.

28. Deve considerar-se uma diálise em *benigno e*.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, pp. 75-76.]

A CANÇÃO DOS NOSSOS ANJOS

1 Oh vós outros, mancebos amantes
Que no mundo, cantando, passaes,
Vossos passos detende uns instantes,
Vinde ouvir nossos cantos leaes.

Somos anjos de luz, somos fadas,
D'uma essencia divina talvez,
7 Mas gostamos de ser animadas
8 Por um calix de loiro Xerez.

Detestamos a prosa burgueza,
Não a olhamos, porém, de soslaio,
Quando a vemos surgente na mesa,
Sob a forma celeste d'um paio.

13 Debruçadas nas nossas janellas,
Bem gostamos d'ouvir serenatas,
15 Se nos dizem: «senhoras, sois bellas,
Inspirae-nos paixões insensatas.»

8. Xerez é um vinho fortificado, produzido na região espanhola de Jerez de la Frontera.

Mas os cantos que mais nos aprazem,
A nós, lírios de ethéreos jardins,
Que tristezas repellem, desfazem,
20 São sómente os dos áureos zequins.

21 Mudam tempos, e mudam costumes,
22 Mas, comtudo, se vós nos amaes,
Ouviremos os vossos queixumes,
E, sem rir, vossos prantos e ais.

Somos anjos, mas temos na terra
Nossos brancos pésinhos de fadas:
A amoraças fazemos a guerra,
Não a amor... para sermos casadas.

Oh mancebos dos grandes charutos,
Que d'um côco as cabeças ornaes,
Meditae, se podeis, uns minutos,
Na moral d'estes cantos leaes.

11-12. Cequim é uma antiga moeda de ouro, usada em Veneza até meados do século XVI.

Este poema, composto por oito quadras de versos eneassilábicos, obedece ao esquema de rima cruzada

511

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 77.]

ELLAS

- Tu, philosopho maluco,
Não digas mal das mulheres:
3 Se não as amas, nem queres,
4 É por gasto, ou por eunucho.
- 5 São pômos de pôlpa e succo,
6 Mel de beber ás colheres,
7 Interrogam malmequeres,
8 E enerva-as a voz do cuco.
- 9 Evas – novos ou de cãs,
10 Com fomes de jacarés,
11 Lhes pedem suas maçãs.
- 12 Considera, por quem és,
13 Que são as nossas mamãs,
14 As mães dos nossos bebés.

9-11. Trata-se de uma referência à transgressão de Adão e Eva (Gn. 3).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

512

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 78.]

A ULTIMA CARTA

«Em minh' alma ainda existe
A paixão que me inspiraste;
Lirio pendente da haste,
Vivo agora sempre triste.

«Bellôna de lança em riste
Meu coração traspassaste,
E, lamentavel contraste,
Quando eu me choro, tu ris-te!

«Mas a túnica de Nessus
Que me vestiste, cruel,
Vou lançal-a nos recessos

«Do meu jucundo pichel:
Volto aos antigos processos.»

14 João Tenório, bacharel.

5. Bellona era a deusa romana da Guerra, e por isso representava-se empunhando uma lança.

9. Segundo o mito grego, a morte de Hércules foi provocada por um veneno que o Centauro Nesso confiara a Dejanira, e no qual esta inadvertidamente mergulhou a túnica do herói, provocando-lhe queimaduras fatais.

14. Atente-se na referência ao mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino, aqui representado no protagonista de José Zorrilla (1844).

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

513

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 79.]

DESPEITO

- Já vejo que não me queres:
2 Tens carradas de razão!
3 Ha, porém, outras mulheres,
4 Ha muita rosa em botão.
- 5 Olha aquela: é bem galante,
6 E, apesar de zombeteira,
7 Quem na tome por amante,
Não fará nenhuma asneira.
- 9 Adeus, pois, bella Rosina,
Que adorei do coração!
Muda de tom, sanfonina:
12 Ha muita rosa em botão.

9. Refere-se a uma das últimas amadas de João Penha: a jovem Cristina da Piedade, que inspirou várias poesias datadas de 1915. A este propósito, vd. o Aparato genético.

Este poema, composto por três quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema de rima cruzada.

514

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 80.]

SIC TRANSIT...

- 1 A Venus dos tempos idos
Expulsa do ethéreo assento,
Sem culto e sem valimento,
Fez-se adela de Cupidos.
- 5 Quasi nós e mal vestidos,
Condul-os, com ôlho attento,
7 Sobre a albarda d'um jumento,
8 Em largos ceirões mettidos.
- Logo cêdo, de manhã,
- 10 Anda na rua aos pregões,
Como qualquer aldeã.
- 12 Perguntei-lhe: – «Esses leitões
A quanto os vendes, mamã?»
– «Cara linda, a dez tostões.»

Título. Trad. da expressão latina: “Assim passa”.

1-4. Refere-se à deusa romana do Amor e seu filho Cupido.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

515

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 81.]

FADO

1 De todo aquelle cantão,
Era a mais guapa Maria.

3 Toda a grei da fidalguia

4 A adorava, de paixão.

Tal, a seus pés, de roldão,

Em prantos se desfazia:

7 Tal ao oiro recorria,

8 E, nada! era tudo em vão.

9 Mas, o tempo foi passando,

10 E com elle a formosura.

11 Foi pouco a pouco mudando,

12 Perdeu toda a compostura,

13 E fez-se, alegre, e cantando,

14 Ama de leite do cura!

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

516

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 82.]

OS NOMES

- Não é sómente o bello do semblante,
A elegancia do corpo, uns braços nús,
- 3 Que nos transformam n'um captivo amante!
Tambem um nome lindo nos seduz.
- 5 Se a princeza Eleonora se chamasse
Cunegundes, Ambrosia ou Felizarda,
- 7 Talvez o autor da «Aminta» a não amasse;
8 Eu,... recusava-me a acceitar a albarda.
- 9 E ao «mundus mulieribus» – supplico
10 Que esta expressão não tome por affronta,
11 Que um amante não passa d'um gericó,
Em que a bella amorosa alegre monta.

5-7. Refere-se ao poeta italiano Torquato Tasso (*1544 †1595), autor do drama pastoril “L’Aminta” (1573), e a sua amada Eleonora d’Este (*1643 †1722), Duquesa de Modena e Reggio Este.

9. Trad. da expressão latina: “mundo das mulheres”.

Este poema é constituído por três quadras, obedecendo ao esquema de rima cruzada. Predomina o decassílabo heroicos, mas são sáficos os vv. 3 e 8.

6. Note-se a realização proparoxítónica em *Ambrosia*.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 83.]

NO ALBUM D'UM TENÓRIO

Por todas as fêmeas te abrazas!
2 Mas, Victor Hugo não zomba
3 Quando diz, vozes sensatas,
4 Que toda a mulher tem azas;
5 Mas, só algumas, de pomba,
6 E todas as mais, de patas.

Título. Protagonista do drama homónimo de José Zorrilla (1844), Don Juan Tenorio constitui uma das principais materializações literárias do mito de D. Juan, o protótipo do sedutor libertino.

2-6. Parece aludir-se a uma passagem da obra-prima de Victor Hugo, *Les Misérables* (1862), em que as duas filhas de M. Gillenormand aparecem assim descritas: “Toutes deux avaient des ailes, l’une comme un ange, l’autre comme une oie” (tome III, livre II, chapitre VIII).

Este poema é composto por uma sextilha em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABAABA. O v. 1 apresenta uma irregularidade métrica.

518

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 84.]

O ETERNO FEMININO

- 1 Ninguém vive sem amor,
- 2 N'este mundo sub-lunar.
- 3 Cada pomba tem seu par,
- 4 Cada zagala um pastor.

- 5 O doirado pica-flor
- 6 Ama a rosa-de-toucar;
- 7 Emfim, na terra e no mar,
- 8 É Elle o rei, o senhor.

- Pois que amar é lei sem méatas,
- 10 Amemos, cantando aos ventos
- 11 As nossas musas dilectas.

- 12 Até os proprios jumentos
- Têm, como nós os poetas,
- 14 Burras dos seus pensamentos.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 85.]

AMORES

- 1 Em lyras, em tiórbas, e á sanfona
Contam lendas poeticos amores:
Os de muitos donzeis e trovadores,
Os tristes dos amantes de Verona.

Heloisa e a formosa Magalona
São cantadas por vates sonhadores.
Correm mundo, por entre os bastidores,
Os da fácil Gillete de Narbona.

- 9 Homero canta, em sua lyra amada,
10 Os de Helena, mulher de Menelau.
Mas, quaes os meus não ha na historia nada!
- 12 Nunca a mais alto, mais subido grau,
Chegou o amor! E que ella era uma fada,
14 Ou antes, uma deusa... mas de pau!

4. Alude aos protagonistas amorosos da tragédia de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* (1597).

5. Refere-se a duas célebres heroínas amorosas da literatura medieval: Heloïse (discípula-amada de Abélard) e a Princesa Magalona (amada do cavaleiro Pierres de Provença).

8. Gillette de Narbonne é a amante de Bertrand de Roussillon, na Novela 9, na Jornada III do *Decameron*, de Giovanni Boccaccio.

10. N.º *A Iliada* de Homero, a disputa de Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta, esteve na origem da Guerra de Troia.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 12, empregando-se o pentâmetro iâmbico no v. 9.

520

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 86.]

AD AGROS

- 1 Eu vou deixar a penna pelo arado,
A lyra pela clássica sanfona,
3 E por qualquer vermelha mocetona,
As meninas subtis, que eu hei cantado.
- Que seja lavrador o quer meu fado!
6 Vou deixar o alecrim, a mangerona
7 Pelos fructos de Céres e Pomona.
Vou acabar, talvez, pastor de gado!
- 9 Adeus, pois, minha pállida andaluza!
10 Tudo te restituo, menos o cinto
Que tu me déste, de pudor confusa!
- 12 Vou-me partir sem ti (como eu o sinto)
13 «Ao som da campesina cornamusa»,
Como dizia outr'ora o bom Filinto.

Título. Trad. da expressão latina: “Para os campos”.

7. Na Roma Antiga, a deusa Ceres e a ninfa Pomona presidiam ao crescimento dos frutos, estando por isso associadas à fertilidade.

13. Cita-se o v. 3 da Ode “Quando, à beira do Lima saudoso”, incluída nas obras de Filinto Elísio (nome arcádico de Francisco Manuel do Nascimento – *1734 †1819). *Versos de Filinto Elyσιο*, 1802, t. III, p. 11.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 11.

521

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 87.]

ÁRCEO!

- Vou vendo como o tempo me transmuda
2 Em merencório chôro o rir e o canto,
3 Mas hei de reagir. Ao longe o pranto!
Para longe a velhice carrancuda!
- 5 Tranquillo aguardo as decisões de Buddha,
Como um fakir, um pária, um monge, um santo,
Mas, para me illudir, me vou no entanto
Pedindo ás artes transitoria ajuda.
- 9 Colloquem-me entre os asnos e os sandeus,
10 Chamem-me incorregivel borrachão,
Leproso, descendente de judeus;
- Chamem-me assassino, ou peor, ladrão,
Mas não me chamem, pelo amor de Deus,
14 Decano, respeitavel ancião.

Título. Trad. da expressão latina: “Afasto-me!”

6. Na cultura hinduista, faquir é um asceta que pratica a mendicância, enquanto pária é o indivíduo que não pertence a qualquer casta, sendo por isso marginalizado.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 5, 8 e 13.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 88.]

DESALENTO

1 Hontem, na minha poltrona,
Ao lêr-me, tive um bocejo!
Abandonado me vejo
Pelo filho de Latôna!

A musa, velha matrona,
Já nem me inspira um solfejo!
Antes que toque realejo,
8 Ou, pelos campos, sanfona,

Vou á olympica mansão,
Onde Apollo, eterno, mora,
11 Pedir-lhe a aposentação!

De a pedir minh'alma chora!
Adeus, grande cangirão!
Adeus, oh musas d'outr'ora!

4. Apolo, o deus da música e da poesia, era, segundo os mitos clássicos, filho de Zeus e Latona.

9. O Olimpo é um monte situado nos confins da Tessália que, segundo os mitos antigos, serviria de morada aos doze deuses.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 89.]

INTER DIVOS

(*A mim mesmo*)

- 1 Pelas «Rimas» pozeste alfim remate
Á tua trajectoria resplendente.
3 Douto e poeta, ahi cantas gravemente
4 Amor e o paio, os lirios e o tomate.

- Não és unicamente um grande vate,
Ês tambem um heroico combatente
7 Pelo bem, pelo pão de toda a gente,
Desde o sabio feliz ao pobre orate.

- Venceste! Por teu canto sublimado,
Tu és dos genios o maior em fóco,
11 E o mundo te venera prosternado!

Em pé, erguido n'um marmóreo sócco,
Estatua viva ainda, enthusiasmado
No numero dos deuses te colloco!

Título. Trad. da expressão latina: “Entre os deuses”.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 10 e 12.

524

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 90.]

CÃO
(1912)

- 1 Uma certa amarantina,
2 Tão gentil, que anda na bérra,
Ao meu coração faz guerra,
E já vencido o imagina.
- 5 É donzella papa-fina,
E se a mente me não erra,
7 Emquanto não volta á serra,
Para seu cão me destina.
- 9 Vou seguil-a, talvez preso,
10 Por colleira, argola e fita,
11 Alegre, frascario e têso.
- E se o povo apupa e grita,
13 Ladro-lhe, cão, por desprêso,
14 Que a pequena é bem bonita.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 91.]

OS CHORÕES

Ao Dr. Sergio de Castro

Ao pé d'um chorão frondoso,
Fui gemer, que sempre chora
Quem vê o bom ceu d'outr'ora
Sempre negro, tenebroso.

Dias alegres, de gôso
Em breve o tempo os devora:
O que é mau não se demora;
Dize-o tu, chorão annoso.

Tu não andas, e, coitado!
Já tens calos nas raizes;
Eu ando, mas já cançado.

Que somos? dois infelizes:
O chorar é o nosso fado:
Acabamos chafarizes!

Dedicatória. O advogado e jornalista António Sérgio de Castro (*1851 †1929) foi companheiro de João Penha em Coimbra.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

526

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 93.]

A UM POETA D'AGUA DOCE

Toma um namoro, poeta:
2 Um vate sem musa amada
Não vive, apenas vegeta,
4 Faz versos, e não faz nada

.

Esta quadra em redondilha maior obedece ao esquema de rima cruzada.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 94.]

CAPACETE DE NEVE

Pois que amar é lei eterna,
2 Eu nunca deixei de amar.
3 Já gasto, quiz remoçar,
Com uma Circe moderna.

Ao sahir d'uma taberna,
Onde me fôra animar,
7 Ao vêl-a, um dia, passar,
A segui, e com voz terna:

9 – «Perdi meus dias amenos,
A minha vida de paz:
Só ouço funéreos threnos!

«Dize, cruel, não terás
13 Pena de mim?» – «Pelo menos,
Volta dez annos atraz.»

4. Na *Odisseia* de Homero, Circe era a feiticeira que habitava a ilha de Ea.

A rima deste sonetinho, composto em redondilha maior, obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 95.]

SE EU FÔSSE MULHER...

- 1 De tudo que digo, ris:
Ora agora ri-te d'esta:
3 «Mulher, não seria honesta,
4 De porta aberta em Paris.»
- «Acho essa ideia exquisita:
6 Em Paris?» – «É porque lá,
7 Uma «donzella» bonita
Revolve dobrões á pá.»

Este poema é constituído por duas quadras em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABBA CDCD.

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 96.]

FIDELIDADE CONJUGAL

Partiu o batalhão! triste partida!
Vae para a guerra, a guerra tenebrosa,
Cantando ao som da trompa clangorosa,
Cantando ao vêr a Marte apercebida.

Ia entre os que assim vão perder a vida,
Um joven militar, noivo de Rosa.
Encontrei-a, que vinha lacrimosa,
De lhe dar o adeus da despedida.

– «Não mais chore, eu lhe disse, a cousa é dura!
Mas olhe, Rosa linda, aqui me tem
Para lhe suavisar a sorte escura.»

Disse ella: – «Não lhò digo por desdem,
Mas, hoje, n'este dia de amargura,
Não póde ser: não me ficava bem.»

4. Marte era o deus romano da guerra.

A rima deste soneto obedece ao esquema clássico ABBA/ABBA/CDC/DCD.
Predomina o decassílabo heroico, mas é sáfico o v. 14.

530

[*O Canto do Cysne*, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1923, p. 98.]

APOSTILHA A BUFFON

Sejam, não sejam ideaes
 2 (Mas ideaes só para alferes),
 3 Senhoras não são mulheres:
 4 São, para sabios carecas,
 5 Uns entes convencionaes
 Da familia das bonecas.

Resposta d'ellas:

7 É verdade, mas coitados!
 8 Só ardeis em nossas pyras.
 9 A nossos pés prosternados
 10 Depondes as vossas lyras,
 11 Os sceptros quando sois reis,
 12 Vossos oiros, se opulentos:
 13 O que queremos fazeis,
 14 Até... de nossos jumentos.

Título. Refere-se ao enciclopedista francês George-Louis Leclerc (*1707 †1788), Conde de Buffon, que dedicou às mulheres vários estudos, de cariz fisiológico, sexual e racionalista. Chegou mesmo a defender que a emancipação feminina estava associada ao refinamento da sociedade, nas nações mais civilizadas.

Este poema é constituído por dois madrigais em redondilha maior, obedecendo ao esquema rimático ABBAC DCDCEFEF.

ÍNDICE ALFABÉTICO
DE PRIMEIROS VERSOS

	N.º
A branca Zulmirita é uma fada	182
A culpa é minha só. Quasi em demencia	323
A divina amorosa, reclinada	207
A doce paz tranquilla e a segurança,	23
Á Dulce, á ideal donzella,	477
Á luz do gaz ou da lua,	469
A minha linda amorosa	502
A minha primavera,	37
A mulher, companheira da bonança	259
A púdica modestia das violetas,	230
A que atroz decadencia, João Tenorio,	435
A teu lado que são (de mão no peito)	322
A ti invoco: escuta-me do Além!	327
A ti não faço mais versos,	193
A tua critica é dura,	163
A uma dama vizinha,	463
A uma vida succede-se outra vida	143
A varíola, o mal que desfigura,	315
A Venus dos tempos idos	514
Á voz d'um monstro com figura humana	467
Ahi tens o peito nú, ahi tens a adaga:	24
Ai d'aquelle que um dia se abalance	220
Ai que tristeza, quando o sol desmaia	46
Ai! coitadas de nós! Sempre boçaes	280
Ai! quem ainda ha pouco mò diria!	436
Ainda ha pouco tempo era educanda	379
Amas esse rapaz, porque é bonito	292
Amava-me ella, ou não? Se a perseguia	229
Amendoeira florída,	83
Anda agora um pouco tórto	237
Andar apaixonado, que alegria!	171
Andas, meu bom Anthero de Quental,	335
Ao contrario das lúbricas morenas,	188

	N.º
Ao demonio da ambição	68
Ao pé d'um chorão frondoso,	525
Ao som dos clarins de guerra,.....	329
Ao vél-a passar, a rosa	175
Aos pés de Deus, que na suprema estrélla.....	319
Aos pés do monge, que num êrmo habita.....	206
Aos pés do seu amante, enamorada,.....	236
Aquella pequena grei	192
Aquella Rosa branca, a flôr mais viva	21
Aquella vida alegre e deleitosa.....	176
Aquelle bom rapaz, inda illudido	369
Aquelle infeliz rapaz	371
Aquelle meu espirito opulento,.....	64
Aquelle tristonho vate	70
Aqui jaz, n'este monte sobranceiro.....	227
Aqui um fôna jaz, na vida um santo:.....	420
Assim como aérea mosca	219
Assim que um poeta morre, ascende ao ceu profundo.....	89
Assim vestida de pagem,.....	493
Avulta, embora ao longe, inda risonho,.....	154
Bate-me á porta a coxa Decadencia!.....	324
Bella dama do mirante,.....	65
Bella pescadeira á linha,.....	411
Bella pintura a oleo! Um bom retrato.....	359
Bello campo, que vejo d'onde habito!.....	344
Bem cêdo, ao romper do dia,.....	509
Bem me lembro de o ver, inda galhardo,	289
Branças são, brancas de arminho,.....	209
Brutus fulano de tal,	414
Cantam aves os seus hymnos,	348
Carne mimosa, carne côr de rosa	156
Causava a todos surpresa	352
Cedeste como Haydêa ao D. João,	374

	N.º
Centenaria e feiticeira,.....	360
Certos vates erguem hymnos.....	148
Chamam-te vate de pia.....	77
Chamei a musa, dormita,.....	422
Chegamos aos tristes dias.....	85
Cheio de dôr e tristeza,.....	476
Choras, como um trappista em cela escura,.....	218
Cleópatra, a mulher de toda a gente,.....	378
Com certeza não é por mutuo accôrdo.....	246
Com outro vou casar, que sou catholica;.....	365
Com seu languido corpo reclinado.....	216
Com seu vestido de chita,.....	150
Com tua gôrra singela.....	133
Com voz grave, mas doce e commovida,.....	239
Como ao sôpro de horrendos vendavaes.....	180
Como Byron, o poeta vacillante,.....	222
Como é tristonho o meu fado!.....	391
Como essa Laura antiga foi cantada!.....	316
Como mudado estás do que ha bem pouco eras,.....	362
Como n'um sonho embebida,.....	130
Como n'um sonho, antevejo.....	167
Como no vago azul do espaço infindo.....	247
Como o raio destroe, em noite fria,.....	93
Como os seus olhos são doces!.....	195
Como póde acreditar-se.....	495
Como tu, S. João Baptista,.....	440
Como, diziam elles,.....	357
Comparando o meu estado.....	346
Conheci um bom rapaz.....	277
Consinta, senhora minha,.....	480
Corre tudo desconnexo,.....	456
D'este copo de vinho generoso.....	52
Da primavera a luz vivificante.....	34

	N.º
Das tristes hervas sou filha,	347
De linho? Não: de cuidados,	204
De que me vale a força de vontade,	309
De súbito, e ajoelhado á moda antiga,	111
De ti minh'álma precisa;	443
De toda a minha pessoa,	486
De todo aquelle cantão,	515
De tudo que digo, ris:	528
De um monge na cogúla disfarçado,	20
Dei agora, coitado, em noitibó,	439
Deitado sob um plátano frondoso,	52
Deitado sob um querco centenário,	75
Depois da reluctancia d'um momento,	413
Desde ha tempos que eu a achava	123
Desde Sevilha a Granada,	115
Desditosa mulher! Na cella escura	126
Dize-me, caro poeta, o que é aquillo	400
Dize-me, oh vate, o que pedes.	107
Dizia o bardo, com tristonho accênto:	241
Dos ceus um anjo fugira,	300
É cedo por emquanto. A musa esquiva	97
É certo. Como em Képler se acha escripto	432
É com os olhos tristes que te vejo.	336
E disse o poeta á noiva: – «É pois bem certo	67
É hoje o dia da festa	366
É pena, mas tudo é findo!	488
É sempre a mesma cousa: um desenlace	256
É sempre assim que começa	491
É temerario dizer,	459
E vimos uma fórma horrenda e bruta	63
Eil-a caída, a pomba d'alvas plumas,	84
Eis aqui um leve extracto	452
Eis desfeita em vapor a phantasia,	212

	N.º
Eis o que eu li, nos tempos em que ria:	153
Eis o thêma: quem és? Nenhum propheta	103
Eis que te partes para além do espaço	245
Eis-me chegado ao transe lamentoso,	52
Eis-me livre, qual ave nos espaços!	15
Ella é sonhadora, e quando	190
Ella era, na sua mocidade,	332
Ella indignou-se, fremente,	204
Ella não deixa, de maneira alguma,	251
Ella, toda requébro e sorrisos,	393
Elle era estudante; e ella,	386
Elle era trovador, e não obstante	308
Elle era um bom rapaz, ella a sereia	215
Elle era um comilão, muito notado	409
Em frente ao quadro a multidão se ajunta:	86
Em frente de uma botelha,	465
Em lyras, em tíórbas, e á sanfona	519
Em meio do esplendor da tua aurora,	142
Em minh'alma ainda existe	512
Em salas e passeios, noite e dia,	281
Em seu jardim, no lago que fluctua,	334
Em toda a face da terra	325
Em uma execução contra o papá,	355
Embora seja odioso	466
Enganam muitas vezes os espelhos,	254
Entre mim e o outro hesitas	242
Entre o homem e o saguy	401
Entre velha papelada,	342
Entrou Christo na casa do avaro	160
Entrou na sala o Esphinge resurgente,	162
Era a joven mais bella da cidade,	196
Era alegre e nova, e linda	351
Era galante, mas fria,	98

	N.º
Era linda, a mais linda da cidade,	233
Era no salão nobre, de aparato;	350
Era nova e gentil, mulher hodierna em tudo;	387
Era num sitio afastado.	95
Era só minha, por fraqueza escrava	117
Era um rapaz estouvado,	72
Era uma dama sisud	118
Era uma pobre industrial de amores	129
Eram duas as pallidas ondinas,	120
Eramos camaradas desde a escola,	448
És da raça dos Borgias. O amavio,	32
És minha, és minha, oh venturoso fado!	5
És um poeta bufão,	428
Escreves-me uma quadra, em que não mofes	405
Escuta-me a phantastica Odyssea,	169
Espirito lascivo;	59
Essa dor, que em suspiros se desata,	318
Essa mulher, que em sonhos me tortura,	40
Essa rosita em botão	494
Esse Ouvido, o do Ignoto e do Mysterio,	284
Estaremos, senhor, na meia-idade,	370
Estás rezando o terço, tu que amei?	403
Eu amava-a como um louco;	273
Eu ando, de escudo e lança,	450
Eu chamava-lhe Julietta,	392
Eu comparo-o ao abéto que nos Andes	161
Eu disse ao vêl-as, que par!	278
Eu fiz da vida um plácido remanso:	307
Eu fui um dos da louca multidão	253
Eu julgava-a um pouco fria,	260
Eu li no meu reportorio	279
Eu mesma o vi partir, e não consigo	506
Eu não posso dizer-vos como é linda	90

	N.º
Eu não sei para que fins	358
Eu não tinha outro ideal. Era um desejo.....	286
Eu nunca te vi, nababo!	78
Eu olhava-a assombrado, compungido.	305
Eu perguntei a um boi: «Como te trata	445
Eu sei, dilecto amigo, o que tu queres.....	487
Eu sou ceguinha, ceguinha,	331
Eu sou nos meus assumptos pertinaz:.....	306
Eu tenho duas amantes,	36
Eu tenho uma doce amante,	190
Eu tinha um gallo dilecto.....	158
Eu tinha uma vaga idea	110
Eu vou deixar a penna pelo arado,.....	520
Face a face, depois d'um bom repasto,	427
Faz-me, me disse a angelica menina,	138
Feliz canario! os beijos que a vizinha	19
Fez transito, inda ha pouco, desta vida.....	310
Filha das tristes hervas, nus os pés,.....	258
Flammarion que o ceu radioso.....	190
Foi medonho o combate e porfiado,.....	99
Foi rude, senhora, o choque,	48
Foi um dia feliz, alegre, cheio!.....	224
Foi um janota, agora usa da bécca:	430
Foi-se o pallido inverno. O torvelinho	16
Fóra do tribunal, aquelle amigo	367
Frei Bernardo, de pé sobre uma dorna,	66
Fresca, risonha, subtil,	201
Fui sempre dos que vivem nas estrêllas,	377
Ha n'ella uma attracção mysteriosa	169
Ha pouco ainda, entre o ruidoso bando	180
Ha tantos annos já, Senhor do Monte,	354
Hirto o cabello, e cheio de terrores,	168
Homem sem fé, anda cá,	457

	N.º
Hontem, de noite, já depois que a lua	7
Hontem, na minha poltrona,	522
Hontem, no baile, por fatal desgraça,	17
Ia a passeio a mais bella	282
Ia o sol desmaiando no occidente,	27
Inda me lembro, com prazer secreto,	267
Irresoluto e a mêdo, em seu jardim,	208
Isso d'amor são bolas de sabão	498
Já corre o sangue na injocunda face	104
Já ha muito morri, mas não obstante,	372
Já não tenho inspirações:	326
Já pensaste um só momento	472
Já te disse que sou tua,	243
Já te lá vão os trinta. A mocidade	136
Já vejo que não me queres:	513
Jaz estendido no caixão funéreo	303
Josino, o pastor galante,	191
Lá desde a mais longinqua antiguidade	262
Lês teus versos com prazer,	504
Lia-lhe os cantos de Truéba, um dia,	108
Loira como uma messe em fins d'agosto	109
Lydia perdeu um ramo que eu lhe dera	288
Lydia vendia rosas na kermesse.	269
Madelaine-Lemaire, a grande artista,	141
Mais brando que o dolcisono Petrarcha	106
Mais facil me fôra, ao certo,	202
Mais um anno que finda! E nem ao menos	31
Mal chegára aos Quevedos, assombrados,	81
Mal póde phantasiar-te a mente accêsa	4
Mesmo assim, grave e sisuda,	173
Meu Jesus seja bemdito!	165
Milagrosa, na conquista	203
Minha bella margarita,	474

	N.º
Minha guitarra querida,.....	137
Molière, o do «Doente imaginario»,.....	444
Morreu, quasi repentino!.....	304
Morreu, transpoz o cabo tormentoso	297
Mudos da selva os cantores.	191
Mudou de sexo, ha pouco,.....	496
Mulher, que sóltas ao vento.....	82
Mulher, vejo-te nua, embora escondas,.....	30
Mulheres... perdição da nossa vida!	92
Musa, da côr do alabastro,.....	187
N'esses altos Pyrenneus,.....	217
N'esta minha noite escura,.....	482
N'esta vida fatal, ai de quem pensa	10
N'esta, a que já cheguei, propecta idade,.....	446
N'estas noites de inverno sepulcraes.....	505
N'este bom maio florído,.....	295
N'este triste valle escuro,	287
Nada me accusa. Em noite de luar,.....	499
Nada no mundo se alcança	421
Não a escondas n'esse guante	134
Não andas bom, bem se vê.».....	408
Não caso, nem me apodem de casmurro:.....	406
Não chores mais, honesta Messalina,.....	12
Não chores, linda creança:.....	41
Não chores, Maria: o pranto,	49
Não chores. Essa mórbida tristeza,	26
Não é gentil, mas vou fallar de mim.....	252
Não é sómente o bello do semblante,	516
Não fallas senão em ti!	425
Não fazes bem, anjo lindo,.....	264
Não ha jornal, disse Emma um dia ao poeta,.....	285
Não havia no burgo uma senhora	234
Não me illudem, mulher, o fingimento,.....	28

	N.º
Não me provoques mais. Esta brandura	14
Não queiras perscrutar esse mysterio,	317
Não quero neste leque perfumado	87
Não sei, e parto-me embora,	380
Não seria amante e poeta,	270
Não sigo as normas do Catão antigo,	225
Não succumbas assim. Á noite escura	62
Não te cances no estudo, incerto e vario,	114
Não te chores assim! Como és creança!	214
Não te parece esta existencia clara,	18
Não te posso dizer, com segurança,	302
Não tem a formosura de Clorinda	169
Não vencerás a batalha;	449
Não venho, senhora minha,	51
Não, a violeta por gentil não passa,	144
Não. É poeta de valia	226
Nas symbolicas ficções.	462
Negra sou, mas sou formosa,	363
Ninguém pode existir sem que destrúa	211
Ninguém sabe o seu destino	441
Ninguém te póde amar. A natureza	47
Ninguém vive sem amor,	518
No banquete da vida, ardente e bello,	232
No caixão, sobre fúnebre taburno,	113
No cemiterio entrei. Um largo intento	228
No dos poetas esplendido cadastro	131
No grande leito ebúrneo, macilenta a face,	124
No lago azul do prazer,	283
No Pindo sonoro, ao som da viola,	210
No seu castello reclusa,	501
No seu phaeton elegante,	194
Nos bons tempos da fé, das crenças pias,	55
Nos códices da historia e até na lenda	349

	N.º
Nos rochedos sinistros que a procella	101
Nós, reis (me disse a filha do monarcha)	261
Numa prisão horrenda e tenebrosa,	81
Nunca deitaste os olhos ao futuro,	291
Nunca do amor a resplendente chamma	13
Nunca vivera em regiões sidéreas,	268
Ó bella silenciosa,	483
O carro, outrora dourado	461
O coaxar das rãs n'um charco,	257
O corpo n'um lençol, e assim mettido	249
O corvo é palrador, mórmente quando	57
O Crime ás vezes descança,	343
O férreo pulso de um Alcides grego	69
O leque na mão nevada	91
O mundo, o mundo! É d'um encanto infindo	388
O norte, o vento damninho,	170
O phantasma da minha desventura	25
O que um critico, rossim,	453
O rei mandou-lhe o lenço: que tortura!	125
O sócco d'um eterno monumento	
O teu ultimo livro, em seu conjunto,	275
O typo ou fórma da escripta	385
O velho doutor Macedo,	447
O velho Satanaz da lenda obscura,	58
Oh deus fatal, que lá dos céus profundos,	2
Oh dilectos das filhas da Memoria,	244
Oh dôr, que nem me deixas respirar!	340
Oh Marte de saias,	76
Oh moças d'eburneos collos,	356
Oh Moisés collossal da lenda eterna!	96
Oh multidão de criticos de praça!	431
Oh Musa antiga de paio,	426
Oh Pégaso, oh cavallo illustre e ardido,	81

	N.º
Oh poetas d'água fria!	38
Oh ventura perdida, mal sonhada!	6
Oh virgem, mãe de Deus, de pranto inundo	312
Oh vós outros, mancebos amantes.....	
Oh vós, que do canto sois velhos freguezes,.....	60
Oh! como é vã e fugaz.....	381
Oh! não! deixar-te assim abandonada.....	179
Oh! quanto, Lydia, deploro	473
Oh! que ventura, sem par,.....	152
Olha que isso não tem geito:	238
Olhae que são fugitivas.....	
Olhos nos olhos, mãos nas mãos, ao fundo	199
Onde o céu? Nem sciencia ou arte,.....	417
Papá assim o quer, dever funesto!.....	135
Para fazer um confronto,.....	301
Para nós, o amor é sol.....	418
Para o meu album novo é-me preciso.....	398
Para tudo, linda Rosa,	383
Partiu o batalhão! triste partida!	
Partiu! E nem sequer uma lembrança.....	33
Passas a vida aos pés de confessores!.....	492
Pede-me Ignez carvão, pois a creada.....	73
Pede-me um pensamento: aqui lh'ò ponho:	503
Pelas «Rimas» pozeste alfim remate	523
Pelas húmidas campinas.....	50
Percorre o mundo inteiro, em mar e terra,.....	468
Percorri a Hespanha inteira,.....	74
Perdi toda a esperança de no mundo.....	8
Perseguida por Tenorio,	375
Pintado e repintado, n'essa idade,	314
Pintou-a um dia Raphael d'Urbino,	250
Podes vir, sem o minimo temor,	437
Poeta! sobraça a lyra sonora,.....	128

	N.º
Pois que amar é lei eterna,	527
Por sentimentos diversos,	146
Por todas as fêmeas te abraças!	517
Por uns caminhos, já por mim trilhados,	485
Porque me vistes, senhora,	121
Porque não cantas politics,	464
Puzeste-me, bregeiro, em bom estado,	402
Quando a vasta sciencia humana	429
Quando a vi a vez primeira,	197
Quando ao ver-te aborrecida,	500
Quando aqui te vejo entrar,	471
Quando eras rapariga,	102
Quando eu fazia trovas, nessa idade	116
Quando ha pouco, entre sarças escondido,	3
Quando sem um adeus, sem etiqueta,	223
Quando, oh celeste Rosina,	475
Quando, opáca, descêra a noite escura	122
Quantas não tenho visto, com tristura,	341
Quantas vezes, de noite, disfarçado,	177
Quantos sabios ouvi, repotreados	321
Que bella phantasia	42
Que bellas sensações, que brando anceio	54
Que bem se vive aos vinte annos,	330
Que dizes d'essas gentes?	423
Que extraordinaria mudança!	263
Que face peregrina!	56
Que fazeis, senhora minha,	257
Que fazes tu, costureira,	419
Que formosura esplendida! O propheta	29
Que indecifavel contraste	266
Que linda estavas a fiar na róca	164
Que linda noite serena,	221
Que negra sorte mesquinha!	478

	N.º
Que paisagem tão bella!	333
Que pena! Tenho o corpo tão bonito,	293
Que procuras aqui, mulher velada,	94
Que rôsto peregrino e delicado!	169
Que seria de mim, n'èsta anciedade,	11
Que tenebroso dia! a chuva em furia	52
Que triste vida não passa	43
Quem me diria a mim, já quasi lasso,	184
Quem nos procura? Quem é?»	157
Quem póde as scenas esquecer, os dramas	35
Quem te veja, quem te observe,	298
Quem toma a vida a serio está perdido,	271
Quer em dias de chuva ou de nordeste,	338
Quiz, porém, o meu destino	257
Quizera um estro grande e sublimado	81
Respiro! eis-me emfim na minha aldeia!	345
Responde-me ao que pergunto,	481
Responde-me, caro amigo:	424
Respondi-lhe: «É singular	150
Resurge, pobre creança! Os teus queixumes	231
Risonho, disse eu a Ignez,	497
Rosina! Que formosura!	112
Sabes muito de drogas de familia:	399
Santo Luiz de Camões,	328
São da côr das açucenas	209
Se desejas ser amada,	339
Se me lembro da valsa extravagante	71
Se não tens um pensamento,	433
Se no paiz das lúcidas chimeras,	145
Se um Hilario agora a visse	100
Sei qual a vida dos vivos,	395
Seja ou não seja um amúo,	489
Sejam, não sejam ideaes	530

	N.º
Sem pena alguma, sem amargo pranto,	185
Sempre em versos cantei, com doce affecto,	235
Senhora da longa trança,	198
Senhora da loura trança	45
Sentado junto a um roble centenário,	119
Serena, o rosto inclinado,	203
Sim! és tu mesma. O grande sol radiante,	186
Sim, viverás! Porque só morre o homem	88
Sinto não sei que insólitos desejos,	151
Sinto-me cheio de orgulho	80
Sob o influxo da negra phantasia,	22
Sob um querco, que plácido murmura,	272
Sob uma fórma escultural que outrora	181
Sobre quem finda, toda a gente chora,	248
Soffro do coração, horriavelmente,	276
Somos dous a dizel-o: se alguém ha	460
Sou agora reaccionario,	174
Sou bacharel e de raça	79
Sou bom ou serei mau? o que é real	508
Sou feliz! Teu espirito formoso	44
Tal como a abelha volita,	490
Tal como Gilliatt, mesto, silente,	231
Tanto o amor como o respeito	149
Tão nova, passas a vida	412
Tenho em minh'alma um intimo segredo:	255
Tenho saudades de tudo	442
Tens uns olhos de mysterio	479
Teu aspecto não me apraz,	451
Tinhas a face bella, agora é feia:	404
Tive o repasto d'um jocundo abbade.	132
Toda a dama dos salões,	396
Toda bella, delicada,	294
Toma um namoro, poeta:	526

	N.º
Tomei um calix de hortelã-pimenta,.....	382
Tres Graças outrora havia.....	265
Tribuno popular, dos mais distintos,.....	507
Tu és eximia na arte.....	299
Tu és Rosa, não me engano?».....	410
Tu és, como dizia o bom Filinto,.....	455
Tu que vendes?» de cima, da janella,.....	394
Tu, Anjo, que és o transumpto.....	470
Tu, Gérôme, nessa idade.....	434
Tu, o vate sempiterno.....	140
Tu, philosopho maluco,.....	511
Tu, que és um homem grave, homem de toga,.....	274
Tu, que me chamas taful,.....	205
Tudo é jogo na vida e carambola,.....	240
Tudo se consumara. Ao pé da cruz.....	353
Um cavallo que tinha o rei no bôjo,.....	296
Um dia o Padre Eterno, inspeccionando.....	390
Um dia, em que d'uma lancha.....	190
Um dia, tu, a pomba immaculada.....	213
Um miserando Esproncêda.....	364
Um passo miudinho, de mulher;.....	368
Um pensamento fatal,.....	484
Um quadro natural, rustico e bello!.....	397
Um rosto encantador, quasi moreno,.....	1
Um sabio, com voz solemne,.....	147
Um simulácro de ventura é quanto.....	311
Um temporal do oeste, furibundo,.....	200
Um, era Eduardo IV, o poderoso.....	320
Uma certa amarantina,.....	524
Uma scena de amuo e de ciume.....	361
Umas bellas raparigas,.....	384
Uns dinheiros em cobre! Tristes sommas.....	9
Usas palavras communs,.....	454

	N.º
Vaes partir para longe, e não sei quando	313
Vão maus os tempos d'agora.....	127
Vate, que odeias as brizas!.....	53
Vê se apagas o amor que me devora,.....	373
Vêde-lhe a côma opulenta.....	39
Vêde-os, além, no esconso, á luz mortiça.....	61
Velha musa, eu estranho essas maneiras:.....	407
Vem! quero retratar-te. Uma fraqueza	290
Venceste, que és tu no mundo.....	155
Venceste. Na luta accêsa.....	105
Venho dar-lhe horrivel nova,.....	415
Vês aquelle asno que além passa, vês?.....	166
Vês aquelles bois jungidos,.....	416
Vi passar o rei David,.....	438
Vi-a, rapida descendo,.....	337
Viste, além, na senda agreste,.....	139
Viu Coimbra entrar nos muros derrocados	81
Viu, ha muito, Jehovah, do seu postigo,.....	159
Vivia mésto e cheio de cuidados,	172
Vivo triste e solitario.....	178
Você, oh tia Maria,.....	458
Voltam pombas aos pombaes,.....	189
Vou chorar, para dar gôsto.....	389
Vou vendo como o tempo me transmuda	521

